

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Mirian Carbonera**

**A TRADIÇÃO TUPIGUARANI NO ALTO URUGUAI: ESTUDANDO O “ACERVO  
MARILANDI GOULART”**

**São Leopoldo**

**2008**

Mirian Carbonera

A TRADIÇÃO TUPIGUARANI NO ALTO URUGUAI: ESTUDANDO O “ACERVO  
MARILANDI GOULART”

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História, área de concentração Estudos Históricos Latino Americanos.

Orientador: Pedro Ignácio Schmitz

São Leopoldo

2008

---

306.0898382 Carbonera, Mirian  
C264t A tradição Tupiguarani no Alto Uruguai: estudando o “acervo  
Marilandi Goulart” / Mirian Carbonera. – São Leopoldo, 2008.

245 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos, 2008.

Orientador: Prof. Pedro Ignacio Schmitz

1. Tradição Tupiguarani – Alto Uruguai. 2. Marilandi Goulart –  
Acervo. 3. Arqueologia. I. Schmitz, Pedro Ignacio. II. Título.

CDD 306.0898382

---

Catálogo elaborada por Paola Cappelletti CRB 14/1087

Mirian Carbonera

A TRADIÇÃO TUPIGUARANI NO ALTO URUGUAI: ESTUDANDO O “ACERVO  
MARILANDI GOULART”

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História, área de concentração Estudos Históricos Latino Americanos.

BANCA EXAMINADORA

---

Pedro Ignacio Schmitz/Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Jairo Rogge/ Universidade do Vale do Rio dos Sinos

---

Sérgio Klamt/Universidade de Santa Cruz do Sul

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que em algum momento contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho, que estiveram presentes na hora da dúvida e das necessidades diversas com as quais me deparei ao longo dessa trajetória.

Primeiramente agradeço ao meu orientador professor Pedro Ignácio Schmitz, por ter acreditado em mim, pela paciência e dedicação, tornando possível o desenvolvimento desse trabalho.

Ao Centro de Memória - CEOM/UNOCHAPECÓ por terem me apresentado a Arqueologia.

Aos colegas do CEOM, professor Elison que, possibilitou os horários alternativos durante os dois anos a Denise, Ademir, Michel e a toda equipe, pelo apoio e incentivo. Em especial ao Silvano e Lucas, que auxiliaram nas idas a Erechim e na produção das fotografias.

A Josiane Roza de Oliveira, que acompanhou esta caminhada e me socorreu sempre que foi necessário com comentários, sugestões e leituras, mesmo estando distante.

A toda equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas pela acolhida calorosa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS.

A todos os colegas do curso, em especial, Ademir, Marlon, Luis.

As instituições de pesquisa: Núcleo Regional de Arqueologia da URI/Campus de Erechim (Everson, Fabrício e Mauricio), Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS; Museu de Ciência e Tecnologia, setor de Arqueologia da PUCRS, Museu Universitário e Setor de Arqueologia da UFSC, Arquivo central da UNIVALI/Itajaí.

Ao Paulo Goulart e Anamaria Beck, que colaboraram com entrevistas e informações.

Aos colegas arqueólogos, historiadores e geógrafos que em algum momento contribuíram com informações, bibliografia, sugestões, leituras, críticas ou com uma simples conversa, Ana Lúcia Herberts, André Soares, Gislene Monticelli, Júlio Paixão, Manoel Gonzalez, Ninarosa Manfroi, Rafael Brandi e Rodrigo Lavina e Rogis Bernardy.

As colegas Juliana, Magaly, Maike e Ronize, que auxiliaram com mapas, correção, gráficos e montagem.

A Alcides e Odete, Cássio, Cristiano e Marli, minha família pela compreensão (nem sempre) e amor. Em especial a nona Aurora, por todas as lições deixadas.

A Capes pela concessão da bolsa.

## RESUMO

Com este trabalho procurei compreender o povoamento do alto Uruguai com grupos portadores da tradição tecnológica Tupiguarani, a partir de sítios registrados na área atingida pela UHE Itá. A análise se detém sobre o “Acervo Marilandi Goulart”, composto por cultura material e relatórios de pesquisa produzidos durante o desenvolvimento do “Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai” e do “Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai: Usina Hidrelétrica de Itá”, entre os anos de 1980 e 1997. Para essa abordagem foi preciso construir um histórico dos projetos e da atuação da arqueóloga Marilandi Goulart, o que tornou possível conferir visibilidade aos resultados obtidos durante as pesquisas e avaliar criticamente as possibilidades e limitações no desdobramento de análises de acervos advindos de pesquisa arqueológica de contrato. As informações sobre os sítios e sua inserção no meio ambiente, os dados do material lítico e cerâmico produzidos por Marilandi Goulart e equipe, foram utilizados como evidências culturais da tradição Tupiguarani e analisados a partir do objetivo principal, de compreensão da forma de ocupação espacial dos grupos portadores dessa tradição. Nessa perspectiva, identifiquei como os sítios estavam implantados no meio ambiente e as áreas de intenso contato cultural entre as tradições Tupiguarani e Taquara, evidenciando que o povoamento do alto Uruguai foi bastante dinâmico, uma área de interfaces entre culturas, sem limites territoriais estabelecidos rigidamente. Com base em amostragens, selecionei dois grupos de sítios, nos quais sugiro que alguns assentamentos, localizados no canteiro de obras, poderiam ser áreas de aldeia, enquanto que outro grupo de sítios, localizados em afluentes menores do rio Uruguai, demonstrou variabilidade da indústria cerâmica, com o aumento do estilo escovado, uma mudança na cultura, como forma de inovação em área periférica.

**Palavras chave:** Tradição Tupiguarani; Acervo Marilandi Goulart; Arqueologia; Povoamento pré-colonial; Alto Uruguai.

## ABSTRACT

In this dissertation I tried to understand the total number of people living in Alto Uruguai by human groups of the ceramic tradition named Tupiguarani, analyzing the archaeological sites of the flooded area by the UHE Itá. The analysis was based on the “Acervo Marilandi Goulart”, composed by the recovered cultural material and the reports produced during the development of the “Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai” and of the “Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai: Usina Hidrelétrica de Itá”, between 1980 and 1997. To emphasize the product and to critically evaluate the possibilities and limitations of researches based on collections resulting from rescue or contract projects, it was necessary to reconstruct the history of the mentioned projects, and also the activities of the executing archaeologist Marilandi Goulart. The information about the sites and their environmental insertion as well as the data about the lithic and the ceramic artifacts, produced by Marilandi Goulart and her staff were used as cultural evidences of the Tupiguarani ceramic tradition and were analyzed from the principal objective: the settlement pattern of the group. In this perspective, I identified the environmental implantation of the sites and the cultural contact between the Tupiguarani and the Taquara ceramic traditions, clarifying that the number of people living at Alto Uruguai was very dynamic. It was an area of cultural interface, without rigid territorial boundaries. Based on sampling, I selected two groups of sites. I suggested that some settlements, located on the place where the dam was constructed, can be considered villages. Others, located on minor boundaries of the river, showed a greater variety of the pottery industry, with increase evidence in brushed vessels, demonstrating a change in the culture as an innovation in a suburban area.

**Key words:** Tupiguarani tradition; Acervo Marilandi Goulart; Archaeology; Indigenous Settlement; Alto Uruguai.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa “Projeto Uruguai de Aproveitamento Energético”, produzido pela ELETROSUL em 1978 .....	50
Figura 2: Laboratório de Arqueologia na URI-Campus de Erechim.....	56
Figura 3: Vista panorâmica da UHE Itá. ....	66
Figura 4: Vista da área escavada do sítio 009.....	88
Figura 5: Detalhe da escavação da quadrícula C4 no sítio 009. ....	88
Figura 6: Vista geral das três fogueiras do sítio 010. ....	90
Figura 7: Detalhe da fogueira 01, sítio 010. ....	90
Figura 8: Detalhe da escavação da fogueira 02, sítio 010. ....	90
Figura 9: Detalhe da fogueira 03, sítio 010. ....	90
Figura 10: Vista geral da área quadriculada sítio 011. ....	91
Figura 11: Evidenciação do nível 0,35 a 0,45m, do sítio 011. ....	91
Figura 12: Estruturas de fogueiras sítio 011. ....	91
Figura 13: Concentração de quartzo no sítio 011. ....	91
Figura 14: Vista panorâmica da área 1, do sítio 013. ....	92
Figura 15: Evidenciação de fogueira circular na área 1, do sítio 013.....	92
Figura 16: Vista panorâmica da área 2, sítio 013, após limpeza e quadriculamento .....	93
Figura 17: Evidenciação de fogueira localizada na área 2, sítio 013.....	93
Figura 18: Mancha preta, sítio 013. ....	93
Figura 19: Vista panorâmica do assentamento 103. ....	95
Figura 20: Vista panorâmica do sítio 104.....	95
Figura 21: Vista da área do sítio 108. ....	96
Figura 22: Vista panorâmica do sítio 111.....	96
Figura 23: Vista geral da seqüência das feições geomorfológicas partindo do rio Uruguai. ....	97
Figura 24: Gráfico com a distribuição dos 93 sítios arqueológicos analisados, pelas 7 feições geomorfológica .....	97
Figura 25: Gráfico com os sítios pequenos distribuídos pelas 7 feições geomorfológicas .....	99
Figura 26: Gráfico com os sítios médios distribuídos pelas 7 feições geomorfológicas.....	100

Figura 27: Gráfico com os sítios grandes distribuídos pelas 7 feições geomorfológicas. ....	100
Figura 28: Gráfico com a localização dos 93 sítios analisados em relação às altitudes. ....	102
Figura 29: Localização entre os 93 sítios analisados em relação às cinco principais redes de drenagem. ....	103
Figura 30: Gráfico com a distância entre os 93 sítios analisados em relação às principais drenagens. ....	104
Figura 31: Gráfico com os tipos de litologias mais frequentes e as distâncias médias em relação aos sítios. ....	106
Figura 32: Vista de cascalheira e da feição geomorfológica do 2º terraço. ....	107
Figura 33: Gráfico com os tipos de tratamento de superfície nos fragmentos de borda do sítio 103, 104, 108 e 111. ....	114
Figura 34: Gráfico com os tipos de tratamento de superfície considerados produtivos no sítio-tipo 144. ....	116
Figura 35: Gráfico com os tipos de tratamento de superfície considerados decorativos no sítio-tipo 144. ....	115
Figura 36: Gráfico com os tipos de vasilhas Tupiguarani, sítio 009. ....	127
Figura 37: Gráfico com os tipos de vasilhas Tupiguarani, sítio 010. ....	129
Figura 38: Gráfico com os tipo de vasilhas Tupiguarani, sítio 011. ....	130
Figura 39: Gráfico com os tipo de vasilhas Taquara, sítio 011. ....	130
Figura 40: Gráfico com os tipo de vasilhas Tupiguarani, sítio 013. ....	131
Figura 41: Gráfico com os tipo de vasilhas Taquara, sítio 013. ....	132
Figura 42: Bojos com tratamento de superfície alisado, sítio 009. ....	139
Figura 43: Bojos com tratamento de superfície corrugado, sítio 009. ....	138
Figura 44: Bordas com tratamento de superfície alisado, sítio 010. ....	139
Figura 45: Bordas com tratamento de superfície ungulado, ponteadado e impresso, sítio 010. ....	139
Figura 46: Bordas com tratamento de superfície alisado, sítio 011. ....	139
Figura 47: Bordas com tratamento de superfície beliscado, sítio 011. ....	139
Figura 48: Bordas com tratamento de superfície ungulado, sítio 011. ....	140
Figura 49: Bordas com tratamento de superfície ungulado, sítio 011. ....	140
Figura 50: Bojos com tratamento de superfície ponteadado, sítio 011. ....	140
Figura 51: Bojo com tratamento de superfície corrugado, sítio 011. ....	140

Figura 52: Bojo com tratamento de superfície pintado, sítio 011.....	140
Figura 53: Bordas e partes do bojo com tratamento de superfície ponteadado, sítio 013.....	140
Figura 54: Bordas e partes de bojo com tratamento de superfície ponteadado e beliscado, sítio 013 .....	141
Figura 55: Bordas com tratamento de superfície corrugado, sítio 013.....	141
Figura 56: Roletes de cerâmica, sítio 013.....	141
Figura 57: Bojos com tratamento de superfície ungulado, ponteadado, acanalado, sítio 103. ....	141
Figura 58: Bojos com tratamento de superfície escovado, sítio 103. ....	141
Figura 59: Ponta de colar, sítio 103.....	141
Figura 60: Bordas com tratamento de superfície pintado, sítio 104. ....	142
Figura 61: Bordas com tratamento de superfície corrugado-ungulado, sítio 104.....	142
Figura 62: Bordas com tratamento de superfície ungulado, sítio 104. ....	142
Figura 63: Chocalho, sítio de cerâmica 104. ....	142
Figura 64: Bordas com tratamento de superfície corrugado, sítio 108.....	142
Figura 65: Bordas com tratamento de superfície alisado, sítio 108.....	142
Figura 66: Borda com tratamento de superfície pintado, sítio 108. ....	143
Figura 67: Bojos com tratamento de superfície acanalado, sítio 111. ....	143
Figura 68: Bordas com tratamento de superfície escovado, sítio 111. ....	143
Figura 69: Bojo com tratamento de superfície pintado, sítio 111.....	143
Figura 70: Bojo com tratamento de superfície ponteadado arrastado, sítio 111. ....	143
Figura 71: Borda com tratamento de superfície impresso, sítio 111. ....	143
Figura 72: Gráfico com a frequência total de objetos e percentual de artefatos líticos de 57 sítios .....	152
Figura 73: Gráfico com a frequência total de objetos e percentual de artefatos líticos de 08 sítios .....	152
Figura 74: Gráfico com a frequência da categoria da primeira triagem. ....	165
Figura 75: Gráfico com a frequência da categoria da segunda triagem. ....	165
Figura 76: Gráfico com a distribuição das categorias da primeira pela segunda triagem. ....	166
Figura 77: Gráfico com a frequência das classes da matéria-prima. ....	167
Figura 78: Gráfico com a distribuição das matérias-primas pela primeira triagem. ....	168
Figura 79: Gráfico com a distribuição das matérias-primas pela segunda triagem. ....	169

Figura 80: Gráfico com a distribuição da matéria-prima conforme a frequência do córtex.....	170
Figura 81: Gráfico com os grupos da indústria lítica. ....	171
Figura 82: Gráfico com a distribuição das matérias-primas pelos grupos da indústria lítica. ....	172
Figura 83: Gráfico com a distribuição dos grupos da indústria lítica conforme a frequência de córtex. ....	173
Figura 84: Gráfico com os artefatos da indústria lítica.....	174
Figura 85: Choppers-tools, sítio 001. ....	179
Figura 86: Núcleo e lascas, sítio 001. ....	179
Figura 87: Artefato bifacial, sítio 003.....	179
Figura 88: Cristal talhado, sítio 003. ....	179
Figura 89: Lascas retocadas, sítio 003.....	179
Figura 90: Machado polido fragmentado, sítio 003.....	179
Figura 91: Lascas de ágata, sítio 009.....	180
Figura 92: Lascas de basalto, sítio 009.....	180
Figura 93: Lascas de basalto, sítio 010.....	180
Figura 94: Mão de pilão, sítio 010.....	180
Figura 95: Lascas de quartzo, sítio 011.....	180
Figura 96: Lascas de basalto, sítio 011.....	180
Figura 97: Bolas de boleadeira, sítio 011. ....	181
Figura 98: Lascas de calcedônia, sítio 013. ....	181
Figura 99: Lascas de arenito, sítio 013. ....	181
Figura 100: Lascas de basalto, sítio 013. ....	181
Figura 101: Lascas de siltito, sítio 013.....	181
Figura 102: Lascas de quartzo, sítio 013. ....	181
Figura 103: Concentração de quartzo, sítio 013. ....	182
Figura 104: Adorno, sítio 103.....	182
Figura 105: Pré-formas de ponta de projétil, sítio 103.....	182
Figura 106: Machados polidos fragmentados, sítio 103.....	182
Figura 107: Machados polidos fragmentados, sítio 111 .....	181

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Síntese de datações realizadas no Oeste de Santa Catarina. ....	40
Tabela 2: Relação dos Volumes e Tomos do Inventário do Material Arqueológico produzido por Marilandi Goulart 1995 .....	55
Tabela 3: Tipo de vasilhas encontradas nos sítios, 103, 104, 108, 111 e 144. ....	117
Tabela 4: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como yapepó, nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144. ....	118
Tabela 5: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como cambuchí caguãba, nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144. ....	120
Tabela 6: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como ñaëmbé, nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144. ....	121
Tabela 7: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como ñaëtá nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144. ....	122
Tabela 8: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como cambuchí nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144. ....	123
Tabela 9: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como namôpyü nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144. ....	124
Tabela 10: Relação das quantidades de cerâmica encontrada nos sítios 009, 010, 011 e 013. ...	127
Tabela 11: Relação de sítios líticos na margem direita do rio Uruguai atingidos pela UHE Itá.	152

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 1 - Oeste de Santa Catarina através dos vestígios arqueológicos .....</b>	<b>27</b>
1.1 Conflitos e resistência étnica.....	27
1.2 O período pré-colonial através das pesquisas arqueológicas .....	35
1.3 Como a tradição Tupiguarani se encontra na bibliografia .....	42
<b>Capítulo 2 - Projeto salvamento arqueológico Uruguai: histórias sobre a arqueologia empresarial no Alto Uruguai .....</b>	<b>49</b>
2.1 O Projeto: de 1980 a 1997 .....	49
2.2 A arqueóloga: Marilandi Goulart e a escola francesa .....	57
2.3 A arqueologia no meio empresarial: conceitos e desafios .....	61
2.4 O que tanto se ouviu dizer, concretizou-se... a construção da Usina Hidrelétrica de Itá.....	65
2.4.1 <i>A pesquisa arqueológica desenvolvida na área impactada pela construção da Usina Hidrelétrica de Itá .....</i>	<i>67</i>
<b>Capítulo 3 - O espaço, o homem e o meio: os sítios arqueológicos e sua inserção no meio ambiente na região impactada pela UHE Ita .....</b>	<b>71</b>
3.1 Aspectos geológicos e geomorfológicos.....	74
3.2 Relevô, declividade, acessibilidade .....	75
3.3 A vegetação e o clima .....	77
3.4 Obtenção e produção de alimentos .....	81
3.5 Os sítios arqueológicos registrados.....	82
3.6 A metodologia aplicada na recuperação dos vestígios arqueológicos .....	86
3.7 A Volta do Uvâ: a escavação dos sítios 009, 010, 011 e 013, localizados no canteiro de obras .....	87
3.8 Dados sobre os sítios 103, 104, 108 e 111, localizados nas áreas de desvio do rio e enchimento do reservatório .....	94
3.9 A distribuição dos sítios pelas feições geomorfológicas .....	96
3.10 Localização dos sítios em relação às altitudes.....	101
3.11 Localização dos sítios em relação às redes de drenagem.....	102

3.12 Fontes de recursos para as indústrias lítica e cerâmica .....	105
<b>Capítulo 4 - A cerâmica .....</b>	<b>109</b>
4.1 Um modelo etnoarqueológico de análise cerâmica .....	110
4.2 A produção cerâmica dos sítios 103, 104, 108 e 111 .....	112
4.2.1 Reconstituição gráfica da forma e da funcionalidade dos vasilhames cerâmicos.....	117
4.3 A cerâmica dos sítios 009, 010, 011 e 013: contatos culturais entre as tradições Tupiguarani e Taquara.....	125
4.4 Análise comparativa entre os sítios 009, 010, 011, 013 e 103, 104, 108, 111 .....	134
<b>Capítulo 5 - Variabilidade da indústria lítica .....</b>	<b>144</b>
5.1 Instrumentos líticos como testemunhos de atividades cotidianas.....	145
5.2 Um enfoque tecno-tipológico na análise da cadeia operatória do material lítico .....	148
5.3 A coleção lítica.....	151
5.3.1 A indústria lítica dos sítios: 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108 e 111 .....	153
5.3.2 O aproveitamento dos afloramentos de rocha .....	159
5.3.3 A indústria lítica dos sítios 009, 010, 011 e 013 .....	161
5.4 Variabilidade lítica a partir da análise tecno-tipológica dos sítios, 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108 e 111 .....	164
5.5 Proposta interpretativa para a indústria lítica .....	174
<b>Considerações finais .....</b>	<b>183</b>
<b>Referências .....</b>	<b>190</b>
<b>Apêndice 1</b> – Dados dos Sítios selecionados para análise e localizados nas áreas de desvio do rio e enchimento do reservatório da UHE Itá.....	202
<b>Apêndice 2</b> - Sítios selecionados para análise e localizados no canteiro de obras da UHE Itá ..	213
<b>Apêndice 3</b> - Localização da área de estudo .....	216
<b>Apêndice 4</b> - Sítios registrados no PSAU e PSAU-UHE Itá .....	217
<b>Apêndice 5</b> - Localização dos 93 sítios selecionados para análise.....	218
<b>Apêndice 6</b> - Localização dos 12 sítios analisados .....	219
<b>Anexo 1</b> - Relação de Sítios registrados na área da UHE Itá .....	221
<b>Anexo 2</b> - Relação de sítios registrados nas Barragens Machadinho, Itapiranga e município de Chapecó .....	235
<b>Anexo 3</b> - Reconstituição vasilhas Tupiguarani.....	241

<b>Anexo 4</b> - Reconstituição Vasilhas Taquara 1 .....	242
<b>Anexo 5</b> - Reconstituição das Vasilhas Taquara 2 .....	243
<b>Anexo 6</b> - Reconstituição das Vasilhas Taquara 3 .....	244
<b>Anexo 7</b> - Reconstituição das Vasilhas Taquara 4 .....	245

## INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação é contribuir na discussão sobre o padrão de assentamento de sítios da tradição Tupiguarani, localizados na região do alto Uruguai, especialmente na margem catarinense. Para tanto, utilizamos como fonte, o “Acervo Marilandi Goulart”, cultura material e relatórios de pesquisa produzidos durante o desenvolvimento do “Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai” e do “Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai: Usina Hidrelétrica de Itá” (Mapa Apêndice 03). Para melhor compreensão, optamos neste trabalho, utilizar a sigla “PSAU”, quando nos referimos ao projeto na etapa desenvolvida entre a década de 1980 e 1985, que atingiu todo o rio Uruguai em território brasileiro (será melhor explicado no capítulo 2); para fazer referência às pesquisas arqueológicas desenvolvidas na área atingida pela barragem de Itá, entre 1986 e 1997, utilizaremos a abreviação “PSAU-UHE Itá”. A denominação “Acervo Marilandi Goulart”, foi utilizada na etapa de repatriamento, para nominar o acervo resultante da área impactada pela UHE Itá, na portaria número 218, de 28 de novembro de 2002, da 11ª Superintendência/SC do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Foi somente durante essa etapa que conheci os projetos desenvolvidos por Marilandi Goulart, no vale do Uruguai.

Nossa pesquisa não pode ser vista separada de um contexto mais amplo da ciência arqueológica. O estudo do passado das sociedades e do meio ambiente que o cerca, é o objeto de pesquisa de ciências como: a História, Arqueologia, Paleontologia, Antropologia, Geologia, entre outras. Quando se recua no tempo, os documentos são raros e por vezes inexistentes, por isso, recorreremos à arqueologia, que trata de vestígios de habitações e de edifícios, de objetos domésticos e de utensílios etc, logo, de cultura material (BUCAILLE; PESEZ, 1989). A ciência arqueológica, pode ser definida na opinião de Trigger, como:

“uma ciência social no sentido de que ela procura explicar o que aconteceu a um grupo específico de seres humanos no passado e fazer generalizações a respeito do processo de mudança cultural. (...) A arqueologia infere sobre o comportamento humano, e também sobre as idéias, a partir de materiais remanescentes do que pessoas fizeram e usaram, e do impacto físico de sua presença no meio ambiente (TRIGGER, 2004, p. 19).

A arqueologia nos permite estudar tanto épocas pré-históricas, remotas e primitivas, como as histórias mais recentes, é a única entre as ciências humanas que abarca um grande lapso de

tempo (RENFREW; BAHN, 1993, p. 425). Descobertas do passado remoto podem ser feitas a partir da formulação de perguntas e de métodos arqueológicos. Para a localização e interpretação das estruturas arqueológicas, o arqueólogo dispõe de um conjunto de métodos e técnicas, desenvolvidos em campo e em laboratório: localização de sítios, sondagens, escavações, registros escritos e gráficos, curadoria do acervo, análise e interpretação. À medida que a arqueologia busca compreender as adaptações, o desenvolvimento cultural e as representações simbólicas das sociedades, ela depende de recursos de outras disciplinas, tanto das ciências humanas, como das ciências da terra e exatas (PROUS, 2000).

Para Bruce Trigger (2004, p. 05), a arqueologia está fundamentada em três correntes teóricas, a Histórico-Cultural; a Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual e a Arqueologia Pós-processual. Para ele, na História Cultural, os arqueólogos estavam mais interessados em problemas históricos do que em problemas evolutivos, acentuando a variação cronológica e cultural, buscando as origens em termos como migração e difusão. Diferenças são percebidas: para a Europa esse modelo de arqueologia se alinhou mais com a história dos próprios antepassados, enquanto na América do Norte não havia uma identificação entre os pesquisadores e os povos que estudavam. Em ambos os casos a mudança nas culturas arqueológicas era atribuída a fatores externos, sob os rótulos de migração e difusão. Já a Nova Arqueologia foi obra de arqueólogos norte-americanos na década de 1950, especialmente R. Lewis Binford. Um de seus maiores postulados é que as mudanças em todos os aspectos dos sistemas culturais são interpretadas como respostas adaptativas às alterações do ambiente natural ou relacionadas à competição com sistemas culturais vizinhos. Descartava a consideração da inventividade humana. A Arqueologia Pós-processual baseia-se na convicção de que é preciso examinar todos os aspectos possíveis de uma determinada cultura arqueológica a fim de compreender o significado de cada uma de suas partes. Segundo Hodder (1994), o Pós-processualismo abre caminho para o estudo de relações entre norma e indivíduo, entre processo e estrutura, entre o ideal e o material, entre objeto e sujeito, também incorpora diversas influências como, o marxismo, o estruturalismo, o idealismo, as críticas feministas e a arqueologia pública.

No caso do Brasil, Alves (2002) observa que, entre o final da década de 1950 até boa parte da década de 1980, destacam-se duas correntes teórico-metodológicas que estruturaram e influenciaram as pesquisas arqueológicas, a estruturalista/etnográfica francesa e a processualista norte-americana. Seus paradigmas, conceitos e metodologias, de campo e laboratório, foram

adotados como modelos que determinaram os objetos, objetivos e métodos para a pesquisa empírica de campo e para a interpretação da cultura material. A arqueologia francesa baseava-se no método etnográfico de “superfícies amplas”, na “técnica de decapagens por níveis naturais” e no “registro topográfico” proposto por Leroi-Gourhan. No Brasil sua influência deu-se pela atuação do casal Joseph Emperaire e Annette Laming. Segundo Barreto (1999), os dois arqueólogos trabalharam principalmente sítios pré-cerâmicos, e a análise do material lítico reproduziu tipologias e terminologias francesas da época, com pouca atenção aos aspectos tecnológicos ou funcionais, trazendo poucas informações sobre as populações que os produziram. Nas últimas décadas, as novas gerações de pesquisadores têm trabalhado esses problemas realizando adaptações aos contextos locais.

A vertente processualista, para Alves (2002), centra-se no neo-evolucionismo, na ecologia cultural e no funcionalismo; concebe que as mudanças ocorreram em decorrência de alterações tecnológicas, ambientais etc. O casal norte-americano Clifford Evans e Betty Meggers, começou a aplicar essa teoria no Brasil, especialmente ao estudar culturas ceramistas. Suas pesquisas na Amazônia baseavam-se no enfoque difusionista, em que os Andes eram o centro de difusão de culturas complexas na América do Sul, que chegaram até a Amazônia – concebida como área marginal periférica, onde os grupos se instalaram e decaíram, pois não encontraram solos bons. A análise do material cerâmico baseava-se no método Ford, que se preocupava com as mudanças culturais e não com os grupos que as produziram, não estabelecendo vínculo entre os achados arqueológicos e grupos vivos.

Para Prous (1992) as pesquisas arqueológicas de Meggers e Evans, foram depois desenvolvidas no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - PRONAPA. Instalado no Brasil em 1965, com recursos norte-americanos e brasileiros, pretendia em cinco anos, através de prospecções e testes, elaborar um quadro geral das culturas brasileiras. Os pesquisadores formados neste programa tinham o hábito de realizar numerosas e rápidas prospecções, interessando-se, sobretudo, por sítios superficiais, com coleta de material em superfícies limitadas, para serem estudados como amostragem. Várias instituições importantes, como o Museu Nacional, o Museu Paulista, o Museu de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina e o Instituto de Pré-História (IPH), da Universidade de São Paulo não entraram no esquema do programa, dedicando-se preferencialmente ao estudo minucioso de uns poucos sítios típicos. Estas divergências levaram alguns autores a oporem suas filosofias de trabalho (PROUS,

1992, p. 15 e 16). Na opinião de Prous, as duas são complementares e a divisão encontrada no Brasil, entre a escola de Ford, propagada pelo casal americano Clifford Evans e Betty J. Meggers e outras escolas, como a do casal francês Joseph Emperaire e Annette Laming, é um dos entraves ao desenvolvimento harmonioso da arqueologia nacional:

Durante a década de 1970 e parte da década de 1980, a maioria dos arqueólogos nacionais foi se enquadrando num dos dois “clãs” principais, chamados no Brasil de “escola francesa” e de “escola americana”, com objetivos, métodos e habilidades diversos. Poucos pesquisadores, percebendo que ambas as escolas eram em parte complementares, tentaram escapar a essa dicotomia; polarizou-se então de maneira negativa o panorama arqueológico no país, o que dificultou a reflexão crítica e atrasou a penetração de outras tendências inovadoras, como a chamada ‘arqueologia processual’ ou ‘New Archaeology’, triunfante no mundo anglo-saxônico na década de 1970 (PROUS, 2000, p. 30).

Os pesquisadores do PRONAPA organizavam os dados em categorias americanas de “fases” e “tradições”. O conceito de tradição foi definido como “um grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência cultural” (CHMYZ, 1966, p. 20), já a fase foi descrita como “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionados no tempo e no espaço, num ou mais sítios” (ibidem, p. 14). Noelli (2000) afirma que a pesquisa no sul do Brasil se fez basicamente até o início dos anos 1990, seguindo o padrão estabelecido por Meggers e Evans. O modelo histórico-cultural orientou as pesquisas desenvolvidas pelo PRONAPA na década de 1960 e, boa parte do que sabemos sobre a arqueologia “Tupiguarani”, centrou-se na distribuição dos achados em tradições e sub-tradições, buscando estabelecer um centro de origem e as rotas de expansão (NOELLI, 1996). A própria denominação “tradição Tupiguarani” foi definida nesse período, por Chmyz (1969, p. 08) como, “uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelho e/ou preto sobre engobo branco e/ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida e pelo uso de tembetás”. Embora receba muitas críticas, o termo tradição Tupiguarani será utilizado neste trabalho, uma vez que é aceito pela maioria dos arqueólogos brasileiros e dos países onde ocorre cerâmica semelhante, como Paraguai, Uruguai e Argentina.

A arqueologia brasileira incorporou tardiamente as tendências teóricas da arqueologia internacional. Barreto (1999) ressalta que, no Brasil a arqueologia nasceu muito mais ligada às ciências naturais e a campanhas preservacionistas, inclusive a criação da lei federal 3924, de 1961, referente à proteção dos sítios arqueológicos, deriva desse processo. Foi somente na década

de 1980 que a história da América Latina passou a ser escrita, segundo Alves (2002) pela arqueologia concebida como Ciência Social. Essa nova visão é resultado da arqueologia Pós-processual que se fundamenta no estruturalismo, no marxismo e com enfoque interpretativista; essa nova tendência passou a ser praticada pelas novas gerações de arqueólogos.

Também na década de 1980, ao lado da pesquisa acadêmica vigente até então, destinada a produção de ciência, começaram a ser regularizados e desenvolvidos trabalhos de salvamento arqueológico, ou resgate do patrimônio cultural a partir da portaria do Conselho Nacional do Meio Ambiente, Conama (1986). Para tanto surgiram organizações ou empresas especializadas, apoiadas ou não por universidades. O trabalho a ser realizado podia ser considerado concluído com a recuperação do material e das informações correspondentes, reunidas em relatórios, com os quais as organizações ou empresas, comprovavam a execução do salvamento perante os órgãos públicos. O material que estudamos nesta dissertação originou-se de um desses trabalhos de salvamento e merece receber aproveitamento acadêmico. A análise da cerâmica foi feita seguindo um modelo mais próximo do PRONAPA, enquanto, a análise do lítico foi elaborada mais próximo da abordagem francesa.

Pensando no Oeste Catarinense como nossa área de estudo e nas pesquisas arqueológicas que foram realizadas nos últimos 50 anos, é possível dizer que a grande maioria são pesquisas de salvamento. Para melhor visualização organizamos esses trabalhos em três momentos. No primeiro momento, entre 1950 e 1960, ocorreram na região pesquisas arqueológicas realizadas por autodidatas que, baseados em relatos de achados arqueológicos, coletaram os primeiros acervos de cultura material arqueológica. Muitos estão em museus regionais, enquanto outros estão salvaguardados em instituições, como é o caso do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS ou no Museu do Homem do Sambaqui, no Colégio Catarinense. Foi através de uma coleção recuperada por moradores de Itapiranga, que Pedro Ignácio Schmitz publicou no ano de 1957, um artigo falando sobre um paradeiro Tupiguarani no alto Uruguai (SCHMITZ, 1957).

Num segundo momento, entre a década de 1960 e o final de 1970, ocorreram pesquisas arqueológicas vinculadas basicamente ao PRONAPA. Nessa época, realizou-se o registro de vários sítios arqueológicos, foi feita grande parte das datações existentes para o Oeste Catarinense, a cultura material encontrada foi definida em conjuntos culturais diferenciados no tempo e no espaço, dentro dos conceitos de fases e tradições. Foram estabelecidas para os

achados pertencentes aos grupos de caçadores-coletores, as tradições Umbú e Humaitá e para a cultura material dos grupos agricultores, as tradições Tupiguarani e Taquara. Os principais trabalhos foram publicados por Rohr (1966, 1973), Schmitz e Becker (1968), Piazza (1969, 1971), Schmitz (1978).

O terceiro momento inicia na década de 1980, quando as pesquisas arqueológicas acabam inseridas na problemática ambiental, e assim a cultura material arqueológica passa a ser vista pelo viés do patrimônio, ligada à concepção da chamada arqueologia de salvamento ou contratual. Para essa região, a pesquisa arqueológica centra-se mais em obras de impacto ambiental, ligadas à construção de hidrelétricas e pequenas centrais hidrelétricas – PCHs; enquanto são praticamente inexistentes os projetos voltados às áreas de urbanização ou de rodovias. As pesquisas arqueológicas de cunho empresarial, realizadas na década de 1980, foram executadas nas margens do rio Uruguai, como é o caso do Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai - PSAU, coordenado por Marilandi Goulart (1980, 1985, 1987, 1995, 1997). Ao longo da década de 1990, outras pesquisas começaram a acontecer nos maiores afluentes do Uruguai, como é o caso dos rios Chapecó e Irani, desenvolvidas por Caldarelli e colaboradores (2001, 2003, 2007).

Nosso trabalho faz parte desse terceiro momento e está centrado no PSAU e PSAU-UHE Itá, coordenados por Marilandi Goulart. Para o desenvolvimento da proposta, procuramos reunir vários elementos considerados como evidentes testemunhos culturais que permitem entender como populações humanas pré-coloniais utilizaram o meio ambiente regional, quais áreas eram consideradas preferenciais para assentamento, que tipo de cultura material produziram. Buscamos extrair o maior número de informações sobre o passado pré-colonial que o acervo oferece, tendo como uma das principais variáveis o fato deste ser formado a partir de uma pesquisa de arqueologia contratual. Se isto não for possível, o mais importante se terá perdido, e o acervo não passará de um amontoado de fragmentos cerâmicos e material lítico, que sobrecarrega a reserva técnica da instituição responsável por sua salvaguarda. Visamos também não deixar “morrer”, o trabalho realizado durante o PSAU e o PSAU-UHE Itá, pois entendemos que coleções resultantes de projetos de arqueologia contratual necessitam ser estudados exaustivamente, mesmo após o término do contrato estabelecido entre a empresa de arqueologia e o empreendedor. Por outro lado, também torna-se importante à medida que busca contribuir um pouco mais para consolidar o fazer da arqueologia no Oeste Catarinense.

A escolha da área estudada pelo PSAU-UHE Itá (margem direita do rio Uruguai), justifica-se por três motivos principais: em primeiro lugar porque existe nessa região uma grande incidência de sítios arqueológicos caracterizados como tradição Tupiguarani; em segundo lugar, porque os sítios possuem maior número de informações documentais, se comparados com as outras áreas pesquisadas pelo PSAU; em terceiro lugar, porque constitui-se até o momento no maior projeto de pesquisas arqueológicas ocorridas no alto rio Uruguai, maior em termos de número de sítios registrados, de material recuperado, de tempo de duração dos trabalhos de campo e laboratório, formando assim uma coleção importante para o entendimento das sociedades pré-coloniais que ocuparam essa região. Para esses grupos humanos o rio Uruguai não se constituía num limite, como é utilizado por nós atualmente, inclusive como divisor entre os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Dentro desse universo, optei pela análise dos sítios arqueológicos da margem direita do rio, porque a maioria deles apresentou características da tradição Tupiguarani, que é nosso enfoque principal. Como também, o tempo de dois anos destinado ao desenvolvimento do mestrado é relativamente curto, escolhi por uma margem do rio e por amostragens entre os sítios.

Uma grande dificuldade encontrada foi a ausência de alguns documentos produzidos ao longo do PSAU e do PSAU-UHE Itá, como: relatórios, publicações, fotografias, que não se encontram junto ao acervo arqueológico sob guarda da URI/Campus de Erechim e também não foram localizados em nenhuma das instituições pesquisadas. Como veremos no segundo capítulo, esses projetos foram realizados em várias etapas entre 1980 e 1997, sendo produzido muitos relatórios ao longo desse tempo, provavelmente semestralmente. Neles devem estar contidas as informações parciais do andamento das atividades de campo e laboratório.

Na tentativa de encontrar esses relatórios visitamos diversas instituições, que tiveram envolvimento com o projeto, sendo elas: o Museu Universitário e o Setor de Arqueologia, da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC; a 11ª Superintendência Regional do IPHAN, em Florianópolis; o Arquivo central, da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI; a biblioteca da ELETROSUL Centrais Elétricas S.A.; o Setor de Arqueologia do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS; Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. A grande maioria das instituições dispunha apenas do Relatório Final do PSAU-UHE Itá (GOULART, 1997) e do Inventário Geral do PSAU (GOULART, 1995). No Instituto Anchieta de Pesquisas, encontramos uma cópia original dos três tomos publicados em 1985, sobre os trabalhos desenvolvidos pelo PSAU, na

Barragem de Itapiranga. E no arquivo da UNIVALI de Itajaí, encontramos do PSAU-UHE Itá, os relatórios parciais, o inventário geral, correspondências, documentação produzida entre 1994 e 1996. Os relatórios parciais, fazem referência às últimas etapas do PSAU-UHE Itá, na área de desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório, sendo posteriormente condensados no Relatório Final (GOULART, 1997).

A falta de documentação refere-se principalmente à etapa inicial dos trabalhos do PSAU em 1980, e às pesquisas de campo realizadas na área do canteiro de obras do PSAU-UHE Itá, desenvolvidas entre 1986 e 1990. Para esta última etapa, conseguimos localizar algumas cópias de relatórios, com data de 1987 e 1988, na biblioteca da empresa Scientia Consultoria Científica. Além de visitar esses locais, tentamos também, estabelecer contato com a família de Marilandi Goulart; o único a nos dar informações foi o sobrinho Paulo Goulart<sup>1</sup>. Segundo ele, Helena Goulart, irmã de Marilandi, teria mais informações. Na entrevista que marcamos, ela não compareceu.

Através da documentação recuperada, pudemos estabelecer três etapas principais das pesquisas de campo durante o PSAU-UHE Itá. A primeira foi desenvolvida no início da década de 1980, quando foi realizado o levantamento dos sítios em toda área de abrangência do PSAU. A segunda etapa foi desenvolvida entre 1986 e 1990, quando foram feitas escavações e coletas de superfície, nos sítios localizados no canteiro de obras da UHE Itá e também em áreas que seriam afetadas pelas obras da nova cidade de Itá. A terceira etapa, foi desenvolvida entre os anos de 1995 e 1996, sendo estudados os sítios que seriam atingidos pelo desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório. Embora o Relatório Final do PSAU-UHE Itá (GOULART, 1997) faça um resumo muito breve das pesquisas efetuadas durante a década de 1980, notamos uma maior riqueza de informações sobre os sítios e a cultura material recuperada na terceira etapa, especialmente sobre a geologia e a geomorfologia da região, por ser, na visão da coordenadora, “de maior relevância, porque caracteriza as preferências de assentamento humano (GOULART, Vol I, 1997, p. 100)”, permitindo assim melhor compreensão dos grupos humanos que ocuparam essa região.

---

<sup>1</sup> Este, embora tenha acompanhado boa parte das atividades relacionadas a pesquisa arqueológica no PSAU-UHE Itá, inclusive a transferência do acervo para a URI/Campus Erechim, não sabia dizer se existiam documentos com a família, ou onde estes poderiam estar (Entrevista realizada com Paulo Goulart, por Mirian Carbonera, agosto de 2006).

Em laboratório, o material arqueológico foi higienizado, catalogado e em partes analisado por Marilandi Goulart e equipe. Mesmo que boa parte da cultura material lítica e cerâmica esteja catalogada no Inventário Geral (GOULART, Vol II e III, 1995), perceberam-se desconfortos, entre a numeração presente no Inventário e o que está registrado nas peças. O material sedimentológico, conchífero e ósseo não passou por análise, existindo somente as indicações de procedência (GOULART, Vol. IV, 1995). Também não encontramos registros de possíveis datações, através dos métodos de Carbono 14 ou termoluminescência.

A forma de acondicionamento do acervo de cultura material, também dificultou a análise. No caso do material lítico, percebemos que muitas peças foram guardadas numa mesma embalagem, provocando fricção entre os objetos. A cerâmica foi acondicionada na maioria das vezes, com os fragmentos dentro de várias embalagens plásticas, fechadas com grampos de metal, nem sempre numeradas, sendo identificadas com uma etiqueta contendo informações sobre a origem da peça.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos. No primeiro, basicamente, foi feita uma revisão bibliográfica sobre o processo de ocupação na região Oeste de Santa Catarina, sobretudo nos séculos XIX e XX e também analisamos como a arqueologia vem abordando a tradição Tupiguarani no Brasil e na região em questão. Partimos do século XIX e da idéia do “sertão desconhecido”, como um dos fatores que motivaram o processo colonizatório com europeus e descendentes, introduzindo assim novas formas de ocupação do espaço. Em seguida, buscamos recuperar o passado pré-colonial da região, trazendo uma síntese das pesquisas arqueológicas realizadas, desde a década de 1950 até os dias atuais, com ênfase nos estudos sobre as tradições ceramistas, fazendo um paralelo entre a história pré-colonial, as principais pesquisas e pesquisadores. Por fim, trazemos como a bibliografia arqueológica aborda a tradição Tupiguarani, evidenciando o que já se conhece sobre essa tradição de origem amazônica.

No segundo capítulo, apresento uma síntese dos trabalhos desenvolvidos pelo PSAU, especialmente pelo PSAU-UHE Itá, destacando as atividades da arqueóloga Marilandi Goulart como uma singularidade importante para a compreensão do projeto, sem perder de vista o contexto da arqueologia empresarial. Nesse sentido, será possível visualizar a relação entre o projeto, a arqueóloga e o contexto em que se desenvolveram as pesquisas, evidenciando a preocupação com a memória documental dos processos produtivos da ciência arqueológica.

O terceiro capítulo, procura mostrar as relações entre o homem e o meio ambiente, a partir do contexto arqueológico, descrito nos trabalhos de campo, durante o desenvolvimento do PSAU-UHE Itá. Sendo assim, procuramos dar visibilidade aos métodos e resultados obtidos com as pesquisas de campo efetuadas por Marilandi Goulart. Paralelo a isso, cruzamos as diferentes informações que ajudam a entender a implantação dos assentamentos no meio ambiente, a partir da descrição da geologia, geomorfologia, relevo, clima, vegetação da área em que foram localizados os sítios arqueológicos. Com esses dados, é possível perceber quais recursos estavam disponíveis no meio, quanto era preciso percorrer para obter matérias-primas, os locais preferências para assentamento, onde se localizavam os maiores sítios, entre outros.

No quarto capítulo, abordamos a produção cerâmica e no quinto capítulo, apresentamos a variabilidade da indústria lítica. Nos dois capítulos, primeiramente, procuramos mostrar a metodologia empregada e quais os resultados alcançados por Marilandi Goulart e equipe com a análise da cultura material. Partindo de amostragens, na medida do possível, fizemos uma analogia entre o material arqueológico recuperado nos sítios que foram escavados no canteiro de obras e o que foi coletado nos sítios localizados nas áreas de desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório. As duas áreas apresentaram diferenças, tanto no tipo de sítio como na produção artefactual. Nos assentamentos localizados no canteiro de obras, observou-se maior associação das tradições Tupiguarani e Taquara, considerados por nós como “sítios híbridos”; também foi possível perceber uma ocupação mais intensa, devido à grande quantidade de material e às manchas de terra preta. Já alguns assentamentos atingidos pelo reservatório, possuem cerâmica com características Tupiguarani, porém ficou visível o aumento do tratamento de superfície escovado. Essa mudança é percebida se compararmos essa área com outras partes do alto Uruguai. Nessa região também ocorre, mesmo que em menores proporções, a cerâmica com características da tradição Taquara. Já a distribuição e a quantidade de material lítico e cerâmico, deixam dúvidas sobre o tipo de assentamentos.

Fechamos o trabalho com uma síntese da trajetória e dos resultados conseguidos com a manipulação dos dados contidos nos relatórios do projeto PSAU-UHE Itá, buscamos oferecer possibilidades interpretativas, baseadas em abordagens tanto ecológicas, como também em modelos etnoarqueológicos, de como pode ter acontecido o povoamento do alto Uruguai, com grupos portadores da tradição tecnológica Tupiguarani.

## CAPÍTULO 1

### OESTE DE SANTA CATARINA ATRAVÉS DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

#### 1.1 Conflitos e resistência étnica

Missão de alta relevância. Visava implantar definitivamente naquela zona a soberania lusitana. Mas era, ao mesmo tempo missão de paz e amor à humanidade. Para bem desempenhá-la era mister um homem de coragem que também fosse homem de guerra. Pois tinha de atravessar sertões imensos infestados de selvagens contra os quais teria que combater, quando se insurgissem, não aceitando a paz e proteção oferecidas. (MACEDO, 1951, p. 83)

Com a fixação do colonizador descendente de europeu nos sertões do que se tornaria o Oeste Catarinense<sup>2</sup>, ocorreram profundas transformações no cotidiano e costumes das sociedades indígenas. O pensamento vigente no Brasil, durante o século XIX, era “ocupar, desbravar, povoar” regiões tidas como áreas de “sertão desconhecido”<sup>3</sup>. Como afirma Amado (1995, p. 01), em Santa Catarina ainda se emprega a palavra sertão para se referir ao extremo Oeste do Estado. Segundo ela, o termo tem vários significados:

...construído primeiramente pelos colonizadores lusitanos, para designar terras ‘sem fé, lei ou rei’, áreas extensas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada, habitadas por índios ‘selvagens’ e animais bravios, sobre as quais as autoridades portuguesas, legais ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente (AMADO, 1995, p. 6).

Durante o século XIX, boa parte do Brasil meridional era visto como sertão, atingindo regiões amplas, ainda indefinidas em suas fronteiras físicas e políticas, com campos e matas, onde os diferentes processos de ocupação trouxeram muitas alterações no meio ambiente, como

---

<sup>2</sup> Compreende hoje mais de uma centena de municípios. Originalmente foi o território cujos limites políticos eram os dos municípios de Joaçaba (chamado Cruzeiro) e Chapecó, criados em 1917, ano em que foi assinado o acordo de paz entre o Paraná e Santa Catarina, definindo os limites entre os estados e pondo fecho à questão do Contestado (RENK, 1997).

<sup>3</sup> O termo faz referência à região da margem direita do rio Uruguai, no Mapa do Estado do Paraná, de 1896, quando o Oeste de Santa Catarina pertencia ao Paraná.

também na cultura dos que aqui viviam. Foi através dos campos de Palmas e Guarapuava, localizados a sudoeste do que é hoje o Estado do Paraná, que os luso-brasileiros penetraram na região conhecida atualmente como Oeste de Santa Catarina, para ocupar essas terras buscando integrá-las ao território nacional.

As investidas ao interior do Brasil ocorreram em muitas frentes. Mattos (2004) fez uma investigação antropológica na Província de Minas Gerais, mostrando como a abertura da fronteira trouxe intensas transformações na trajetória dos grupos indígenas denominados “botocudos”, favorecendo criativas negociações frente aos mecanismos de “mestiçagem” impostas pelo governo imperial. A idéia de construir uma nação e uma identidade nacional permeava a política imperial e envolvia diversos atores, como representantes da nobreza e de grupos indígenas, soldados e missionários, fazendeiros abastados e nacionais pobres, imigrantes europeus, escravos negros e mestiços. Durante o século XIX, enquanto projetos para a nação eram concebidos e gerados nos gabinetes dos ilustres políticos imperiais, os chamados sertões do leste transformavam-se em ‘civilização’ (MATTOS, 2004, p. 24-25). O ideal de suprimir as diferenças culturais, segundo a autora, deu lugar a novas formas e estratégias de identificação dos grupos indígenas:

o ‘desaparecimento’ das populações indígenas sob o discurso nacionalizador da mestiçagem, praticado pelo indigenismo imperial nas experiências de aldeamento etnograficamente examinadas nesta investigação, cede lugar à ‘etnogênese’, ou ao chamado ‘ressurgimento’ de povos indígenas, então dissipados através dos métodos de ‘civilização’ implementados pelo serviço de catequese (MATTOS, 2004, p. 437).

A historiografia brasileira<sup>4</sup> nos últimos anos tem buscado incorporar esses grupos sociais até então ignorados pela bibliografia. Observando com otimismo o futuro dos índios e sua capacidade de adaptação através dos processos de fusão ao incorporar elementos externos, inclusive com a reconfiguração e emergência de novos grupos políticos (MONTEIRO, 2001).

A historiografia produzida sobre o Oeste de Santa Catarina, busca dar visibilidade aos grupos indígenas das nações Guarani e sobretudo Kaingang, em contraposição as tentativas de

---

<sup>4</sup> Essa nova abordagem é conhecida como “nova história indígena”, que tem contado com o esforço, sobretudo de antropólogos, alguns historiadores, arqueólogos e linguistas, que tem contribuído não só com a nova bibliografia, mas tem ampliado a visibilidade de povos indígenas numa história que sempre os omitiu, revelando também as perspectivas destes povos sobre seu passado, incluindo visões alternativas do contato e da conquista (MONTEIRO, 2001).

extermínio e assimilação vivenciadas por eles nos últimos séculos. O ideal de construção da nação em voga no Brasil em fins do século XIX, tentou suprimir as diferenças e buscou integrar os nativos, ou retirá-los de suas terras para implementar um modelo de desenvolvimento econômico que excluiu a participação desses grupos, resultando numa situação de conflito étnico na qual a população indígena luta pela recuperação de sua autonomia através da reafirmação identitária. Dessa forma, para a história indígena do período colonial, notadamente, possuímos apenas o relato e as informações de uma documentação produzida pelos agentes da colonização; as descrições e definições dessas sociedades foram elaboradas a partir de preconceitos, generalizações e simplificação da diversidade.

Que mecanismos esses grupos utilizaram para se reproduzir social e culturalmente? A nova história indígena entende tais processos como resistência adaptativa. Nessa perspectiva grupos indígenas que foram alvo das políticas governamentais assimilacionistas, resistiram mesmo que para isso precisassem incorporar elementos sociais e culturais externos.

Segundo D'Angelis (1995, p. 144), para entender a história dos Guarani no Oeste de Santa Catarina, se dispõe de pouco material publicado, ao contrário do que ocorre com os Kaingang. O autor destaca que, na época em que os portugueses aportavam nas costas brasileiras, na região que conhecemos hoje como extremo Oeste Catarinense, encontravam-se indígenas Guarani, ao longo dos grandes rios, especialmente o Uruguai, em área de mata subtropical enquanto que, na área ocupada pela mata de araucária e seus campos intermediários, encontravam-se os Kaingang de língua Jê. Durante o Brasil colonial, os Guarani que viviam na região do alto Uruguai não foram alvo das reduções jesuíticas, como ocorreu em algumas regiões do sul do país. Para D'Angelis, os jesuítas não penetraram nesse território, suas Reduções no Guairá (1609-1629) permaneceram ao norte do Rio Iguaçu e as Reduções do Tape, após 1626, ao sul do Uruguai<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> De acordo com o Tratado de Tordesilhas (1494), a região em questão estava sob domínio da Espanha; foi aproximadamente no século XVII que ela passa a ser percorrida pelos jesuítas. Estes deram origem a uma extraordinária experiência histórica de gradual inserção dos indígenas Guarani na sociedade europeia, através das Aldeias jesuíticas. Paralela a esta submissão dos indígenas, missionários franciscanos e jesuítas iniciaram uma conquista espiritual, buscando civilizar e cristianizar principalmente os grupos horticultores Guarani da floresta subtropical, conduzindo-os à vida nas Aldeias luso-brasileiras ou nos Pueblos de Índios espanhóis. As Missões na América Meridional serviriam como uma espécie de escudo contra a expansão lusitana em direção ao rio do Prata (KERN, s/d, p. 114). Mesmo assim, segundo Becker (1992) logo as reduções se tornaram um atrativo aos bandeirantes paulistas, que escravizaram milhares de indígenas, ao mesmo tempo esses ataques eram uma forma de anular as reduções e enfraquecê-las. As repetidas investidas das bandeiras nas Missões faziam os sobreviventes

A chegada dos luso-brasileiros para ocupar o Oeste Catarinense, deu-se quando os portugueses decidiram ocupar definitivamente os campos de Guarapuava e Palmas<sup>6</sup>, no século XIX. Esse espaço era tradicionalmente ocupado por índios Kaingang, enquanto os Guarani eram encontrados nos bosques e faxinais adjacentes ao rio Uruguai, estimados em 1821, em torno de 500 indivíduos (LIMA apud D'ANGELIS, 1995, p. 158). Macedo (1951, p. 133) relata que os portugueses chegaram aos Campos de Guarapuava, com uma expedição em 1810, comandada pelo Tenente Coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal, que havia partido de Santos em 1809. A Real Expedição contava com mais de 200 homens, entre os quais o Tenente Antonio Rocha Loures, o Alferes Atanagildo Pinto Marques e o Pe. Francisco Chagas Lima. Boa parte do povoamento do sul do país, foi iniciado com atividades de criação, como ocorreu nos campos de São Pedro do Rio Grande do Sul, nos campos de Lages e nos campos de Guarapuava e Palmas (LIMA apud D'ANGELIS, 1995, p. 156-157).

Dessa forma, essa frente de ocupação objetivou criar novas áreas de fazendas de gado, abrir novas estradas, além de converter e catequizar os índios. No século XIX, as fazendas tornaram-se uma atividade econômica viável, e por isso foram se espalhando nos sertões entre os Rios Iguazu e Uruguai, nos campos do Erê, ao oeste, e do Irani, ao sul. Essa área era tradicionalmente ocupada pelos índios Kaingang, de norte a sul, e a leste dos campos de Palmas, estavam os Xoklengs (botocudos). Por isso, na opinião de Santos (1978), a ocupação com os novos moradores não foi pacífica:

Em 1838, conquistam-se os campos de Guarapuava. Em 1848, dominam-se os campos de Palmas. O envolvimento dos Kaingang foi total, colaborando com os grupos que mantiveram as primeiras relações de contato amistoso com os brancos para submeter os grupos arredios. A motivação econômica dessa frente de expansão estimulava a

---

refugiarem-se ao sul. Após a degradação do Guayrá os paulistas atacaram a Frente Missionária do Itatim, e em seguida o Tape na margem oriental fazendo com que os moradores atravessassem o rio. Essas entradas terminaram em 1656 em razão dos indígenas cristianizados terem se armado e repellido tais desmandos. As populações cristianizadas foram concentrando-se em espaços cada vez menores, mas nem assim a tranquilidade se instalou, os conflitos de fronteira, envolvendo os povoados missioneiros, continuaram até o século XIX (BECKER, 1992, p. 22-24).

<sup>6</sup> Os campos de Palmas, em sua maior parte, localizavam-se no atual Oeste Catarinense, incluindo no estado do Paraná, apenas os municípios de Clevelândia e Palmas, enquanto que em Santa Catarina abrangem onze municípios, de São Lourenço do Oeste a Quilombo, a Oeste até Caçador, Rio das Antas e Videira, a Leste (D'ANGELIS, 1995, p. 160 e 161). A grande área dos Campos de Palmas, compreendia terras do atual planalto catarinense: os vales dos rios do Peixe, Chapecó, vários afluentes da margem direita do Rio Uruguai, estendendo-se até os limites com o Rio Paraná. Todo este território, nos albores do século XX, era considerado "vazio" em termos de ocupação humana, mesmo havendo a presença dos grupos nativos.

expulsão dos campos dos contingentes indígenas, substituindo-os por cabeças de gado. (...) Paralelo às disputas pelo domínio da terra, os brancos submetem os indígenas a um contínuo processo de desintegração social, cultural e biológica (SANTOS, 1978, p. 12).

Quando os fazendeiros chegavam, chamavam para junto de si a fração de indígenas “mansos”, catequizada. Esses permaneciam nas fazendas defendendo-as dos “arredios”, inclusive dotando os “mansos” de armas de fogo. À medida que os fazendeiros estavam estabelecidos, não mais precisavam dos serviços dos nativos, daí as insistências junto aos governos provinciais, para dar orientação à vida marginal que os índios levavam, que foi basicamente de ordem religiosa, voltada a catequese (SANTOS, 1978).

Outro fato importante no processo de ocupação da área foi o tropeirismo, pois possibilitou a abertura de novo roteiro, de Guarapuava ao Goio-Ên, cortando os campos de Palmas até Cruz Alta (RENK, 1997, p. 34). Esse caminho proporcionou o surgimento de novas povoações, conforme D’Angelis:

A picada foi aberta em 1845, por Rocha Loures contando com a indispensável ajuda de Victorino Condá (...). A picada de Rocha Loures, cruzava os rios Chapecó e Chapecozinho, passava pela Campina do Xanxerê, Xaxim, pela Serra do Tigre, Pilão de Pedra, Passo do Carneiro e Goio-En (Rio Uruguai). Atravessando esse rio, cruza os campos de Nonoai e segue para Cruz Alta, onde se liga à estrada que dá nas estâncias das Missões, vindo de Vacaria (D’ANGELIS, 1995, p. 168).

A partir de 1850, tem-se uma indefinição dos limites entre Brasil e Argentina, que buscava extrair erva-mate e madeira exportados pelo rio Uruguai. A solução encontrada foi colonizar com europeus valendo-se de indígenas aldeados e criar colônias militares, como a Colônia Militar de Chapecó, localizada na Campina do Xanxerê. Em seguida, inicia-se outro conflito, a Guerra do Contestado<sup>7</sup>, envolvendo o Paraná e Santa Catarina. Segundo Renk (1997, p. 44), após o acordo dos limites em 1917, para assegurar a posse da área do ex-Contestado,

---

<sup>7</sup> A guerra do Contestado foi um conflito que aconteceu de 1913 a 1916, envolvendo a população sertaneja local de um lado e forças militares do outro. O Território Contestado foi do sul e sudoeste do Paraná, e do norte e oeste de Santa Catarina. O conflito pode ser estudado por vários ângulos: para religiosos, ocorreu uma “Guerra de Fanáticos”; para sociólogos, houve um “Movimento Messiânico”; para políticos, aconteceu uma “Questão de limites”; para militares, tratou-se de uma “Campanha Militar”; para marxistas, foi uma “Luta pela Terra”. A Guerra do Contestado foi tudo isso e foi muito mais que tudo isso. A História aceita todas estas atribuições fragmentadas, considerando que a Guerra do Contestado foi um destacado evento histórico, resultante da revolta da população regional à ordem vigente, ou seja, uma insurreição cabocla (THOMÉ, 1999, p. 13).

Santa Catarina cria os municípios de Mafra, Porto União, Cruzeiro<sup>8</sup> e Chapecó<sup>9</sup>. A partir daí o Estado busca preencher as áreas que considera como “vazios demográficos” - uma vez que, a ocupação com indígenas não era levada em consideração - através da atuação de Companhias Colonizadoras<sup>10</sup> do Rio Grande do Sul, que requereram terras ao governo com a promessa da ocupação efetiva das mesmas.

Um dos objetivos do empreendimento colonizatório no Oeste Catarinense, com levas de europeus e descendentes, na primeira metade do século XX, buscava justamente alterar a imagem conferida a esse espaço descrito como “sertão”. Contudo, é possível perceber que esses grupos indígenas não foram passivos, por isso os encontramos na atualidade lutando por seus direitos. Nessa região temos muitos Kaingang vivendo em terras indígenas demarcadas, outros vivem fora de áreas delimitadas, enquanto que alguns ocupam as terras de grupos distintos, como é o caso dos Guarani, que até o momento não possuem uma terra indígena demarcada. Os Guarani estão lutando para conseguir a demarcação de uma área entre os municípios de Saudades e Cunha Porã. Conflito étnico que se estende há alguns anos, como demonstra Langer e Cemim (2003), envolvendo pequenos e médios proprietários rurais e indígenas Mbyá Guarani, nas localidades de Araçá/Araçzinho. Enquanto a questão não tem solução, algumas famílias Guarani vivem em terras de outros grupos, como acontece na Terra Indígena Toldo Chimbangue, situado no município de Chapecó.

---

<sup>8</sup> O município de Cruzeiro (Joaçaba), em 1917 foi instalado em Limeira, posteriormente sua sede foi transferida para Catanduvas, retornando a Limeira em 1926 quando esta alterou a nomenclatura para Cruzeiro do Sul e em 1938 para Cruzeiro, de modo que a partir de 1943 passou a ser chamada de Joaçaba (RENK, 1997, p. 54).

<sup>9</sup> Devido à grande extensão territorial que o município de Chapecó ocupava naquela época, mais tarde ficou também conhecido como “Velho Município de Chapecó”. Segundo Bellani (1997), a expressão refere-se à extensão geográfica que possuía, aproximadamente 14 mil quilômetros quadrados. Em 1953, o “Velho Município de Chapecó”, foi desmembrado em distritos, formando os municípios de Itapiranga, Mondaí, Palmitos, Dionísio Cerqueira, São Carlos, São Miguel do Oeste, Xanxerê e Xaxim, em seguida houve sucessivos desmembramentos, sendo os últimos em 1993.

<sup>10</sup> As principais empresas colonizadoras foram: a “Impresa Colonizzatrice Nardi, Rizzo, Simon e Companhia”; tal companhia era proprietária da colônia Rio Branco, situada no município de Cruzeiro (atual Joaçaba) em Santa Catarina. Na área compreendida entre os rios Chapecó e Peperi-guaçú, atuaram especialmente, Ernesto Bertaso & Cia; a Cia Territorial Sul Brasil; Barth, Benetti & Cia; Angelo de Carli & Cia; Luce Rosa & Cia; Brum Grando & Cia e a Empresa Peperi-Chapecó Ltda. Utilizavam a propaganda para a conquista de colonizadores, nas áreas das antigas colônias do Rio Grande do Sul (PIAZZA, 1983).

A colonização<sup>11</sup> iniciada nas primeiras décadas do século XX, foi feita, segundo Renk (1997, 2005), com os “colonos de origem”, colono é igual a população rural, e origem é uma forma de identificar os descendentes de europeus, migrando do Rio Grande do Sul (das antigas colônias italianas e alemães) a Santa Catarina. A colonização com os europeus ou descendentes, considerados pelo Estado e pelas companhias colonizadoras, como trabalhadores livres, advogavam-se os construtores do progresso, os pioneiros que passaram a explorar e ocupar as áreas de floresta, ignorando as posses estabelecidas de índios e caboclos. O resultado foi a expropriação dessa população que, mesmo habitando essas terras há muito tempo, não eram reconhecidos como donos legítimos, por não possuírem escrituras; assim foram se dispersando e desestruturando seu modo de vida tradicional.

Mesmo assim, o vasto território contrastava com os poucos habitantes, considerados pelo Estado como necessários para o processo de desenvolvimento econômico e afirmação de fronteiras, Costa (1929, p. 32) observa que o “Velho Município de Chapecó”, possuía 11.315 “almas” no recenseamento em 1920. O baixo número de colonizadores europeus num território tão vasto, trazia outros problemas para o Estado, uma vez que a região do Oeste Catarinense, que abrangia desde o Passo Goio-Ên até a foz do Peperly-Guassú (linha divisória com a Argentina), era uma área famosa pela impunidade de criminosos, bandidos, malfeitores, como assinalou o autor, “um dos grandes flagelos do Oeste Catharinense, como do Nordeste, é o banditismo no sertão (ibidem:53)”. O sertão considerado como o oposto de civilização, precisava portanto, ser povoado, colonizado, palavras de ordem nas primeiras décadas, contrapondo-se, por vezes de forma violenta, aos modos de vida dos habitantes do sertão.

Os atuais municípios de Concórdia, Itá, Ipira e Piratuba, tem uma história que se confunde muito com o que já se disse sobre o Oeste Catarinense<sup>12</sup>. Sem dúvida um fato que trouxe o

---

<sup>11</sup> Werlang (2002, p. 11) define colonizar da seguinte forma: “Para muitos, colonização significa povoar áreas desocupadas e iniciar um processo de desenvolvimento da região. Foi com essa mentalidade que muitas famílias deixaram o estado do Rio Grande do Sul e vieram morar no Oeste Catarinense, a partir de 1917”. Para Renk: “Colonização é o processo de retalhamento das áreas em glebas de 24 hectares, a chamada colônia, vendida aos pequenos agricultores. Esses eram descendentes de italianos, alemães e poloneses que migraram do Rio Grande do Sul para cá. Essa era uma migração para colonização, criando, no Oeste Catarinense a paisagem colonial (RENK, 2005, p. 81).

<sup>12</sup> O município de Concórdia foi criado em 1934, Itá e parte de Ipira passaram a ser distritos. Já o município de Piratuba foi criado em 1948, desmembrado em parte de Campos Novos e em parte de Concórdia. Ipira tornou-se município em 1963, desmembrando-se de Piratuba e Concórdia. Itá passou a pertencer a Seara, a partir de 1953, mais tarde tornou-se município em 1956.

“desenvolvimento” dessa região, a partir dos moldes capitalistas, foi a construção de uma via férrea, que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. Esta foi empreendida no início do século XX, pela empresa Brasil Railway. Segundo Radin (1995, p. 17), nos anos de 1909 e 1910 a construção da ferrovia, entre União da Vitória e Marcelino Ramos foi concluída. Para ele, a construção da estrada de ferro foi o símbolo da penetração do capitalismo na região do rio do Peixe e em toda a região circunvizinha, que num curto espaço de tempo foi integrada à economia nacional e internacional; também esteve intimamente ligada ao processo de colonização com descendentes de europeus.

É impossível e desnecessário reunir neste trabalho todos os fatos que ocorreram no Oeste Catarinense, especialmente a partir dos anos 1920, quando o projeto colonizador proporciona o crescimento demográfico e a diversificação econômica da região. No aspecto econômico podemos destacar a extração da madeira, a agroindústria e a agricultura. Contudo, novos problemas passaram a se formar, trazendo à tona conflitos sociais, envolvendo sujeitos que estavam sendo “excluídos” do sistema vigente, o caso dos índios, dos agricultores sem-terra, das mulheres, dos atingidos por barragens, entre outros. Estes, nas últimas décadas do século XX, passaram a lutar por seus direitos através de movimentos organizados. Muitas são as histórias que formam o Oeste Catarinense, que se cruzam e se confundem, por vezes são antagônicas, conflitantes, uma história resultante da diversidade étnica, geográfica, cultural, material, social...

As barragens no rio Uruguai e seus afluentes, embora possibilitem a implementação de novos atrativos econômicos, são também motivo de afetações e preocupações nas áreas que serão atingidas, trazendo estranhos e deslocando velhos moradores de suas melhores terras. Os arqueólogos que estudam os assentamentos pré-coloniais, localizados nas áreas de impacto das barragens, fazem parte destes adventícios. Eles vão desenterrar uma história local muito mais antiga, que nem a memória dos moradores, nem a documentação escrita conseguem proporcionar: o povoamento indígena no tempo em que a mata era virgem e seus únicos donos eram os animais. Os testemunhos dessa história são os sítios arqueológicos e o discurso é feito com fragmentos de panelas de barro e instrumentos lascados e polidos em pedra, que chegaram até nossos dias.

## 1.2 O período pré-colonial através das pesquisas arqueológicas

As pesquisas arqueológicas oferecem informações sobre o período pré-colonial e vem ampliando a rede de fontes para a história local. Estas iniciaram na década de 1950, mesmo não sendo sistemáticas, elas conferiram maior visibilidade para a história das sociedades pré-coloniais que viveram no Oeste de Santa Catarina. Num primeiro momento, os trabalhos realizados, buscavam conhecer as culturas que aqui viveram, a partir do estabelecimento de fases e tradições (como é o caso das tradições Umbú, Humaitá, Tupiguarani e Taquara). Também foram realizados alguns salvamentos de sítios, que correndo risco de destruição, mereceram atenção do Pe. João Alfredo Rohr, um dos maiores defensores do patrimônio arqueológico de Santa Catarina, entre as décadas de 1960 e 1980. Na década de 1980, têm início os projetos de arqueologia empresarial, com equipes de profissionais preocupados em registrar os sítios em vistas de destruição devido a obras de grande impacto ambiental, como é o caso do PSAU. Os resultados desses trabalhos confirmaram a importância do rio Uruguai para o desenvolvimento de sociedades pré-coloniais, visto o grande número de sítios registrados e de acervos de cultura material reunidas.

O rio Uruguai é um dos três grandes rios que formam a Bacia do Prata. Dentro de Santa Catarina a região também é conhecida geograficamente como Oeste. A bacia do Uruguai na sua margem direita compreende além de seus formadores (os rios Pelotas e Canoas), outros afluentes de grande projeção: o rio do Peixe, o rio Chapecó, o rio das Antas e o rio Peperi-guaçu. Nessa área encontra-se mata subtropical, clima úmido temperado, sem longos períodos de seca, com verão quente e no inverno, alguns dias de geada.

O meio ambiente regional propiciou a ocupação da região com sociedades indígenas que desenvolveram seus modos de vida, muitos anos antes da chegada dos europeus ao continente, no século XV. Notícias de cultura material arqueológica remontam a relatos do século XIX. Maximiliano Beschoren, que realizou expedições para levantamento topográfico no alto Uruguai para o Governo do Rio Grande Sul, entre 1875 a 1887, descreve que na região de Nonoai, foram encontrados no Vale do Goio-Ên, velhos utensílios e armas dos índios:

Ao longo da margem do rio, em diferentes lugares, encontrou-se, enterrados, pratos dos mais diversos formatos, guarnecidos de maravilhosos desenhos. Todos porém tão envelhecidos que não resistiram ao pegá-los, quebrando-se ao tirá-los da terra. Noutros lugares encontrou-se porções inteiras de pratos, de diâmetros variados, dispostos

regularmente em camadas, o maior bem em baixo, de modo que a superfície era plana e uniforme. Afirmam que esses pratos não provém dos indígenas, mas sim dos jesuítas. Na foz do rio Chapecó [hoje município de Águas de Chapecó], perto da recém descoberta fonte medicinal, encontrou-se, quando se procurava preciosidades jesuítas, sob oito palmos de terra, grandes pratos de argila de 1 a 2 metros de diâmetro, com restos de ossos humanos, na maioria, reduzidos a pó. Seriam esses restos de pessoas que procuravam a cura junto à fonte? (BESCHOREN, 1989, p. 51-52).

Através do relato, nota-se que há mais de um século, vestígios arqueológicos são explorados no alto Uruguai. Um dos principais motivos de depredação dos sítios arqueológicos, é a idéia dos “tesouros dos jesuítas” que, segundo as lendas locais, teriam sido enterrados durante a fuga destes com os indígenas das Reduções Jesuíticas do Rio Grande do Sul, no século XVIII. A idéia de encontrar tesouros enterrados em panelas de barro continua presente nos dias de hoje, no imaginário da população local.

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas nos últimos 50 anos, com Schmitz (1957), Rohr (1966), Piazza (1969a, 1969b, 1971); Miller (1971), Goulart e colaboradores (1980, 1985, 1995, 1997) identificaram, a partir da localização, prospecção, coletas de superfície e escavação de sítios arqueológicos, dois períodos: o pré-cerâmico e o cerâmico, a exemplo do que acontece no restante do Brasil. O primeiro período foi dividido em duas tradições: Umbú e Humaitá<sup>13</sup> e o segundo foi dividido nas tradições: Taquara e Tupiguarani<sup>14</sup>. O termo tradição Taquara identifica os sítios arqueológicos que têm cerâmica definida por algumas características, tais como, composta de potes e tigelas pequenos, com decoração impressa variada, (...). A identificação da tradição é feita principalmente pela cerâmica (...). Outro traço são os trabalhos de engenharia, principalmente as casas subterrâneas (SCHMITZ, 1991, p. 67). Com esses primeiros estudos pôde-se observar que, as tradições ceramistas estavam assim distribuídas, os Tupiguarani ocupavam preferencialmente as margens do rio Uruguai, enquanto que as áreas mais afastadas teriam sido ocupadas pela tradição Taquara.

Não existe para o Oeste Catarinense uma síntese sobre as pesquisas desenvolvidas e tampouco sobre os resultados obtidos, por isso vamos nos basear em Noelli (2000) que traça um

---

<sup>13</sup> A tradição Umbu é caracterizada pela presença de pontas de projétil e de uma indústria lítica, com lascas retocadas. O retoque é freqüentemente feito com muito cuidado, sendo que os portadores dessa indústria parecem ter ocupado regiões menos arborizadas. A tradição Humaitá é caracterizada por instrumentos morfologicamente maciços sobre massa central (b locos ou seixos), sendo normalmente desprovida de pontas de projétil de pedra (PROUS, 1992, p. 149 e 156).

<sup>14</sup> A tradição Tupiguarani já foi definida na introdução.

quadro das pesquisas arqueológicas no sul do Brasil, realizadas entre 1872 e 2000, além disso propôs uma síntese sobre a ocupação humana nessa região. Segundo ele, para o período pré-cerâmico, os grupos de caçadores-coletores teriam ocupado as áreas de floresta e de campos abertos, a cultura material produzida seria representada pelas tradições Umu e Humaitá. Em relação à primeira, não foram registrados sítios no Oeste de Santa Catarina, já para a tradição Humaitá, tem-se no município de Itapiranga as datas mais antigas já registradas nessa região, Pe. Rohr (1973, p. 58) datou sítios da cultura Altoaranaense<sup>15</sup> e, obteve através do método do <sup>14</sup>C, na profundidade de 5m a idade de 7.145 anos; para 6m, a idade de 8.095 anos e, para 7,30m a idade de 8.640. Para esta tradição, notam-se mais duas datas, uma de 7.260 em Itapiranga (ROHR, 1968, p. 47) e outra de 5.930 no município de Itá (SCHMITZ apud NOELLI, *idem*). Os “fósseis guias” da cultura Altoaranaense são instrumentos bifaces, retos ou curvos, os últimos chamados de “bumerangóides” (PROUS, 1992, p. 159). Atualmente, as duas tradições pré-cerâmicas passam por uma revisão, como veremos melhor nos próximos capítulos.

Em seguida, segundo Noelli (2000, p. 228), temos duas populações “ceramistas” de matrizes culturais distintas, Tupi e Macro-Jê, que começaram a conquistar o sul do Brasil, implantando e reproduzindo seus sistemas adaptativos baseados na agricultura. Em 1000 anos essas populações dominaram as margens das principais bacias hidrográficas, expulsando, assimilando ou exterminando os grupos que ali viveram por cerca de 10 mil anos. Para Noelli (*idem*, p. 247), dentre as populações do Sul, os Guarani são os mais conhecidos em termos arqueológicos, etnográficos, históricos e linguísticos. Na opinião de Schmitz (2000, p. 285), quando chegam os europeus, os Guarani dominavam vastas áreas de florestas, alguns etnólogos modernos chegam a falar em 2 milhões de pessoas. Prous (1992) observa que 80% das jazidas arqueológicas referentes aos grupos Guarani encontram-se concentrados na bacia do Paraná e do Uruguai, entre os rios Paranapanema e Jacuí.

O primeiro artigo científico produzido sobre vestígios arqueológicos do alto Uruguai, refere-se justamente a um sítio Guarani encontrado no município de Itapiranga. Schmitz (1957) além de analisar o material arqueológico, chama atenção sobre a quantidade de sítios existentes, as formas de destruição e a falta de pesquisas, segundo ele:

---

<sup>15</sup> A cultura Altoaranaense juntamente com o complexo Itaqui, são culturas que fazem parte da tradição Humaitá caracterizada por instrumentos morfologicamente maciços sobre massa central (blocos ou seixos), sendo normalmente desprovida de pontas de projétil (PROUS, 1992, p. 156).

Muitas vezes o material aparece diante do arado do agricultor, ou quebra debaixo das patas dos animais. Alguns sítiantes curiosos levam para casa o material cerâmico bem conservado a fim de nele plantar flores ou, alimentar as aves do terreiro, e as crianças brincam com os machados até os extraviarem. Alguma coisa já foi recolhida a museus, mas a região não foi ainda submetida a nenhuma pesquisa realmente científica. Por isso nos atreveremos a publicar estas breves notas sobre uma jazida visitada... (SCHMITZ, 1957, p. 122).

A coleção arqueológica analisada havia sido obtida pelo Pe. Balduino Rambo, com moradores do município, o material foi descrito como Guarani, devido à existência de vários elementos que caracterizam essa cultura, como: os sepultamentos em urnas, a existência das “terras negras” evidenciando as casas grandes, a abundância e as pinturas nos objetos cerâmicos. Assim segundo Schmitz, “o paradeiro visitado parece ter sido ocupado pelos Guarani antigos e as outras jazidas dos arredores, que apresentam muitos caracteres semelhantes, provavelmente cairão dentro do mesmo círculo de cultura” (ibidem, p. 140).

Mais tarde em 1966, o Pe. João Alfredo Rohr visita o Oeste Catarinense, com a finalidade de identificar, registrar e escavar sítios arqueológicos às margens do rio Uruguai. Foram mapeados 53 sítios arqueológicos somente no município de Itapiranga (numa extensão de 30 km da fronteira com a Argentina). Pe. Rohr (1973) destacou que, dos 53 sítios registrados, 50 possuíam cerâmica Guarani. Nestes eram encontradas grandes urnas funerárias com profundidades de 1,5m; através da datação com 14C, chegou-se à idade de 1.180 anos.

É importante salientar o trabalho do Pe. Rohr em defesa dos sítios arqueológicos em Santa Catarina, especialmente as pesquisas desenvolvidas no alto Uruguai e no litoral do estado. Schmitz (2006) nos conta em entrevista, como era o trabalho do Pe. Rohr, muitas vezes solitário e feito com poucos recursos:

A equipe de uma pessoa. Sempre foi uma equipe de uma única pessoa, com exceção das escavações grandes que ele fez no litoral, fora disso, uma equipe de uma pessoa só, onde ele se hospedava nas casas de jesuítas. Eu sei que, quando ele trabalhava nas barreiras e olarias, ele se hospedava ou na paróquia ou quando ele estava trabalhando em Sede Capela [Itapiranga], ele se hospedava no seminário. Mas era equipe de uma pessoa só, às vezes, alguém ajudava, mas não era o estilo dele, esse era o estilo dos velhos jesuítas, que só conseguiam se defender sozinhos, Pe. Balduino Rambo, Pe. Alfredo Rohr, os nossos pesquisadores antigos todos eram equipes de uma pessoa só (SCHMITZ, 2006, p. 383).

Ainda segundo Schmitz (ibidem, p. 386), o Pe. Rohr era um grande divulgador da arqueologia; além publicar seus trabalhos em revistas especializadas, também publicava seus

achados no Livro da Família<sup>16</sup>, editado em português e alemão, com grande circulação em muitas comunidades do Oeste Catarinense, mostrando ainda naquele tempo a preocupação com a arqueologia pública.

As coletas de material arqueológico em Itapiranga e região, possibilitaram além da descrição das culturas Altoaranaense (SCHMITZ; BECKER, 1968) e Tupiguarani (SCHMITZ, 1957; ROHR, 1966, 1973), um tipo de cerâmica denominada de “Eldoradense”, em razão de sua semelhança com o material descrito por Menghim, com esse mesmo nome, na região de Misiones, Argentina em 1957 (BECKER e SCHMITZ, 1970, p. 499). Os autores analisaram uma amostra com 159 fragmentos, que se distinguiam da cerâmica Guarani; o material era proveniente de coletas, não havendo maiores informações sobre os sítios. Essas cerâmicas eram simples e decoradas, apresentando principalmente o tratamento de superfície ponteadado (ibidem, p. 499-450). O trabalho é importante, pois mostra que grupos portadores de uma tradição tecnológica distinta que a Tupiguarani, ocupavam a região em áreas bem próximas, evidenciando que as fronteiras culturais entre as duas podia não ser muito delimitada.

Walter Piazza (1969b), através do PRONAPA, também realizou pesquisas arqueológicas no Oeste de Santa Catarina. Num primeiro momento, estudou a área entre os vales dos rios Peperi-guaçu e Irani<sup>17</sup>. Nessa etapa, localizou sítios da tradição Tupiguarani, delimitando a fase Mondaí e sítios de uma tradição não Tupiguarani, denominada de fase Xaxim. Grande parte dos sítios visitados por Piazza localizavam-se às margens do rio Uruguai ou de seus maiores afluentes, os rios Chapecó e Irani. Sobre a tradição Tupiguarani (fase Mondaí) conclui que:

Visitou os municípios de Piratuba, Ipira, Concórdia, Itá.

(...) face aos dados da seriação, preliminarmente, pode-se aceitar a idéia de que a penetração se fez, primeiramente, no sentido de oeste para leste, com avanços espaçados, e depois numa ocupação paulatina e gradual, vindos do sul, pelo Uruguai principalmente, o que não exclui a possibilidade de outras vias de penetração (PIAZZA, 1969, p. 64).

Numa segunda etapa, Piazza (1971) esteve pesquisando a área compreendida entre os rios Irani e do Peixe<sup>18</sup>, onde registrou sítios, coletou artefatos e estabeleceu novas fases (pré-

---

<sup>16</sup> O Livro da Família é publicado anualmente pela Livraria Editora Padre Réus, em Porto Alegre/RS, editado há mais de 60 anos, pela Congregação Jesuíta.

<sup>17</sup> Nos municípios de Xaxim, São Carlos, Palmitos, Saudades, Pinhalzinho, Quilombo, Mondaí, Itapiranga, Riqueza, Guaraciaba.

<sup>18</sup> Visitou os municípios de Piratuba, Ipira, Concórdia, Itá.

cerâmicas, Tamanduá e Suruvi e cerâmica, Ipira e Itá da tradição Tupiguarani). Segundo ele, a área pesquisada foi intensamente ocupada pelo homem, revelando a sedentarização desse, especialmente devido ao aparecimento de cachimbos que indicam a cultura do fumo. Para a tradição Tupiguarani, ressaltou a importância da subtradição Escovada à proporção que as migrações se dirigem para leste, o que revela ocupações mais recentes nas terras marginais do rio Uruguai (PIAZZA, 197, p. 79).

Ao que tudo indica, após os trabalhos de Piazza, na década de 1970 não ocorreram novas pesquisas arqueológicas naquela década. Elas foram retomadas em 1980, quando inicia o PSAU, que está sendo abordado ao longo deste trabalho. Através desses estudos efetuados sobre o alto Uruguai, Schmitz (1957); Rohr (1966); Miller (1967, 1969); Piazza (1969); Brochado (1969, 1984); Goulart e colaboradores (1980, 1985, 1997) as cerâmicas arqueológicas dos sítios foram descritas reunindo, quase que arbitrariamente, o material proveniente de diversos sítios em fases e tradições. Na tabela 01 a seguir uma síntese das datações realizadas:

Tabela 1: Síntese de datações realizadas no Oeste de Santa Catarina.

<b>Tradição</b>	<b>Fase</b>	<b>Sítios</b>	<b>Datas</b>	<b>Referência</b>
Tupiguarani	Comandaí	36	A.D. 1.725 ( $\pm 55$ , 1.735)	Miller, 1969
Tupiguarani	Icamaguá	5	A.D. 1.400 -1.500	Miller, idem
Tupiguarani	Irapuã	5	Não há	Miller, idem
Tupiguarani	Itapiranga	52	A.D. 770	Schmitz, 1957 e Rohr, 1966
Tupiguarani	Mondaí	40	A.D. 880 $\pm 100$ ; 1.700 $\pm 90$	Schmitz, 1957 e Piazza, 1969
Tupiguarani	Itá	41	A.D. 1.360 $\pm 100$	Miller, 1971 e Piazza, 1971
Tupiguarani	Ipira	15	Não há	Piazza, op. cit e Miller, 1971
Taquara	Taquaruçú	4	1.120 $\pm 60$ D.C e 1.790 $\pm 70$	Miller, 1969

			D.C;	
Taquara	Xaxim	18	975 $\pm$ 95 D.C. e 1.620 $\pm$ 90 D.C	Piazza, 1969 e Miller, 1971
Taquara	Taquara	10	430 $\pm$ 90 D.C. e 1.330 $\pm$ D.C	Miller, 1967, 1969 e 1974
Taquara	Guatambu	48	140 $\pm$ 85 D.C.; 1.000 $\pm$ 80 D.C. e 1.250 $\pm$ 60 D.C	Miller, 1971

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Miller (1967, 1969, 1971, 1974), Schmitz (1957), Rohr (1966), Piazza (1969, 1971).

Nota-se que a tradição Tupiguarani dividia-se em sete fases, enquanto que a tradição Taquara apresentava quatro fases. As datações mostram que a pouco mais de 1500 anos atrás, grupos portadores dessas tradições cerâmicas estariam vivendo na região do alto Uruguai. Com base nessas pesquisas, observa-se que a implantação dos sítios Tupiguarani, ocorre nas partes mais baixas do relevo, bem próximos ao rio e dentro de sua influência direta ou indireta, apresentando-se os sítios mais ricos em locais próximos a corredeiras, testemunhando período mais longo de ocupação e maior densidade demográfica. São caracterizados por manchas de terra preta (restos de habitação), material lítico, cerâmico, ósseo e conchífero. A cerâmica destas “fases”, em geral, foi descrita a partir das características da pasta e do tratamento de superfície, indicando as tendências apresentadas pelas variações na frequência relativa destes tipos (SCHMITZ, 1957; ROHR, 1966; GOULART, 1985; DE MASI, 1985).

Através da bibliografia observa-se que, os sítios da tradição Tupiguarani apresentaram em muitas situações contato com grupos portadores da tradição Taquara, ficando evidente em sítios de Itapiranga (SCHMITZ; DE MASI, 1985), Palmitos e Itá (GOULART, 1985, 1987, 1988, 1997). Rogge (2005, p. 89) observa que, para o alto Uruguai ao longo da margem direita, se encontra grande número de sítios da tradição Tupiguarani, atingindo em especial, as divisões dos atuais municípios de Itapiranga até Concórdia, evidenciando migração rio acima, que só termina no final das áreas ecologicamente aptas. Em seguida, com a aparente ocupação de toda a margem direita do Uruguai, a pressão demográfica deveria ter forçado os grupos portadores da tradição Tupiguarani a se afastar das áreas mais produtivas da várzea, o que teria levado a situações de contato com as populações portadoras da tradição Taquara.

Em regiões mais afastadas do rio Uruguai, evidenciam-se sítios da tradição Taquara. Pesquisas recentes, realizadas por Caldarelli e colaboradores (2001, 2003, 2007) nos rios Chapecó e Irani, afluentes do rio Uruguai, mostraram que a grande maioria dos sítios registrados apresentam grande afinidade com a tradição Taquara. No caso, das pesquisas arqueológicas realizadas na área da UHE Quebra-Queixo, localizada entre os municípios de São Domingos e Ipuçu, dos 33 sítios arqueológicos, quatro são do tipo estrutura escavada e os demais, sítios lito-cerâmicos a céu aberto, que provavelmente estão associados às estruturas escavadas, conforme comprovaram os estudos laboratoriais. No caso do material cerâmico as formas encontradas, a partir da reconstrução gráfica das vasilhas, evidencia a afinidade com a tradição Taquara; quanto à indústria lítica coletada nos sítios a céu aberto, mostra preferência em utilizar como matéria-prima rochas clásticas, riodacito, basaltos e calcedônia, enquanto que, nas estruturas escavadas, a matéria-prima mais empregada é o quartzo. As datações evidenciaram que os sítios foram ocupados no século XIX (CALDARELLI; HERBERTS, 2005).

As margens do rio Irani, também foram alvo de pesquisas arqueológicas, devido à construção de duas PCHs: Alto Irani e Plano Alto. Durante os estudos realizados nas áreas projetadas para a instalação dos canteiros de obras, foram localizados, na primeira, 23 sítios e na segunda 12 sítios. A análise laboratorial do material lítico e cerâmico mostrou que estes se parecem com o contexto observado na UHE Quebra-Queixo, de populações reduzidas e refugiadas no extremo Oeste Catarinense, já em período histórico avançado, um cenário correspondente aos sítios da tradição Taquara (CALDARELLI, 2007, p. 317).

Dessa forma, analisar o contexto regional, pode contribuir com problemáticas amplas como: origem, expansão, mudança cultural, contatos, aculturação, entre outros. Por outro lado, os dados reunidos neste capítulo, embora visassem um quadro geral da ocupação pré-colonial, tenderam a ser mais detalhados no que tange à tradição Tupiguarani.

### **1.3 Como a tradição Tupiguarani se encontra na bibliografia**

O termo tradição Tupiguarani foi criado para identificar um conjunto de artefatos similares, que compartilham as mesmas características morfológicas. O conceito de tradição foi

definido pelo PRONAPA, como “um grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência cultural” (CHMYZ, 1966, p. 20). A tradição reúne unidades menores, locais ou regionais, chamadas de fase, descritas como “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionados no tempo e no espaço, num ou mais sítios (ibidem, p. 14). O termo Tupiguarani (sem hífen) é usado para distinguir os achados arqueológicos daqueles dos grupos conhecidos etnograficamente. A denominação foi criada pelos pesquisadores do PRONAPA e foi à primeira tradição arqueológica a receber um nome que lembra um grupo indígena conhecido historicamente. A tradição foi dividida pelo PRONAPA em famílias, uma chamada 'Tupiguarani' (com hífen), que reúne os grupos Guarani da bacia do Prata, vales dos rios Uruguai e Paraná, e os grupos Tupi do litoral carioca ao maranhense, Tupiniquins e Tupinambás (PROUS, 1992, p. 371). Dessa forma, a grande maioria das informações que possuímos sobre a tradição Tupiguarani foi levantada durante a vigência do PRONAPA, ou por pesquisadores que seguiam as metodologias do programa.

Levando em conta, a variação na frequência dos registros arqueológicos das fases, com base no material cerâmico, a tradição Tupiguarani foi dividida em 3 subtradições: pintada, corrugada e escovada. Estas foram definidas a partir do tratamento da superfície externa encontrada no material cerâmico, como por exemplo: “a subtradição corrugada é caracterizada, no seu conjunto cerâmico, pela predominância da decoração corrugada sobre as decorações pintada e escovada” (CHMYZ, 1969, p. 07), as demais subtradições tiveram definição idêntica, considerando o predomínio dos tratamentos de superfície, escovado ou pintado.

Um método muito empregado para análise do material cerâmico, pelos pesquisadores do PRONAPA era a seriação. Para Meggers e Evans (1970, p. 22), “a classificação da mesma tem um objetivo: revelar a mudança sistemática através do tempo”. A sequência devia levar em conta materiais, técnicas de manufatura, forma dos objetos e tipos de decoração, formando uma série coerente. Neste sentido, a cerâmica é o material ideal, pois é produzida em larga escala, é resistente às variações climáticas, além de apresentar variedades quase infinitas de acabamentos de superfície, decoração e formas (MEGGERS; EVANS 1970, p. 10). Bruce Trigger (2004, p. 195) ressalta que, ainda no início do século XX, estudiosos americanos e europeus como A. L. Kroeber e W. M. F. Petrie, escolheram a cerâmica para trabalhos de seriação, porque seus atributos estilísticos oferecem índices de mudança mais perceptíveis do que instrumentos de pedra e metal. Pesquisadores como Kern apud Morais (1999-2000), estabelecem críticas ao

modelo de fases e tradições criadas pelo PRONAPA, concordam com a idéia que estes conceitos são ‘unidades artificiais’, que não podem ser confundidas com culturas, considerando que a maioria dos sítios em especial os pré-cerâmicos, devido as condições ambientais reduziram os elementos da cultura material a raros vestígios.

Para o entendimento das mudanças de enfoque sobre a tradição Tupiguarani, os termos migração e difusão são fundamentais. A partir dessa perspectiva foram desenvolvidas muitas pesquisas nas décadas de 1960, 1970 e 1980, sendo José J. Proença Brochado o autor de várias publicações referentes à tradição Tupiguarani, além de se destacar como um dos principais pesquisadores do PRONAPA, durante o período em que compartilhou dos princípios deste programa, também foi consultor do PSAU, por isso, daremos ênfase aos seus trabalhos. Podemos citar o artigo de Brochado (1973b) denominado “Migraciones que difundieron la Tradición Tupiguarani”, como a primeira publicação do Programa a cumprir a meta de definir as rotas de difusão da cerâmica Tupiguarani. Através dele, percebemos a distribuição geográfica desta tradição, as rotas da difusão e os conceitos de subtradição pintada, corrugada e escovada. No artigo também existem várias datações de 14C e de termoluminescência, que mostravam a velocidade de dispersão e distintos momentos de partida de um “centro comum”, sobre os quais estabeleceu rotas migratórias e descreveu a evolução da tradição Tupiguarani. As mudanças culturais vistas em contextos arqueológicos eram explicadas pela adaptação às distintas condições ecológicas. Partindo da teoria de que essa cultura havia se irradiado a partir de uma região de origem comum, era necessário descobrir as rotas dessa irradiação. Dessa forma Brochado (idem, p. 32) entende que as primeiras manifestações da tradição Tupiguarani foram observadas sobre o trópico de Capricórnio, desenvolvendo-se no alto Paraná (a primeira onda migratória A.D. 500-700) e alto Uruguai (segunda onda migratória 1300). Dentro dessa perspectiva, teria-se uma “involução” da cultura, que iniciava com a fabricação da cerâmica pintada e, ao passo que se difundia, tornava-se menos elaborada, como é o caso dos estilos corrugado e escovado, que indicam também um período mais recente.

Em seguida, Brochado (1973c) escreveu o artigo “Desarrollo de La Tradición Cerámica Tupiguarani (A.D. 500 – 1800)”, como segunda parte do artigo citado anteriormente. Neste buscou mostrar as mudanças na tradição cerâmica no tempo e no espaço, as relações com outras tradições cerâmicas regionais, como as mudanças ecológicas influenciaram durante as migrações

e como se manifestaram nos padrões de assentamento, além de fazer algumas especulações sobre o centro de origem dessa tradição.

Já Schmitz (1985), buscou mostrar como a população portadora da tradição Tupiguarani “coloniza” ou “ocupa” o seu espaço, através do movimento das aldeias, num estudo de caso do médio e alto Jacuí, no Rio Grande do Sul. Propôs primeiramente que os vários sítios eram uma aldeia em movimento que se deslocava de uma para outra várzea, por isso, os sítios encontrados nas várzeas maiores eram mais extensos do que os que se localizavam em áreas menores. Depois percebeu que uma aldeia extensa começou na subtradição pintada e chegou até tempos recentes, trocando permanentemente de várzea e outra aldeia, pertencente à subtradição corrugada, estabeleceu-se rio acima e também se deslocava em distâncias de poucos quilômetros, mas sem nunca chegar até a área da primeira aldeia. Por fim, teria num mesmo vale várias aldeias que dominavam o território, possuindo à sua disposição muitos recursos sem concorrência. O modelo proposto por Schmitz orienta-se teórico-metodologicamente a partir da ecologia cultural, sendo assim, o deslocamento da aldeia dava-se em função do esgotamento dos recursos naturais.

Na tentativa de compreender a produção agrícola da tradição Tupiguarani, os equipamentos e os modos de consumir a mandioca no continente, Brochado (1977) publicou o livro “Alimentação na floresta tropical”. Nele evidenciou através da analogia etnográfica, que a existência de algumas morfologias cerâmicas encontradas em culturas arqueológicas, podem indicar certos cultivos, como no caso a mandioca. Desta forma, influenciou diversas interpretações sobre a subsistência dos povos agricultores estudados pelos arqueólogos brasileiros na década de 1980.

Nessa mesma década houve uma grande mudança em relação aos estudos sobre a tradição Tupiguarani. Principalmente porque Brochado ingressa no doutorado com outra perspectiva e acaba na direção oposta de Meggers. Sob a orientação de Donald W. Lathrap, Brochado (1984, p. 01) começa sua tese, escrevendo que “se não forem estabelecidas relações entre as manifestações arqueológicas e as populações que as produziram, o mais importante terá se perdido”. Para melhor explicar a origem e a expansão Tupi, baseou-se em modelos lingüísticos, a teoria tornou-se mais ampla, pois passou a considerar elementos antropológicos, históricos, sociológicos e biológicos. Foi além da abordagem que privilegiava localização, descrição, classificação de fragmentos e da reprodução das teorias do determinismo ecológico.

A partir de uma perspectiva notadamente difusionista, Brochado (1984, 1989) juntamente com Lathrap, vêem a Amazônia como foco de difusão cultural. A pressão demográfica teria feito com que os grupos humanos se dispersassem, com seus artefatos e práticas agrícolas para várias direções, como no início da Era Cristã, dois ramos de uma cultura tipicamente amazônica teriam invadido o leste da América do Sul. A cultura Guarani expandiu-se de leste a sul do Brasil lentamente, em vagas sucessivas cobrindo regiões cada vez maiores, enquanto a expansão Tupinambá foi mais rápida através do litoral em direção ao sul, até o rio Tietê, onde encontra-se uma fronteira cultural. Para Brochado (1984, p. 85), “o que impropriamente se descreve como ‘tradição Tupiguarani’, são na realidade duas extensões distintas da Tradição Polícroma Amazônica no leste da América do Sul e, portanto, deve ser dividida em duas grandes subtradições que representam as cerâmicas produzidas por dois grupos Tupi distintos – os Guarani e os Tupinambá”. Observa-se, portanto, que as distribuições étnicas históricas coincidem precisamente com a distribuição dos materiais arqueológicos que representam tradições e subtradições cerâmicas distintas. Dessa forma Brochado (idem, p. 69-77) refutou a existência das subtradições, pintada, corrugada e escovada, dizendo que estas eram resultado da confusão das cerâmicas Guarani e Tupinambá.

As pesquisas de Brochado seguiram principalmente em direção à origem e aos processos de dispersão geográfica dos Tupi e à relação entre a forma e a funcionalidade da cerâmica Guarani e Tupinambá. Para Brochado (idem, p. 572) a grande característica da colonização, tanto dos Guarani como dos Tupinambá, pode ser explicada devido ao sistema amazônico de agricultura intensiva que esses grupos trouxeram, que só podia ser duplicado nas férteis várzeas encontradas ao longo dos maiores rios do interior e, em menor escala, no curso inferior dos rios costeiros. Os grupos historicamente conhecidos, segundo Brochado (1973b), também possuem uma tradição da cultura do tipo amazônico, o de floresta, horticultores que escolhiam o ambiente tropical para desenvolver suas roças, vivendo em aldeias, com casas grandes comunais, navegavam em canoas, utilizavam armas como as flechas, e freqüentemente enterravam seus mortos em urnas, sendo que as áreas ocupadas pelos indígenas da família Tupi-guarani eram imensas.

Schmitz (1991) observa que há uma ligação inegável entre os Guarani históricos e os reconstituídos pela arqueologia. Segundo ele, os colonizadores deram nomes diferentes, como Guarani, Tape, Carijó, entre outros, aos grupos que falavam guarani, e viviam em locais

diferentes. Destaca a importância de se trabalhar e conhecer dados como: abastecimento, estrutura da casa e da aldeia, territorialidade, rituais de sepultamento, tecnologia, para posteriormente reconstituir a cultura.

Os trabalhos de Brochado trouxeram dados sólidos sobre as sociedades ceramistas do leste da América do Sul, influenciando muitas outras pesquisas, como a dissertação de Francisco Noelli, “Sem Tekohá não há Tekó”, de 1993, que utilizou informações etnográficas, arqueológicas, lingüísticas e fontes bibliográficas de cronistas desde o século XVI até o XIX<sup>19</sup>. Noelli estabelece um novo modelo, baseando-se em dados etnoarqueológicos para explicar o sistema de assentamento Guarani, utilizando elementos comuns na aldeia e na subsistência dos grupos arqueológicos e históricos, a partir da aplicação no delta do Rio Jacuí/RS, considerada como uma “área de domínio”. Noelli (1993, p. 248-250) propõe, sobre a colonização dos Tupi, muito mais do que rotas de migração, estas regiões foram sendo conquistadas e transformadas em áreas de “domínio”, classificadas em três níveis espaciais: guará, tekohá e teiî. O guará seria um conceito sócio-político referindo-se a uma região, geralmente delimitada por rios, sendo que a manutenção seria garantida por alianças entre várias aldeias, cuja liderança ficava com a pessoa de maior prestígio político e espiritual. Os guará seriam subdivididos por unidades aliadas, chamadas tekohás, suas sedes seriam os sítios arqueológicos e as aldeias históricas, “se o tekó é o modo de ser, o sistema, a cultura, a lei e os costumes, o tekohá era o lugar, o meio em que se davam as condições que possibilitavam a subsistência e o modo de ser dos Guarani” e as teiî seriam as famílias extensas e, teiî oga era denominada a casa onde viviam as famílias e amundá era o local da sede do tekohá. Isso era possível na opinião de Noelli (idem:13), porque os Guarani reproduziram durante mais de 3000 anos as mesmas características materiais de sua cultura, observando a prescritividade e a história de longa duração dessas sociedades, que só foram desestruturadas e ressignificadas devido ao impacto das invasões nos séculos XVI e XVII.

Para Noelli (idem), a expansão territorial ocorria devido à pressão demográfica que gerava novas aldeias. Outro fator importante na expansão era o manejo de plantas agrícolas e a coleta, pois os Guarani transportavam suas plantas às regiões em que se instalavam, o que exigia tempo e conhecimento do ambiente. Noelli (1996, p. 34) conclui que, para a instalação de uma

---

<sup>19</sup> O *Tesoro de la Lengua Guarani*, escrito por Montoya (entre 1612 a 1617) foi uma das obras mais utilizadas por Noelli (1993).

nova aldeia além de conhecimento prévio do meio ambiente, era preciso manter a proximidade das aldeias aliadas, a expansão não ocorria em saltos mas, por anexação contínua de áreas adjacentes aos territórios já ocupados. Inclusive o autor (idem, p. 11) sugere que, o termo expansão define melhor os movimentos populacionais dos Tupi, em detrimento de migração, considerada por ele, como uma terminologia restritiva, uma vez que significa ‘movimento’, saindo de um lugar para outro, abandonando sua região de origem. O uso do termo migração, seria correto quando utilizado para referir-se aos movimentos provocados por outros povos, como no caso dos europeus a partir de 1500, caracterizados também como movimentos de fuga.

Os movimentos Tupi foram intensos, fazendo com que estes ocupassem vastas áreas do território brasileiro. Sobre isso Brochado (1989, p. 66-67) ressalta que os Tupi amazônicos, os Tupi costeiros, os Guaraní dos rios Paraná-Paraguai-Uruguaí e os Chiriguano do Chaco, ocupavam as terras baixas, rodeando os planaltos ocupados por falantes do Tronco Macro-Jê.

O termo Tupi refere-se a um tronco lingüístico que engloba aproximadamente 41 línguas que se expandiram, há vários milênios, pelo leste da América do Sul, em países como, Brasil, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai (NOELLI, 1996, p. 10). Por Tupi são designados também os povos falantes dessas línguas, das 41 línguas as mais citadas desde a chegada dos europeus foram o guaraní e o tupinambá. Para Rodrigues (1984/85), a classificação das línguas dos povos Tupi num tronco Tupi abrange diversas famílias<sup>20</sup>, oriundas de uma proto-língua mais remota, o Proto-Tupi. Brochado (1989, p. 66) expõe que as línguas do Tronco Tupi eram faladas sobre enormes áreas, ao longo de todo o litoral e no interior, onde ocupavam especialmente as margens de grandes rios como: Tocantins, São Francisco, Araguaia, Paranaíba, Tietê, Amazonas, Xingu, Tapajós, Madeira, Paraná, Paraguai, Uruguai, Paranapanema, Jacuí. Nossa área de estudo é um pequeno espaço das várzeas do alto Uruguai, onde os sítios são típicos e numerosos.

---

<sup>20</sup> Rodrigues define que “os termos *dialecto*, (língua da mesma) *família*, (língua do mesmo) *tronco*, (língua do mesmo) *filio* são usados pelos lingüistas para indicar diversos graus de diferenciação” (RODRIGUES, 1984/85, p. 34).

## CAPÍTULO 2

### PROJETO SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO URUGUAI: HISTÓRIAS SOBRE A ARQUEOLOGIA EMPRESARIAL NO ALTO URUGUAI

#### 2.1 O Projeto: de 1980 a 1997

O Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai-PSAU deu origem à coleção arqueológica denominada de “Acervo Marilandi Goulart”, analisada neste trabalho a partir de seu contexto de produção. O nome “Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai”<sup>21</sup> foi criado para fazer referência às pesquisas de levantamento de sítios arqueológicos, realizadas em todo o trecho nacional do alto rio Uruguai, abrangendo os estados de Santa Catarina e Rio Grande Sul. A bacia desse rio seria utilizada para construção de várias barragens. As pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas por instituições dos dois estados, resultando na produção científica de vários relatórios técnicos de pesquisa (GOULART, Vol I, 1995).

Projeto de arqueologia empresarial, o PSAU iniciou por demanda das Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A. ELETROSUL, empresa responsável pela construção das usinas hidrelétricas e termoelétricas no sul do país, especialmente na bacia do rio Uruguai. O potencial energético dessa bacia, já vinha sendo avaliado, entre 1966 a 1969, quando o Comitê de Estudos Energéticos da Região Sul – ENERSUL desenvolveu estudos para planejar a construção de novas barragens. Em 1977 e 1978, a ELETROSUL revisou aquele estudo sobre o aproveitamento energético do rio, levando em consideração também aspectos sócio-econômicos, físico-territoriais e ecológicos. Identificou-se o potencial para 22 barragens, distribuídas por toda a bacia do Uruguai (CNEC, 1990, p. 05). A figura 01 abaixo possibilita visualizar o Projeto Uruguai de Aproveitamento Energético.

---

<sup>21</sup> Conforme definimos na introdução deste trabalho, utilizaremos a sigla PSAU para nos referir ao projeto na fase inicial, levantamento de sítios que, abrangia desde a formação do rio Uruguai até o município de Itapiranga (na divisa com a Argentina) e PSAU-UHE Itá, para os estudos realizados na área atingida somente por este empreendimento.

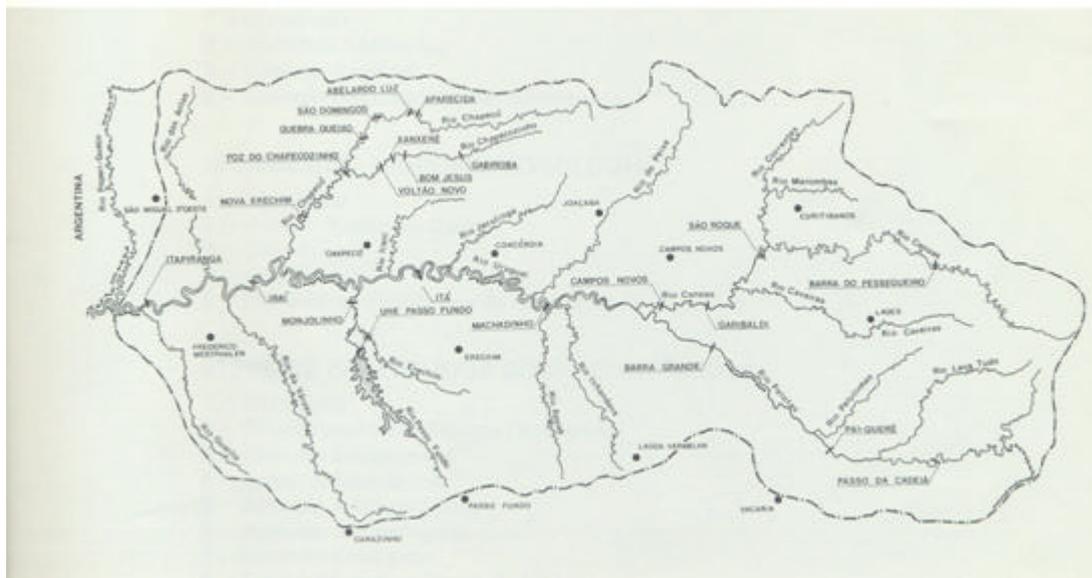


Figura 1: Mapa “Projeto Uruguai de Aproveitamento Energético”, foi produzido pela ELETROSUL, em 1978. Os principais pontos de aproveitamento ao longo do rio Uruguai e dos seus formadores, os rios Pelotas e Canoas, são: UHE Barra Grande, UHE Anita Garibaldi, UHE Campos Novos, UHE Machadinho, UHE Itá, UHE Passo Fundo, UHE Monjolinho, UHE Iraí, UHE Itapiranga.

No final da década de 1970, Schmitz (1978) a partir das pesquisas já realizadas no alto Uruguai, escreveu um artigo intitulado “Trabalho de Salvamento Arqueológico nos locais das Represas do Alto Uruguai, RS/SC”, onde apontou as primeiras avaliações sobre o patrimônio cultural pré-histórico da área a ser impactada pelas futuras obras. Através dele, foi possível perceber que os empreendimentos atingiriam grande parte dos sítios arqueológicos, normalmente localizados nas proximidades dos rios, conforme foi indicado por Schmitz (idem):

Na área de estudo foi reconhecida a existência de um patrimônio cultural representado por grande número de sítios arqueológicos de diversas tradições sem cerâmicas e ceramistas. A maioria destes sítios localiza-se às margens dos principais cursos d'água, ficando sujeitos, portanto, a inundação, com a formação dos futuros reservatórios. Da amostragem disponível, pois várias áreas não foram ainda pesquisadas, verifica-se que nenhum sítio isoladamente parece ter valor morfológico tal que, por sua causa, deva ser sustado o aproveitamento do potencial hidroenergético da bacia. Considerados em conjunto, entretanto, contém informações de grande valor histórico, que devem ser salvas sem o que a implantação das obras necessárias ao aproveitamento do rio Uruguai resultaria em sacrifício irreparável à cultura brasileira.

Pouco tempo depois, tem início o PSAU que, objetivava “buscar, localizar, aprender e salvar os locais com evidência de ocupação humana anteriores ao processo de colonização da região” (GOULART, 1985c, p. 09), tendo como coordenadora geral a arqueóloga Marilandi

Goulart, professora vinculada à instituição executora: Universidade Federal de Santa Catarina e, como co-executores: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade do Vale do Rio dos Sinos-RS; Faculdades integradas de Santa Cruz do Sul-RS; Museu Antropológico do Rio Grande do Sul. O projeto era desenvolvido segundo as demandas da ELETROSUL<sup>22</sup>. Aparentemente a margem esquerda do rio Uruguai era pesquisada pelos co-executores, mas é difícil precisar em quais etapas todas essas instituições participaram. Do lado catarinense as atividades estiveram vinculadas à UFSC até meados da década de 1990, quando a UNIVALI, torna-se a responsável pelas últimas atividades de pesquisa arqueológica realizadas na área da Barragem de Itá.

A equipe contava com a participação de vários profissionais, como: arqueólogos, geólogos, topógrafos, estagiários, técnicos de laboratório, entre outros. É difícil precisar quais arqueólogos estiveram envolvidos, até porque os próprios relatórios e projetos não estão reunidos. A seguir citamos, alguns nomes encontrados nos documentos e que possivelmente participaram das primeiras etapas: Marilandi Goulart; Guilherme Naue; Pedro Ignacio Schmitz; Arno Alvarez Kern; Pedro Augusto Mentz Ribeiro; Fernando La Salvia; Geruza Maria Duarte; José J. P. Brochado, José Luiz de Moraes, Anamaria Beck, entre outros (GOULART, 1983, p. 15-16).

As pesquisas arqueológicas do PSAU estiveram centradas nos primeiros cinco anos, nas áreas onde seriam implantadas as seguintes barragens: Itá, Itapiranga, Machadinho, Barra Grande e Campos Novos. A área de abrangência compreendeu os trechos dos rios Uruguai – Pelotas e afluentes, ocupando 46.300 Km<sup>2</sup> no Oeste de Santa Catarina e 29.000 Km<sup>2</sup> no norte do Rio Grande do Sul (ibidem).

Nesta pesquisa será dada ênfase às atividades de Marilandi Goulart. Embora a coordenação geral estivesse com ela, a área de abrangência de suas atividades era a margem direita do rio Uruguai, durante os levantamentos que ocorreram entre 1980 e 1985. Conforme os relatórios, a atuação de Marilandi na margem esquerda do rio aconteceu apenas na área a ser impactada pela UHE Itá. No decorrer de suas atividades na região do Oeste Catarinense, também firmou outros contratos e parcerias com prefeituras municipais, como foi o caso da Prefeitura

---

<sup>22</sup> Para o desenvolvimento dessas primeiras etapas não temos informação (de contratos, editais, etc) para compreendermos como ocorreu a contratação das instituições que desenvolveram as pesquisas de arqueologia.

Municipal de Chapecó, município onde Goulart (1983) revisitou os sítios que já haviam sido cadastrados pelo Pe. João Alfredo Rohr (na década de 1960), registrou outros que ainda não eram conhecidos e realizou a escavação de um deles, o sítio Vailones I, localizado na Linha Cachoeira-Beira Rio. A cultura material encontrada foi classificada como pertencente à tradição Tupiguarani e está integrado com o restante do material recuperado pelo PSAU e PSAU-UHE Itá.

A etapa de campo do PSAU, iniciada em 1980, constituiu-se no levantamento e na prospecção de sítios arqueológicos localizados na área de inundação das barragens Itá e Machadinho - SC/RS. Em 1984, outra etapa de levantamento de sítios arqueológicos ocorreu em duas áreas distintas: nas duas margens do rio Uruguai, na área de inundação da barragem de Itapiranga, Campos Novos e na margem esquerda do rio Pelotas, na área da barragem de Barra Grande (GOULART, Vol I, 1997, p. 85). Paralelo ao trabalho de campo, também aconteciam às atividades de laboratório e eram produzidos os relatórios. Após serem finalizadas as etapas de levantamento (de 1980 e 1984), aparentemente não ocorreram mais os contratos consorciados entre as várias instituições. Encerrada a etapa de levantamentos, Marilandi Goulart inicia uma nova etapa de pesquisas arqueológicas, somente na área a ser atingida pelo canteiro de obras e pelo reservatório da UHE Itá, com etapas de campo e laboratório, desenvolvidas entre 1986 e 1996, como veremos melhor no final deste capítulo.

Após mais de 20 anos do início das atividades, podemos dizer que o PSAU foi o maior projeto de arqueologia empresarial no alto Uruguai, tanto pela grande coleção de cultura material recuperada, como por envolver várias instituições, além de atingir todo o trecho nacional do rio Uruguai, rio que já havia sido caracterizado por Rohr (1966), como uma das principais vias de penetração das populações pré-históricas, por abrigar em suas margens grande número de sítios. Com o final das atividades de campo e laboratório, o acervo arqueológico resultante das várias etapas de pesquisa realizadas por Marilandi Goulart foi mantido em uma coleção única que, inicialmente estava no Laboratório de Arqueologia da UFSC, num prédio construído para este fim com verba da ELETROSUL. Já em meados dos anos 1990 o acervo que estava sob guarda da UFSC, foi transferido para um depósito da ELETROSUL, onde ficaria temporariamente até ser encaminhado para à UNIVALI, Campus de Itajaí.

A transferência do acervo se dá porque Marilandi Goulart, ao se aposentar da UFSC, passa a prestar serviços para a UNIVALI. Em 1994, esta instituição apresenta à ELETROSUL um projeto técnico para Tomada de Preços (número 20145037), passando a desenvolver

“serviços de levantamento arqueológico”, através do contrato n. 20.145.037<sup>23</sup>. Assim, em 1995 e 1996, desenvolvem-se as últimas etapas da pesquisa, nos sítios arqueológicos localizados nas cotas de desvio do rio e de enchimento do reservatório da UHE Itá. O acervo acaba não sendo transferido, como se nota na fala de Paulo Goulart:

O acervo iria pra lá, (...), não chegou a ir, iria mas, como o estado de saúde da Marilandi se agravou muito, ele acabou não indo mais pra Itajaí<sup>24</sup>. Nesse período, o trabalho de laboratório, mesmo sendo de responsabilidade da UNIVALI, foi realizado em Florianópolis, em espaço físico alugado pela própria Marilandi Goulart<sup>25</sup>.

Com o falecimento de Marilandi Goulart, no final da década de 1990, o acervo arqueológico acaba ficando por alguns anos num depósito da ELETROSUL (Florianópolis), ao que tudo indica em péssimas condições, inclusive sofrendo ação da água e umidade como consequência de enchentes. Nessa época, o IPHAN amparado pela legislação e pelas cartas internacionais que definem sobre preservação do patrimônio arqueológico, buscou implementar um projeto de repatriamento<sup>26</sup> do acervo resultante do PSAU e do PSAU-UHE Itá para a região de origem, tendo em vista duas universidades regionais como possíveis instituições de guarda, sendo elas: à Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI/Campus de Erechim e a Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC/Campus de Chapecó (atualmente UNOCHAPECÓ). A salvaguarda do material foi concedida à URI, através da portaria do IPHAN, número 218/2002, que determina o seguinte:

Autoriza a guarda do material arqueológico, oriundo do Salvamento da Usina Hidrelétrica Itá/ Rio Grande do Sul e Santa Catarina, doravante denominado “Acervo Marilandi Goulart” (Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai) à Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI / Erechim / Rio Grande do Sul, por intermédio do Centro Regional de Arqueologia, Campus de Erechim, tendo como curador o professor Ms. Everson Paulo Fogolari e como consultor o professor Dr. José Luiz de Moraes do MAE/USP.

---

<sup>23</sup> Informações extraídas das correspondências enviadas pela UNIVALI a ELETROSUL, entre 1994 e 1996.

<sup>24</sup> Entrevista realizada com Paulo de Oliveira Goulart, por Mirian Carbonera, agosto de 2006. Acervo CEOM.

<sup>25</sup> “Eu, Marilandi Goulart, Coordenadora do Projeto Salvamento Arqueológico de Itá, declaro para os devidos fins e a quem interessar possa, que recebo mensalmente R\$ 1.100,00, referente à cedência de imóvel de minha propriedade, para alojar equipamentos e materiais do Projeto acima mencionado” (Declaração datada de, 26 de agosto de 1995/Arquivo central da UNIVALI, Campus de Itajaí).

<sup>26</sup> O projeto de repatriamento foi coordenado pelo arqueólogo Rossano Lopes Bastos (IPHAN) e José Luiz de Moraes (MAE/USP).

A portaria assegurou que a guarda e as atividades com a coleção fossem continuadas pela URI, que antes disso já havia firmado contrato com a empresa Centrais Geradoras do Sul do Brasil S.A. – GERASUL, conforme a cláusula primeira, “o objeto do contrato é a realização dos Serviços de Planejamento e da Implantação do Projeto Uso Múltiplo do Acervo do Projeto de Salvamento Arqueológico da UHE-Itá”<sup>27</sup>. Também observamos que através da portaria, o material arqueológico resultante do PSAU-UHE Itá, passa a ser denominado de “Acervo Marilandi Goulart”, como forma de homenagear essa arqueóloga, que se dedicou por quase 20 anos no desenvolvimento desse trabalho.

Por outro lado, é possível perceber que, tanto no contrato como na portaria, só é mencionado o acervo oriundo da área pesquisada pelo PSAU-UHE Itá, porém a coleção é composta por todo o material coletado pelo PSAU, na área pesquisada por Marilandi Goulart. Desde a primeira etapa com o levantamento dos sítios arqueológicos, que seriam atingidos pelas barragens de Itá e Machadinho (1980). Quatro anos depois, o mesmo trabalho foi realizado nas áreas que seriam atingidas pela barragem de Itapiranga, Barra Grande, Campos Novos e Machadinho (1984). Das barragens mencionadas, a Usina Hidrelétrica de Itá foi a primeira a ser construída, por isso, Marilandi Goulart (de 1986 a 1997) desenvolve pesquisas nessa área constituindo-se na última etapa do PSAU-UHE Itá.

Através de todas essas etapas, foram levantados, 310 sítios arqueológicos (conforme Anexo 01 e 02 e Mapa Apêndice 04), destes 227 em Santa Catarina e 79 no Rio Grande do Sul, nos municípios de: Itá, Concórdia, Ipira, Piratuba, Anita Garibaldi, Palmitos, Caibi, Mondaí, Itapiranga, Chapecó em Santa Catarina; Machadinho, Marcelino Ramos, Aratiba, Severiano de Almeida, Mariano Moro no Rio Grande do Sul. Sendo inventariados 56.784 objetos líticos, 135.488 fragmentos cerâmicos e 68 vasilhas (algumas inteiras), 844 amostras de sedimentos (areia, argila e carvão), 317 amostras de material ósseo, 26 amostras de material conchífero (GOULART, Vol I, p. 1995). O material arqueológico foi classificado como pertencente às tradições pré-cerâmicas, Umbú e Humaitá, e às tradições cerâmicas, Taquara e Tupiguarani. Os dados foram organizados no “Inventário do Material Arqueológico”, produzido em 1995, sendo estruturado em volumes e subdivididos por tomos, na tabela 02 abaixo a relação:

---

<sup>27</sup> Contrato número 8360, celebrado entre URI-Campus de Erechim e Gerasul, em 04 de junho de 2001.

Tabela 2: Relação dos Volumes e Tomos do Inventário do Material Arqueológico produzido em 1995

TIPO	VOLUMES	TOMOS
Cadastro dos Sítios Arqueológicos e Inventário do material arqueológico	Introdução	
Cadastro dos Sítios Arqueológicos	Volume I	Tomo I - Sítios 001-085 Tomo II – Sítios 086-224 Tomo III – Sítios 225-310
Inventário do Material Lítico	Volume II	Tomo I – 0001-11280 Tomo II – 11281-22920 Tomo III – 22921-34620 Tomo IV – 34621-46320 Tomo V – 46321-56784
Inventário do Material Cerâmico	Volume III	Tomo I – 0001-12300 Tomo II – 12301-24900 Tomo III – 24901-37500 Tomo IV – 37501-50100 Tomo V – 50101-62700 Tomo VI – 62701-75300 Tomo VII – 75301-87900 Tomo VIII – 97901-100500 Tomo IX – 100501-113100 Tomo X – 113101-125640 Tomo XI – 125641-135556
Inventário do Material Sedimentológico, Ósseo e Conchífero	Volume IV	Sedimentológico – 001-844 Ósseo – 001-317 Conchífero – 001-026

Fonte: Elaborada pela autora com base em Goulart (1995).

No Núcleo Regional de Arqueologia da URI/ Campus de Erechim (figura 02), podemos encontrar juntamente com a coleção arqueológica, o Inventário geral do material arqueológico do PSAU (1995), o Relatório Final PSAU-UHE Itá (1997), além de alguns croquis dos sítios escavados. A coleção não dispõe do material fotográfico e da grande maioria dos relatórios parciais produzidos ao término das várias etapas de 1980, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, entre outros, como ressaltamos na introdução, tentamos reuni-los para este trabalho, mas eles não foram encontrados. Acreditamos ser fundamental reunir a documentação para que a coleção fique preservada em sua íntegra. Caso contrário, se perdem muitos dados importantes, especialmente das atividades de campo, prejudicando novas pesquisas que poderão ser desenvolvidas a partir desse material.



Figura 2: Laboratório de Arqueologia na URI-Campus de Erechim.

Foto: Lucas Franceschi.

Através do PSAU foi possível valorizar e socializar o conhecimento sobre o patrimônio arqueológico do alto Uruguai, através da recuperação de um grande acervo de cultura material das sociedades pré-coloniais que viveram no alto Uruguai, especialmente dos grupos ceramistas. Durante seu desenvolvimento, possibilitou o envolvimento de muitas instituições, bem como de profissionais de diversas áreas do conhecimento. O projeto de repatriamento, por sua vez, permitiu outros desdobramentos, como: novos e acalorados debates sobre gestão de coleções

arqueológicas, a partir do Curso de Especialização “Latu Sensu” Processos Interdisciplinares em Arqueologia<sup>28</sup>. O acervo também fomentou a criação de dois Núcleos Regionais de Arqueologia: o Núcleo de Estudos Etnológicos e Arqueológicos – NEEA/CEOM/UNOCHAPECÓ e o Núcleo Regional de Arqueologia na URI/Campus de Erechim. Outra forma de divulgação do acervo, foi através de uma exposição permanente elaborada com peças arqueológicas provenientes do PSAU, apresentada no Centro de Divulgação Ambiental – CDA da Usina Hidrelétrica de Itá. Além disso, o “Acervo Marilandi Goulart” poderá fomentar muitos outros trabalhos a partir de novos problemas, desde que a coleção documental seja reunida e que o acervo de cultura material passe por um novo trabalho de curadoria.

Sabemos que não conseguimos recuperar o histórico do PSAU em sua totalidade e que, talvez por esse motivo, tenhamos dificuldade de interpretar dados. A própria estruturação e recorte de informações nos relatórios deixam muitas dúvidas. As opções metodológicas nem sempre são claras. Por isso, os relatórios bem como o estudo do material arqueológico recuperado, serão analisados com prudência e olhar crítico, uma vez que os documentos muitas vezes expressam o que seus produtores percebem, realidades já interpretadas e subjetivas, como nota Le Goff: “O documento não é inocente (...), ele próprio parcialmente decorre de sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer a verdade (LE GOFF, 1998, p. 54)”.

## **2.2 A arqueóloga: Marilandi Goulart e a escola francesa**

Falar sobre a arqueóloga Marilandi Goulart não tem como objetivo principal uma biografia, até porque os dados disponíveis são insuficientes, porém é impossível não falar sobre ela, uma vez que sempre esteve à frente da coordenação do PSAU e do PSAU-UHE Itá

---

<sup>28</sup> Realizado na URI/Campus de Erechim, com uma primeira edição desenvolvida, entre 2001 e 2003; no momento o curso está na sua terceira edição. Mesmo que, a especialização tenha sido criada em decorrência do Acervo Marilandi Goulart, até onde sabemos, a partir dele foram produzidos apenas trabalhos monográficos que objetivaram propostas educativas.

imprimindo sua marca pessoal ao projeto. Não há como analisar os dados e a trajetória do projeto, como fatores isolados da coordenadora. Os dados sobre ela são extraídos de duas entrevistas, uma realizada com o sobrinho Paulo Goulart, que acompanhou as atividades a partir de 1986, quando inicia o PSAU-UHE Itá, até o final em 1997, participando inclusive do repatriamento do acervo para Erechim/RS, e outra entrevista realizada com Anamaria Beck, que foi primeiro orientadora e depois colega de trabalho na UFSC.

Marilandi Goulart é filha caçula de uma família muito grande, natural de Florianópolis/SC. Sua trajetória acadêmica pode ser visualizada através de Beck:

Marilandi fez História e depois estagiou aqui no Museu sob minha orientação, nós reproduzimos um pouco o esquema que o Museu Nacional nos ofereceu à época. Ela foi pra USP fazer mestrado, ficou sob orientação da professora Luciana Pallestrini<sup>29</sup>, e quando terminou os créditos de mestrado, prestou um exame para doutorado, ela foi aprovada com nota máxima e não precisou apresentar a tese de mestrado e foi direto para o doutorado, completou os créditos e fez a tese de doutoramento. (...) também com a Pallestrini, ela fez datação cerâmica se não me engano (...)<sup>30</sup>.

Sob a orientação de Luciana Pallestrini na Universidade de São Paulo, Marilandi fez sua pesquisa de doutorado sobre o Projeto Paranapanema<sup>31</sup>. A tese foi concluída em 1982, com o título *Novas perspectivas de análise cerâmica em pré-história brasileira*. A Escola Francesa que norteou teoricamente o Projeto Paranapanema, desenvolveu-se no período Entre-Guerras. Nessa época, a pesquisa de campo em pré-história ganhou uma nova dimensão na França, com as inovações propostas por André Leroi-Gourhan que começou a escavar em áreas semi-fechadas (grutas) e abertas (sítios a céu aberto), em amplas superfícies a partir de método topográfico (ao nível tridimensional) com o desenvolvimento de ataques verticais, na execução de perfis (para a detecção da estratigrafia do sítio). Na execução de trincheiras (para detectar os mais diversos tipos de vestígios como fogueiras, sepultamentos, etc.) e de ataques horizontais em áreas férteis do ponto de vista de concentração de cultura material detectadas verticalmente, com a realização

---

<sup>29</sup> Luciana Pallestrini foi para a França juntamente com Niéde Guidon, no início dos anos 1960, para se doutorar em Pré-História Brasileira, como discípulas de Annette Laming-Emperaire e de André Leroi-Gourhan. No Brasil, Pallestrini esteve à frente do Museu Paulista/USP formou várias gerações de arqueólogos, dentre eles citamos José Luiz de Moraes e Marilandi Goulart (ALVES, 2002, p. 19).

<sup>30</sup> Entrevista realizada com Anamaria Beck, por Mirian Carbonera, agosto de 2006.

<sup>31</sup> O *Projeto Paranapanema* foi iniciado em 1968, por Luciana Pallestrini, usando as técnicas de escavação de A. Leroi-Gourhan, com o objetivo de ter ampla visão dos vestígios arqueológicos distribuídos ao longo do rio Paranapanema e seus afluentes no Estado de São Paulo, de forma a reconstituir a trama de sua união, obtendo-se assim uma visão do conjunto para entender o panorama pré-histórico da região (PALLESTRINI, 1976, p. 113).

de decapagens por níveis naturais (GOURHAN apud ALVES, 2002, p. 11). Notadamente, após sair da USP, Marilandi segue os preceitos da Escola Francesa, como podemos perceber através da passagem a seguir:

A visão global das estruturas arqueológicas dos sítios escavados, decorre da aplicação do método de superfícies amplas, através da técnica de decapagem. Essas estruturas mostraram-se ricas em material lítico e cerâmico, dispostas no interior das manchas de terra preta. As decapagens horizontais, nas manchas, evidenciaram concentrações de fogueiras, fragmentos cerâmicos associados às fogueiras, núcleos de carvão com lascas e concentrações de carvão, que testemunham o cotidiano do grupo que habitou as cabanas (GOULART, Vol I, 1997, p. 93).

Segundo Anamaria Beck, o período em que ela retorna do doutorado, foi quando a ELETROSUL convidou a UFSC para fazer um trabalho na região a ser atingida pelas barragens do rio Uruguai, que abrangia estudos tanto na área social, indígena<sup>32</sup> e arqueológica. Como destaca Beck, “aí nós conseguimos em função desse projeto, que era muito amplo, que a reitoria abrisse um concurso na área de Antropologia, Marilandi fez esse concurso, foi aprovada, e aí foi integrada (...), isso deve ter sido em 1977 ou 1978”<sup>33</sup>. Professora do Departamento de Ciências Sociais, Marilandi ministrava disciplinas de Antropologia e Arqueologia em cursos de graduação e pós-graduação.

Marilandi Goulart coordenou o PSAU em todas as suas etapas, desde o final dos anos 1970 até seu falecimento no fim da década de 1990. Segundo Paulo Goulart, ela fazia questão de cuidar de quase todas as atividades, acompanhava todas as idas a campo, as funções administrativas e as atividades de laboratório. Ela contou também com a ajuda de assessores. Destacamos a participação de Anamaria Beck, que auxiliou na redação dos textos para os relatórios, na classificação de material, mas nunca foi a campo; José Luiz de Moraes da USP, segundo Paulo Goulart “ajudou no treinamento, definiu estratégias de como o material devia ser abordado, por ele ter desenvolvido um sistema de classificação do material lítico”<sup>34</sup>, e José Justiniano Proença Brochado, para Beck “ele veio para fazer análise das formas cerâmicas, era a grande especialidade dele, como era muito material, ele veio e ficou uma boa temporada”<sup>35</sup>.

---

<sup>32</sup> Como por exemplo, podemos citar o relatório publicado sobre a questão indígena: SANTOS, Silvio Coelho. **Projeto Uruguai: os barramentos e os índios**. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1978.

<sup>33</sup> Entrevista realizada com Anamaria Beck, por Mirian Carbonera, agosto de 2006.

<sup>34</sup> Entrevista realizada com Paulo Goulart, por Mirian Carbonera, agosto de 2006.

<sup>35</sup> Entrevista realizada com Anamaria Beck, por Mirian Carbonera, agosto de 2006.

A equipe de trabalho que a acompanhou era composta pelos profissionais já citados em outros momentos, mas também por alguns familiares, dentre eles podemos citar: Helena Goulart (irmã), auxiliar administrativa; Paulo Goulart (sobrinho) fez trabalhos de campo e laboratório; Ricardo Goulart Neto (filho), auxiliar de pesquisa. Na opinião de Beck:

(...) a equipe variou muito, (...), Marilandi tinha uma exigência de padrão de qualidade muito alto e, nem todas as pessoas conseguiam se adaptar ao trabalho, tanto de campo, como no laboratório e na redação dos relatórios (...), e conseqüentemente a equipe acabava mudando muito, porque ela era uma pessoa extremamente exigente, ela punha praticamente o trabalho acima de qualquer coisa, inclusive do filho, e as pessoas as vezes não conseguiam se adaptar a esse padrão de exigência.

Com isso, fica evidente que boa parte das questões relativas ao projeto estavam centralizadas em Marilandi Goulart e que seus familiares tiveram participação por longo tempo, ficando explícito na fala de Paulo Goulart: “ahh não! eu sou sobrinho dela, quando vim para cá eles me contrataram como bolsista, o professor José Luiz de Moraes sempre enfatizou muito o nepotismo..., ela era uma pessoa assim um pouco reservada, ela gostava de pessoas confiáveis, de confiança”<sup>36</sup>. Isso fica bem visível nas últimas etapas, quando as atividades estão sendo executadas pela UNIVALI, onde podemos encontrar muitos ofícios solicitando pagamento em nome de: Marilandi Goulart, Helena Dores Goulart, Ricardo Goulart Neto<sup>37</sup>.

Em 1995 Marilandi já aposentada da UFSC, passa a prestar serviços a UNIVALI, quando esta Universidade ganha a Tomada de Preços 20145037, lançada pela ELETROSUL<sup>38</sup>. Além das atividades de pesquisa arqueológica, Marilandi Goulart passou a ministrar aulas na Pós-Graduação do Curso de Hotelaria e Turismo, no Campus de Balneário Camburiú. Paralelo a isso, também planejava criar um Laboratório de Arqueologia, como conta Paulo Goulart: “ela começa a dar aulas na pós-graduação da UNIVALI e aí, iam montar um laboratório lá, (...) ela era contratada pela pós-graduação de Turismo e Hotelaria, se eu não me engano (...)”<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Entrevista realizada com Paulo Goulart, por Mirian Carbonera, em agosto de 2006).

<sup>37</sup> Ofício número 066/ProPPEX/95, 17 de março de 1995. Nesse período Marilandi Goulart esteve vinculada diretamente à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da UNIVALI. A documentação pesquisada está no Arquivo Permanente da UNIVALI - Campus de Itajaí.

<sup>38</sup> Através de Ofício da UNIVALI encaminhado à ELETROSUL, com data de 06 de outubro de 1994, a Universidade de Itajaí aponta irregularidades nos outros proponentes (Engevix-Engenharia SC Ltda; FAPEU-Fundação de Amparo a Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina; Estrutura Engenharia Ltda) que haviam enviado propostas para concorrer ao Edital de Tomada de Preços 20145037, que previa a contratação de uma instituição para desempenhar novas atividades na área atingida pela Barragem de Itá.

<sup>39</sup> Entrevista realizada com Paulo Goulart, por Mirian Carbonera, agosto de 2006.

Aproximadamente em 1996, Marilandi desenvolveu câncer. Anamaria Beck relata que, “Marilandi faleceu com câncer, com mais ou menos, 50 ou 52 anos de idade(...). Eu estava discutindo o texto sobre Jê com ela, quando ela me disse que fez cirurgia de câncer, aí levei um susto, eu acho que uns dois anos depois ela veio a falecer”<sup>40</sup>.

Os dados disponíveis nos permitem dizer que o PSAU e o PSAU-UHE Itá foram sem dúvida os maiores projetos desenvolvidos por Marilandi Goulart. As pesquisas arqueológicas iniciaram por demanda da ELETROSUL, mas em suas etapas finais parece que era Marilandi quem buscava fomentar novos contratos, a fim de garantir a seqüência das atividades, tanto novas etapas de pesquisa de campo, como garantir a seqüência nos trabalhos de laboratório. Também é possível perceber que as atividades teriam continuidade, não fosse a doença e o posterior falecimento. Em sua trajetória acadêmica, não temos conhecimento de que tenha publicado artigos ou livros sobre o PSAU e o PSAU-UHE Itá.

Conforme os depoimentos, podemos dizer que Marilandi tinha uma personalidade forte, extremamente dedicada ao trabalho, embora centralizasse em suas mãos tudo o que se referisse ao PSAU. Isso fica evidente especialmente, após sua aposentadoria na UFSC. A saída desta instituição teria como consequência a retirada do acervo que, posteriormente iria para Itajaí, ou seja, o acervo iria estar onde ela estivesse. Podemos observar como o acervo resultante desse projeto, ficou submetido a uma cultura personalista e despótica aonde dificilmente percebemos a ação do estado. Na entrevista Anamaria Beck diz que, a “equipe variou muito”, pois devido à personalidade forte de Marilandi Goulart, era difícil manter uma equipe fixa.

### **2.3 A arqueologia no meio empresarial: conceitos e desafios**

O início do PSAU, na década de 1980, marca o início das pesquisas arqueológicas de contrato no alto Uruguai. Este projeto não pode ser entendido isoladamente, mas precisa ser visto a partir do contexto nacional, especialmente a partir de 1988, quando houve a ampliação do

---

<sup>40</sup> Entrevista realizada com Anamaria Beck, por Mirian Carbonera, agosto de 2006.

conceito de meio ambiente, que incorporou o licenciamento ambiental e a proteção do patrimônio arqueológico em obras de grande impacto ambiental.

No século XX, o Brasil teve o que se pode chamar de salto para o “progresso”. O capital privado e a crença no livre mercado, expandiram-se a todas as regiões, através das frentes extrativista, pastoril e agrícola, crescimento das indústrias e das cidades. Esse crescimento rápido e desenfreado, não poupou o meio ambiente, modos de vida tradicionais, bens materiais e imateriais. Nesse contexto, a arqueologia passa a contribuir com estudos nas áreas onde serão implantados empreendimentos desenvolvimentistas, que necessitam de licenciamento ambiental, tais como: processos de urbanização, industrialização, mecanização agrícola, investimentos em infra-estrutura (MONTICELLI, 2005).

Meighan apud Caldarelli & Santos (1999-2000) definem que, o termo arqueologia de contrato foi introduzido como decorrência do surgimento de um mercado de trabalho que pressupunha para o arqueólogo, como já ocorria com outras profissões, a existência de padrões ou de clientes. Um serviço arqueológico determinado é realizado por uma remuneração negociada entre as partes. Ele envolve a localização, avaliação e estudo dos bens arqueológicos numa área determinada, para a qual, em geral existe um projeto de engenharia civil que provocará alterações no uso do solo (CALDARELLI; SANTOS, 1999-2000, p. 53).

Segundo as autoras, a arqueologia de contrato no Brasil teve suas origens na arqueologia de salvamento, com a assinatura da Lei 3.924/61. Os primeiros trabalhos foram realizados entre o final da década de 1960 e meados da década de 1970, sem nenhum subsídio financeiro por parte dos responsáveis. Em Santa Catarina, destacamos nesse período o trabalho de João Alfredo Rohr, que atuou ativamente para impedir a destruição de importantes sítios pré-históricos. Percebemos os resultados dessas ações em prol do patrimônio arqueológico no setor elétrico, que incluiu em suas diretrizes que os sítios arqueológicos existentes nas áreas de inundação de seus empreendimentos fossem objeto de salvamento antes do enchimento dos reservatórios.

As primeiras leis criadas previam a proteção do patrimônio, como o Decreto-Lei número 25, de 1937 se restringindo a bens tombados pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/SPHAN. Ele é ampliado para os monumentos arqueológicos e pré-históricos, na lei federal 3.924 de 1961. A arqueologia de contrato ou empresarial, desenvolveu-se vinculada à avaliação ambiental (introduzida no Brasil com a Lei 6.938, de 31/08/1981) de projetos de engenharia civil. Mas, somente com a Resolução do Conama, de 23/02/1986 é que se efetiva a

Avaliação de Impacto Ambiental e se prevê a participação do arqueólogo em projetos de avaliação, mais especificamente na elaboração de EIAs/RIMAS, regularizando e fazendo crescer a arqueologia de contrato (CALDARELLI; SANTOS, 1999-2000, p. 55).

Para as autoras, os primeiros levantamentos arqueológicos desenvolvidos no Brasil com pesquisas arqueológicas contratadas, seguiram a mesma direção do PRONAPA, na busca de evidências de mudança cultural, utilizando estratégias oportunistas para a detecção de sítios. Quanto à recuperação do sítio, inicialmente era feita sua delimitação na superfície, em seguida coletava-se totalmente o material dos que apresentassem baixa densidade ou de áreas selecionadas, no caso de sítios com alta densidade de vestígios superficiais. Essas foram abordagens utilizadas em projetos hidrelétricos, como Sobradinho, Bahia, realizado por Valentin Calderón; Ilha Solteira, São Paulo, realizado por Silvia Maranca; Itaipu, Paraná realizado por Igor Chmyz e Tucuruí, Pará, realizado por Araújo Costa. Entre o final da década de 1970 e a primeira década de 1980, começaram a ser aplicados procedimentos complementares à abordagem tradicional, especialmente devido à preocupação com contextos regionais, compreensão de processos culturais, de sistemas de sítios, de padrões de assentamento, sugerindo a utilização de técnicas de amostragem. A arqueologia de contrato pode ser exercida por universidades ou museus contratados, ou por arqueólogos independentes, que desempenham suas funções como autônomos ou como pequenos empresários (CALDARELLI; SANTOS, 1999-2000, p. 55-60).

Nos anos 1990, a arqueologia contratual cresceu rapidamente, apesar de ser alvo de muitas críticas, tornou-se um campo de possibilidades (profissional) para outros. As críticas se devem ao fato de que, na maioria das vezes o arqueólogo precisa entrar na lógica capitalista, pensando apenas no menor preço para ganhar a concorrência, deixando de lado ou agilizando etapas de pesquisa para liberar a área, esquecendo que isso é mais que uma obrigação legal, é uma atitude ética do arqueólogo com seu objeto de estudo. Por outro lado, a pesquisa contratual aparece como uma oportunidade de trabalho para muitos arqueólogos profissionais e estudantes. Ainda hoje no Brasil a ciência arqueológica é restrita a alguns poucos museus ou universidades, que empregam um número pequeno de profissionais. Pensando nessas questões e em outros desafios impostos à arqueologia, no ano 2000, a Sociedade de Arqueologia Brasileira promoveu o Simpósio “A Arqueologia no Meio Empresarial”, no qual foram debatidas questões “espinhosas e

polêmicas” como colocou Tânia Andrade Lima, quando expôs alguns itens que seriam debatidos, sendo eles:

(...) o papel das universidades públicas na arqueologia de contrato; as condutas éticas e responsabilidades na arqueologia a serviço de empresas; a situação dos licenciamentos ambientais, diante das dificuldades do IPHAN; o novo cenário criado pelo surgimento e afirmação de profissionais autônomos, não vinculados a universidades, precisando atuar segundo regras de mercado que não coincidem necessariamente com as prioridades, critérios, e valores acadêmicos; as especificidades da arqueologia no meio urbano (LIMA, 2000, p. 08).

A entrada da arqueologia contratual no novo milênio, ainda apresenta muitas deficiências apresentadas e debatidas no Simpósio ocorrido em 2000. Salvo algumas pequenas mudanças na legislação, são muitas as dificuldades frente às pesquisas desenvolvidas em decorrência dos licenciamentos ambientais, agravadas pela falta de ética de alguns arqueólogos. Recentemente Monticelli (2005), fez uma análise crítica sobre arqueologia em obras de engenharia no Brasil, trazendo mais questionamentos, especialmente quanto à atuação dos arqueólogos:

Estamos cumprindo nossa tarefa? Ou estamos produzindo conhecimento sobre apenas uma ínfima parte dos sítios arqueológicos e suas evidências que conseguimos resgatar? Os relatórios que produzimos, muitas vezes inacessíveis, já que de divulgação restrita, não têm servido apenas às empresas contratantes como prova aos órgãos ambientais de que os estudos foram feitos, atendendo às normas legais? (MONTICELLI, 2005, p. 337).

Na opinião da autora, essas questões são espinhosas, mas necessárias, uma vez que permitem uma reflexão sobre as dificuldades com que se depara a arqueologia empresarial no Brasil. Se mesmo após 20 anos de vigência da Resolução do CONAMA, são identificados problemas nos trabalhos de arqueologia em obras de engenharia, muito provavelmente projetos iniciados antes disso, como é o caso do PSAU, foram desenvolvidos com pouco acompanhamento do estado, sem muita regulamentação e normatização para as atividades de campo e laboratório, deixando o arqueólogo responsável com “menos obrigações”, perante o governo e a comunidade.

Mesmo que através desses projetos de arqueologia empresarial, se recuperem uma ínfima parte dos sítios, estes tem gerado grandes acervos arqueológicas, mas a pergunta é, quantos desses poderão ser utilizados para novas pesquisas? Uma vez que os dados às vezes confusos e incompletos dificultam novas análises. Se não houver cuidado, são grandes as possibilidades de

ocorrer erros durante as atividades de campo, e mesmo durante o trabalho de curadoria feito em laboratório, um exemplo disso, pode ser a mistura de peças de níveis estratigráficos diferentes, que haviam sido produzidos por grupos distintos. Um exemplo típico é o Acervo Marilandi Goulart, pois identificamos diversos problemas, como: falta de datações absolutas; de relatórios; do acervo fotográfico; acondicionamento inadequado do material (este fator praticamente inviabiliza novas pesquisas, se não houver um novo trabalho de curadoria).

De maneira geral, podemos dizer também que, devido à pontualidade nos contratos falta continuidade nas pesquisas e de relação com a comunidade. A difusão do conhecimento a população local, acontece principalmente através de atividades de educação patrimonial. Esta por sua vez, passa a ser regularizada somente, a partir da portaria do IPHAN número 230/2002 que, regulamentou e normatizou os procedimentos arqueológicos necessários e obrigatórios para a obtenção das licenças ambientais, especialmente no tocante as atividades de educação patrimonial<sup>41</sup>.

## **2.4 O que tanto se ouviu dizer, concretizou-se... a construção da Usina Hidrelétrica de Itá**

Dos estudos de aproveitamento energético na bacia do rio Uruguai, realizados na década de 1960, a primeira barragem a ser construída, como de fato aconteceu, seria a de Itá/SC. A implantação da Usina Hidrelétrica de Itá trouxe grandes impactos em termos regionais, especialmente para o meio natural e social. Em termos de território envolveu muitos municípios, inclusive com o realocamento de uma cidade inteira, como foi o caso de Itá. O empreendimento alterou de forma drástica tanto o meio natural como o social de cidades, comunidades, paisagens, histórias, vestígios... muitos deixaram de existir e passaram simplesmente a fazer parte da memória das pessoas que ali viveram por muitas décadas. Foram anos de estudos, comentários, manifestações, promessas, até que finalmente na década de 1980 os trabalhos iniciaram e a obra

---

<sup>41</sup> Nos últimos anos, nota-se um crescimento dessas ações porém, por outro lado, observamos que elas podem ser passíveis de questionamentos, uma vez que, muitas atividades são pontuais, sem caráter contínuo e baseiam-se muitas vezes, na produção e distribuição de folders e na realização de algumas palestras em escolas, sem maiores aprofundamentos acerca dos pressupostos teóricos/metodológicos que norteiam tais projetos.

da qual tanto se ouviu falar, foi concretizada a partir do ano 2001. Na figura 03 abaixo, pode-se visualizar o empreendimento:



Figura 3: Vista panorâmica da UHE Itá.

Fonte: Usina Lagoazul Consultoria.

A Usina Hidrelétrica Itá atingiu em Santa Catarina seis municípios: Itá, Concórdia, Alto Bela Vista<sup>42</sup>, Peritiba, Ipira e Piratuba e mais quatro municípios no Rio Grande Sul: Aratiba, Mariano Moro, Severiano de Almeida e Marcelino Ramos. A área escolhida para a construção da UHE Itá fica entre os municípios de Itá (SC) e Aratiba (RS), justamente na extensa curva denominada Volta do Uvá. O lago atingiu um nível de 370m e uma área total de 141 Km<sup>2</sup>.

Patrimônios naturais, como o Estreito Augusto César<sup>43</sup>, submergiram com a construção da UHE Itá e também outros patrimônios culturais, como é o caso do patrimônio arqueológico, estes serão conhecidos somente a partir dos relatórios de pesquisa e dos remanescentes materiais recuperados com os trabalhos efetuados na região em questão.

---

<sup>42</sup> O município de Alto Bela Vista, foi criado somente no ano de 1995, quando desmembrou-se de Concórdia, portanto, nos relatórios do PSAU-UHE Itá, aparece apenas o nome de cinco municípios catarinenses atingidos pela UHE Itá e não seis.

<sup>43</sup> O Estreito Augusto César ou simplesmente Estreito do Uruguai, era um *canion* com 8900 metros de extensão, onde o rio Uruguai que chega a ter mais de 1 km de largura em alguns pontos, estreitava-se para poucos metros de largura e, em um certo ponto - com apenas 60 cm - permitia que se colocasse um pé em cada lado do rio.

A produção de eletricidade está relacionada a um modo de vida caracterizado pelas conveniências da modernidade, baseadas na lógica capitalista do consumo de produtos industrializados e na urbanização. Souza (2003, p. 136) observa que, com o argumento de crescimento global da economia regional e nacional, como decorrência temos o aumento na oferta de energia gerada pelas usinas hidrelétricas, portanto, todos os danos estariam justificados. Contudo, essa lógica é criada para camuflar interesses privados na obtenção de lucros, políticos e financeiros gerados com a construção de hidrelétricas.

As notícias de construção das barragens, gerou um clima de insegurança em torno dos atingidos, diante da possibilidade de concretização dos barramentos e, por consequência, da inundação de suas terras, casas e modos de vida. Dessa forma, o município de Itá, também foi palco de lutas das pessoas que tentavam resistir em meio à imposição da autoridade do Estado e do Capital (OLIVEIRA; ORO, 2002, p. 253)<sup>44</sup>.

#### *2.4.1 A pesquisa arqueológica desenvolvida na área impactada pela construção da Usina Hidrelétrica de Itá*

Com este texto procuramos facilitar o entendimento do processo de desenvolvimento do PSAU-UHE Itá. Gostaríamos de ressaltar que, os trabalhos de pesquisa arqueológica ocorridos na área da UHE Itá, estão intrinsecamente ligados às etapas anteriores do PSAU, embora nesse momento, temos um detalhamento maior da área em estudo, tanto nas atividades de campo como nas de laboratório. Como já mencionamos anteriormente, os primeiros levantamentos e prospecções de sítios arqueológicos localizados na área de inundação da UHE Itá, aconteceram no mesmo período que as pesquisas realizadas na área da UHE Machadinho- SC/RS, estas foram desenvolvidas nos meses de março a maio de 1980, marcando assim, o início da primeira etapa do PSAU e PSAU-UHE Itá (GOULART, Vol I, 1997, p. 85).

---

<sup>44</sup> A população teve ajuda da Igreja Católica (Diocese de Chapecó); da CPT (Comissão Pastoral da Terra); sindicatos; CRAB (Comissão Regional dos Atingidos por Barragens) até o surgimento do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens).

Das barragens previstas, a UHE Itá foi a primeira a ser construída, por isso no ano de 1986, as atividades de pesquisa arqueológica na área impactada foram retomadas. A área a ser atingida por este empreendimento foi dividida em quatro trechos a serem sucessivamente estudados. Foram definidos de acordo com a concentração de sítios, sendo que: a Área I, compreende basicamente os sítios localizados na área de descaracterização máxima do relevo, atingidos pelo canteiro de obras, construção de estradas, etc; as Áreas II, III e IV, continham sítios que seriam impactados pelas cotas de desvio do rio e enchimento do reservatório<sup>45</sup>.

As escavações aconteceram em etapas distintas, de acordo com os trabalhos prioritários de implantação da barragem, sendo que a prioridade foi a Área I, no local do canteiro de obras da barragem. A etapa de campo foi iniciada em agosto 1986, na Volta do Uv, na margem esquerda do rio Uruguai. No município de Aratiba/RS, foram escavados os seguintes sítios: 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261 (GOULART, 1988<sup>a</sup>, p. 31 e Vol I, 1997, p. 97). Os resultados dessa etapa foram apresentados em relatório parcial, publicado ainda em 1986, o qual não conseguimos localizar.

As atividades de campo tiveram continuidade, em janeiro e fevereiro de 1987, em outra etapa de escavaes em sítios arqueológicos localizados na margem direita do rio Uruguai, na Volta do Uv, município de It/SC (GOULART, Vol I, 1997, p. 96). A ocorrência de sítios semi-intactos implicou num trabalho bem mais lento de escavao, compreendendo os seguintes sítios: 009, 010, 011 e 013, que evidenciaram restos de habitao com fogueiras internas, áreas de pisoteamento, de lascamento e de confeco da cerâmica. De agosto a dezembro, teve continuidade a escavao dos sítios 011 e 013, sendo escavado também o sítio 037. Os sítios 009 e 010 localizavam-se na cota de inundao da barragem, o primeiro foi escavado parcialmente, somente nas manchas de terra preta, pois estava praticamente destruído. O sítio 011 foi escavado porque seria atingido pela construo de uma estrada, que daria acesso à ponte sobre o rio Uv e também, por apresentar bom estado de conservao. O sítio 013 também apresentou-se em bom estado de conservao, além de ter indicado dois níveis de ocupao: o pr-cerâmico e o cerâmico. O sítio 037, seria atingido pelas obras de asfaltamento da nova cidade de It e por isso, foi totalmente escavado (GOULART, 1988<sup>b</sup>, p. 18). Os sítios 010, 011, 013, além de

---

<sup>45</sup> Em Goulart (1997), podem ser encontrados os mapas que exemplificam a situao.

apresentarem bom estado de conservação, são importantes, pois apresentaram cerâmica de duas tradições distintas, Tupiguarani e Taquara (ibidem, p. 11).

Outras etapas de campo devem ter ocorrido e outros sítios escavados, uma vez que, as escavações na área do canteiro da UHE Itá são encerradas em 1989, mas devido à falta dos relatórios, não é possível saber quantas etapas e quais são os outros sítios escavados. A partir das informações obtidas com os relatórios, possivelmente, a última etapa de campo ocorreu em janeiro e fevereiro de 1996 e foi desenvolvida através da UNIVALI. Nesse período, foi reavaliado o estado de conservação dos 167 assentamentos humanos localizados nas cotas de desvio do rio Uruguai e de enchimento do reservatório, constatando-se o estado generalizado de destruição dessas unidades ocupacionais (GOULART, Vol I, 1997, p. 99). Os estudos foram direcionados aos 85 sítios situados na cota de desvio do rio Uruguai (340m) e aos 68 sítios localizados na área de enchimento do reservatório (370m), totalizando 153 sítios arqueológicos. Além destes, acrescentaram-se mais 13 sítios localizados na faixa de preservação, até a cota de 400m (GOULART, 1994, p. 05). Como não encontramos nos relatórios indicação de escavações nos sítios dessa área, acreditamos que para esses sítios, tenham sido feitas apenas coletas superficiais, porém, não é possível saber se foram realizadas em 1996, ou anteriormente.

Paralelo ao trabalho de campo, ocorriam também as atividades de laboratório, com a produção do inventário, análise do material cerâmico (classificação morfológica, modal e tipológica), a análise tecno-tipológica do material lítico, além da redação dos relatórios (GOULART, 1994, p. 26). Como vimos, todo o material arqueológico proveniente do PSAU-UHE Itá, encontra-se sob guarda da URI-Campus de Erechim, juntamente com a coleção completa do Relatório Final, de 1997. Este também foi disponibilizado em Cd, sendo composto por cinco volumes, assim estruturados:

a) Volume I - Introdução: contextualiza a área de abrangência da pesquisa, formulando uma síntese das sucessivas ocupações humanas e sua relação com o processo mais amplo de ocupação da América.

b) Volume II - Ambiente: complementado por IV Tomos. Estabelece a relação entre os sítios arqueológicos - os remanescentes neles encontrados - e o meio ambiente, buscando definir os padrões de estabelecimento. Nos quatro tomos, encontra-se a descrição de 167 sítios atingidos pelo desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório.

c) Volume III - Lítico: complementado por III Tomos. Trata sobre a obtenção de matérias-primas para confecção dos instrumentos, a partir do lascamento e polimento da pedra, permite visualizar a relação entre o homem, o meio e o seu grupo social. Nos três tomos, encontramos as fichas de análise tecno-tipológica e o cruzamento das informações em gráficos e tabelas.

d) Volume IV - Cerâmica, complementado por II Tomos. Fala sobre a elaboração da cerâmica entre os grupos pré-históricos, indica também a ampliação de funções e atividades e, principalmente, o aumento de complexidade em várias situações, como nos rituais. Nos dois tomos, encontramos o inventário de 25.865 fragmentos cerâmicos dos sítios atingidos pelo desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório.

e) Volume V - Cadastro dos sítios: apresenta as fichas de cadastro dos 167 sítios arqueológicos atingidos pelo desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório, trazendo informações precisas, especialmente sobre o meio ambiente (BECKER apud GOULART, Vol I, 1997)

## CAPÍTULO 3

### **O ESPAÇO, O HOMEM E O MEIO: OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E SUA INSERÇÃO NO MEIO AMBIENTE NA REGIÃO IMPACTADA PELA UHE ITÁ**

Neste capítulo foram analisados sítios arqueológicos selecionados por amostragem, registrados nos municípios catarinenses de Itá, Concórdia, Ipira e Piratuba, abrangendo aproximadamente uma extensão de 138,5 Km do rio Uruguai. Procuramos mostrar a metodologia empregada por Marilandi Goulart nos trabalhos de campo, como os sítios foram registrados, o estado de conservação, entre outros. Em seguida para esta pesquisa, foram escolhidos oito assentamentos para os quais detalhamos a seqüência de atividades realizadas pela arqueóloga. Destes, quatro estavam localizados no canteiro de obras e foram escavados os sítios: 009, 010, 011 e 013; os outros quatro encontrados na área do reservatório apresentaram-se destruídos, por isso foram descritos por Marilandi Goulart detalhadamente em termos de meio ambiente. Escolhemos os sítios: 103, 104, 108 e 111 (Mapa Apêndice 06). Também buscamos entender a implantação dos sítios no meio ambiente, nesse caso usamos os dados de 93 assentamentos (Mapa Apêndice 05). Os dados selecionados para esta pesquisa encontram-se resumidos em duas tabelas no final deste trabalho Apêndices 01 e 02. Para melhor compreensão elaboramos mapas (Apêndices 03, 04, 05 e 06) que exemplificam a distribuição dos assentamentos e os recortes feitos em nossa análise<sup>46</sup>.

Os dados para este capítulo foram extraídos do PSAU-UHE Itá, basicamente do Volume II, que é formado pelo volume introdutório, onde são apresentados sinteticamente os aspectos ambientais da região atingida. Este volume é complementado por mais quatro tomos, onde os sítios localizados nas cotas de desvio do rio e enchimento do lago estão descritos individualmente, com dados sobre a geologia e a geomorfologia. Também utilizamos dois relatórios publicados em

---

<sup>46</sup> Para elaboração dos mapas, utilizamos as coordenadas geográficas levantadas por Marilandi Goulart, porém observamos que, só existem os pontos de GPS para os sítios localizados na área da UHE Itá; não existem as coordenadas para os demais sítios situados nas outras partes do rio Uruguai e que foram pesquisadas pelo PSAU. Mesmo as localizações encontradas para os sítios da UHE Itá, apresentaram erros de localização. Por exemplo, os sítios 103, 104, 108 e 111, registrados nos municípios de Concórdia e Ipira/SC, através das coordenadas geográficas ficariam localizados no Rio Grande Sul. Por isso, para elaborarmos o Mapa Apêndice 06, fizemos uma aproximação baseada nos mapas produzidos por Goulart (1995).

1987 e outros dois publicados em 1988; estes trazem dados parciais sobre os sítios escavados no canteiro de obras, também denominado de Área I, uma vez que não conseguimos localizar em nenhuma das instituições visitadas, o relatório produzido em 1989<sup>47</sup>, que traz a síntese final das escavações realizadas entre 1986 e 1989.

Os dados contidos nesses relatórios podem ser separados em dois grupos distintos: os sítios da Área I, que foi descaracterizada ao máximo, uma vez que se trata do canteiro de obras e os sítios registrados nas áreas de desvio do rio e de enchimento do reservatório. Nas escavações dos sítios da Área I, especialmente na região conhecida como Volta do Uvá<sup>48</sup>, alguns sítios se apresentaram bem preservados e foram escavados. Através da cultura material recuperada, ao menos dois deles, podem ser considerados sítios “híbridos”<sup>49</sup>, pois apresentaram quantidades proporcionais de fragmentos cerâmicos das tradições, Tupiguarani e Taquara. Esse fato, chama atenção, uma vez que estavam localizados bem próximos ao rio Uruguai, área tradicionalmente ocupada por grupos portadores da tradição Tupiguarani. Por outro lado, nas áreas atingidas pelas cotas de desvio do rio Uruguai e pelo enchimento do reservatório, registraram-se sítios da tradição Tupiguarani, estes não foram considerados híbridos, mas também apresentaram alguns fragmentos cerâmicos classificados como Taquara. Para estes não há nos relatórios, indicação sobre a metodologia empregada na recuperação da cultura material, como estavam em sua maioria destruídos, presumimos que foram realizadas apenas coletas superficiais.

Para entendermos, como estas sociedades ocuparam o alto Uruguai, todos os sítios foram correlacionados com os aspectos relativos ao relevo, vegetação, drenagens, altitudes, distribuição espacial, como forma de entender diversas categorias do sistema social e de abastecimento dos grupos humanos que viveram neste espaço. Outros fatores influenciaram nas mudanças culturais operadas nestas sociedades. O ambiente não é o único determinante das transformações, mas um

---

<sup>47</sup> GOULART, Marilandi et al. **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**: Síntese Arqueológica da UHE Itá. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1989.

<sup>48</sup> A Volta do Uvá é a denominação de uma extensa curva do rio Uruguai, onde desemboca o afluente denominado Rio Uvá, também conhecido como rio Engano conforme a cartografia da região.

<sup>49</sup> Híbridez é uma palavra usada pela antropologia, que juntamente com outras palavras-chave, atravessam o longo do século XX, ligando continentes. Híbridez, colagem, mélange, miscelânea, montagem, sinergia, bricolagem, criolização, mestiçagem, miscigenação, sincretismo, transculturação, terceiras culturas, umas usadas só de passagem, outras são temáticas e regionais, mas na maioria das vezes, parecem referir-se à cultura, a elementos materiais bastante tangíveis. A híbridez juntamente com outras palavras como fluxos, mobilidade, são freqüentes em regiões fronteiriças, e são expressões muito utilizadas para identificar qualidades nas pessoas e em suas produções (HANNERZ, 1997).

elemento que trouxe limitações ou possibilidades diversas, das conhecidas e praticadas culturalmente. O estudo dos sítios relacionados com o meio ambiente, onde as culturas se desenvolveram, pode ser definido como padrão de assentamento, segundo Morais:

A distribuição dos registros arqueológicos em determinada área geográfica, refletindo as relações das comunidades do passado com o meio ambiente e as relações entre elas próprias, no contexto ambiental. Estratégias de subsistência, estruturas políticas e sociais e densidade da população foram alguns dos fatores que influenciaram a distribuição do povoamento, desenhando os padrões de assentamento (MORAIS, 2002, p. 05).

O trabalho de descrição do ambiente e inserção dos sítios, não é prática recente, no caso do PSAU está ligado à concepção teórica e metodológica de Marilandi Goulart. Pallestrini (1975, p. 13) ainda na década de 1960, criou o Projeto Paranapanema, no Estado de São Paulo. Através do qual, buscava identificar espacialmente os achados arqueológicos da tradição Tupiguarani, subtradição Pintada, distribuídos ao longo do rio Paranapanema e seus afluentes que, focalizados numa ampla visão de conjunto proporcionava um melhor entendimento do povoamento pré-histórico da região. Através deste trabalho, também foi uma das pioneiras a privilegiar dados de ordem geoambiental no Brasil. Os estudos realizados propiciaram desdobramentos acadêmicos, entre os quais ressaltamos as de Goulart (1982) e Morais (1980, 1999). Marilandi Goulart, seguiu os passos da orientadora, como pude evidenciar na análise dos dados, em muitos aspectos teórico-metodológicos ao desenvolver o PSAU.

Para o sul do Brasil, podemos destacar o Projeto Candelária, no Vale do rio Pardo no Rio Grande do Sul, realizado por Schmitz e equipe (1990, p. 07). A escavação de grande superfície, neste caso, objetivava entender o funcionamento de uma aldeia da tradição Tupiguarani, classificada como subtradição Corrugada. Um pouco mais tarde Rogge (1996, p. 07), faz uma análise de como as populações portadoras da tradição Tupiguarani se instalam em áreas subtropicais e manipulam determinados recursos no rio Jacuí e em seu maior afluente o rio Pardo.

### 3.1 Aspectos geológicos e geomorfológicos

Na década de 1930, Balduino Rambo faz uma descrição da fisionomia do alto Uruguai. Segundo ele, dois são os fatores que determinam a face da região: a estrutura do solo e a composição da mata virgem (RAMBO, 1935, p. 06). A viagem de Rambo à região foi no período em que os colonizadores europeus e seus descendentes começavam a se estabelecer e o ambiente apresentava-se mais próximo do original, ou pelo menos não estava tão alterado, como se identificou 40 anos depois com a descrição apurada pelo PSAU.

Nas análises geológicas e geomorfológicas<sup>50</sup> da área da UHE Itá, foi usado a seguinte metodologia: 1) identificação e classificação das litologias utilizadas como matéria-prima para a confecção de artefatos líticos e cerâmicos; 2) localização dos principais afloramentos de rochas próximos aos sítios, objetivando associar sua área e modo de ocorrência com o material encontrado; 3) análise das formas de relevo da região e dos sítios, abordando ainda aspectos ligados a declividade do terreno, altitude, morfologia das vertentes e rede de drenagem nas imediações dos sítios; 4) descrição das principais feições geológicas, geomorfológicas e estruturas associadas à compartimentação do relevo; 5) elaboração cartográfica abrangendo a área em estudo, tendo como base cartas topográficas na escala 1:50.000, ortofotocartas na escala 1:10.000 e fotografias aéreas na escala 1:25.000 (GOULART, Vol I, 1997, p. 94-95).

Os dados levantados possibilitaram ampla descrição do processo de formação geológica e geomorfológica regional, no entanto, neste trabalho, serão trazidos para análise apenas alguns elementos que permitam melhor entendimento da geologia da região do alto Uruguai, como se observa esta faz parte da bacia do Paraná, que segundo Goulart:

A Bacia do Paraná é uma bacia intracratônica, preenchida por rochas sedimentares e vulcânicas cuja idade varia entre o Siluriano e o Cretáceo. Abrange uma área de 1.700.000 km<sup>2</sup>, ocupando cerca de 1.100.000 km<sup>2</sup> do território brasileiro, essencialmente sua parte meridional, com uma espessura máxima de rocha em torno de 5.000 metros (GOULART, Vol II, 1997, p. 23).

---

<sup>50</sup> A geologia é a ciência que estuda a estrutura da crosta terrestre, seu modelado externo e as diferentes fases da história física da Terra, estuda a formação das rochas, das montanhas e destruição e modelagem do relevo, entre outros. Já a geomorfologia é a ciência que estuda as formas de relevo, tendo em vista a origem, estrutura, natureza das rochas, o clima da região e as diferentes forças endógenas e exógenas que, de modo geral, entram como fatores construtores e destruidores do relevo terrestre (GUERRA e GUERRA, 1997, p. 296 e 303).

Na área são encontradas rochas aflorantes constituídas, essencialmente, por vulcanitos da Formação Serra Geral, de idade juro-cretácea, dispostos sobre os arenitos da Formação Botucatu, sendo suportados pelas demais unidades sedimentares e paleozóicas da Bacia do Paraná. Na região que envolve a bacia de captação do rio Uruguai, a espessura do pacote vulcânico pode atingir até 700 metros (ibidem, p. 30)<sup>51</sup>.

As feições geomorfológicas são apresentadas, a partir da análise das unidades de relevo, entendendo que o modelado não é só resultado de processos pretéritos, mas principalmente de processos contínuos, em que a evolução pode ocorrer de forma harmoniosa ou desequilibrada, lenta ou acelerada (ibidem, p. 37).

A divisão taxonômica abrange a área estudada na sub-unidade geomorfológica principal que é o Planalto Dissecado rio Iguaçu/rio Uruguai, fazendo parte da unidade geomorfológica denominada Planalto das Araucárias que, por sua vez, pertence à sub-unidade morfoestrutural chamada Zona de Capeamento Basáltico-Arenítico, englobada pela grande unidade morfoestrutural que é a Bacia Sedimentar do Paraná (CNEC apud GOULART, ibidem).

O rio Uruguai principal rede de drenagem da região, é formado pela confluência dos rios Pelotas e Canoas. No trecho brasileiro o rio recebe vários afluentes; na margem direita os principais são: o Chapecó, o Irani, o Peperi-guassú, o Peixe. Às margens do rio Uruguai são encontradas também fontes termais, como é o caso de Ilha Redonda, em Palmitos, Águas de Chapecó e Piratuba.

### **3.2 Relevo, declividade, acessibilidade**

Rambo (1935, p. 12) observa que, um dos pontos que chama atenção na fisionomia do alto Uruguai é a forma dos vales; sua estrutura é determinante para a formação da paisagem, as encostas cercam os vales, com serras que mantêm uma média de 300-330 metros de altura, quase sempre íngremes nos flancos e planas no topo.

---

<sup>51</sup> No mapeamento geológico pode-se notar que a seqüência básica é constituída predominantemente por rochas efusivas, as quais são agrupadas em três grandes grupos: basaltos, andesitos e basaltos com vidro. Associada a esta unidade são ainda encontradas inúmeras intercalações de arenitos interderrames, bem como tipos litológicos subordinados, representados por brechas basálticas e sedimentares (GOULART, Vol II, 1997, p. 30).

A descrição do relevo apresentada por Marilandi Goulart vai ao encontro de Rambo; segundo ela, este encontra-se intensamente cortado por vales e sulcos predominantemente muito encaixados, gerando com isto interflúvios estreitos e alongados, de topos planos ou ligeiramente convexizados. As vertentes, freqüentemente com altas declividades, apresentam-se escalonadas, refletindo fortemente o condicionamento lito-estrutural através de patamares aplanados, que se revelam em função da potência e gradiente dos rios que entalham os vales. Os vales em “V” podem apresentar vertentes com até quatro graus, sendo mais comuns os de dois patamares estruturais. Como o relevo apresenta uma diversidade de formas, verificam-se declividades das vertentes entre 10° a 40° ou mais, segundo Goulart (Vol II, 1997, p. 37), não foi possível a estabelecer um padrão de assentamento em função das declividades.

Com os dados oferecidos por Marilandi Goulart, os 70 sítios selecionados neste trabalho que, estavam localizados nas cotas de desvio do rio e enchimento do reservatório, foi possível estabelecer seis variáveis de acessibilidade a partir do assentamento, estes ficaram assim distribuídos: 40 sítios, correspondem a 57,14%, apresentaram dificuldade de acesso ao topo da elevação; 14 sítios, que perfazem 20%, apresentaram dificuldade de acesso ao rio Uruguai; 8 sítios que equivalem a 11,42% tinham a acessibilidade dificultada tanto para acessar o topo da elevação como o rio Uruguai; outros 6 sítios, que correspondem a 8,6%, demonstraram facilidade para acessar o topo da elevação e o rio Uruguai; mais dois sítios, que perfazem 2,84%, um deles apresentou dificuldade para chegar ao rio do Peixe e o outro facilidade de acesso ao topo e ao rio Rancho Grande.

Os dados revelam que, um maior número de sítios estavam localizados de forma, que as sociedades pré-coloniais que ali viveram, encontrariam dificuldade de deslocamento para alcançar o topo da elevação, evidenciando a preferência em ocupar os terraços próximos ao rio Uruguai. Contudo não conseguimos estabelecer um padrão relativo ao campo de visão, pois este dependia de vários fatores, como o tamanho da drenagem, a declividade, a feição geomorfológica, a vegetação do entorno.

### 3.3 A vegetação e o clima

A tradição Tupiguarani é conhecida pela preferência por florestas tropicais. Lowie apud Brochado (1977, p. 23) observa que a cultura de floresta tropical, engloba além do tronco lingüístico Tupi, o Arawak e o Carib, que possuem quatro características principais: o cultivo de raízes tropicais, principalmente a mandioca amarga; a construção e uso de embarcações, o uso de redes para dormir e a manufatura da cerâmica. Nesse sentido, Brochado (ibidem) diz que este padrão cultural é representativo da adaptação extrema ao ambiente úmido e quente da chuvosa floresta tropical, coincidindo a distribuição dos grupos com a extensão da floresta, e que dificilmente conseguiriam sobreviver fora dela.

Na Bacia do rio Uruguai onde foram registrados os sítios da tradição Tupiguarani, encontramos a Floresta Estacional Decidual (floresta latifoliada)<sup>52</sup> que, segundo Klein apud Goulart (1997, p. 5), ocupa uma área bastante considerável ao longo do alto rio Uruguai e seus afluentes, subindo até altitudes compreendidas entre 500 e 600m. Na altura do rio Peperi-guaçu e do rio das Antas, sua largura, em ambos os lados do rio Uruguai, é de 30 a 40 km. Já a partir, de Caxambu do Sul - Chapecó - Concórdia, até a confluência dos rios Pelotas e Canoas (RS), sua largura diminui progressivamente, a ponto de no rio Pelotas restringir-se a um cordão de apenas 2 a 3 km de largura, na altura do Passo do Socorro (Lages). Sua ramificação se prolonga por todos os vales afluentes do rio Uruguai, até altitudes compreendidas entre 500 e 600m, onde entra em contato com as matas dos pinhais (Floresta Ombrófila Mista).

O clima nessa região é assim descrito: “Na área de sua ocorrência (Floresta Estacional Decidual do Alto Uruguai) é representado por duas épocas distintas: uma de temperaturas quentes, onde se tem até cinco meses em que as médias térmicas compensadas se acham acima dos 20°C; outra de temperaturas baixas, que apresenta dois meses abaixo de 15°C, sendo o mês mais frio o de julho, onde os termômetros chegam a registrar temperaturas inferiores a 10°C

---

<sup>52</sup> Goulart (1997:5) descreve a composição e a estrutura florística original e atual da Bacia do rio Uruguai, baseada na bibliografia, coletas botânicas na região, estudos fitoecológicos, suporte logístico do acervo do Herbário “Barbosa Rodrigues” e da Flora Ilustrada Catarinense.

(LEITE; SÖHN apud GOULART, Vol II, 1997, p. 07). A pluviosidade na área é bastante regular e intensa, tendo sido registrada uma média anual de 1.878mm.

O ambiente ocupado pela Floresta Estacional Decidual tem solos férteis, muito variáveis quanto a profundidade, com média de 1.0 a 1.5m, constituídos predominantemente ao longo das encostas íngremes do rio Uruguai e seus afluentes, por cambissolos eutróficos, rochosos e montanhosos, com argila de atividade alta.

Para Rambo apud Goulart (idem, p. 06), a Floresta Estacional Decidual apresenta uma vegetação densa, de porte arbóreo bastante desenvolvido com grande variação florística, que à primeira vista, nos lembra a floresta amazônica. Rambo (1935, p. 23) estabelece cinco categorias de sociedades vegetais: o mato alto, a mata baixa, os cipós, os epífitos e a última é a rasteira. Neste caso, são de maior interesse as espécies enquadradas na categoria de mato alto: grapiunha, cabriúva, timbaúva, angico, guabiju, batinga, açoita-cavallo, cedro, cangerana, umbu, louro, guajuvira, gerivá e outras consideradas mais raras: canafístula, paineira, jaboticabeira, entre outras.

A Floresta Estacional Decidual normalmente agrega espécies lenhosas das florestas; no caso do alto Uruguai pode ser dividida em sete estratos: o estrato arbóreo emergente, o arbóreo contínuo dominado, o estrato das arvoretas (árvores medianas), o estrato dos arbustos, o estrato herbáceo, o estrato das plantas escandentes ou lianas e finalmente o estrato dos epífitos e semiparasitos. Conforme descrição:

1- O estrato arbóreo emergente foi o mais atingido pela ação antrópica, através da retirada de madeira, sendo que desta forma praticamente toda a área ficou sensivelmente descaracterizada. Nele destacava-se: a grápia (*Apuleia leiocarpa*), o angico-vermelho (*Parapiptadenia rigida*), o marmeleiro-do-mato (*Macherium stipitatum*), a canafístula (*Peltophorum dubium*) e o louro-pardo (*Cordia trichotoma*).

2 - O estrato arbóreo contínuo é formado, predominantemente, pela canela-preta (*Nectandra megapotamica*), a canela-amarela (*Nectandra lanceolata*), a guajuvira (*Patagonula americana*).

3 - O estrato das arvoretas é um dos mais preservados, sobressaindo o vacumzeiro (*Allophylus edulis*), arvoreta largamente dispersa no sul do Brasil; a laranjeira-do-mato (*Actinostemon concolor*) e o catiguá-vermelho (*Trichilia clauseni*).

4 - O estrato arbustivo é formado por um pequeno número de espécies; são amplamente dispersas: o pau-de-ervilha (*Trichilia elegans*), a canela-de-virá (*Bernardia pulchella*) e o pau-de-junta (*Piper gaudichaudianum*).

5 - O estrato herbáceo, pouco denso, sobretudo nas florestas menos antropizadas, é constituído por gramíneas silvestres, pteridófitas, bromélias e piperáceas.

6 - As lianas, originalmente pouco freqüentes no interior da floresta, começaram a proliferar após a devastação parcial da mesma pela retirada de madeiras; predominam as espécies pertencentes às famílias das Bignoniáceas, Sapindáceas e Leguminosas.

7- Entre os epífitos sobressai o guaimbé (*Philodendron selloum*), além das touceiras de Orquidáceas, Bromeliáceas e Cactáceas pendentes do gênero *Rhipsalis*.

A floresta estacional decidual possui outras duas formações: a floresta aluvial e a floresta submontana. Na floresta aluvial encontram-se áreas descontínuas em várzeas ou terrenos suavemente ondulados, geralmente em remansos do rio ou próximos à desembocadura de afluentes no rio Uruguai. Atualmente todas as áreas outrora ocupadas pela formação aluvial, foram devastadas para a implantação de culturas cíclicas.

A floresta estacional decidual submontana, se restringe, na sua maior parte, às encostas íngremes, muito dissecadas ou escarpadas na calha do rio Uruguai e seus afluentes, situando-se em altitudes compreendidas entre 350 e 500 ou até 600m, em terrenos desde mediana até fortemente ondulados ou mesmo montanhosos, porém com solos de fertilidade bastante elevada.

Com os dados levantados pelo PSAU-UHE Itá, verificou-se segundo Goulart (ibidem, p. 13) que praticamente toda a vegetação original foi muito explorada pela retirada de madeira e, posteriormente, derrubada devido a grande ocupação de agricultores para a implantação de culturas cíclicas. Em toda a área pesquisada, não foi encontrado nenhum núcleo de floresta original que não tivesse sido alterado de forma mais ou menos intensa pela ação antrópica. A vegetação nativa que resta, encontra-se restrita a zonas de maior declividade, na margem dos rios e junto às construções nas propriedades rurais, ou seja, formando manchas entremeadas por áreas de pastagens e cultivo. Muitas espécies foram extraídas, inclusive caracterizando um dos primeiros ciclos econômicos da região; os troncos após serem derrubados, eram unidos nas balsas que desciam o rio Uruguai, na época das cheias, até a Argentina. Quanto às espécies frutíferas, foram mantidas as que eram de interesse dos colonos que também introduziram novas espécies.

Para os sítios localizados no reservatório foram descritas as espécies das plantas nativas e frutíferas encontradas próximas a cada um dos sítios (GOULART, Vol II p. 1997). Para os 70 sítios localizados na área do reservatório da UHE Itá, foi possível perceber quais espécies aparecem com mais frequência. As plantas nativas mais encontradas, foram o angico (*Parapiptadenia rígida*) e a canafístula (*Peltophorum dubium*), da família das leguminosas, providas de flores amarelas; grápia (*Apuleia leiocarpa*), e o sassafrás (*Ocotea odorifera*); as outras espécies foram encontradas em menor número, sendo elas: soita (*Luehea divaricata*), guajuvira (*Patagonula americana*), timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum*), tarumã (*Vitex megapotamica*), canjerana (*Cabranea canjerana*), guatambú (*Belfourodendron riedelianum*), canela (*Nectandra* sp), cabriúva (*Myrocarpus frondosus*), cedro (*Cedrela fissilis*), pinheiro (*Araucariaceae*), sarandi (*Terminalia australis*), cambará (*Qualea* sp), umbú (*Phytolacca dióica*), mamoeiro do mato (*Macherium stipitatum*), entre outros.

As plantas frutíferas mais encontradas na região foram, a jaboticabeira (*Myrciaria trunciflora*) e a guarivoveira (*Campomanesia xanthocarpa*), seguidas da pitangueira (*Eugenia rotundicosta*) e da laranjeira (*Citrus aurantium*). Em menor número foram citadas: araticunzeiro (*Rollinia exalbida*), sete-capote (*Britoa guazumaefolia*), goiabeira (*Campomanesia xanthocarpa*), amexeira (*Prunus domestica*), uva japonesa (*Hovenia dulcis*), limoeira (*Citrus Limon*), araçazeiro (*Psidium cattleianum*), guabijuzeiro (*Myrcianthes pungens*), maracujazeiro (*Passifloraceae*), limeira (*Citrus bergamia*), coqueiro (*Cocos nucifera*), mamoeiro (*carica papaya*), bergamoteira (*Citrus aurantium*), figueira (*Ficus carica*), abacateiro (*Persea americana*), amoreira (*Morus nigra*), cerejeira (*Eugenia involucrata*), ingá (*Inga affinis*).

As populações indígenas faziam intenso uso dos recursos vegetais disponíveis na área onde estavam assentados, conforme Noelli (1993), principalmente no Tekohá, território de domínio do Guarani. A extração da madeira podia servir para o fabrico de canoas, alicerce para as casas, confecção de armas, objetos utilitários, para fogo, entre outras funções. Apesar de terem sido largamente utilizadas, são registros difíceis de encontrar no contexto arqueológico, devido à facilidade com que se decompõe após serem descartadas. Também a coleta de brotos, raízes, folhas e frutos eram importantes para a subsistência das populações indígenas. Segundo Noelli (1993, p. 315), todos os cronistas dos primeiros contatos registraram, mesmo que brevemente, as atividades de coleta de frutas entre os Guarani. As árvores também eram atrativos para certos recursos faunísticos, alimentando as atividades de caça (GOULART, Vol II, 1997, p. 49).

Embora, o alto Uruguai apresente atualmente um cenário de floresta tropical bastante alterada, também é preciso levar em conta o manejo de recursos naturais realizado pelas populações indígenas. Estudos mostram que o transplante de mudas da floresta para áreas de fácil acesso é ainda uma prática comum entre diferentes grupos indígenas da Amazônia. As evidências arqueológicas e etnográficas sugerem que parte do que conhecemos como natureza selvagem na Amazônia pode provavelmente ser o produto de milhares de anos de manejo de recursos naturais por parte das populações indígenas (NEVES, 1993, p. 184).

### **3.4 Obtenção e produção de alimentos**

Segundo Noelli (1993, p. 342), as informações etnográficas a respeito dos Guarani, mostram que estes comiam praticamente todos os seres vertebrados e muitos invertebrados, exceto nos ritos de passagem, da menstruação, da gravidez, dos jejuns ligados à prática individual ou coletiva e aos gostos por alguns animais. Para realizarem as atividades de caça e pesca, utilizavam uma variedade de estratégias e equipamentos, como: arco, flecha, lanças, anzol, redes, entre outros. A coleta de insetos, crustáceos, moluscos e mel, também eram importantes na dieta dessas sociedades.

Dados sobre a caça, a pesca e a coleta não foram descritos no PSAU-UHE Itá. Através das escavações e das coletas de superfície, foram recolhidas amostras de ossos e conchas, mas estes não foram analisados. Pesquisas atuais sobre a região em foco, mostram que a drenagem que oferece maior rentabilidade na pesca é o rio Uruguai; nele foram mapeados mais de 50 espécies de peixes, na área de abrangência da UHE Itá, sendo que em toda a bacia do Uruguai são mais de 100 espécies. As mais frequentes são, cascudos (*Hypostomus*), birus (*Steindachnerina*), traíra (*Hoplias*), jundiá (*Rhamdia*), entre outras, além desses podemos citar, o dourado (*Salminus*) e o pintado (*Pimelodus*).

A fauna encontra-se bastante alterada devido ao processo colonizatório, com a extração da madeira, as áreas de cultivo, a urbanização, são fatores que reduziram as florestas, provocando grandes mudanças na fauna. Mesmo assim, na área da UHE Itá, foram encontradas muitas espécies de aves (84 espécies) e mamíferos (32 espécies). Schmitz (1992) ressalta que as proteínas

são indispensáveis para o desenvolvimento de um povo, sendo provavelmente um dos maiores desafios dos grupos Guarani; na falta de animais domésticos precisavam voltar-se à caça de animais dispersos nas florestas.

Através das informações do PSAU-UHE Itá também não encontramos indícios de terem sido identificados restos alimentares, muito provavelmente isso se deve ao tipo de solo úmido que não conservou tais vestígios. Também não foram feitas análises de restos de alimentos queimados geralmente, encontrados em vasilhas cerâmicas. Mesmo que através dos vestígios materiais, tenhamos evidenciado nessa região uma área de forte contato cultural, entre a tradição Tupiguarani e Taquara, a primeira encontrava nas várzeas do rio Uruguai, terras férteis onde podiam ser feitas as roças e produzidos os cultivos necessários. Schmitz (idem) observa que, em terras mais frias, como no sul do Brasil, os Guarani cultivavam o milho, a mandioca, o feijão, a batata doce, as abóboras, entre outros.

### **3.5 Os sítios arqueológicos registrados**

Na bibliografia é possível encontrar muitas definições para sítio arqueológico. Optamos por Eble (1971) que, define como sítios arqueológicos locais onde se encontram vestígios de atividades de sociedades do passado, representam características ambientais somadas ao material cultural, que integralmente levam ao entendimento de como o homem ali vivia e interagia social e ecologicamente; assim “o sítio inclui o solo, o clima, a vegetação, os recursos naturais e tudo o que mais possa ter estado em relação com a vida de um determinado grupo humano” (EBLE, 1971, p. 73). Já a delimitação física de um sítio é mais difícil de definir, pois pode variar de alguns metros quadrados a vários quilômetros quadrados, a exigência é que eles sejam continuamente cobertos por restos culturais (WILLEY e PHILLIPS apud EBLE, idem).

Marilandi Goulart não apresenta uma definição de sítio arqueológico. Após definir a área do sítio arqueológico, Marilandi o descrevia numa ficha de cadastro, contendo as seguintes variáveis: número do cadastro; nome do sítio, localidade, município, nome do proprietário, reservatório (o nome da barragem a ser construída no local), tipo do sítio, área do sítio, descrição do sítio, estado de conservação, causas da destruição, necessidades de

intervenção/recomendações, mapas, outra documentação, fotos, cadastrado por, instituição, referência bibliográfica, observações complementares (GOULART, Vol I, 1995).

O número dos sítios listados no relatório sobre o “Cadastro dos Sítios Arqueológicos” do PSAU vai do 001 a 310, no Mapa Apêndice 04 podemos visualizar a distribuição destes no espaço, cada número representando um sítio arqueológico. Estes números não tem uma sequência lógica e englobam as áreas das usinas de Itá (201 sítios), Machadinho (15 sítios), Itapiranga (86 sítios) e o município de Chapecó<sup>53</sup> (08 sítios). Os 310 sítios estão distribuídos por vários municípios dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Nota-se que há uma regra geral para nominar os sítios, sendo usado o nome do proprietário da área de terra onde o sítio era localizado (GOULART, Vol I, Tomo III, 1995, p. 519 a 526).

No caso aqui analisado, dos 201 sítios registrados na região de inserção da barragem de Itá, 167 estavam localizados nas cotas de enchimento do lago e desvio do rio Uruguai. Para perceber como os sítios estavam implantados no ambiente, separamos como amostra 93 assentamentos (Mapa Apêndice 05), obedecendo os seguintes critérios: os sítios registrados em Santa Catarina; os sítios de tipo lito-cerâmico e cerâmico, excluindo apenas os líticos. Destes apenas 70 foram selecionados para a amostragem; pois possuem boa descrição do ambiente, compreendendo elementos como: vegetação, geologia, geomorfologia e rede de drenagem<sup>54</sup>. Os demais, 34 sítios, estavam localizados no canteiro de obras, destes foram selecionados 23, porém como não se dispõe de todos os relatórios, as informações sobre eles são menos detalhadas. A priori os dois grupos de dados serão analisados em conjunto em algumas situações, isto não será possível devido à falta de informações dos 23 sítios registrados no canteiro de obras.

Dos 93 sítios considerados, evidencia-se uma dispersão por município da seguinte maneira: Itá 45, Concórdia 40, Ipira 7 e Piratuba 1. Destes, 77 são do tipo lito-cerâmico e 16 são cerâmicos. Outro dado importante, que pode ser analisado conjuntamente é o estado de conservação dos sítios. Na ficha de cadastro utilizada no PSAU, estes eram enquadrados nas seguintes categorias: bom; parcialmente destruído e destruído. Dos 93, 85 (91,40%) estavam

---

<sup>53</sup> Como mencionado anteriormente, Chapecó não seria atingido por nenhuma barragem, mas teve sítios cadastrados devido a um convênio entre a UFSC e a Prefeitura Municipal.

<sup>54</sup> Os 70 sítios localizados dentro da área de desvio do rio e enchimento do lago, foram descritos detalhadamente em termos de meio ambiente no ano de 1995, pelos geólogos, Gabriel O. Do Amaral Velho e Hévio Luiz Deboni, pelo geo-arqueólogo Júlio C. Rubin de Rubin, pelo botânico Roberto Klein, sob a coordenação de Marilandi Goulart. Os 23 sítios localizados no canteiro de obras, foram cadastrados por Marilandi Goulart e Júlio C. Rubin de Rubin.

totalmente destruídos, 5 (5,38%) estavam em bom estado de conservação e 3 (3,22%) estavam parcialmente destruídos. Os 5 sítios considerados em bom estado de conservação foram o 011, 013, 022, 037 e 229 e os parcialmente destruídos sendo o, 009, 010 e 231; todos eles localizavam-se na área do canteiro de obras, no município de Itá. Já os 70 sítios localizados nas cotas de desvio do rio e enchimento do reservatório e os demais 15 sítios do canteiro de obras, foram classificados na categoria “destruídos”. Marilandi Goulart diagnosticou vários fatores, sendo os mais recorrentes o arado, seguido pelo trator, o potreiro, corte de estrada, olaria, erosão, enchente do rio Uruguai, raízes, terraplanagens, construções, em muitos casos também estão consorciados dois ou mais fatores de destruição num mesmo sítio.

Em síntese, Marilandi Goulart observa que, “as evidências arqueológicas distribuídas pelas superfícies encontram-se bastante alteradas pela ação da natureza e/ou do homem, demonstrando tratar-se de um contexto secundário, e não primário ou totalmente arqueológico” (GOULART, Vol I, 1997, p. 02). Em outro momento, ao se referir sobre o estado de conservação dos sítios localizados na área do reservatório, a arqueóloga ressalta que, “em geral, os sítios arqueológicos, apresentam péssimo estado de conservação, sem as manchas de terra preta, com vestígios apenas de material lítico e de cerâmica, bastante fragmentada que aflora à superfície com o uso do arado” (GOULART, Vol V, 1997, p. 01).

Essa situação de destruição do patrimônio arqueológico é também descrita nos primeiros levantamentos realizados na década de 1970 demonstrando que, o estado de conservação dos sítios era geralmente precário, pois situavam-se em áreas de cultivo, sendo destruídos pelo arado; as casas subterrâneas próximas das sedes de fazendas foram entulhadas para evitar acidentes com o gado; os abrigos com sepultamentos foram intensamente devastados por curiosos e os sítios profundos à beira do rio atingidos pelas olarias, que ali se abastecem para a produção de tijolos (SCHMITZ, 1978).

A alteração das superfícies arqueológicas foi motivada pelo novo modelo de ocupação da terra. Especialmente a partir, da primeira metade do século XX, quando começaram a chegar migrantes italianos e alemães para ocupar as áreas de terras, especialmente as margens do rio Uruguai, por serem consideradas mais férteis<sup>55</sup>. A literatura arqueológica normalmente faz

---

<sup>55</sup> Estes novos moradores desenvolveram atividades econômicas, como a extração da madeira e da erva mate, paralelamente à pequena propriedade rural, onde eram produzidos gêneros alimentícios em pequena escala, além da criação de animais domésticos como suínos, aves e bovinos. Esse novo modelo de ocupação da terra pode ser

referência à destruição dos sítios pelos fatores antrópicos como agricultura, por fatores naturais, dentre os quais podemos citar a erosão, as enchentes, a ação de raízes e de animais como o tatu, entre outros.

A alteração dos contextos arqueológicos é extremamente prejudicial para os trabalhos de pesquisa, uma vez que os vestígios foram revolvidos, alterando o tamanho do sítio, o formato dos objetos que com o passar do tempo se fragmentam cada vez mais, além da grande possibilidade de perda/destruição das “manchas de terra preta<sup>56</sup>”, entre outros. Por isso, os 93 sítios analisados neste trabalho, além do princípio de amostragem, devem ser considerados como fontes que perderam em grande medida suas características originais, trazendo limitações para a compreensão das sociedades pré-coloniais. Por outro lado, não devem ser descartados, como ocorria no século XIX e no início do século XX, quando se recolhiam somente as peças inteiras. Dificilmente, nos últimos 30 anos, foram encontrados sítios intactos, uma vez que boa parte das terras constituem-se como base para as pequenas propriedades, onde a agricultura é intensa, porém mesmo descaracterizados pode-se recuperar informações que contribuem no entendimento do passado pré-colonial.

A destruição dos sítios influenciou sobremaneira na quantidade de material arqueológico recuperado, especialmente no caso do material cerâmico, no qual foram recuperados apenas fragmentos; assim para os 93 sítios selecionados, foram catalogados 36.633 objetos cerâmicos, sendo que desse material 61,62% foi encontrado nos sítios localizados no canteiro de obras e, apenas 38,38% nos sítios localizados nas cotas de desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório. O material lítico mostrou-se em quantidade muito superior, para os 93 sítios analisados tem-se um total de 45.810 objetos, com destaque para os sítios localizados no canteiro de obras, especialmente o sítio 011 com 8.030 líticos e o sítio 013, com 33.248 líticos; nessa área o material lítico recuperado totalizou 97,18%, enquanto que o lítico recuperado nos sítios

---

considerado como o principal fator de destruição dos sítios arqueológicos, uma vez que sobre as antigas áreas de povoamento foram se instalando esses migrantes descendentes de europeus, que modificaram expressivamente o entorno natural.

<sup>56</sup> José Luiz de Morais define da seguinte forma as manchas de terra preta: “É um tipo de macro-assinatura dos povos coloniais, corrente nos sítios de agricultores, conhecido por ‘*mancha preta*’, é um corpo sedimentar remanescente de antigos solos de habitação e seu cinturão envoltório, depósitos de lixo, áreas de cocção de alimentos, etc. Surge como manchas ovaladas de solo enegrecido pelo elevado teor de materiais biogênicos coletados, processados e descartados pelas comunidades pré-coloniais, rico em evidências arqueológicas, principalmente fragmentos de cerâmica e estruturas de combustão. No caso *do sistema regional guarani* são com freqüência, os remanescentes do *tapy iguassu*, a casa-grande e seu entorno (MORAIS, 2002, p. 05)”.

atingidos pelo desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório perfazem 2,82%. Observa-se que o grupo de sítios da área do canteiro de obras, embora represente apenas 24,80% do total de assentamentos analisados, apresentaram maior frequência de material lítico e cerâmico, que pode significar uma ocupação mais intensa.

### **3.6 A metodologia aplicada na recuperação dos vestígios arqueológicos**

Como vimos, Marilandi Goulart desenvolveu as pesquisas do PSAU-UHE Itá com base na Escola Francesa. A partir dessa perspectiva as escavações procuram evidenciar a seqüência de ocupações humanas, através da visão global das estruturas arqueológicas em decorrência da aplicação do método de superfícies amplas e da técnica de decapagem. As escavações arqueológicas realizadas seguiram a seguinte seqüência de atividades: a) identificação dos sítios arqueológicos; b) limpeza da área arqueológica; c) levantamento topográfico; d) análise geomorfológica dos sítios, visando correlacionar o meio ambiente geológico e os sítios arqueológicos, mapeando as fontes de matéria-prima para confecção do material lítico e cerâmico; e) quadriculamento geral dos sítios arqueológicos; f) escavação dos sítios arqueológicos: através da execução de trincheiras, perfis estratigráficos e de decapagens (GOULART, Vol I, 1997, p. 92-93).

A identificação dos sítios arqueológicos foi realizada pela arqueóloga, através de visitas aos locais indicados, para verificação da distribuição dos vestígios de ocupação em suas superfícies, representados normalmente pelos materiais lito-cerâmicos e pelas manchas pretas. Após a identificação dos sítios arqueológicos, era feita a limpeza total da área, retirando-se a mata, macegas e gramíneas, em seguida a superfície era rastelada, para a perfeita observação das manchas pretas e dos outros vestígios arqueológicos. A localização dos sítios inseridos na área pesquisada foi realizada pela Equipe de topografia da ELETROSUL. Através de marcos topográficos situados em pontos estratégicos do vale, calcularam suas coordenadas geográficas com alta precisão, utilizando-se de pontos visíveis e indelévels na superfície do terreno. Foi realizada a análise geomorfológica dos sítios com o levantamento dos afloramentos rochosos da área, considerados significativos como fonte de matéria-prima para a confecção dos artefatos

líticos; foram mapeados também nas barrancas do rio, pontos estratégicos de ocorrência de argila que foi utilizada para a manufatura da cerâmica (ibidem, p. 94).

Para o quadriculamento geral dos sítios arqueológicos foram fixadas linhas eqüidistantes, no sentido N-S, levantadas com o auxílio de bússola, cruzadas por linhas transversais E-W, formando setores. As escavações, a partir das trincheiras e perfis, permitiram observar: a) frequência de material cerâmico e lítico e alterações na textura do solo; b) evolução dos artefatos em estratigrafia; c) evidenciação das estruturas arqueológicas: fogueiras, áreas de cocção, áreas preferenciais de utilização da cerâmica, e outras; d) sucessão das culturas e o processo evolutivo da cultura dentro do mesmo grupo; e) coleta de carvão para datação (ibidem, p. 97).

Como já frisamos em outros momentos, a partir dos relatórios é possível perceber que apenas alguns sítios localizados no canteiro de obras é que foram escavados, a partir da metodologia descrita acima. No caso dos sítios da área de desvio do rio e enchimento do reservatório, não encontramos informação acerca de escavação de sítios. De forma que, fica implícito que apesar de Marilandi Goulart optar pelo método francês ela desenvolvia um trabalho contratado, e por isso nem sempre foi possível realizar as pesquisas de acordo com a opção teórica.

### **3.7 A Volta do Uv: a escavao dos sítios 009, 010, 011 e 013, localizados no canteiro de obras**

O texto a seguir, traz os dados das escavaes dos sítios arqueológicos 009, 010, 011 e 013 selecionados em nossa análise, localizados na Volta do Uv (Mapa Apêndice 06), rea destinada ao canteiro de obras da UHE Itá.

O sítio 009 localizava-se na propriedade de Alfredo Valdemar Stenceler, na linha Borboleta Baixa, município de It. Situava-se em um alto topográfico (mais ou menos na cota de 350m), fora das margens do Rio Uruguai, porém, sofrendo a influência de suas vertentes íngremes, que caracterizam o vale e próximo ao rio Uv, principal afluente do rio Uruguai na rea. Neste sítio foram encontrados, vestígios de terra preta que estavam situados na porão mais

setentrional do quadriculamento geral, com forma ovóide e uma parte mais estreita voltada para o norte .

Neste sítio foram desenvolvidas as seguintes atividades: a) Limpeza de área que estava coberta com plantio de mandioca, melancia e abóbora, sendo o proprietário indenizado pela ELETROSUL; b) O quadriculamento atingiu uma área de 676 m<sup>2</sup>, onde foram demarcadas 169 quadrículas de 2m x 2m; destes, 62m<sup>2</sup> correspondem a área com vestígios de mancha de terra preta, dos quais foram escavados 16m<sup>2</sup>, correspondentes aos setores C4, D2, D3 e E3. Os setores foram selecionados porque apresentaram maior concentração de material arqueológico, principalmente cerâmico, sendo feita coleta de superfície nas áreas mais férteis para escavação (C4 – D2 e D3); d) A escavação do perfil estratigráfico ocorreu no setor C4, pois apresentou maior número de material. A escavação revelou que o sítio estava assentado sobre material sedimentar originário da alteração do basalto, constituindo os chamados litossolos vermelhos, atingindo o regolito<sup>57</sup> a 0,65cm; e) A escavação horizontal, demonstrou que o sítio encontrava-se sob influência antrópica constante, através das plantações (principalmente mandioca e milho), que são abundantes na região. Este é um fator de destruição da camada arqueológica, que ao longo dos setores escavados somente aparece entre 0,15 e 0,20cm; a partir desse nível o solo é estéril. Os objetos encontrados constituem-se principalmente de cerâmica Tupiguarani, com muito pouco material lítico. Nas figuras 04 e 05 pode-se perceber as atividades realizadas:



Figura 4: Vista da área escavada do sítio 009 (setores C4, D2, D3 e E3), correspondendo à porção menos destruída da mancha de terra preta e com maior concentração de material, especialmente cerâmico.

Fonte: GOULART (1987b, p. 10).



Figura 5: Detalhe da escavação da quadrícula C4 no sítio 009, evidenciando-se os blocos de basalto, que constituem o regolito.

Fonte: GOULART (1987b, p. 11).

---

<sup>57</sup> São blocos e matacões de basalto.

O sítio 010 localizava-se na propriedade de Silvino Prediger, na linha Borboleta Baixa, município de Itá. Situava-se a 100m da calha do rio Uvá, na porção terminal do terraço coluvial da margem direita do mesmo rio. O terraço coluvial tinha, aproximadamente, 300 metros de comprimento e 150m de largura, e estava a 550m do foz do rio Uvá com o rio Uruguai. Sua altitude era de 240m sobre o nível do mar.

Nele observou-se uma mancha preta com 9m<sup>2</sup>, situada na porção sudeste (SE). Sua forma não foi identificada. As atividades no sítio seguiram a seguinte seqüência: a) Limpeza da área que estava coberta com pastagem; b) Quadriculamento da área que atingiu 168m<sup>2</sup>, sendo demarcadas 42 quadrículas de 2m x 2m; foram escavados apenas 22m<sup>2</sup>, correspondendo à área da mancha de terra preta, nos setores B4 – B5, C3 – C4, D3 – D4 – D5 – D6. Os setores C4 e C5, juntamente com D4 e D5 foram totalmente decapados; nas demais quadrículas a área de escavação foi ampliada em 0,50cm, para completar a evidenciação das estruturas de fogueiras. Já o setor D3 foi ampliado em 1m; c) A abertura do perfil ocorreu entre as linhas D e E, norte-sul, e 5-6, leste-oeste. A escavação atingiu até 2,06m de profundidade sendo que, apenas no primeiro nível (0-20cm) observaram-se vestígios de ocupação humana; d) A escavação revelou 3 estruturas de fogueiras entre os 0,5cm e a base a 0,47cm, conforme figura 06.

A fogueira 01 (figura 07), com forma circular estava localizada entre os setores D5 (com maior concentração) e D6, com 0,60cm de diâmetro, sendo que a base estava a 0,38cm de profundidade. A fogueira é formada por clásticos e raízes, também foram coletadas algumas lascas e evidenciados pontos esparsos de carvão; o material lítico estava representado por seixo fragmentado e fragmento de seixo de basalto alterado.

A fogueira 02 (figura 08), com forma aproximadamente elipsóide, estava localizada nos setores D3-D4 e D5, detectada a partir de 0,05m, com extensão máxima de aproximadamente 7m, apresentando 3 concentrações de material lítico; estava formada por clásticos, seixos, fragmentos de seixos, lascas de basalto, vestígios de carvão.

A fogueira 03 representada pela figura 09, possuía forma elíptica, localizava-se nos setores B4 – B5; C4 – C5; D4 e D5, com maior concentração em B5, C5 e D5; estava formada por blocos de basalto alterado, clásticos de menor dimensão, lascas e vestígios de carvão.



Figura 6: Vista geral das três fogueiras do sítio 010.

Fonte: GOULART (1987b, p. 23).



Figura 7: Detalhe da fogueira 01, sítio 010.

Fonte: GOULART (1987b, p. 24).



Figura 8: Detalhe da escavação da fogueira 02, sítio 010.

Fonte: GOULART (1987b, p. 24).



Figura 9: Detalhe da fogueira 03, sítio 010.

Fonte: GOULART (1987a, p. 56).

O sítio 011 localizava-se na propriedade de Armandio Vortmann, na linha Borboleta Baixa, município de Itá. Situado no segundo terraço, apresentava uma área aproximada de 100m de comprimento por 30m de largura, próximo à foz do rio Uvá com o Uruguai, numa altitude de 280m, com solo argiloso-arenoso.

No sítio ocorreu a seguinte seqüência de atividades: a) Limpeza da área que estava coberta por pastagem; b) Inicialmente foi feito o quadriculamento (figura 10) onde ficava evidente a ocorrência de mancha preta, numa área de 128m<sup>2</sup>. Foram demarcadas 32 quadras, de 2m x 2m. Como foram sendo encontrados vestígios distribuídos, a área de escavação foi sendo aumentada até 244m<sup>2</sup>, conforme figura 10. c) A área do sítio foi totalmente escavada através da decapagem por níveis, conforme se nota na figura 11, evidenciando que a mancha preta ocorre até a profundidade de 0,70m.

Em Goulart (1988a: 28), observou-se a descrição de duas camadas, uma de 0,15 a 0,45m e outra de 0,45 até 0,65. No nível (0,15 a 0,45m), foram evidenciadas concentrações líticas (7), lito-cerâmicas (10), cerâmica (1) e fogueiras (2). O material arqueológico constituía-se principalmente de seixos, fragmentos de seixos, basalto alterado, lascas de quartzo, fragmentos cerâmicos, ossos e pontos esparsos de carvão. No nível de 0,45 a 0,65m, o solo estava constituído por sedimento negro acinzentado, apresentando-se estruturas predominantemente de fogueiras, conforme figura 12; ocorrem também concentrações de quartzo como se nota na figura 13. O material arqueológico é representado por seixos, blocos de basalto, lascas, pré-formas de ponta de projétil, quartzo, material ósseo, cerâmico (Guarani e Jê/estilo Taquara) e grande quantidade de carvão.



Figura 10: Vista geral da área quadriculada sítio 011.

Fonte: GOULART (1987a, p. 61).



Figura 11: Evidenciação do nível 0,35 a 0,45m, do sítio 011.

Fonte: GOULART (1987a, p. 35).



Figura 12: Nível da escavação de 0,50 a 0,65m, evidenciando as estruturas de fogueiras no sítio 011. (ibidem, p. 36).



Figura 13: Concentração de quartzo na profundidade 0,50m, sítio 011.

Fonte: GOULART (1987a, p. 38).

O sítio 013 localizava-se na propriedade de Otto Aigner, na Linha Borboleta Baixa, município de Itá, eram formado por duas áreas de concentração de material arqueológico, que foram denominada de área 1 e área 2.

A área 1 situa-se num alto topográfico, altitude em torno de 275m. A área arqueológica é caracterizada pela ocorrência de uma mancha de terra preta, localizada a leste do quadriculamento. A seqüência de atividades no sítio foi a seguinte: a) Limpeza da área, que encontrava-se coberta por pastagem, conforme figura 14. b) Quadriculamento que atingiu uma área de 300m<sup>2</sup>, onde foram demarcadas 15 quadrículas de 5m x 5m, sendo escavadas no total 93 (75m<sup>2</sup>), sendo a área sub-quadriculada de 2,5 x 2,5m, nos setores E1 – E2; F1 – F2; c) Abertura do perfil no setor 14, nas linhas FG (N-S) e 2-3 (L-O). Este apresentou 4 camadas, escavadas até 2,46m de profundidade, que corresponde ao nível do regolito; d) A escavação do perfil revelou estruturas de fogueiras, na figura 15, distribuídas nos primeiros 0,30 a 0,45m; neste nível ocorreu boa freqüência de material lítico e cerâmico. O material lítico encontrado apresentou como principal matéria-prima o quartzo, já o material cerâmico estava representado pelas culturas Jê e Guarani.



Figura 14: Vista panorâmica da área 1, do sítio 013, após a retirada da pastagem.  
Fonte: GOULART (1988a, p. 64).



Figura 15: Evidenciação de fogueira circular na área 1, do sítio 013, apresentando no seu interior material lítico, como lascas de quartzo, fragmentos cerâmicos, ossos e carvão.  
Fonte: GOULART (1988a, p. 68).

A área 2 situava-se no terraço coluvial/aluvial, a uma altitude de 295m, formada por uma mancha de terra preta, localizada na porção extrema (oeste), do quadriculamento geral como se vê na figura 16. A seqüência de atividades foi a mesma que a realizada na área 1: a) Limpeza da área que estava coberta por pastagem; b) O quadriculamento atingiu uma área de 84m<sup>2</sup>, onde foram

demarcadas 21 quadrículas de 2m x 2m. Da área total, foram escavados 29,45m<sup>2</sup>, atingindo os setores B2 – B3 e parte do B4; C2 – C3 – C4, na sua quase totalidade. c) A abertura do perfil ocorreu no setor A3, revelando 3 camadas, chegando à profundidade de 3,50m sem encontrar o regolito; d) Foram escavados os setores A3 – B2 – B3 e parte do B4; parte do C2 e, em sua quase totalidade, os setores C3 e C4. A técnica de decapagem evidenciou vestígio de fogueira que inicia em 0,06 e vai até 0,50m; em seu interior encontraram-se restos da indústria lítica e fragmentos cerâmicos, conforme figuras 17 e 18:



Figura 16: Vista panorâmica da área 2, sítio 013, após limpeza e quadriculamento  
Fonte: GOULART (1988a, p. 70).



Figura 17: Evidenciação de fogueira localizada nos setores L2, mancha 2, a 0,40m de profundidade, na área 2, sítio 013  
Fonte: GOULART (Vol I, 1997, p. 109).



Figura 18: Mancha preta, sítio 013.  
Fonte: GOULART (Vol I, 1995, p. 23).

### **3.8 Dados sobre os sítios 103, 104, 108 e 111, localizados nas áreas de desvio do rio e enchimento do reservatório**

No texto a seguir, a partir de Goulart (Vol II, 1997) apresentamos a descrição de quatro sítios localizados na área de enchimento do reservatório (Mapa Apêndice 06), nos próximos capítulos foi feita a análise do material cerâmico e lítico encontrado nesses assentamentos.

O sítio 103 localizava-se na linha Alto Bela Vista, município de Concórdia/SC, abrangendo uma feição geomorfológica correspondente ao 2º terraço, apresentando-se relativamente plano no local do assentamento e paralelo à margem direita do rio do Peixe, com leve inclinação em direção ao rio, conforme se nota na figura 19 abaixo. O relevo é caracterizado por formas de topos convexos, secundariamente tabulares e estreitos, coroado de patamares relativamente largos, interflúvios amplos e alongados, vales em "V" aberto, bem entalhados e declividade das vertentes de 20° a 30°. Raras ocorrências de pequenas planícies alveolares. O afloramento de rocha, mais próximo do assentamento 103-I, é o PEx 647-a e o PEx 646-a. A vegetação, no local do sítio, é formada por gramíneas, que servem para pastagem. O uso do arado e do trator destruíram o sítio arqueológico (GOULART, Vol V, 1997, p. 194

O sítio 104 localizava-se na linha Trinta e Sete, município de Ipira/SC, abrangia uma feição geomorfológica correspondente ao 2º terraço, apresentando-se relativamente plano no local do assentamento (figura 20) e paralelo ao lajeado Trinta e Sete Passos, distante 80m do rio do Peixe e a 90m do lajeado Trinta e Sete Passos. A nascente, mais próxima do sítio, estava a 250m. O relevo é caracterizado por formas de topos convexos, secundariamente tabulares e estreitos, coroado de patamares relativamente largos, interflúvios amplos e alongados, vales em "V" aberto, bem entalhados e declividade das vertentes de 20° a 30°. Raras ocorrências de pequenas planícies alveolares. O afloramento de rocha, mais próximo do sítio, é o PEx 634 distante 100 metros. A vegetação no local do sítio é formada por gramíneas, sendo que parte dela foi removida para o uso na agricultura. O uso do arado e do trator e a abertura de uma estrada destruíram o sítio arqueológico (ibidem, p. 196).

O sítio 108 localizava-se na linha Volta Grande, município de Concórdia/SC, abrangia uma feição geomorfológica correspondente ao 2º terraço, apresentando-se relativamente plano no local do assentamento, distante 80m do rio do Peixe e a 90m de um curso d'água de 1ª ordem,

mais próximo do sítio, na figura 21 implantação do sítio 108. O relevo é caracterizado por formas de topos convexos, secundariamente tabulares e estreitos, coroado de patamares relativamente largos, interflúvios amplos e alongados, vales em "V" aberto, bem entalhados e declividade das vertentes de 20° a 30°. Raras ocorrências de pequenas planícies alveolares. O afloramento de rocha, mais próximo do sítio, é o PEx 663, distante 150 metros. A vegetação, no local do sítio, foi removida para o plantio de milho, feijão e soja. O uso do arado e do trator destruíram o sítio arqueológico (ibidem, p. 206).

O sítio 111 localizava-se na linha da Granja, município de Ipira/SC, abrangia uma feição geomorfológica correspondente ao 2° terraço, na figura 22 observa-se que a área apresentava-se relativamente plana no local do assentamento e paralelo à margem direita do rio do Peixe, distante 30m e a 200m do Lajeado Martinasso, de 3ª ordem. O relevo é caracterizado por formas de topos convexos, secundariamente tabulares e estreitos, coroado de patamares relativamente largos, interflúvios amplos e alongados, vales em "V" aberto, bem entalhados e declividade das vertentes de 20° a 30°. Raras ocorrências de pequenas planícies alveolares. O afloramento de rocha, mais próximo do sítio, é o PEx 648, distante 250 metros. A vegetação, no local do sítio, é formada por gramíneas, além de árvores de médio a grande porte. O uso anterior do arado e a erosão destruíram o sítio arqueológico (ibidem, p. 213).



Figura 19: Vista panorâmica relacionando espacialmente os assentamentos 103-I, 103-II e 103-III.

Fonte: GOULART (Vol V, 1997, p. 194).



Figura 20: Vista panorâmica do sítio 104.

Fonte: GOULART (Vol V, 1997, p. 196).



Figura 21: Vista da área de implantação do sítio 108.

Fonte: GOULART (Vol V, 1997, p. 207).



Figura 22: Vista panorâmica do sítio 111.

Fonte: GOULART (Vol V, 1997, p. 213).

### 3.9 A distribuição dos sítios pelas feições geomorfológicas

No PSAU-UHE Itá a localização de cada assentamento humano na compartimentação regional do relevo, foi individualizada em sete feições geomorfológicas, como segue: cume, platô, encosta superior, meia encosta, encosta inferior, segundo terraço, primeiro terraço (figura 23); segundo Goulart:

Cume - corresponde ao topo da elevação, geralmente de pequenas dimensões, com declividades que se distribuem radial e homogêneas até o início do platô. Platô - de forma achatada, alongada, com grandes dimensões e declividades que variam de 1° até 5°, configurando-se numa zona plana e suavizada. Encosta Superior - abaixo do platô, caracterizada pela ruptura da declividade, apresentando-se bastante íngreme, com declividade de 20° a 30°, atingindo raramente 10°, quando então torna-se mais plana e suavizada. Meia Encosta - zona razoavelmente plana e suavizada, com declividade de 10° a 15°, sua ocorrência está relacionada com a presença de patamares ao longo da encosta. Em alguns casos, torna-se difícil a individualização destas feições, porque a encosta apresenta-se bastante íngreme ao longo de toda a sua extensão. Encosta Inferior - apresenta as mesmas características da encosta superior, com declividades menos acentuadas próximas ao rio Uruguai, atingindo de 10° a 15°. 2° Terraço - zonas planas e suavizadas, em nível de 10 a 30m acima do rio Uruguai. É composto por sedimentos aluviais e cordões marginais, fazendo parte da sua planície de inundação. Alguns terraços, principalmente aqueles próximos a vertentes de declividade acentuada, possuem características aluvio-coluvionares devido ao aporte de material deslocado das vertentes. 1° Terraço - corresponde à parte mais baixa, próxima à margem do rio, onde ocorre a construção de bancos arenosos e de depósitos de cascalhos. É de pequena dimensão e facilmente coberto pelas águas em épocas de cheias (GOULART, Vol II, 1997, p. 41 e 42).

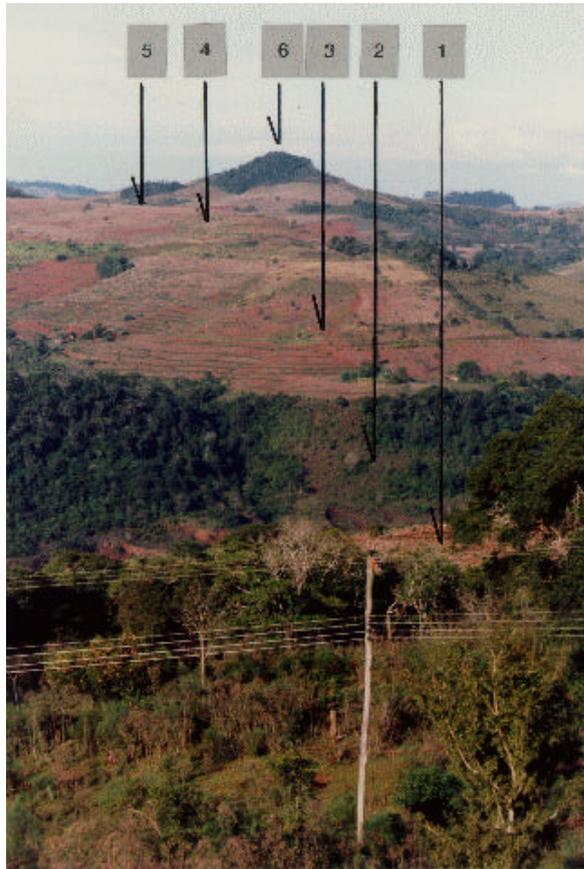


Figura 23: A partir do rio Uruguai (parte inferior da foto), ocorre a seqüência do 2º terraço (seta 1), encosta inferior (seta 2), meia encosta (seta 3), encosta superior (seta 4), platô (seta 5) e cume (seta 6). Não é observado, no local, o 1º terraço.

Fonte: GOULART (Vol II, 1997, p. 112).

Para os 93 sítios selecionados para análise (Mapa Apêndice 05), foram registrados assentamentos em todas as feições geomorfológicas, contudo é possível perceber algumas preferências: nota-se maior número de sítios localizados no segundo terraço, com 44,10%; na meia encosta, com 30,10%; na encosta inferior, com 15,05%; por outro lado observa-se uma dispersão mais limitada na encosta superior, com 5,37%; no platô, com 3,22%; no primeiro terraço e no cume apenas 1,08% para cada um, como visualizamos na figura 24 a seguir:

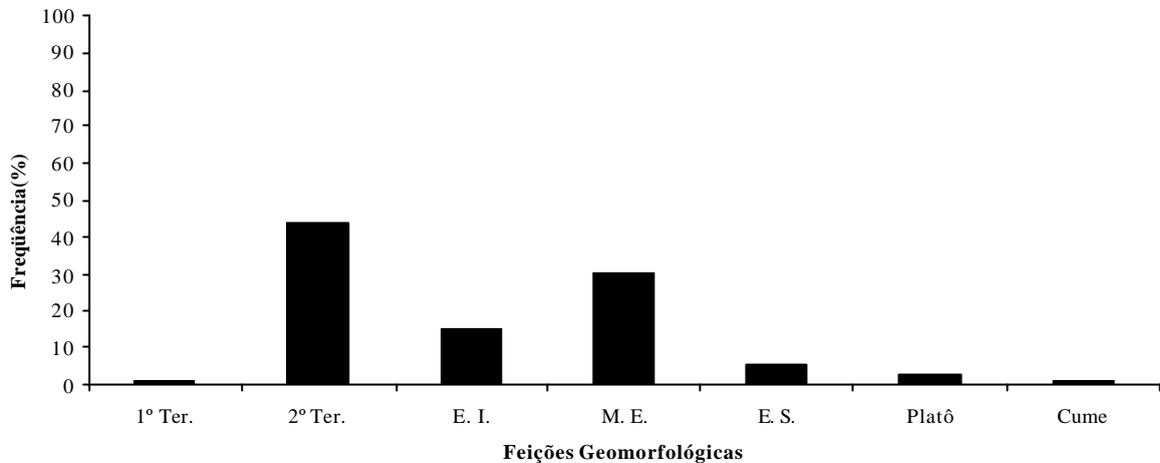


Figura 24: Distribuição dos 93 sítios arqueológicos analisados, pelas sete feições geomorfológicas: primeiro terraço (1º Ter.); segundo terraço (2º Ter.); encosta inferior (E.I.); meia encosta (M.E.); encosta superior (E.S.), platô, cume .

Observa-se pouca ocorrência no primeiro terraço, por ser localizado muito próximo ao rio Uruguai, ou seja, a área é mais facilmente inundável. Já o cume possui o mesmo número de frequência, uma vez que corresponde à parte mais alta do relevo e dificilmente seria usado para assentamento, uma vez que está localizado distante da maior drenagem, o rio Uruguai, que fornecia água, peixes, entre outros elementos necessários aos grupos humanos, que ali se instalaram.

Ao contrário, no segundo terraço e na encosta inferior, tem-se áreas normalmente planas e com declividades baixas, que podiam ser usadas para a construção das casas como para as atividades agrícolas. Isso ficou mais visível quando relacionamos as feições geomorfológicas com os tamanhos dos sítios. Para realizarmos essa análise, os sítios foram classificados a partir da quantidade de material cerâmico catalogado em cada sítio, já que a cerâmica normalmente é utilizada para identificar os grupos ceramistas. Os sítios foram assim divididos, chegando à seguinte variação: a) Sítios pequenos, com 1 a 80 objetos cerâmicos; b) Sítios médios, com 81 a 1000 objetos cerâmicos; c) Sítios grandes, com mais de 1000 objetos cerâmicos.

Os 93 sítios analisados por nós, ficaram assim classificados: 45 pequenos; 40 médios e apenas 8 grandes. Essas variáveis foram combinadas com a localização pelas feições geomorfológicas. Os 45 sítios pequenos em sua maioria estão localizados no segundo terraço, onde estavam 19 deles; na meia encosta, 16; na encosta inferior, tem-se 4 ocorrências; na encosta

superior, são 3 e no cume apenas 1. Dos sete compartimentos geomorfológicos apenas no primeiro terraço não se evidencia nenhuma ocorrência de sítios pequenos, como se pode perceber na figura 25:

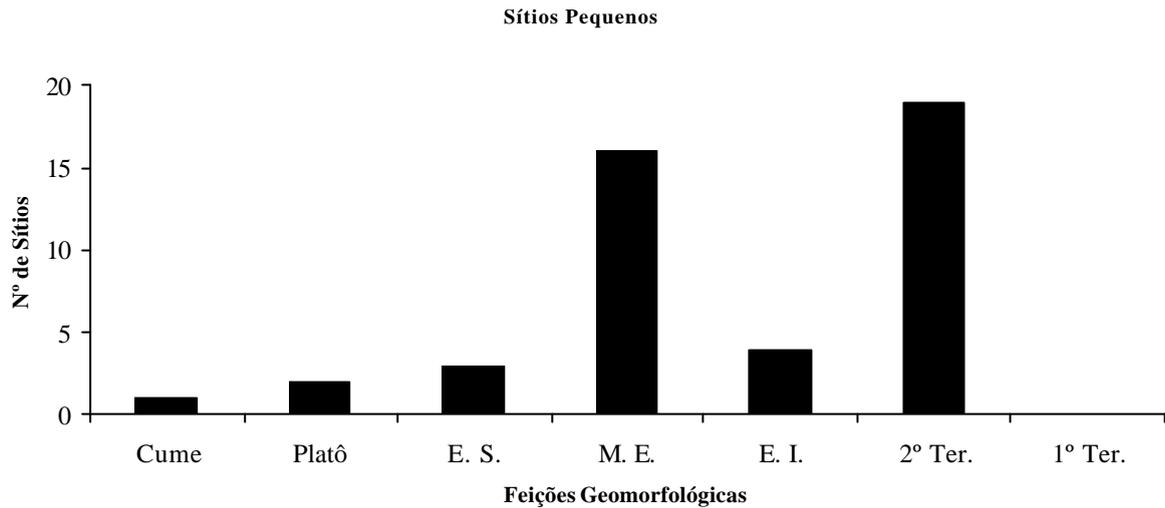


Figura 25: Sítios pequenos distribuídos pelas sete feições geomorfológicas: primeiro terraço (1º Ter.); segundo terraço (2º Ter.); encosta inferior (E.I.); meia encosta (M.E.); encosta superior (E.S.), platô, cume.

Para o total de 40 sítios médios, novamente temos maior preferência pelo segundo terraço, com 17 ocorrências, na meia encosta, são 12; na encosta inferior, são 9; já o platô e a encosta superior registram apenas 1 sítio cada uma, enquanto que no cume e no primeiro terraço, não tem nenhum sítio considerado de tamanho médio, como fica evidente na figura 26 abaixo:

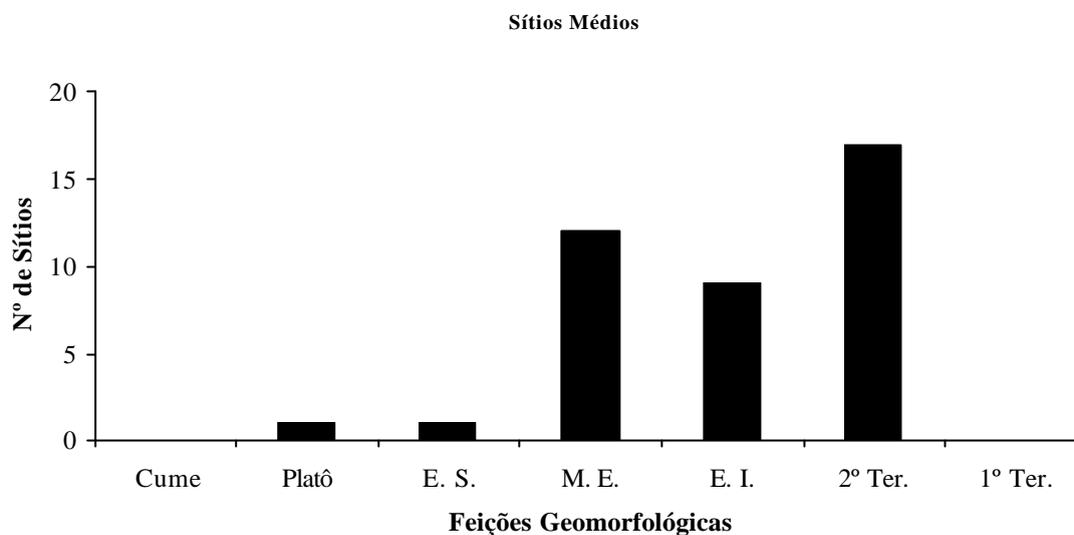


Figura 26: Sítios médios distribuídos pelas sete feições geomorfológicas: primeiro terraço (1º Ter.); segundo terraço (2º Ter.); encosta inferior (E.I.); meia encosta (M.E.); encosta superior (E.S.), platô, cume.

Dos 93 sítios, 8 foram considerados grandes por possuírem mais de 1000 fragmentos cerâmicos. Destes nota-se a preferência pelo segundo terraço, com 5; já na encosta superior, na encosta inferior e no primeiro terraço foi encontrado um sítio em cada feição geomorfológica, enquanto que no cume e no platô não houve nenhuma ocorrência, como se pode notar na figura 27 a seguir:

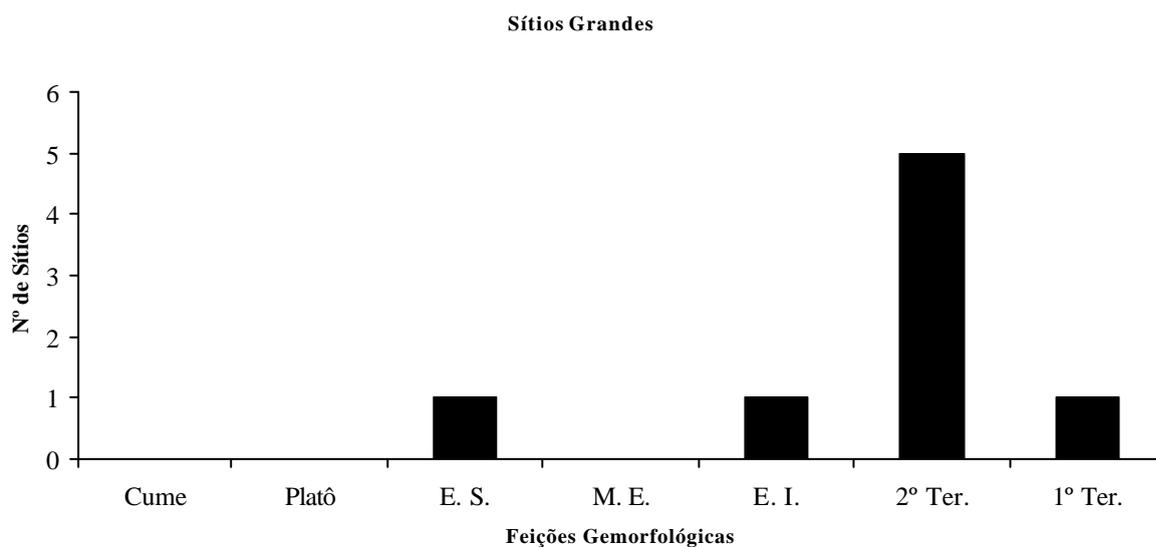


Figura 27: Sítios grandes distribuídos pelas 7 feições geomorfológicas.

Observa-se que o segundo terraço e a meia encosta, são os compartimentos geomorfológicos mais ocupados, somando juntos 74,19% dos sítios. As demais feições, o cume, o platô, a encosta superior, a encosta inferior e o primeiro terraço, juntos representam apenas 25,81%. Vale destacar que dos 8 sítios grandes, 5 estavam no segundo terraço, o 011, 013 e 229 (destes foram analisados neste trabalho o 011 e o 013) localizados no canteiro de obras, sendo que, os dois primeiros foram totalmente escavados; já outros dois sítios, o 104 e 111 ocupavam a meia encosta e localizavam-se na área do reservatório. O sítio 012, ocupava a meia encosta e o 041 o primeiro terraço, ambos no canteiro de obras; o sítio 040, ocupava a encosta superior, na área atingida pelo reservatório da UHE Itá.

### **3.10 Localização dos sítios em relação às altitudes**

De maneira geral, dos 93 sítios analisados observa-se maior concentração entre as cotas de 280m a 400m, variação que corresponde às feições geomorfológicas do segundo terraço, encosta inferior, meia encosta, encosta superior, cuja distribuição está na figura 28. Nela observamos que, dos 93 sítios a preferência de 22, está na localização entre 360 a 380m, que correspondem a 23,66%; em seguida aparecem 16 sítios, que perfazem 17, 20%, situados entre 320 a 340m; outros 15 sítios, são 16,12%, localizam-se entre 280 e 300m; já 11 sítios, são 11,82%, estão entre 380 a 400m; outros 7 sítios correspondendo a 7,52%, estão entre 400 e 420m; 6 sítios, que perfazem 6,45% estão entre 340 a 360m; 5 sítios que são 5,39% estão entre 300 a 320m; outros 5 sítios, que são 5,39% estão acima de 400m; 4 sítios são 4,30%, estão entre 260 a 280m, e apenas 2, que correspondem a 2,15%, estão entre 420 a 440m.

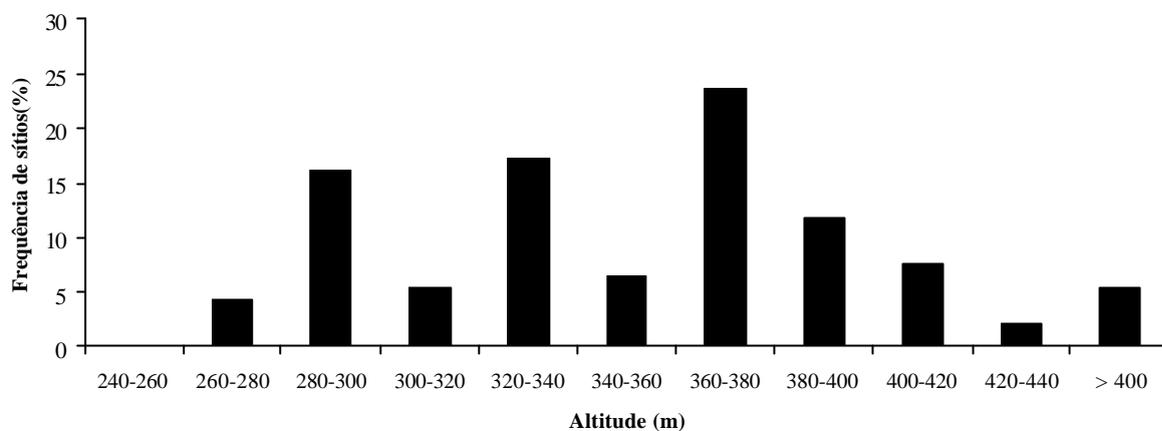


Figura 28: Localização dos 93 sítios analisados em relação às altitudes.

### 3.11 Localização dos sítios em relação às redes de drenagem

A água é uma das variáveis analisadas e, pode ter influenciado muito na hora da escolha do local para o assentamento, pois além dela encontram-se outros recursos que podem ser explorados, como fauna, flora, terra fértil. Para classificação das principais drenagens, Marilandi Goulart adotou a classificação de Horton apud Christofolletti (1980), que considera canais de 1ª ordem, aqueles que não possuem tributários; de 2ª ordem, os que só recebem tributários de 1ª ordem; os de 3ª ordem, os que recebem tributários de 2ª ordem e de 1ª ordem; 4ª ordem recebem tributários de 3ª ordem e também de ordem inferior e assim por diante (GOULART, Vol II, 1997, p. 43).

Dos 93 sítios analisados neste capítulo, observou-se maior ocorrência na proximidade do rio maior, considerado de quinta ordem, na figura 28 se nota a localização dos 93 sítios em relação às drenagens. Nela observamos que, para os 93 assentamentos, verificou-se que 46 sítios, perfazendo 49,47%, estavam localizados próximos à drenagem de 5ª ordem, no caso o rio Uruguai; outros 20 sítios, que correspondem a 21,50%, estavam próximos às drenagens de 1ª ordem; 15 sítios, equivalentes a 16,12%, estão próximos às drenagens de 4ª ordem (rio do Peixe); 10 sítios, perfazendo 10,76 %, estão próximos às drenagens de 2ª ordem e, apenas 2 sítios, que

são 2,15%, estão assentados próximos às drenagens de 3ª ordem. Nas proximidades das drenagens de 5ª e 4ª ordem, que compreendem os maiores rios (Uruguai e do Peixe) da área analisada, estavam 70,97% do total de sítios analisados.

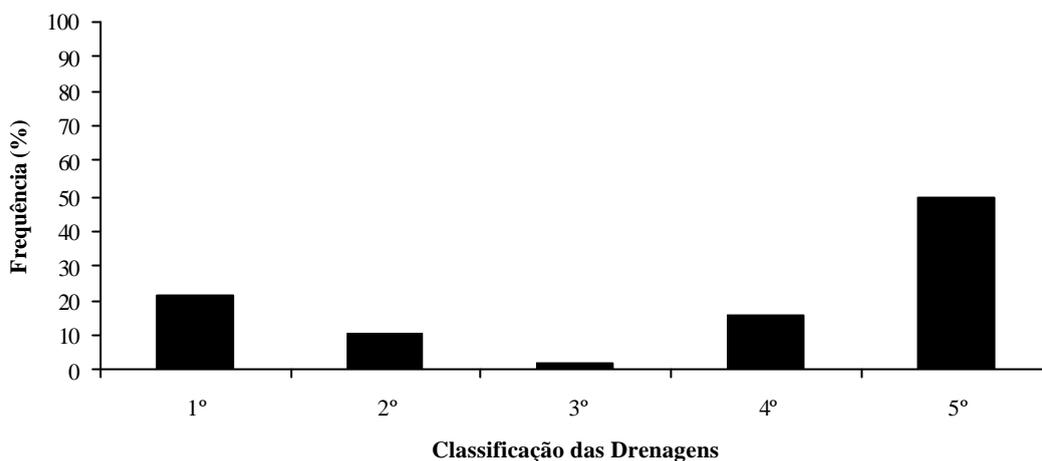


Figura 29: Localização entre os 93 sítios analisados em relação às cinco principais redes de drenagem.

Outro dado obtido foi à distância dos sítios em relação às drenagens mais próximas. Conforme Goulart (ibidem, p. 48) a distância foi medida em metros a partir do centro do sítio até a drenagem mais próxima. Na figura 30, percebemos as distâncias entre as drenagens e os 93 assentamentos: na distância de 10 a 90m, ocorre a grande maioria com 55 sítios, perfazendo 59,14%; entre 100 e 190m, estão 16 sítios, correspondendo a 17,20%; entre 200 e 290m ocorrem 7 sítios; o mesmo acontece acima de 690m, onde ocorrem mais 7 sítios, cada conjunto deles representando 7,52%; de 300 a 390m, estão 4 sítios, que somam 4,31%; entre 500 e 690m, estão 2 sítios, que correspondem a 1,08% cada um. Nota-se, a partir dos 93 assentamentos, que a distância do manancial mais próximo até o sítio, varia de 10 e mais de 690m, predominando, porém a de 10 a 190m, com 76,34% dos sítios analisados.

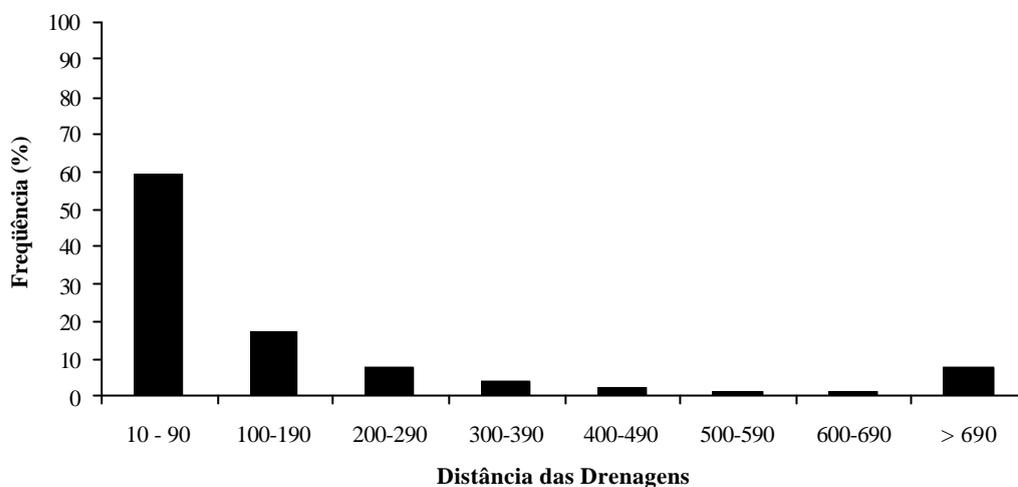


Figura 30: Distância entre os 93 sítios analisados em relação às principais drenagens.

Também foi possível observar a maior e a menor distância percorrida para chegar aos principais rios, que são: o Uruguai e o Peixe. Para os 70 sítios localizados nas cotas de desvio do rio e enchimento do reservatório da UHE Itá, 59 sítios estão próximos ao rio Uruguai, sendo que a menor distância é de 20m, enquanto que a maior é de 2380m; 11 sítios estão mais próximos ao rio do Peixe, onde a menor distância é de 20m e a maior é de 80m.

Outro dado importante quanto aos recursos hídricos, são as nascentes localizadas nas proximidades dos assentamentos: em muitos sítios observa-se uma ou mais nascentes. Para efeitos de análise foi selecionada apenas a mais próxima, quando a ocorrência foi registrada (pois em 28 sítios este dado não foi informado), para 42 sítios elas ocorrem a uma distância média de 328,57m, sendo que as mais próximas encontram-se a 120m.

Para os 23 sítios localizados no canteiro de obras da UHE Itá, a distância média para alcançar o rio Uruguai é de 489m, sendo que a menor distância é de 15m e a maior é de 1750m. No caso desses sítios, encontramos dados sobre as nascentes de 6 assentamentos, sendo que a distância menor é de 200m; para os demais 17 sítios não há informação.

### 3.12 Fontes de recursos para às indústrias lítica e cerâmica

As principais fontes de matérias-primas como a Itologia e a argila, utilizadas para a fabricação dos artefatos líticos e cerâmicos, respectivamente são encontrados segundo Goulart:

Amplamente expostos em afloramentos próximos aos sítios, em ocorrências rochosas ou ao longo das cascalheiras das praias do rio Uruguai, assim como nos depósitos de materiais areno-siltico-argilosos encontrados ao longo das planícies de inundação das principais drenagens, gerados pela deposição das correntezas durante as épocas de cheias (GOULART, Vol II, 1997, p. 48).

Quanto aos afloramentos de rocha, localizados próximos aos sítios, Marilandi Goulart organizou da seguinte forma: em todos os sítios nota-se que foram mapeados no mínimo 3 pontos de exposição de rocha, cada um deles com descrições detalhadas, geralmente trazendo informações sobre localização, tamanho, distância, tipo de rocha, entre outros. Para este trabalho, os dados sobre a litologia dos sítios da área do reservatório foram compilados e em seguida cruzados, para demonstrar a frequência dos pontos de exposição, por tipo de litologia e distância média em relação aos assentamentos. Essa análise só foi possível com os 70 sítios localizados nas cotas de desvio do rio e enchimento do reservatório. Na figura 31 observamos que, para os afloramentos de basalto foram registrados 198 ocorrências, numa distância média de 595,21m; o basalto/brecha<sup>58</sup> apareceu 98 vezes, a uma distância média de 505,47m e por fim, as cascalheiras com 46 ocorrências, encontradas a uma distância média de 638,76m.

---

<sup>58</sup> Brechas basálticas ou brechas basálticas/sedimentares com limites irregulares, surgem com frequência nas zonas de contatos interderrames, refletindo os processos atuantes no intervalo entre as pulsações de extravasamento das lavas basálticas (GOULART, Vol II, 1997, p. 32).

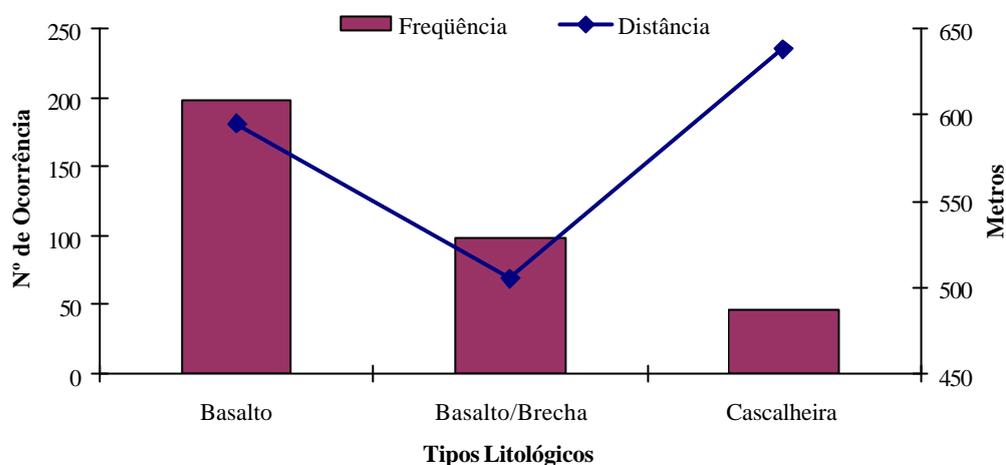


Figura 31: Tipos de litologias mais frequentes e as distâncias médias.

Os afloramentos de basalto que ocorrem com mais frequência e também estão relativamente próximos aos sítios, constituíram-se como fonte de captação de recursos para a confecção de peças líticas e foram utilizados em estruturas de fogueiras, como foi possível evidenciar na escavação do sítio 011. Por outro lado, as cascalheiras do rio Uruguai são constituídas por uma variedade de fragmentos e seixos rochosos, compostos por: quartzo, ágata, calcedônia, brechas basálticas, basaltos, entre outros; constituíram-se na grande área de captação de recursos geológicos para o desenvolvimento da indústria lítica das culturas pretéritas (GOULART, Vol II, 1997, p. 125). Na figura 32, observa-se cascalheira no rio Uruguai:



Figura 32: Cascalheira (seta 1) formada pelo acúmulo de material transportado pelo rio e à direita da foto, uma feição geomorfológica correspondente ao 2º terraço (seta 2), depósito este proveniente da encosta ou formado pela planície de inundação do rio.

Fonte: GOULART (Vol II, 1997, p. 125).

Para os demais 23 sítios localizados no canteiro de obras, não foi possível fazer essa análise, pois no cadastro dos sítios só foram citados os pontos de exposição; estes revelam alta frequência de afloramentos, contudo não estão descritos como nos sítios encontrados na área do reservatório.

Ao longo deste capítulo, podemos perceber que o grande enfoque dado durante o trabalho de campo do PSAU, foi a problemática ambiental, visando entender como as sociedades exploravam o meio ambiente sócio-econômico e cultural. Os sítios arqueológicos, ao menos os registrados na área de desvio do rio e enchimento do reservatório na área da UHE Itá, foram detalhadamente descritos, em meados da década de 1990, a partir do fator geo. Conforme Moraes (1999b) o fator geo, compreende os procedimentos relativos, entre as práticas arqueológica e as ciências da terra, especialmente a Geografia, Geologia e Geomorfologia. Essa abordagem interdisciplinar da ciência arqueológica, se distribui, segundo o autor, entre os sub-campos, da Geoarqueologia e a Arqueologia da Paisagem. Como já mencionamos essa preocupação em analisar os cenários de ocupações humanas e seu meio ambiente, foi criada no Brasil, por Luciana Pallestrini. A forma de compreensão dos sítios juntamente com a metodologia de escavação, a partir das superfícies amplas, baseada na escola francesa, evidencia o fazer da ciência

arqueológica nas décadas de 1980 e 1990, onde Marilandi Goulart procurou reproduzir no alto Uruguai o que já vinha sendo desenvolvido no Projeto Paranapanema. Porém, como já destacamos, não podemos esquecer que o PSAU é um projeto de pesquisa contratado, sendo desenvolvido conforme as demandas do empreendedor, o que provavelmente trouxe algumas limitações, como por exemplo, as atividades de campo mais rápidas e não minuciosas como postula a escola francesa.

## CAPÍTULO 4

### A CERÂMICA

As informações sobre a cerâmica foram extraídas basicamente do Relatório Final do PSAU-UHE Itá - Volume IV (1997), que é específico para o material cerâmico. Este é composto por um volume inicial que apresenta a abordagem tecno-tipológica da indústria cerâmica e por mais seis anexos. O primeiro deles contém a relação dos modos de produção e decoração. O segundo traz a relação dos tipos pintados. O terceiro anexo apresenta gráficos e tabelas complementares com análise de material. O quarto contém a reconstituição gráfica das vasilhas, a partir de 171 bordas das tradições Tupiguarani e Taquara. Os anexos cinco e seis, trazem os Tomos I e II, que apresentam o inventário de 25.865 fragmentos cerâmicos, de sítios encontrados em ambas as margens do rio. O Tomo I corresponde ao inventário de 12.707 fragmentos cerâmicos, dos sítios localizados nas cotas de desvio do rio Uruguai. O Tomo II refere-se ao inventário de 13.158 fragmentos cerâmicos, dos sítios localizados na área de enchimento do reservatório da UHE Itá (GOULART, Vol IV, 1997, p. 71).

Os dados sobre a cerâmica dos sítios localizados na área do canteiro de obras, foram extraídos dos relatórios produzidos por Goulart e equipe (1987a, 1987b, 1988a, 1988b); embora apresentem apenas uma análise parcial do material cerâmico encontrado, permitem evidenciar contatos culturais entre grupos portadores da tradição Tupiguarani e Taquara. Também utilizamos o Inventário do Material Cerâmico, elaborado por Goulart (1995) para apresentar a classificação total da cerâmica, para cada sítio lito-cerâmico ou cerâmico localizado pelo PSAU-UHE Itá.

O inventário do material cerâmico é composto basicamente das seguintes informações: o número seqüencial, o número do inventário, o número do sítio, o número do fragmento, o número da etiqueta, o setor, a profundidade e a estrutura. Conforme os relatórios, não houve análise detalhada para cada fragmento cerâmico, como ocorre para o material lítico; maior atenção foi dada por Marilandi Goulart às bordas consideradas utilizáveis, pois a partir delas foi possível fazer a reconstituição gráfica das vasilhas. O material cerâmico neste trabalho, foi abordado a partir da classificação e análise desenvolvida por Marilandi Goulart e equipe, com a consultoria de José Justiano Proença Brochado.

Com base nas informações destes relatórios, buscaremos compreender a produção cerâmica a partir da seleção dos sítios 009, 010, 011 e 013, registrados no município de Itá (canteiro de obras) e dos sítios 103, 104, 108, 111, localizados nos municípios de Concórdia e Ipira (atingidos pelo reservatório da barragem), estes foram comparados com o sítio-tipo 144<sup>59</sup> localizado em Palmitos-SC, todos localizados na margem direita do Uruguai, conforme Mapa Apêndice 06.

#### 4.1 Um modelo etnoarqueológico de análise cerâmica

O enfoque metodológico empregado por Marilandi Goulart e equipe, para a análise do material cerâmico, torna-se indispensável na medida em que faremos uso dos dados produzidos por eles. Para entendê-lo, não podemos esquecer que o consultor José J. P. Brochado, operava nessa época, mudanças quanto à interpretação de sítios arqueológicos Guarani.

O modelo etnoarqueológico de análise do material cerâmico desenvolvido pelo PSAU-UHE Itá, foi conduzido por José J. P. Brochado que, no final da década de 1970, passou a questionar o enquadramento das culturas arqueológicas em tradições, pois essas não faziam ligação com grupos conhecidos historicamente. Essa tendência de caracterizar as culturas arqueológicas baseava-se no enfoque histórico-cultural estabelecido pelo PRONAPA, programa do qual Brochado participou na fase de implantação.

O PSAU-UHE Itá não pode ser entendido fora dessa nova proposta de análise dos contextos arqueológicos Guarani, na qual Brochado (1984) trazia na tese de doutorado, novas luzes à arqueologia brasileira, a partir da influência do orientador Donald Lathrap. Elaborando um modelo ecológico sobre a dinâmica populacional Guarani, a partir de sua origem amazônica e baseado em referências etnoarqueológicas e fontes etnohistóricas do período do contato, como o

---

<sup>59</sup> O sítio 144 foi encontrado na propriedade de Adelar Sana, Linha Nova Brasília, município de Palmitos/SC, na área que seria impactada pelo reservatório da Barragem de Itapiranga. Este foi considerado como sítio-tipo por ter produzido mais fragmentos de cerâmica nas coletas superficiais executadas no levantamento realizado pelo Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai, durante as etapas de 1980 a 1985. Até aquele momento haviam sido feitas apenas coletas de superfície de material arqueológico, nos sítios localizados. Quando da instalação do canteiro de obras da barragem Itá, foram iniciados os trabalhos de escavação dos sítios, de pequenas dimensões, que não produziram muito material (GOULART, 1987).

Dicionário de Montoya (1876), proporcionou novo olhar para a interpretação funcional da variabilidade formal e decorativa dos vasilhames cerâmicos. Devido ao trabalho de consultoria de Brochado, durante a década de 1980, no desenvolvimento do PSAU e do PSAU-UHE Itá, percebemos indícios de que ele influenciou e determinou os rumos da análise do material cerâmico dos projetos em questão. Mas também, o inverso pode ter ocorrido, ou seja, esse novo modelo que estava sendo proposto por Brochado (1984) tenha se baseado em boa parte, em coleções provenientes do alto rio Uruguai.

Para a cerâmica da tradição Taquara proveniente dos sítios da área da UHE Itá, Marilandi Goulart e equipe basearam-se no material dos sítios 010, 011, 013 e 037, com exceção deste último, os demais fazem parte de nossa análise. Para esta tradição, foram escolhidos vários sítios devido à impossibilidade de selecionar um sítio-tipo, pois apresentaram baixa frequência de material (GOULART, Vol IV, 1997, p. 10). Quanto ao material cerâmico da tradição Tupiguarani, os sítios localizados na área da UHE Itá foram analisados em comparação ao sítio-tipo 144, localizado fora da área atingida por esse empreendimento. Segundo Goulart este foi escolhido como sítio -tipo para o PSAU e PSAU-UHE Itá por apresentar os seguintes critérios:

- a) quantidade e qualidade do material arqueológico; b) representava uma curta ocupação: podendo ser aplicado o que se conhece a respeito do padrão de assentamento da cultura Guarani. Onde as aldeias eram ocupadas por pouco tempo (no máximo cinco anos), portanto, não existe perigo do material representar a mistura de uma longa seqüência estratigráfica destruída. Também, não há evidências de reocupação do sítio através do tempo, por representantes da mesma cultura ou de outra reocupação; c) relativa homogeneidade cultural (GOULART, Vol IV, 1997, p.10).

Descreveremos brevemente a coleção cerâmica do sítio-tipo 144 e a forma como foi analisada. Esta coleção provém de coletas superficiais não selecionadas e sistemáticas, em toda a área do sítio. Do total de 11.253 fragmentos, 1.115 são bordas utilizáveis, sendo estas, juntamente com alguns fragmentos diagnósticos do corpo e da base, usadas para a reconstituição gráfica das formas das vasilhas, com predominância do estilo Tupiguarani, atribuídas os Guarani históricos. Apenas alguns fragmentos permitiram a reconstituição de sete tipos de vasilhas, com características de forma que os aproximam do estilo Taquara, atribuído pelos pesquisadores aos Kaingang históricos, mesmo sem ter a pasta característica daquele estilo; na opinião de Brochado, foi bastante difícil isolar estes elementos “estranhos” e não parecem existir outras influências do estilo Taquara sobre a cerâmica Tupiguarani. Também não há evidências de contato com os

missionários jesuítas dos séculos XVII e XVIII, nem com a sociedade nacional dos séculos XIX e XX, que pudessem ter mudado os padrões indígenas (BROCHADO apud GOULART, 1997, p. 10-11). Apesar da identificação do sítio 144 como representativo da tradição Tupiguarani, as sete evidências consideradas de formas atribuídas à tradição Taquara, são um dado significativo para relativização da metodologia utilizada pelos pesquisadores.

O estudo da cerâmica do sítio-tipo 144 baseou-se no binômio forma e função; a referência para inferir a funcionalidade, foi encontrada em fontes etnohistóricas, especialmente no dicionário de Montoya (1876). O procedimento metodológico adotado para reconstituição gráfica dos fragmentos de cerâmica foi o seguinte: em primeiro lugar, foram listadas as classes de vasilhas Guarani, mencionadas por Montoya (1876) com as suas funções. Foram estabelecidas seis classes de vasilhas: 1 panela para cozinhar (yapepó); 2 caçarola para cozinhar (ñaëá ou ñaëtá); 3 prato para assar beijú (ñamôpyü ou ñamÿpiu); 4 prato para comer (ñaëmbé ou tembiirú); 5 jarra para bebida em geral, especialmente bebidas fermentadas (cambuchí); 6 tigela para beber (cambuchí caaguâba) [Grifo nosso]<sup>60</sup>. Em segundo lugar, foram identificadas as classes de vasilhas mencionadas por Montoya (idem) no catálogo das vasilhas Guarani inteiras de museus e coleções, compilado por Brochado (s. d.). Em terceiro lugar, foi revisada a reconstituição gráfica das vasilhas do sítio-tipo 144, comparadas com as vasilhas inteiras do catálogo, cuja classificação e funcionalidade se obteve em Montoya (1876). Desta maneira, todos os fragmentos de bordas foram ordenados segundo a possível classe funcional das vasilhas (BROCHADO apud GOULART, 1997, p. 10-11).

#### **4.2 A produção cerâmica dos sítios 103, 104, 108 e 111**

A cerâmica é o elemento diagnóstico para identificar sítios arqueológicos de grupos ceramistas; pode apresentar variados estilos, o que possibilita distinguir diferentes culturas ou suas variações; seu uso está associado a sociedades agrícolas. No sul do Brasil, foram encontradas culturas que produziam cerâmica na época da chegada dos europeus, nesse período os Guarani

---

<sup>60</sup> Ver Brochado e Monticelli (1994).

ocupavam vastas extensões de terra e podem ser considerados como um dos maiores grupos agricultores. Para Schmitz, esses grupos dominavam florestas subtropicais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Misiones, florestas tropicais da Argentina, São Paulo, Mato Grosso do Sul e do Paraguai. Eram agricultores que levantavam suas aldeias nas várzeas e encostas inferiores do planalto, cultivavam feijão, milho, mandioca, batata doce, cará, abóbora, fumo, algodão, urucum, entre outros. Para ele é “relativamente fácil escrever a pré-história dos Guarani por conhecermos sua história desde os primeiros encontros com os europeus até o seu confinamento nas reservas atuais (SCHMITZ, 2000, p. 284). Às margens dos grandes rios Paraná, Paraguai, Jacuí e Uruguai, são encontrados muitos sítios arqueológicos que evidenciam os modos de vida desses grupos. Através desses sítios os arqueólogos buscam compreender como essas sociedades viviam. La Salvia e Brochado nos dão uma idéia da importância da produção cerâmica para os grupos Guarani e de como ela é expressão de determinados comportamentos culturais, que envolvem o homem e o meio:

Sendo a cerâmica um elemento tecnológico determinante de um comportamento, nossa proposição é ver o homem que desenvolve uma tecnologia como satisfação de suas necessidades e inserido dentro de um contexto ecológico, onde nichos ocorrem, com características geológicas, pedológicas e vegetais diferentes, determinando comportamentos distintos, dentro de uma mesma tradição cultural (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 05).

É importante salientar que a cerâmica evidencia uma tecnologia utilizada por determinado grupo para a confecção dos vasilhames na satisfação de necessidades, por isso, pode ser analisada a partir de vários aspectos: o modo de produção, a pasta, o tipo de antiplástico, o tipo da queima, o acabamento interno e externo, além, é claro, da forma e função. Esses elementos, localizados no tempo e no espaço, podem servir para reconstruir os modos de vida dos grupos que os produziram.

Dados etnográficos, apresentados por Lima (1987) mostram que a fabricação dos vasilhames de barro, está ligada à área doméstica, constituindo-se em domínio quase que exclusivamente feminino. A argila é obtida às margens dos rios e córregos situados próximos às aldeias. Não é comum o emprego do barro puro, devido à excessiva plasticidade, por isso, é muito freqüente o acréscimo de substâncias (fibras vegetais, palha picada, grãos de quartzo, cacos de cerâmica triturada, areia, etc). A técnica de fabricação mais utilizada é o acordelado, que consiste na superposição de roletes; em seguida é feita a justaposição interna e externa dos mesmos. Após

alcançar a forma desejada, é feito o polimento, com o auxílio de objetos, como seixos. Quando a artesã deseja realizar uma decoração plástica, ainda com a argila molhada são feitas as incisões. A queima, normalmente é feita em fogueira; nesse momento, a presença ou ausência de oxigênio afeta a cor da pasta; se ocorre o tipo oxidante (rica em oxigênio), a cerâmica apresenta cores como marrom, vermelho; já se a queima ocorre em ambiente redutor, terá cores como preto, cinza e branco. A pintura geralmente ocorre anterior à queima. É comum a aplicação de resinas, podendo acontecer também a impermeabilização dos vasilhames (LIMA, 1987, p. 173).

A cerâmica só é ultrapassada em durabilidade pelos materiais confeccionados a partir da pedra, portanto, é encontrada abundantemente no registro arqueológico. No PSAU, a cerâmica foi o tipo de material mais encontrado, sendo inventariados 135.488 fragmentos cerâmicos, mais 68 vasilhas, destas algumas inteiras. Neste texto abordamos apenas o material cerâmico dos sítios atingidos pelo desvio do rio e pelo enchimento do reservatório da UHE Itá, pois apresentam mais informações. Assim, selecionamos os sítios em que a cerâmica foi analisada por Marilandi Goulart e equipe, sendo eles: o sítio 104, com 2.004 fragmentos; o sítio 111, com 1.421 fragmentos; o sítio 103, com 848 fragmentos e o sítio 108, com 489 fragmentos, somando juntos 4.762 objetos cerâmicos.

A cerâmica foi analisada basicamente, a partir do tipo de tratamento de superfície encontrado na face externa dos vasilhames. A opção pelo uso do termo tratamento de superfície se deve ao fato de que este pode ser de cunho prático ou artístico, porém muitas vezes o que se caracteriza como decoração pode ser acabamento produtivo (LA SALVIA; BROCHADO, 1989). A maioria dos fragmentos cerâmicos analisados nos sítios 103, 104, 108 e 111 apresentou a união dos roletes, obliterada pela aplicação de várias técnicas; os principais tipos de tratamento de superfície encontrados são, o alisado, o corrugado, o escovado.

A cerâmica alisada corresponde ao tipo simples, porém, os cacos lisos podem proceder de vasos não decorados, como de vasilhas que apresentam tratamento plástico; nesse caso geralmente a parte inferior não é decorada (PROUS, 1992, p. 390). O corrugado é um acabamento que pode ser definido como: “resultado da ação lateral do dedo sobre a cerâmica, pressionando uma parte da argila, por arraste, e formando uma crista de forma semi-lunar como resultado do acúmulo da argila arrastada” (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p. 35). Este pode apresentar variações como, corrugado simples, composto e corrugado-ungulado. Já o escovado pode ser caracterizado como “a ação produzida por instrumento de múltiplas pontas, arrastadas na superfície cerâmica ou sobre

ela friccionado” (ibidem, p. 36). É um estilo mais característico do sul do Brasil, posterior ao século XIV, quando os grupos indígenas entram em contato com o homem branco (PROUS, 1992, p. 390). Outras formas de acabamento podem ser encontradas, como: ungulado, ponteadado, inciso, acanelado, digitado, beliscado, roletado, pinçado, entre outros; estes normalmente costumam aparecer em proporções menores.

Dos 4.762 fragmentos cerâmicos encontrados nos sítios 103, 104, 108 e 111, o tratamento de superfície mais freqüente é o alisado, com 2.137, representando 44,87%; o corrugado aparece em segundo lugar, com 1.298 fragmentos, correspondendo à 27,25%; em terceiro lugar está o escovado, com 821 fragmentos, que são 17,24%; os demais 506 objetos cerâmicos, que são 10,64%, compreendem tipos de acabamento como: pintado, ponteadado, inciso, ungulado, acanalado, entre outros. A figura 33 seguir, apresenta os três tratamentos de superfície mais recorrentes em 4.256 fragmentos, nos quatro sítios selecionados na área de desvio do rio e enchimento do reservatório.

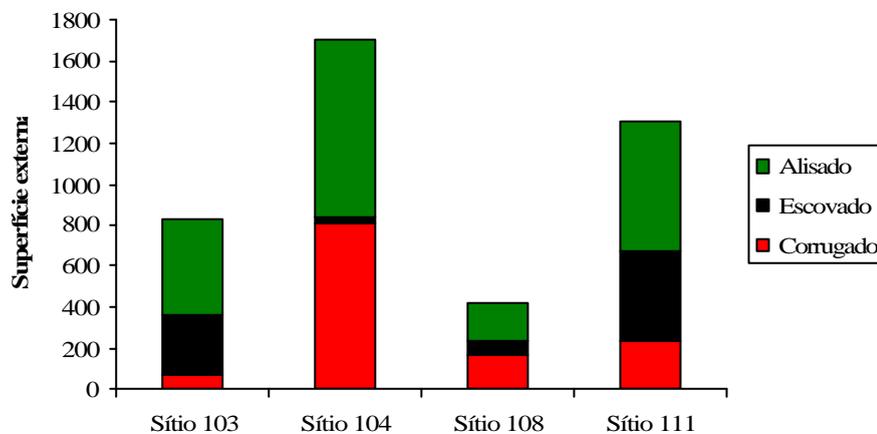


Figura 33: Tipos de tratamento de superfície nos fragmentos de borda do sítio 103, 104, 108 e 111.

O modo alisado aparece nos quatro sítios com maior freqüência que os demais; já o corrugado e o escovado não apresentam grandes variações; nos sítios 103 e 111 o escovado aparece com mais freqüência que o corrugado, e nos sítios 104 e 108 ocorre o inverso. Para Soares (2005), deve-se perseguir a comprovação funcional do corrugado, enquanto tratamento de superfície proposital com objetivo definido, uma vez que, através das vilosidades que compõem

as dobras dos roletes, amplia-se a manutenção de calor, diferente das vasilhas lisas, unguladas e escovadas que estariam ligadas às tigelas cuja função é consumir ou guardar alimentos, tijelas de beber, pratos e talhas. Já as vasilhas lisas, segundo o autor, estariam normalmente associadas a pintura.

Nos sítios analisados a pintura foi adotada para decorar as superfícies externa e interna das vasilhas. A pintura na face externa apresentou motivos desenhados sobre uma fina camada de tinta branca denominada engobo; as cores de tintas empregadas foram o vermelho, preto, marrom, ocre e carmim. Também foi identificada uma variável, a substituição do engobo branco pelo vermelho, cujos motivos foram executados com tinta branca. Quanto ao tratamento da superfície interna, observa-se a utilização da tinta vermelha/preta e preta/marrom, para decorar os vasilhames com linhas curvilíneas bem finas duplas associadas com pontos de tinta preta; escalonadas a pontos de tinta preta e linhas retilíneas e curvilíneas finas simples e oblíquas, respectivamente (GOULART, Vol. IV, 1997, p. 40).

Comparando o tratamento de superfície dos sítios 103, 104, 108 e 111 (figura 33) com o sítio-tipo 144, temos a seguinte situação conforme aparece nas figuras 34 e 35:

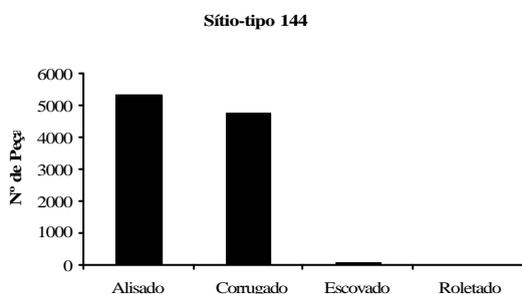


Figura 34: Tipos de tratamento de superfície considerado produtivo no sítio-tipo 144.

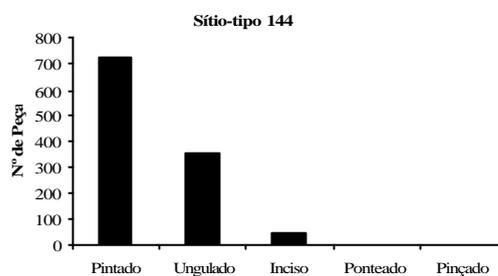


Figura 35: Tipos de tratamento de superfície considerado decorativo no sítio-tipo 144.

Marilandi Goulart dividiu em dois grupos o total de 11.253 fragmentos de borda encontrados no sítio-tipo 144. Um grupo foi classificado como modo produtivo, este apresentou 10.124 fragmentos de borda, na parte externa foi identificado o alisado, com 5.331 e o corrugado, com 4.734; o escovado, com 51 e o roletado, com 8 fragmentos de borda. Os demais 1.129 fragmentos apresentaram tratamentos de superfície que foram considerados por Marilandi Goulart como decorativos, o pintado, com 728; o ungulado, com 354; o inciso, com 45; ponteadado, com 1 e o pinçado, com 1 (GOULART, Vol IV, 1997, p. 58-59).

#### 4.2.1 Reconstituição gráfica da forma e da funcionalidade dos vasilhames cerâmicos

De acordo com o modelo etnoarqueológico apresentado por Brochado, na interpretação funcional da variabilidade formal e decorativa dos vasilhames, dos 4.762 fragmentos cerâmicos dos sítios 103, 104, 108 e 111, foram selecionados por Marilandi Goulart e equipe, 458 fragmentos de bordas. Destes, resultaram nove variedades de vasilhas, sendo elas: cambuchí; cambuchí caaguâba; ñaëmbé; ñaëtá; ñamôpyü; tigela; tigela carenada; tigela infletida e yapepó. Em nossa análise, reunimos os três tipos de tigelas, com as cambuchí caaguâba, resultando em seis tipos de vasilhas, ao invés de nove (Ver tipos de formas Tupiguarani Anexo 03). A porcentagem dos tipos de vasilhas encontradas nos sítios 103, 104, 108 e 111, foram comparados ao sítio-tipo 144 que apresentou 735 bordas reconstituídas graficamente, conforme visualizamos na tabela 03 a seguir:

Tabela 3: Tipo de vasilhas encontradas nos sítios, 103, 104, 108, 111 e 144.

Tipo de vasilhas	Sítio 103	Sítio 104	Sítio 108	Sítio 111	Sítio-tipo 144
<b>Yapepó</b>	40% (30)	46,90% (98)	38,46% (20)	40,16% (49)	51,15% (376)
<b>Cambuchí caguâba</b>	29,34% (22)	34,45% (72)	36,55% (19)	37,70% (46)	27,21% (200)
<b>Ñaëmbé</b>	8% (6)	6,23% (13)	9,61% (5)	10,65% (13)	10,47% (77)
<b>Ñaëtá</b>	8% (6)	7,17% (15)	5,77% (3)	4,10% (5)	4,35% (32)
<b>Cambuchí</b>	13,33% (10)	4,30% (9)	9,61% (5)	4,10% (5)	6,12% (45)
<b>Namôpyü</b>	1,33% (1)	0,95% (2)	0% (0)	3,29% (4)	0,70% (5)
<b>Total</b>	<b>100% (75)</b>	<b>100% (209)</b>	<b>100% (52)</b>	<b>100% (122)</b>	<b>100% (735)</b>

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Goulart (1997, Vol IV).

Observa-se que os tipos de vasilhas classificados como yapepó e cambuchí caguãba são os que aparecem com maior frequência, já os demais estilos compreendem proporções bem menores. Estes seis tipos de vasilhas foram distribuídos pelos cinco sítios, de acordo com o tratamento de superfície, conforme veremos a seguir.

#### 4.2.1.1 Yapepó (panela)

São as vasilhas usadas para a preparação de alimentos por fervura sobre o fogo; normalmente apresentam bordas verticais e inclinadas para fora ou para dentro, com base conoidal e arredondada (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 109). Nesta categoria foram identificadas 197 bordas que, foram distribuídas pelos tratamentos de superfície identificados nos sítios, sendo comparadas ao sítio-tipo 144, com 376 bordas, conforme tabela 04 a seguir:

Tabela 4: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como yapepó, nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144.

Tratamento de Superfície	Sítio 103	Sítio 104	Sítio 108	Sítio 111	Total	Sítio-tipo 144
<b>Alisado</b>	5	18	3	20	<b>46</b>	<b>43</b>
<b>Corrugado</b>	11	57	12	12	<b>92</b>	<b>162</b>
<b>Escovado</b>	12	1	3	10	<b>26</b>	<b>2</b>
<b>Inciso</b>	1	2	1	2	<b>6</b>	<b>-</b>
<b>Pintado</b>	1	2	1	-	<b>4</b>	<b>4</b>
<b>Pontado</b>	-	1	-	-	<b>1</b>	<b>-</b>
<b>Ungulado</b>	-	17	-	5	<b>22</b>	<b>165</b>
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>98</b>	<b>20</b>	<b>49</b>	<b>197</b>	<b>376</b>

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Goulart (1997, Vol IV).

Nos sítios 103, 104, 108 e 111 o tratamento de superfície corrugado, representa 46,70% do total de bordas reconstituídas como yapepó. Por apresentar-se em maior quantidade que os demais, corresponde à idéia de Soares (2005), de que o corrugado auxilia na manutenção do calor, portanto, ideal para o cozimento de alimentos. Em seguida, aparece o alisado, com 23,35% das bordas; o escovado, com 13,19% bordas; o unglado, com 11,16% bordas; o inciso, com 3,05% das bordas; o pintado, com 2,05% e o pontado com, apenas 1 borda, que corresponde a 0,50% (GOULART, Vol. IV, 1997, p. 93). No caso do sítio-tipo 144, das 376 bordas classificadas como yapepó, tem-se as seguintes porcentagens de tratamentos de superfície: 43,90% ungladas, 43,08% corrugadas, 11,43% alisadas, 1,06% pintadas e apenas 0,53% escovadas (ibidem, p. 61). Neste sítio, ao contrário dos demais quatro sítios, observa-se que o unglado é um pouco mais numeroso que o corrugado, mas por outro lado, não foram encontrados os acabamentos inciso e pontado e o escovado é mínimo.

#### 4.2.1.2 Cambuchí caguãba (tijelas para beber)

Vasilhas para beber, vaso onde se bebe, são identificadas por bordas contínuas à parede, inclinadas para dentro ou para fora, infletidas ou complexas e carenadas, a base apresenta-se hemisférica, elipsoidal ou conoidal; também são utilizadas como acompanhamento funerário (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112; GOULART, Vol IV, 1997, p.19). Na classificação de Goulart e equipe, o cambuchí caguãba aparece separado das tigelas e tigelas carenadas e infletidas, mas para nossa análise elas foram reunidas com a classe das cambuchí caguãba. Para os sítios 103, 104, 108 e 111, foram identificadas 159 bordas relacionadas aos cambuchí caguãba, que foram distribuídas segundo os tratamentos de superfície. A tabela 05 a seguir representa a situação em comparação com o sítio-tipo 144:

Tabela 5: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como cambuchí caguãba, nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144.

Tratamento de Superfície	Sítio 103	Sítio 104	Sítio 108	Sítio 111	Total	Sítio-tipo 144
<b>Alisado</b>	9	24	-	24	<b>57</b>	<b>10</b>
<b>Corrugado</b>	2	16	9	7	<b>34</b>	<b>12</b>
<b>Escovado</b>	3	1	-	5	<b>9</b>	-
<b>Inciso</b>	1	1	3	5	<b>10</b>	-
<b>Pintado</b>	7	29	5	1	<b>42</b>	<b>153</b>
<b>Ungulado</b>	-	1	2	4	<b>7</b>	<b>25</b>
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>72</b>	<b>19</b>	<b>46</b>	<b>159</b>	<b>200</b>

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Goulart (1997, Vol IV).

Das 159 bordas encontradas nos sítios 103, 104, 108 e 111 e que foram classificadas como cambuchí caguãba, 34,84% são alisadas, 26,42% pintadas, 21,38% corrugadas, 6,3% incisas, 5,66% escovadas e 4,40% unguladas (GOULART, Vol IV, 1997, p. 88). Se as compararmos ao sítio-tipo 144, nota-se que das 200 bordas, 76,50% são pintadas, 12,50% unguladas, 6% corrugadas e 5% alisadas (ibidem, p. 61). Para essa categoria de vasilhas, observa-se que nos sítios da área da UHE Itá, destacam-se os acabamentos alisado e pintado, representando 62,26%, o corrugado, inciso e escovado, somam juntos 37,74%. Enquanto que, no sítio-tipo 144, o modo pintado corresponde sozinho a 76,50% das bordas analisadas, os tipos alisado, corrugado e ungulado, representam 23,50% das bordas; por outro lado, não foi identificada nenhuma borda com o tratamento inciso ou escovado.

#### 4.2.1.3 Ñaëmbé ou tembiiru (pratos para comer)

É traduzido como prato, utilizado para comer. Possui uma forma fácil de ser identificada, pois é muito aberto, com borda convexa, contínua com as paredes, aproximadamente vertical ou inclinada para fora, com base aplanada ou levemente arredondada. Brochado e Monticelli (1994, p. 115-116) ressaltam que as classes de ñaëmbé ou tembiiru e cambuchí caguãba são compostas por tigelas, sendo difícil diferenciar uma classe de outra, através dos fragmentos de borda. Em vasilhas inteiras se distinguem principalmente pela forma da base, os ñaëmbé (ou tembiiru) possuem base aplanada ou levemente arredondada. Para os quatro sítios da área da UHE Itá, foram identificadas 37 bordas como ñaëmbé, enquanto que, no sítio-tipo 144 são 77 bordas, que foram distribuídos pelas decorações, conforme tabela 06 a seguir:

Tabela 6: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como ñaëmbé, nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144.

Tratamento de Superfície	Sítio 103	Sítio 104	Sítio 108	Sítio 111	Total	Sítio-tipo 144
<b>Alisado</b>	2	9	2	3	<b>16</b>	<b>9</b>
<b>Corrugado</b>	-	4	1	7	<b>12</b>	<b>27</b>
<b>Escovado</b>	1	-	-	2	<b>3</b>	-
<b>Ungulado</b>	3	-	2	1	<b>6</b>	<b>8</b>
<b>Pintado</b>	-	-	-	-	-	<b>33</b>
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>13</b>	<b>5</b>	<b>13</b>	<b>37</b>	<b>77</b>

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Goulart (1997, Vol IV).

Nos sítios 103, 104, 108 e 111 nota-se que o alisado aparece em primeiro lugar, com 16 bordas, que correspondem a 43,24%; o corrugado, com 32,44%; o ungulado, com 16,22% e o escovado com 8,10% (GOULART, Vol IV, 1997, p. 89). Em comparação com o sítio-tipo 144, observa-se que, das 77 bordas, 44,86% são pintadas, 35,08% são corrugadas, 11,68% são alisadas

e 10,38% unguladas (ibidem, p. 61). Nos sítios localizados na área da UHE Itá, é predominante o tratamento de superfície alisado e corrugado, e em proporções bem menores aparece o ungulado e o escovado. Por outro lado, o sítio-tipo 144 apresenta em maior número o modo pintado, que nos outros sítios não aparece, e também o corrugado, enquanto que, o liso e ungulado apresentam baixa frequência e o escovado não foi encontrado.

#### 4.2.1.4 Ñäëtá (caçarolas para cozinhar)

Podiam ser utilizadas para cozinhar alimentos sobre o fogo, possuíam uma forma aproximadamente tronco-cônica, com borda direta contínua com a parede, aproximadamente vertical ou inclinada para fora, a base aplanada ou levemente arredondada (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 112). Os quatro sítios da área da UHE Itá apresentaram 29 bordas classificadas como caçarolas, já no sítio-tipo 144 foram identificadas 32 bordas, todas estão distribuídas pelos tratamentos de superfície, conforme tabela 07 a seguir:

Tabela 7: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como ñäëtá nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144.

Tratamento de Superfície	Sítio 103	Sítio 104	Sítio 108	Sítio 111	Total	Sítio-tipo 144
<b>Alisado</b>	1	5	-	2	<b>8</b>	<b>3</b>
<b>Corrugado</b>	3	8	3	1	<b>15</b>	<b>19</b>
<b>Escovado</b>	2	1	-	1	<b>4</b>	-
<b>Ungulado</b>	-	1	-	1	<b>2</b>	<b>2</b>
<b>Pintado</b>	-	-	-	-	-	<b>8</b>
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>15</b>	<b>3</b>	<b>5</b>	<b>29</b>	<b>32</b>

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Goulart (1997, Vol IV).

Nesta categoria de vasilhas, nos sítios 103, 104, 108 e 111, o corrugado aparece com o maior número de bordas, 15 no total, representando 51,72%; sendo que o alisado aparece com 27,58%; o escovado, com 13,80% e o unglado com 6,90% (GOULART, Vol IV, 1997, p. 90). Comparando-se o tratamento de superfície com as 32 bordas, identificadas como ãaembé no sítio-tipo 144, tem-se: 59,37% corrugadas; 25% pintadas; 9,38% alisadas; 6,25% ungladas (ibidem, p. 61). Tanto nos sítios da área de desvio do rio e enchimento do reservatório, como no sítio-tipo 144, o corrugado foi o tratamento de superfície identificado com maior frequência que os demais.

#### 4.2.1.5 Cambuchí (talhas)

Vasilhas utilizadas para conter líquidos, especialmente para guardar bebidas fermentadas alcoólicas, ou água, geralmente pintadas e de grandes dimensões, podiam ser usadas também para sepultamentos primários e secundários. Com borda cônica extrovertida, com base conoidal, arredondada e aplanada (BROCHADO; MONTICELLI, 1994, p. 113-114). Na tabela 08 a seguir, a distribuição dos tratamentos de superfície identificados nas cerâmicas dos quatro sítios da área da UHE Itá e do sítio-tipo 144:

Tabela 8: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como cambuchí nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144.

Tratamento de Superfície	Sítio 103	Sítio 104	Sítio 108	Sítio 111	Total	Sítio-tipo 144
<b>Alisado</b>	2	-	-	1	<b>3</b>	-
<b>Corrugado</b>	1	-	-	2	<b>3</b>	-
<b>Escovado</b>	7	9	5	2	<b>23</b>	-
<b>Pintado</b>	-	-	-	-	-	<b>45</b>
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>5</b>	<b>5</b>	<b>29</b>	<b>45</b>

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Goulart (1997, Vol IV).

Os sítios 103, 104, 108 e 111, apresentaram 29 bordas classificadas como cambuchí, destas aparecem apenas 3 tipos de tratamento de superfície, sendo que, o mais freqüente foi o pintado, com 23, que corresponde a 79,30%; em seguida o escovado e o corrugado com 10,35% para cada um (GOULART, Vol IV, 1997, p. 87). O sítio-tipo 144 apresentou 45 bordas classificadas como talhas, todas com o tratamento de superfície pintado (ibidem, p. 61). Dado que a maioria das bordas reconstituídas graficamente como cambuchí, apresentaram o modo pintado como tratamento de superfície mais freqüente, temos uma forte coerência entre a classificação de Goulart e equipe e a descrição etnográfica, na qual a pintura aparece como o acabamento mais empregado nas vasilhas do tipo cambuchí, já que não eram utilizadas no fogo, estando associadas às bebidas em geral.

#### 4.2.1.6 Namôpyü (prato para tostar)

Segundo Brochado & Monticelli (1994, p. 112-113), existe grande probabilidade de serem pratos rasos para torrar farinha de mandioca ou assar beiju, apresentam bordas convexas baixas. Nos quatro sítios selecionados na área da UHE Itá, foram identificadas apenas 7 bordas e no sítio-tipo 144 outras 5 bordas, conforme tabela 09 abaixo:

Tabela 9: Relação de tipos de tratamento de superfície nas bordas reconstituídas como namôpyü nos sítios 103, 104, 108, 111 e 144.

Tratamento de Superfície	Sítio 103	Sítio 104	Sítio 111	Total	Sítio-tipo 144
<b>Alisado</b>	-	2	1	<b>3</b>	<b>1</b>
<b>Corrugado</b>	-	-	1	<b>1</b>	-
<b>Escovado</b>	1	-	2	<b>3</b>	-
<b>Pintado</b>	-	-	-	-	<b>4</b>
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	<b>5</b>

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Goulart (1997, Vol IV).

Para os sítios 103, 104, 108 e 111, temos 7 bordas identificadas como namôpyü; destas 3 são lisas, 3 são escovadas, representando 42,85% para cada uma, e apenas 1 é corrugada, que corresponde a 14,30% (GOULART, Vol IV, 1997, p. 91). No sítio-tipo 144, foram identificadas apenas 5 bordas classificadas como namôpyü sendo 4 (80%) pintadas e 1 (20%) alisada (idem, p. 61). Soares (2005, p. 66) observa que, nos sítios do Vale do Jacuí, não foram encontrados fragmentos que pudessem ser classificados como tostadores, o que leva a crer que a mandioca devia ter outro uso que não fosse a farinha; no registro arqueológico, a confecção da farinha através dos tostadores parece quase inexistente. No alto Uruguai, nota-se através da classificação de Goulart e equipe, a presença desse tipo de vasilhame, embora se apresente em número não muito expressivo se comparado às demais classes, pois puderam ser feitas reconstituições de fragmentos de bordas, tanto no sítio-tipo 144 de Palmitos, como nos sítios 103, 104 e 111 de Concórdia e Ipira, evidenciando que ao menos em algumas regiões do alto Uruguai possivelmente havia produção de farinha ou beiju.

#### **4.3 A cerâmica dos sítios 009, 010, 011 e 013: contatos culturais entre as tradições Tupiguarani e Taquara**

Os dados levantados pelo PSAU e PSAU-UHE Itá, mostraram que o alto Uruguai é uma região de evidentes contatos culturais, entre as tradições Tupiguarani e Taquara. Rogge (2005, p. 28) analisa detalhadamente em sua tese de doutorado, situações de contato entre tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. Segundo ele, a questão do contato cultural no Brasil, foi enfocada com maior interesse pela antropologia, do que pela arqueologia. Na década 1960, a antropologia passou por mudanças, havendo uma ruptura nas abordagens aculturativas clássicas e unidirecionais, amplamente difundidas até aquela época. O marco teórico que passou a ser utilizado, foi o contato inter-étnico entre a sociedade colonial e a nacional. Nesse sentido, utilizamos neste trabalho um termo derivado da antropologia, o “hibridismo”, que juntamente com várias outras expressões, indica fenômenos ocorridos em áreas fronteiriças, expressas tanto nas pessoas como nas suas produções (HANNERZ, 1997). O termo “híbrido” foi transferido para

o contexto arqueológico, onde passamos a chamar de “sítios híbridos”, os locais de ocupação humana que revelam elementos de grupos distintos.

Na arqueologia o contato cultural, segundo Rogge (2005, p. 34), foi motivo de pouco interesse, já que nos primeiros anos as pesquisas arqueológicas preocuparam-se com a caracterização das culturas. Embora, a problemática do contato cultural, raras vezes receba na arqueologia um enfoque central, as pesquisas arqueológicas realizadas em várias regiões brasileiras, encontraram evidências de contato cultural, demonstrando a importância desse fenômeno na compreensão dos sistemas sócio-culturais pré-coloniais. Segundo Rogge, no Brasil Meridional os estudos de contato são favoráveis à configuração dos padrões arqueológicos pré-coloniais, em especial das relações de grupos ceramistas, responsáveis pelos últimos episódios que marcaram tais processos, desde pelo menos o início da Era Cristã.

Ao longo do alto Uruguai, situações de contato cultural já foram descritas por Becker e Schmitz (1968), Piazza (1969), De Masi e Artusi (1985), Goulart (1985, 1987, 1988, 1997) e Rogge (2005). O trabalho de De Masi e Artusi evidencia claramente a mistura entre os estilos das duas tradições, porém segundo os autores, cada um manteve sua produção cerâmica e lítica, resultando em uma convivência: “as populações portadoras das duas culturas estavam profundamente entrosadas, mas de forma unilateral, aparecendo o material Tupiguarani nos sítios da fase Itapiranga, mas não vice-versa” (DE MASI; ARTUSI, 1985, p. 107).

No cadastro dos sítios, Marilandi Goulart não define os assentamentos com indicativos culturais. Estes foram identificados apenas como: líticos, lito-cerâmicos e cerâmicos. Mas a partir da análise da cultura material, Marilandi Goulart, caracteriza alguns sítios dentro da tradição Tupiguarani, sendo que estes apresentam muitas vezes evidências de contato cultural, notadas principalmente através da cerâmica. Para os sítios 103, 104, 108 e 111, localizados na área de desvio do rio e enchimento do reservatório (Mapa Apêndice 06), foi possível perceber contato cultural nos sítios 103 e 111, conforme figuras 70 e 71, porém a frequência da cerâmica do estilo Taquara é relativamente baixa, ocorrendo alguns fragmentos. A presença de “sítios híbridos” é mais evidente na área do canteiro de obras, especialmente nos sítios 011 e 013, figuras 46 a 55. Conforme vimos no capítulo anterior, estes foram escavados, porém não dispomos dos resultados finais, tanto do trabalho de campo, como da análise laboratorial. Com os dados disponíveis para os dois sítios, nota-se que a cerâmica Taquara é bastante expressiva em relação à cerâmica Tupiguarani. Já os sítios 009 e 010, apresentaram menor quantidade de material lítico e cerâmico,

se comparados aos sítios 011 e 013. Nos sítios 009 e 010, embora a cerâmica demonstre traços tipicamente Tupiguarani, ainda assim, foram observados alguns fragmentos com características Taquara, como se vê nas figuras 42 a 45. Por permitirem uma melhor análise da questão do contato cultural, traremos a seguir a análise dos dados dos sítios registrados no canteiro de obras.

As evidências cerâmicas dos sítios 009, 010, 011 e 013 também foram analisados de acordo com o modelo etnoarqueológico. A ênfase foi centrada por Marilandi Goulart e equipe na reconstituição gráfica das vasilhas, visando o binômio forma e função, uma vez que o tipo de acabamento das superfícies interna e externa, nem sempre é decorativo, mas utilitário (GOULART, 1987a, p. 165). A reconstituição gráfica dos fragmentos de cerâmica classificados como Taquara, identificou no material do alto Uruguai, duas das quatro classes funcionais, referidas por Miller (1978)<sup>61</sup>, para os Kaingang de São Paulo e Paraná; estas foram classificadas em três categorias: painéis para cozinhar - Kokrõ, divididas em três dimensões: grande (Kokrõ Mök); médio (Kokrõ) e pequeno (Kokrõ Tsi); tigelas individuais para comer - pèt kyx, também divididas nas dimensões, grande (Pèt Kyx Mök), média (Pèt Kyx) e pequena (Pèt Kyx Tsi); a terceira classe é constituída pelas vasilhas para torrar milho, chamadas pètoró, os tipos de formas podem ser visualizadas nos Anexos 05, 06, 07 e 08 (GOULART, Vol IV, 1997, p. 36). Na tabela 10 a seguir, pode-se perceber através das análises parciais dos sítios 009, 010, 011 e 013 as quantidades de cerâmica classificadas como Taquara e Tupiguarani:

Tabela 10: Relação das quantidades de cerâmica encontrada nos sítios 009, 010, 011 e 013.

Sítio	Total cerâmica analisada	Total de bordas	Total de bordas utilizáveis	Tupiguarani	Taquara
009	982	123	96	91	-
010	120	22	21	19	2
011	2160	82	69	42	27
013	1792	51	47	11	32

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Goulart (1987, 1988).

<sup>61</sup> Miller (1978) realizou estudos etnoarqueológicos entre os Kaingang de São Paulo, onde a cerâmica atual desses indígenas foi comparada à cerâmica arqueológica das Tradições Itararé e Casa de Pedra. Segundo ele, a cerâmica dos grupos atuais seria continuidade daquelas tradições, sugerindo que a funcionalidade poderia ser estendida às vasilhas arqueológicas (GOULART, Vol. IV, 1997, p. 36).

No sítio 009, das 96 bordas utilizáveis para a reconstituição gráfica, 91 foram consideradas como sendo da tradição Tupiguarani, sendo posteriormente classificadas conforme a funcionalidade das vasilhas, como se percebe na figura 36 abaixo:

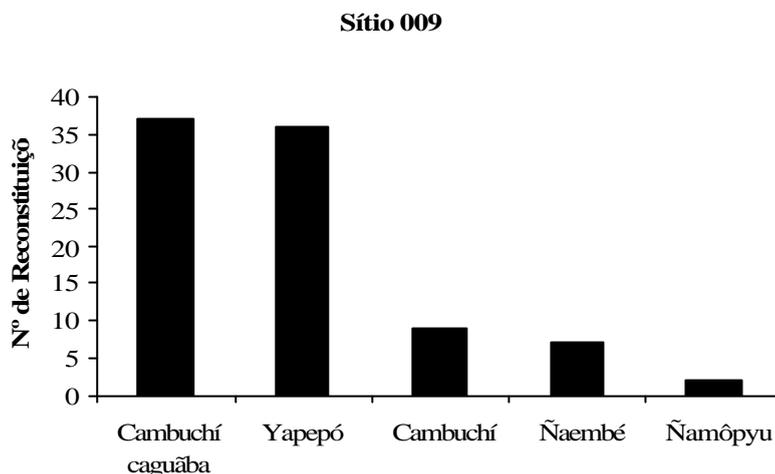


Figura 36: Tipo de vasilhas Tupiguarani, sítio 009.

No sítio 009, as bordas classificadas como cambuchí caguãba, apresentaram-se em maior número, totalizando 37 vasilhas; destas 15 foram consideradas de tamanho médio (0,18 a 0,26m); 11 bordas foram classificadas como pequenas (0,12 a 0,16m); 7 foram consideradas miniaturas (0,04 a 0,10m) e apenas 4 bordas apresentaram-se grandes (0,28 a 0,30m). Em seguida, foram reconstituídas 36 bordas do tipo yapepó, com diâmetro entre 0,12 a 0,14m; outras 9 bordas foram classificadas como cambuchí, medindo entre 0,20 a 0,34m. O tipo ñaembé somou 7 bordas, destas 3 foram consideradas pequenas (0,12 a 0,14m); 3 médias (0,18 a 0,24m) e 1 grande (0,28m). Apenas 2 bordas, foram classificadas como ñamôpyu, com diâmetro entre 0,32 a 0,36m (GOULART, 1987a, p. 159-160).

No sítio 010, foram encontradas 22 bordas, sendo que 21 são utilizáveis; destas, 19 foram consideradas da tradição Tupiguarani e 02 da tradição Taquara. Na figura 37 a seguir, a distribuição funcional das bordas consideradas Tupiguarani:

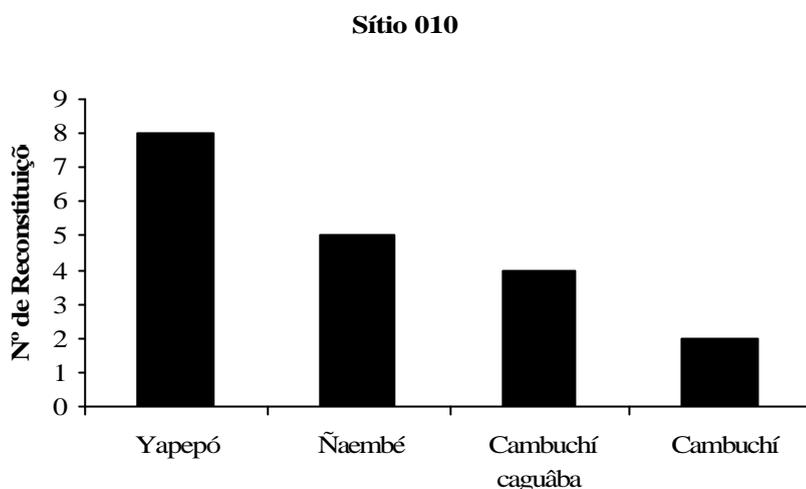


Figura 37: Tipo de vasilhas Tupiguarani, sítio 010.

Das 19 bordas pertencentes a tradição Tupiguarani, 8 foram consideradas yapepó, com diâmetro entre 0,10 a 0,44m; outras 5 bordas foram classificadas, como ñaembé, destas 2 são grandes (0,28 a 0,34m), 2 pequenas (0,10 a 0,16m) e 1 média (0,20m); 4 bordas apresentaram-se do tipo cambuchí caguãba, destas 3 são grandes (0,28 a 0,32m), sendo que uma apresentou lábio quadrado e apenas 1 pequena (0,10m); por fim aparecem 2 cambuchí, com diâmetro entre 0,10 a 0,36m. As 2 bordas consideradas da tradição Taquara, são do estilo pét kyx, apresentando diâmetro entre 0,12 a 0,14m (ibidem, p.160 e 161).

No sítio 011, foram classificadas 82 bordas, sendo que 69 são utilizáveis, através delas foram reconstituídas 42 bordas como Tupiguarani e 27 como Taquara. Na figura 38 a seguir, a classificação da cerâmica Tupiguarani:

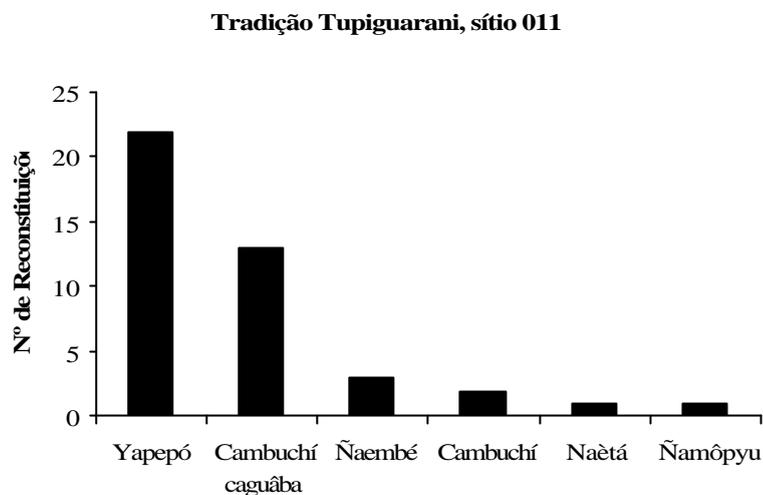


Figura 38: Tipo de vasilhas Tupiguarani, sítio 011.

No sítio 011, das 42 bordas Tupiguarani, 22 são yapepó, destas 7 são pequenas (0,06 a 0,12m) e 15 são médias e grandes (0,14 a 0,42m); 13 são cambuchí caguâba, sendo 10 médias (0,18 a 0,25m), 1 miniatura (0,12m), 1 pequena (0,16m) e 1 grande (0,28m); outras 3 foram consideradas ñaembé, duas médias (0,20m) e 1 grande (0,32m); 2 cambuchí, com diâmetro de 0,32 a 0,38m; 1 naetà e 1 ñamôpyu, com o tamanho de 0,34m (ibidem, p. 161). Na figura 39 a seguir, a distribuição das vasilhas identificadas como Taquara:

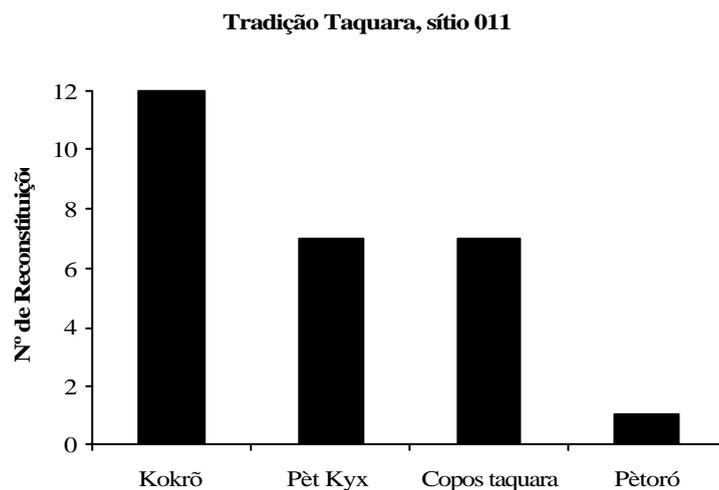


Figura 39: Tipo de vasilhas Taquara, sítio 011.

Para o sítio 011, observamos que foram identificadas 27 bordas, classificadas como tradição Taquara. Destas, 12 são denominadas krokrõ, dentre as quais 7 são de tamanho médio (0,10 a 0,16m) e 5 são pequenas (0,08 a 0,10m); 7 foram consideradas pét kyx, sendo 6 de tamanho médio (0,08 a 0,14m) e 1 pequena (0,08m); outros 7 foram classificados como copos taquara (0,08 a 0,20m) e uma 1 foi reconstituída como pétoró, com tamanho de 0,28m (ibidem, p. 162).

No sítio 013 foram localizadas duas áreas de concentração de material, sendo denominadas de áreas 1 e 2. A análise da cerâmica compreende 43 bordas utilizáveis. Na figura 40 abaixo, a representação do estilo Tupiguarani:

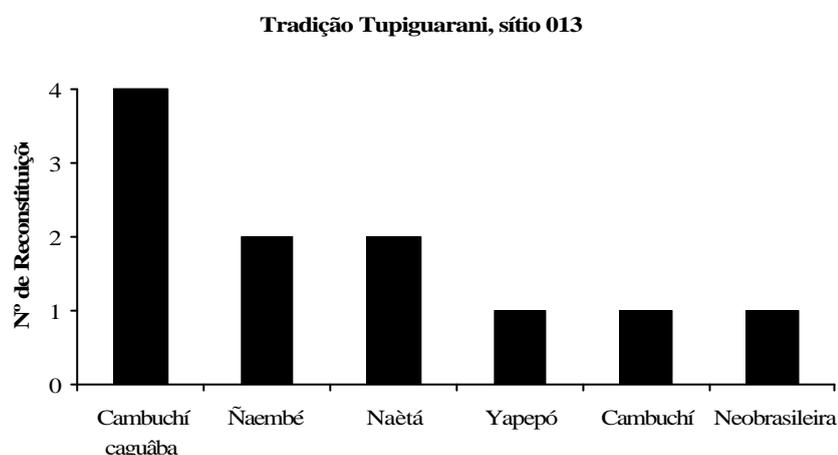


Figura 40: Tipo de vasilhas Tupiguarani, sítio 013.

No sítio 013, foram classificadas 11 bordas como pertencentes à tradição Tupiguarani. Destas 4 são cambuchí caguâba, sendo 2 médias (0,18m) e 2 grandes (0,30 a 0,34m); 2 naetà (0,40 a 0,48m); 2 ñaembé (0,28 a 0,48m); 1 yapepó (0,26m); 1 cambuchí e 1 neobrasileira (0,16m) (ibidem:163). A cerâmica com característica da tradição Taquara, apresentou-se em maior número em relação às bordas Tupiguarani, conforme se vê na figura 41 a seguir:

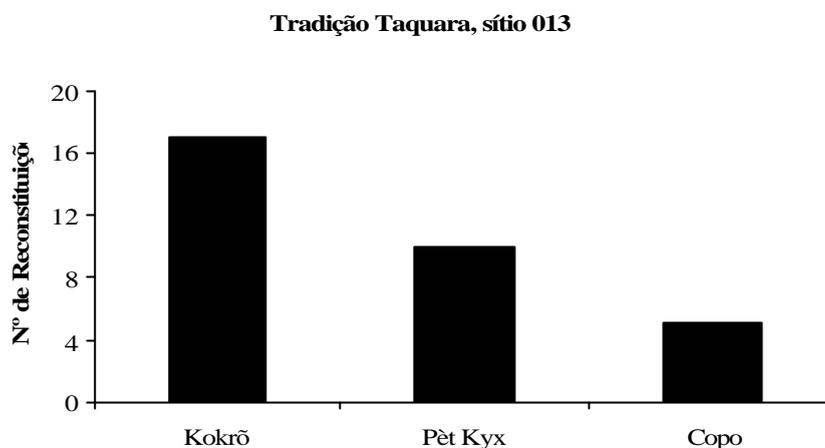


Figura 41: Tipo de vasilhas Taquara, sítio 013.

Foram classificadas 32 bordas como tradição Taquara, destas 17 são do estilo kokrõ, sendo 12 de tamanho médio (0,10 a 0,18m), 4 pequenas (0,06 a 0,08m) e 1 grande (0,20m); 10 bordas foram classificadas como pèt kyx, destas 6 são pèt kyx ou pétoro (0,08 a 0,12m), 2 grandes (0,12 a 0,18m) e 2 pequenas (0,08 a 0,12m); e 5 copos (0,08 a 0,12m) (ibidem, p. 164).

É importante ressaltar que a quantidade de material cerâmico encontrado nos sítios 011 e 013 é muito superior à da amostragem apresentada nestes relatórios; nos sítios 009 e 010, a análise foi completa devido ao menor número de material. Por outro lado, destacamos também que para os sítios localizados na área do canteiro de obras, Marilandi Goulart e equipe (1987a, p. 164) privilegiaram num primeiro momento, a reconstituição gráfica e classificação das vasilhas e posteriormente seria feito o estudo do tratamento das superfícies dos vasilhames. Provavelmente o estudo tenha sido concluído, porém, como já destacamos em outros momentos, não foi possível localizar todos os relatórios. Por isso, nossa análise é baseada em dados parciais.

Segundo Goulart (1987a, p. 74) devido ao bom estado de conservação dos sítios 009, 010, 011 e 013, foi possível observar em todos eles, estruturas predominantemente de fogueiras, tendo em seu interior, artefatos líticos e fragmentos cerâmicos, além de vestígios ósseos. Os artefatos encontrados indicam um modo de subsistência relacionado à caça; já as grandes fogueiras feitas de pedra, que se aprofundam em depressão formando covas, devem ter sido utilizadas para cocção de alimentos. De acordo com informações etnográficas sobre os grupos Jê históricos, Marilandi Goulart sugere a aproximação desses vestígios arqueológicos à tradição Taquara.

Em termos de localização no ambiente, os sítios 009, 010, 011 e 013, além da proximidade com o rio Uruguai, estavam próximos a outra drenagem, o rio Uv. Sem dvida a abundância de recursos hídricos influenciava muito na escolha do local, uma vez que, a proximidade da água facilitava sobretudo as necessidades cotidianas.

As escavaes desses quatro sítios, localizados próximos a Volta do Uv, trazem novos dados sobre o povoamento às margens do rio Uruguai, porém a falta de dataes absolutas deixa lacunas para melhor compreendermos o processo de ocupação do espaço. Com essa amostragem podemos observar situaes de contato cultural através dos “sítios híbridos”, que apresentaram associação da cerâmica das tradies Taquara e Tupiguarani no alto Uruguai, na margem catarinense. Ainda na década de 1970, Brochado assumiu a possibilidade de não existirem fronteiras culturais bem delimitadas e demarcadas espacialmente, evidenciando fenmenos de aculturação da tradição Tupiguarani com outras, como Vieira, Aratu, Taquara, Una e Itararé, mas salientou a convivência entre grupos, por exemplo:

- sítios com cerâmica Guarani e Kaingang, com predomínio da primeira sobre a segunda;
  - sítios com cerâmica Guarani e Kaingang, com predomínio da segunda sobre a primeira;
  - sítios com cerâmica Guarani e Kaingang, com iguais percentuais entre ambas
- (BROCHADO apud SOARES, 2005, p. 30).

Ainda que para este trabalho não tenhamos a análise total do material encontrado nos sítios 011 e 013, não se pode supor que esses “elementos estranhos” sejam considerados apenas como intrusivos. Os contatos culturais entre os grupos portadores de duas tradies distintas, permitem supor que as relaes de interação ganharam mais força  medida que a ocupação da região seguia em direção a montante do rio Uruguai. Em relação  expansão da tradição Tupiguarani nessa região, podemos citar como um dos fatores responsáveis, a questão ecológica, uma vez que esta tradição estava comumente ligada às áreas de floresta estacional. No caso do alto Uruguai, nota-se que quanto mais próximo a montante, menor a área ocupada por essa vegetação e maior a proximidade com áreas de floresta ombrófila mista.  medida que diminuíam as condies favoráveis ao tipo de ocupação que caracteriza a tradição Tupiguarani, aumentavam as chances de encontro com grupos portadores da tradição Taquara, que ocupavam vastas áreas de campo e de cursos d’água como os rios Irani e Chapecó. Segundo Rogge (2005), as relaes fronteiriças parecem ter sido semelhantes em todo sul-rio-grandense:

Pode-se entender o comportamento, nas zonas de fronteira, como sendo altamente estruturado e com um objetivo direcionado, que envolveria a ampliação das áreas de captação de recursos a fim de buscar uma solução para problemas envolvendo a pressão populacional e o stress negativo sobre os recursos disponíveis nas áreas então mais densamente povoadas, a partir de uma estratégia que possibilitasse minimizar os custos de conflitos diretos e de defesa e manutenção dos territórios nessas zonas fronteiriças (ROGGE, 2005, p. 92).

A interação entre eles deixou no registro arqueológico “sítios híbridos”, diagnosticados a partir dos elementos estilísticos encontrados na cerâmica, revelando que as relações de contato devem ter sido variadas e complexas. Como sugere Rogge (*ibidem*), outro fator responsável pelos movimentos de expansão, pode ter sido o crescimento demográfico. O termo expansão, segundo Noelli (1996, p. 11) é o mais adequado para definir os deslocamentos, pois significa distensão, alargamento, alastramento, com o sentido de ir conquistando novas áreas sem abandonar as anteriores. Na opinião desse autor, o crescimento demográfico, deve ter sido uma das principais conseqüências da expansão territorial, que refletia no fracionamento das aldeias. Essa expansão por outro lado, sofria resistência das populações que ocupavam áreas pretendidas, implicando em complexas relações inter-étnicas que deviam oscilar entre contatos belicosos e amistosos.

De fato, embora os dados sejam parciais, o que se percebe na região do alto Uruguai é uma área de interfaces de culturas, não havendo uma fronteira estável, nem tampouco limites definidos, mas como sugere Dannel apud Rogge (2005), um sistema de fronteira móvel e permeável.

#### **4.4 Análise comparativa entre os sítios 009, 010, 011, 013 e 103, 104, 108, 111**

A partir dos dados levantados com o PSAU-UHE Itá, separamos dois conjuntos de sítios, um que estava localizado no canteiro de obras, sítios 009, 010, 011, 013 e outro nas áreas de desvio do rio e enchimento do reservatório, sítios 103, 104, 108, 111. Através deles foi possível perceber diferenças, que veremos melhor no decorrer desse texto e nas imagens sobre o material cerâmico que aparecem no final deste capítulo (figuras 42 a 71). Com os dois conjuntos de sítios, pensamos inicialmente em utilizar a proposta de Noelli (1993), sobre a aplicação de um modelo etnoarqueológico de aldeia em um território de domínio Guarani. Porém, no caso do alto Uruguai,

nossas evidências materiais, exigem relativização, pois não foi possível caracterizar esses assentamentos como pertencentes aos Tupiguarani tradicionais, uma vez que observamos através da cerâmica, contatos dessa tradição com a tradição Taquara.

Os oito sítios analisados fazem parte de um contexto mais amplo e de maneira geral, sítios cerâmicos e lito-cerâmicos a céu aberto, localizados em áreas de cultivo de culturas permanentes e temporárias. Estes ocuparam espaços cujas proporções variam de sítio para sítio. Devido ao alto índice de sítios destruídos, apenas alguns apresentaram “as manchas de terra preta”, resultantes das estruturas de fogueira ou também da decomposição de matérias vegetais, como madeira, palhas. Boa parte dos sítios localizava-se no segundo terraço e na meia encosta, com maior concentração na altitude de 280 a 400m, próximos principalmente do rio Uruguai e muitas vezes na desembocadura de afluentes menores, como o rio Uvá (Engano) ou rio do Peixe.

Para analisar o povoamento com grupos portadores da tradição Tupiguarani no alto Uruguai, mais especificamente na área atingida pela UHE Itá, utilizamos no capítulo anterior um conjunto de 93 sítios que foram escolhidos justamente por apresentarem, no contexto arqueológico, objetos cerâmicos característicos dessa tradição. Como nem sempre foi possível encontrar a informação sobre a área ocupada pelo sítio, utilizamos como parâmetro para perceber o tamanho de cada assentamento, o número de fragmentos cerâmicos recuperados. Observamos que 45 sítios apresentaram menos de 80 fragmentos e foram considerados pequenos; outros 40 foram considerados médios, pois possuíam entre 80 a 1000 fragmentos cerâmicos; somente 8 deles, são grandes, pois apresentaram mais de 1000 objetos cerâmicos. Destacamos como grandes os sítios 011, 012, 013, 040, 041, 104, 111 e 229. Destes foram selecionados para nossa análise apenas, 011, 013, 104 e 111, pois para eles encontramos mais informações documentais. Dos sítios analisados, poucos sítios demonstraram bom estado de conservação, onde foi possível evidenciar, por exemplo, as fogueiras que, além de cocção de alimentos, podem indicar o local das unidades habitacionais ou das aldeias, como é o caso dos sítios 011 e 013.

Fazendo uma analogia entre o modelo de Noelli (1993) e o tamanho dos sítios localizados na área da UHE Itá, nas várzeas próximas ao rio Uruguai estariam as aldeias. Para Noelli, próximo as aldeias havia áreas de caça, pesca, cultivo, coleta de fontes de matérias-primas; em condições normais o que ocorria, era a mudança das casas entre as áreas manejadas, mas a formação de uma nova aldeia dependia do desdobramento de uma aldeia e não do abandono integral da aldeia original (NOELLI, 1996, p. 35). Nelas a produção de cultura material cerâmica

e lítica estava vinculada às estruturas arqueológicas de: habitação, combustão, sepultamento, cultivo, circulação permanente ou temporária.

Para os sítios 009, 010, 011 e 013, se relacionarmos o tamanho dos sítios através da quantidade de cerâmica recuperada, como vimos acima, teríamos dois sítios médios, 009 e 010 e dois grandes, 011 e 013, somando juntos 5.054 fragmentos cerâmicos. Os quatro assentamentos estavam localizados na Volta do Uvá, próximos ao rio Engano (Uvá) e do rio Uruguai, estando relativamente próximos um do outro. Já os sítios 103, 104, 108 e 111, se relacionarmos o tamanho com a quantidade de cerâmica, teríamos também dois grandes, sítios 104 e 111 e dois médios, os sítios 103 e 108, somando juntos 4.762 fragmentos de cerâmica. Pelas descrições de Marilandi Goulart, os quatro estavam distribuídos nas várzeas ao longo do rio do Peixe, porém como citamos no capítulo anterior, não possuímos as localizações exatas, uma vez que, as coordenadas geográficas dos quatro sítios, não conferem com essa descrição, situando-os no Rio Grande do Sul, por isso para produzirmos o Mapa Apêndice 06, que exigia uma maior rigidez na localização dos assentamentos, realizamos uma aproximação com os mapas elaborados por Goulart (1995).

A escavação dos sítios 009, 010, 011 e 013, revelou a presença das “manchas de terra preta”. Pesquisadores do PRONAPA já identificavam solos antropogênicos como evidências de ocupação humana, mas limitaram-se a tratar cada “mancha preta” como um sítio habitação, ao invés de considerar o conjunto de manchas como uma aldeia (SOARES, 2005, p. 21). As estruturas de combustão, fogueiras, ou áreas de fogo, na opinião de Noelli podem ter localização distinta nos sítios Guarani, “1) dentro da estrutura de habitação; 2) fora da estrutura de habitação, em área mais próxima ou a uma longa distância; 3) dentro das estruturas anexas” (NOELLI, 1993, p. 97). A partir da localização das manchas de terra preta, poderíamos inferir que esses quatro sítios representam uma área de aldeia, com suas unidades habitacionais, mesmo apresentando associação de culturas diferentes.

A partir da análise da indústria cerâmica foi possível classificarmos esses sítios de “híbridos”, especialmente os sítios 011 e 013, pois apresentaram dois tipos de cerâmica, a Tupiguarani e a Taquara. Essa última prevaleceu sobre a primeira, especialmente no sítio 011, apresentando formas verticais, com pouca inflexão; espessura fina; com tratamento de superfície na parte externa, especialmente o alisado ou impressões feitas na argila, com as unhas (ungulado), com artefatos pontudos (ponteado), com trançado de cestos e cordas (cestaria e corda impressa), como se vê nas figuras 46 a 50. Já a cerâmica Tupiguarani apresentou formas tradicionais, com

tratamento de superfície externo alisado, pintado, corrugado e unglado, conforme figuras 51 e 52.

A reconstituição gráfica dos vasilhames através dos fragmentos de bordas, segundo Marilandi Goulart, partiu do princípio que, certas formas e funções têm uma distribuição praticamente universal. Por exemplo, os pratos para comer alimentos sólidos são relativamente rasos. As panelas para cozinhar (yapepó) comumente têm formas esferóides com contorno infletido, bojo bem marcado e borda extrovertida. Os jarros (cambuchí caaguâba e cambuchí) para líquidos são parecidos, porém mais profundos e com boca estreita, formando gargalo. Os pratos (ñamôpyü) para assar beiju, são extremamente rasos, com bordas vestigiais, ou simplesmente discos (GOULART, 1988a, p. 79). Através das bordas encontradas nos sítios 009, 010, 011 e 013, Marilandi Goulart identificou os seguintes tipos funcionais: 67 yapepó; 58 cambuchí caaguâba; 17 ñaëmbé; 15 cambuchí; 3 ñaëtá; 3 ñamôpyü. Ainda nos sítios 011 e 013, foram identificadas as formas Taquara, sendo 29 kokrô; 17 pèt kyx; 12 copos taquara e 1 pètóró, as formas podem ser visualizadas nos Anexos 03 a 07. Embora esses quatro sítios sejam maiores em termos de material cerâmico, o número de reconstituições gráficas é menor, pois encontramos apenas a análise parcial feita por Marilandi Goulart e equipe (ibidem).

Por outro lado, a análise do tratamento de superfície externa do material cerâmico dos sítios 103, 104, 108 e 111, apresentou fragmentos Taquara apenas nos sítios 103 e 111, figuras 70 e 71. Embora apresentem menos evidências de contato cultural, os quatro sítios têm outro fato que nos chama a atenção, o grande número de peças do estilo escovado (figuras 58 e 68), caracterizando uma variação cultural na cerâmica da tradição Tupiguarani. Essa mudança fica mais evidente comparando-se os sítios 103, 104, 108 e 111, com o sítio-tipo 144 de Palmitos-SC. No caso do sítio-tipo 144, nota-se que dos 11.253 fragmentos de borda, 10.124 apresentaram na parte externa, como principais modos produtivos, o alisado, com 52,65% e o corrugado, com 46,35%; já os modos escovado e roletado, apresentaram uma frequência inferior a 1%. Os demais 1.129 fragmentos apresentaram tratamentos de superfície que são o pintado, com 64%; o unglado, com 31%; os tipos pontado, inciso e pinçado têm frequência inferior a 5% (GOULART, Vol IV, 1997, p. 58-59). Os sítios 103, 104, 108 e 111, apresentaram 4.762 fragmentos cerâmicos sendo que o tratamento de superfície mais freqüente é o alisado, com 44,87%; o corrugado corresponde a 27,25%; o escovado representa 17,24%; os demais 10,64% compreendem tipos de acabamento como: pintado, pontado, inciso, unglado, acanalado, entre

outros, como se vê nas figuras 57, 58, 60 a 62, 64 a 71. A forte presença do tratamento de superfície escovado nesses quatro sítios confirma o que apontavam os pesquisadores do PRONAPA com a identificação da subtradição escovada, em Ipira (PIAZZA, 1971). Com a reconstituição gráfica das vasilhas foi possível identificar as seguintes formas: 197 yapepó; 159 cambuchí caaguâba; 37 ñaëmbé; 29 ñaëtá; 29 cambuchí e 7 ñamôpyü. A reconstituição das formas pressupõe várias funções que eram realizadas no espaço da aldeia e nas unidades domésticas, como: cozimento, guarda de líquidos e alimentos, entre outras.

Mesmo que, os sítios 103, 104, 108 e 111, tenham apresentado através da reconstituição gráfica grande quantidade de vasilhas, que poderia indicar assentamentos de maior duração, por outro lado, não parecem constituir-se área de aldeia por dois motivos principais: ausência de manchas de terra preta, muito embora estas não fossem encontradas devido aos sítios estarem destruídos e baixa frequência de material lítico, totalizando 339 objetos, como veremos melhor no próximo capítulo, também foram encontrados outros objetos produzidos com argila, como ponta de colar (figura 59) e chocalho (figura 63). Já os sítios 009, 010, 011 e 013 além de apresentarem as manchas de terra preta, apresentaram grande quantidade de material lítico, 41.409 objetos e cerâmico 5.054 fragmentos.

Percebemos entre os dois conjuntos de sítios que ocorreu uma disputa territorial, entre os grupos portadores das tradições Tupiguarani e Taquara, as duas ocupando espaços em comum e, ao mesmo tempo procurando reproduzir-se social e culturalmente, mantendo a tradição na confecção dos objetos cerâmicos. Apesar de não ser possível realizarmos uma análise mais detalhada da cerâmica, essa não pareceu mestiça, ou seja, peças que teriam elementos das duas tradições. A tradição Tupiguarani que é nosso objeto de estudo, estava presente nas várzeas próximas ao rio Uruguai e em seus afluentes menores, o processo de expansão, podia ser em busca de um território mais amplo, como também podia representar uma forma de resistência ao avanço da sociedade colonial, nos dois casos poderia acontecer relações inter-étnicas. Ajustes adaptativos foram necessários em razão da ocupação de áreas que apresentaram recursos diferenciados, mas não acreditamos na possibilidade do meio ambiente ser o único causador das mudanças culturais, pois sabemos que as culturas não são estáticas, são ao contrário dinâmicas. Por isso, as formas de ocupação dependem da inter-relação entre processos naturais e culturais.



Figura 42: Bojos com tratamento de superfície alisado, sítio 009.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 43: Bojos com tratamento de superfície corrugado, sítio 009.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 44: Bordas com tratamento de superfície alisado, sítio 010.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 45: Bordas com tratamento de superfície ungulado, ponteadado e impresso, sítio 010.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 46: Bordas com tratamento de superfície alisado, sítio 011.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 47: Bordas com tratamento de superfície beliscado, sítio 011.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 48: Bordas com tratamento de superfície ungulado, sítio 011.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 49: Bordas com tratamento de superfície ungulado, sítio 011.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 50: Bojos com tratamento de superfície ponteadado, sítio 011.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 51: Bojo com tratamento de superfície corrugado, sítio 011.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 52: Bojo com tratamento de superfície pintado, sítio 011.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 53: Bordas e partes do bojo com tratamento de superfície ponteadado, sítio 013.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 54: Bordas e partes de bojo com tratamento de superfície ponteadado e beliscado, sítio 013.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 55: Bordas com tratamento de superfície corrugado, sítio 013.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 56: Roletes de cerâmica, sítio 013.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 57: Bojos com tratamento de superfície ungulado, ponteadado, acanalado, sítio 103.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 58: Bojos com tratamento de superfície escovado, sítio 103.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 59: Ponta de colar, sítio 103

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 60: Bordas com tratamento de superfície pintado, sítio 104.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 61: Bordas com tratamento de superfície corrugado-ungulado, sítio 104.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 62: Bordas com tratamento de superfície ungulado, sítio 104.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 63: Chocalho, sítio 104.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 64: Bordas com tratamento de superfície corrugado, sítio 108.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 65: Bordas com tratamento de superfície alisado, sítio 108.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 66: Borda com tratamento de superfície pintado, sítio 108.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 67: Bojos com tratamento de superfície acanalado, sítio 111.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 68: Bordas com tratamento de superfície escovado, sítio 111.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 69: Bojo com tratamento de superfície pintado, sítio 111.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 70: Bojo com tratamento de superfície pontado arrastado, sítio 111.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 71: Borda com tratamento de superfície impresso, sítio 111.

Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.

## CAPÍTULO 5

### VARIABILIDADE DA INDÚSTRIA LÍTICA

Neste capítulo também faremos uso dos relatórios, da classificação e análise elaboradas por Marilandi Goulart e equipe. As informações sobre o material lítico foram extraídas do PSAU-UHE Itá, Relatório Final - Volume III, específico para o lítico. Este é composto por um volume inicial que contém a síntese geral da análise tecno-tipológica e por mais três tomos anexos. O Tomo I traz as fichas técnicas de análise do material lítico dos sítios encontrados nas cotas de desvio do rio Uruguai e o Tomo II refere-se as fichas técnicas para os artefatos líticos dos sítios localizados na área de enchimento do reservatório. O Tomo III é composto por tabelas com sítios selecionados para análise comparativa, estas restringem-se aos sítios: 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108, 111, 264, 298 e 303; segundo Marilandi Goulart para os demais sítios, embora elaboradas, as tabelas foram excluídas devido à baixa frequência de material (GOULART, Vol. III, 1997, p. 194).

Para podermos ter uma visão mais ampla do sistema de assentamento, foram feitas correlações dos dados com a bibliografia e o modelo etnoarqueológico de aldeia Guarani proposto por Noelli (1993), embora na região estudada, tenhamos alguns sítios classificados por nós de “híbridos”, por apresentarem elementos culturais de duas tradições, a Tupiguarani e a Taquara. Através dos relatórios fica evidente, entretanto que, toda a análise do material lítico foi realizada a partir da orientação teórico-metodológica da “escola francesa” e contou com a consultoria de José Luiz de Moraes<sup>62</sup>, que aplicou essa mesma metodologia para analisar os instrumentos líticos do Projeto Paranapanema (São Paulo). Ressaltamos que não podemos entender o PSAU-UHE Itá, fora do cenário da década de 1980.

Neste capítulo, também partimos de amostragens. Num primeiro momento selecionamos para análise o material lítico de oito sítios lito-cerâmicos, localizados nas áreas de desvio do rio e enchimento do reservatório. Estes foram escolhidos porque são quantitativamente mais

---

<sup>62</sup> José Luiz de Moraes na época era arqueólogo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo e foi consultor científico para o material lítico do Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai.

expressivos. A indústria lítica destes sítios foi correlacionada a outros dez sítios<sup>63</sup> registrados como “líticos”. Estes provavelmente, não representam assentamentos de caçadores-coletores mas, áreas de atividade de grupos ceramistas. Também foram considerados os 24 sítios classificados como “lito-cerâmicos”, registrados na área do canteiro de obras, sendo selecionados os assentamentos 009, 010, 011 e 013, embora para este conjunto de sítios dispusemos apenas da análise parcial elaborada por Marilandi Goulart e equipe.

### **5.1 Instrumentos líticos como testemunhos de atividades cotidianas**

Na América, o instrumental de pedra é o único testemunho do processo de povoamento de todo o período Paleoíndio<sup>64</sup>. Enquanto os vestígios arquitetônicos e cerâmicos são melhores indicadores cronológico-culturais, os instrumentos líticos representam as atividades cotidianas. Além disso, são importantes pela abundância, uma vez que a técnica de fabricação é extrativa (e não aditiva, como na cerâmica), sendo que a produção de um instrumento gera diversas quantidades de resíduos de lascamento e que, devido a maior durabilidade, mantêm-se inalterados pelo menos a nível microscópico (MANSUR, 1986/1990, p. 116).

A análise dos vestígios líticos deve ser associada ao entendimento de que estes representam reflexos de sociedades em desenvolvimento e transformação. Nesse processo, o material lítico revela uma seqüência de operações, desde a seleção de matérias-primas, técnicas de lascamento, morfologia, uso e função (os dois últimos determinam os demais). Contudo, por muito tempo a existência de instrumentos de pedra era explicada por causas naturais. Somente a partir dos trabalhos de André Leroi-Gourhan, nos anos de 1950, a análise centrou-se na tecnologia lítica e sua distribuição espacial, associadas à funcionalidade, buscando reconstituir a dinâmica interna e externa de cada habitat. Mais tarde, Sergei Semenov, na década de 1960,

---

<sup>63</sup> Estes ficaram fora da seleção dos 70 sítios, realizada no capítulo três, pois apresentavam apenas objetos líticos.

<sup>64</sup> O Paleoíndio se refere a grupos que viviam de megafauna, deixaram sítios de matança e não de acampamentos residenciais; os artefatos identificadores são pontas bifaciais especializadas de projétil, geralmente acompanhadas de lascas usadas como facas e raspadores; o ambiente do período era frio e seco; a população era pouco numerosa, dispersa e nômade, organizada em bandos frouxos (SCHMITZ, 2000, p. 56).

elabora um método de análise funcional, baseado em experimentações (MANSUR, 1986/1990, p. 114-122).

No caso do alto Uruguai os objetos<sup>65</sup> líticos e cerâmicos são basicamente os únicos registros que se preservaram, constituindo-se assim, nas fontes de cultura material fundamentais para o entendimento das sociedades pré-coloniais. Os materiais orgânicos são de difícil preservação, no sul do Brasil, devido principalmente às condições do clima e do solo, aliadas aos tipos de sítios, geralmente a céu aberto. Sendo assim, a preservação de evidências como madeira, ossos, fibras, restos de fauna e flora, dificilmente são encontrados nos contextos arqueológicos da região sul, ao contrário do que ocorre no Brasil central e no nordeste, onde o clima seco e a existência de muitos sítios em abrigos, permitem maior preservação de vestígios arqueológicos em outros suportes, que não somente a pedra e a cerâmica.

As primeiras pesquisas realizadas no sul do Brasil e conseqüentemente no alto Uruguai estavam vinculadas ao PRONAPA, através do qual se identificaram muitos sítios pré-cerâmicos, que foram classificados em função da presença de determinadas categorias de artefatos líticos. Para Schmitz (1984) e Ribeiro (2000), a tradição Umbu estaria localizada em paisagens abertas e corresponderia a caçadores de campo, que confeccionavam sofisticadas pontas de projétil, lascas e raspadores. Enquanto que os produtores da tradição Humaitá, seriam caçadores de floresta, cujos assentamentos seriam curtos porque as camadas de resíduos alcançam, em média, de 20 a 30cm de espessura; confeccionavam principalmente artefatos sobre blocos, denominados choppers e chopping-tools, raspadores, percutores, lascas com ou sem uso, entre outros. Schmitz (ibidem) observa que, através do PRONAPA também foram criadas subtradições. No alto Uruguai, para os sítios da tradição Humaitá, foi criada a subtradição Tamanduá, melhor representada no município de Itapiranga, onde os sítios dessa subtradição são numerosos, juntamente com os sítios da tradição Tupiguarani. Schmitz sinaliza que os grupos portadores da tradição Humaitá poderiam ter desaparecido por terem “evoluído” para a tradição ceramista, conhecida como Taquara.

---

<sup>65</sup> Vilhena-Vialou (2000, p. 348) define termos como utensílio, objeto, artefato e instrumento. “Utensílio” é qualquer instrumento de trabalho de que se utiliza o artista, o operário, ou o artesão. O “artefato” tem utilidade como meio ou instrumento para alguma coisa: utensílios domésticos. Para a língua francesa o termo utensílio é mais abrangente e engloba os dois sentidos. Na língua portuguesa podem ser empregados indiferentemente os termos instrumento e artefato. O “instrumento” corresponde a um objeto intermediário para o que se quer obter, ao passo que o termo “artefato” vem do latim e significa “feito com arte”.

Mais recentemente Dias e Hoeltz (1997, p. 21) revisaram as duas tradições pré-cerâmicas, a partir de novas perspectivas teóricas e metodológicas e ressaltaram que as pesquisas do PRONAPA ofereceram um primeiro esboço sobre a distribuição espaço-temporal dos contextos arqueológicos vinculados a essas tradições, porém proporcionaram uma base frágil para o estabelecimento de particularidades regionais ou temporais. Nesse sentido Dias (2003), ao referir-se aos estudos realizados no estado do Rio Grande do Sul observa que, se as indústrias líticas da tradição Umbu apresentam homogeneidade, enquanto que a diversidade da tradição Humaitá pode ser melhor entendida se relacionada a contextos regionais de distribuição de sítios, em geral associados a áreas ocupadas por grupos de horticultores das tradições Taquara e Tupiguarani/Guarani. Portanto, se a presença de machados polidos era considerada fóssil guia da tradição cerâmica Tupiguarani/Guarani, os artefatos lascados, muitas vezes eram vistos como intrusões ou sobreposição a sítios de caçadores-coletores. Normalmente no sul do país, os objetos líticos eram relacionados à tradição Humaitá e a falta de novos estudos contribuiu para deixar esta tradição como um conjunto de objetos díspares, que podem representar parcelas da cultura material de populações que também produziam cerâmica (DIAS, 2003, p. 47).

Pesquisas realizadas por Hilbert e colaboradores (2001), também no alto Uruguai, na área de implantação da UHE Machadinho, localizada a montante da UHE Itá, revelaram que, dos 58 sítios arqueológicos, 15 apresentaram somente material lítico; os demais 42 sítios apresentaram material lítico e cerâmico e foram associados à tradição Guarani. Uma dúvida é apontada pelos pesquisadores, na identificação das diferenças entre os grupos pré-cerâmicos, porque na maioria dos casos, os artefatos são característicos das duas tradições, Umbu e Humaitá.

Na dissertação de mestrado de Costa (2000), encontramos a análise da indústria lítica de 24 sítios, localizados na região impactada pela UHE Machadinho. O conjunto da indústria lítica dos 24 sítios, totalizou 9.494 peças. 84% desse material havia sido coletado em superfície e por esse motivo não foram associados a qualquer tradição, pois a pesquisadora considerou a probabilidade de mistura de resíduos líticos de grupos diferentes. Suas análises apontaram para o predomínio de lascas bipolares (3.899), lascas unipolares (2.239), núcleos (1.368), detritos (1.322), termóforos (286), artefatos brutos (205), artefatos bifaciais (156), placas (15) e geodos (2), elaborados a partir de matérias-primas locais principalmente seixos, pois na área são comuns os afloramentos de rochas vulcânicas (basálticas) associadas à calcedônia e ao quartzo. No caso

dos 24 sítios analisados a preferência estava na calcedônia, que compreendeu 74,75% do total de peças (COSTA, 2000, p. 91-93).

Por outro lado, o estudo de coleções líticas provenientes da área da Linha de Transmissão Quebra-Queixo-Pinhalzinho, nas proximidades do rio Chapecó, afluente do rio Uruguai, mostraram que o material lítico pode evidenciar duas tradições culturais distintas, uma relacionada aos caçadores coletores da tradição Umbu e outra cerâmica ligada à tradição Taquara. A última, apresentou sítios com muitas muitas lascas e artefatos unifaciais e bifaciais, indo assim ao encontro do que se observa para essa tradição (HOLTZ E BRÜGGEMANN, 2003).

De acordo com Mansur (1986/1990), os objetos líticos são indicadores de atividades cotidianas. No caso dos Guarani, Noelli (1993) fala que essas atividades podiam ocorrer em distintos locais da aldeia ou nas áreas de domínio do tekohá. Por isso, para tentarmos compreender a variabilidade da indústria lítica, é preciso levar em consideração o ñande reko, ou seja, o modo de ser Guarani, que pode ser visualizado nas escolhas tecnológicas tanto de aquisição de matérias-primas, como na cadeia operatória da confecção dos artefatos líticos.

## **5.2 Um enfoque tecno-tipológico na análise da cadeia operatória do material lítico**

A análise do material lítico recuperado pelo PSAU-UHE Itá foi desenvolvida por José Luiz de Moraes, que baseou-se em trabalhos de André Leroi-Gourhan, Anette Laming-Emperaire, Águeda Vilhena-Vialou, Sergei Semenov, Don Crabtree, François Bordes, Jacques Tixier, e outros, para desenvolver uma ficha tecno-tipológica<sup>66</sup>, utilizada para análise das indústrias líticas confeccionadas a partir de diferentes matérias-primas, na bacia dos rios Paraná e Uruguai (MORAIS, 1987, p. 156). Ao invés de uma descrição das indústrias líticas, a partir de uma abordagem tipológica, onde se busca apenas definir a funcionalidade dos objetos, o estudo da

---

<sup>66</sup> Conforme Vialou: “A tecno-tipologia é o estudo raciocinado: em primeiro lugar, do lascamento e do talhe da matéria-prima; em segundo, dos retoques intencionais, transformando os produtos de lascamento em utensílios; em terceiro, das marcas deixadas pelas utilizações; e, em quarto, dos utensílios numa perspectiva de classificação” (VIALOU, 1980, p. 62).

seqüência de gestos técnicos, procura analisar as características de um grupo como um todo; é a partir de detalhes de lascamento e retoques, que se pode diferenciar as industriais líticas.

Tixier, Inizan & Roche apud Morais (1987, p. 158), observam alguns tópicos importantes buscando recuperar o comportamento das populações pré-coloniais, tais como: a) Discernir o objeto accidental (natural) do intencional; b) Diferenciar um gesto de preparação técnica de um traço de utilização; c) Distinguir retiradas de preparação daquelas correspondentes aos retoques posteriores; d) Esclarecer a respeito da duração do tempo de confecção de objetos líticos. Nessa perspectiva, através das técnicas e dos tipos recupera-se a cadeia operatória, formada pelos diferentes estágios de produção de um artefato lítico, desde a aquisição da matéria prima, a produção da peça e o seu posterior abandono. A tecno-tipologia objetiva “a leitura, análise e classificação de todos os objetos líticos que integram o encadeamento massa primordial (matéria-prima) matriz/talhe/debitagem/retoque/artefato (utilização)<sup>67</sup>; já a técnica é o processamento da matéria-prima; enquanto a tipologia classifica o artefato que está ligado à tecno-morfologia do retoque ou ainda, à apropriação de uma forma funcional mentalmente concebida, a partir do talhe da massa primordial (ibidem, p. 163)”.

A ficha tecno-tipológica prevê uma série de informações sobre cada peça, sendo dividida em dois blocos: no primeiro estão os dados de origem, como nome do sítio, número de identificação, nome do projeto, município, unidade da federação, ano da prospecção, datação, procedência horizontal e vertical, além do nome do pesquisador. No segundo bloco, está o resultado final do estudo sobre o objeto/tipo/suporte; para tanto, o objeto é analisado a partir das seguintes categorias: primeira triagem, segunda triagem, matéria prima, estado da superfície, grupo, talhe/debitagem/acidentes, traços de utilização, dimensões, peso, tecno-morfologia do retoque (ibidem, p. 164).

Na ‘primeira triagem’, tem-se a análise a partir do agrupamento do material em quatro grandes categorias: 1 – massas primordiais: matéria-prima no seu estado natural apta ao lascamento (seixos, plaquetas, nódulos, cristais e blocos); 2 – matriz: o núcleo como fonte de produtos para lascamento (lascas, lâminas e lamelas); 3 – produtos de talhe, debitage e retoque: os produtos do talhe, normalmente não são usados, pois a intenção do artesão era utilizar a massa

---

<sup>67</sup> Morais define o termo “talhe” como a apropriação das massas primordiais para obtenção de um utensílio (o seixo que é transformado em chopper), já a “debitagem” são as retiradas feitas dos núcleos aptos a serem transformados em artefatos (MORAIS, 1987, p. 164).

primordial; enquanto os produtos da debitage, são suportes para fabricação de artefatos, o produto do retoque são geralmente pequenas lascas. No geral, essa categoria resulta em lascas, lâminas, lamelas; 4 – resíduos: fazem parte do conjunto da indústria, mas são em sua maioria, fragmentos acidentais (ibidem).

Um segundo passo de análise, conforme o método de Morais é a ‘segunda triagem’, na qual as peças são novamente separadas e reagrupadas em outras três categorias: 1 – peças brutas: são aquelas que não apresentam traços de utilização ou evidências de talhe e/ou retoque; enquadram-se nelas os núcleos, as lascas corticais, de talhe ou de debitage. 2 – peças utilizadas: objetos que apresentam traços de utilização, tais como microdesgastes, polimentos e estriamentos nos bordos, serrilhados, “mordidas”, entre outros<sup>68</sup>. 3 – peças talhadas e/ou retocadas: são os artefatos que, ao final do estudo, serão passíveis de classificação tipológica; podem ser: um chopping-tool, um biface, um núcleo que foi transformado em artefato, lascas, lâminas, lamelas retocadas (ibidem, p. 165-166).

Outro elemento considerado na ficha são as ‘matérias-primas’, pois de sua qualidade dependem as técnicas de lascamento. Em seqüência também observa-se ‘o estado de superfície’, notificando-se as marcas de ação do fogo, da água, pátina e córtex, especialmente a presença ou não de córtex, pois representa diferentes etapas da preparação do núcleo em artefatos (ibidem, p. 166-169).

Com as informações dos itens anteriores, as peças são inseridas dentro de uma das quatro categorias: 1 – peças preparatórias: compreendem todas as massas primordiais (seixos, plaquetas, cristais, nódulos e blocos), matrizes (núcleo), produtos de preparação e retoque (lascas, lâminas, lamelas corticais, entre outros); 2 – peças acidentais: englobam os núcleos e lascas espontâneas, fragmentos e vários outros resíduos; 3 – peças utilizadas: peças que em seu estado natural apresentam marcas de utilização, como os percutores e os produtos de talhe ou debitage sem retoque, mas com sinais de polimento, estrias, desgastes (o estudo desses traços pressupõe o uso de aparelhos apropriados); 4 – artefatos: objetos produzidos a partir do talhamento e debitage, com a finalidade de se apropriar de uma forma mentalmente pré-concebida, como: choppers, chopping-tools, bifaces, entre outros (ibidem, p. 169-170).

---

<sup>68</sup> Normalmente para definir os traços de utilização, pressupõe-se o uso de equipamentos, como lupas binoculares, microscópios de reflexão; contudo, na análise do material lítico do PSAU – UHE Itá, não ficou expresso se a análise foi realizada a “olho nu” ou com o auxílio de equipamentos.

Outros elementos a serem observados na ficha, são os ‘traços de utilização’ (já especificados anteriormente); as ‘dimensões’, que são tomadas normalmente em milímetros, com o uso de paquímetros; ‘o peso’; ‘o talão’ da lasca, considerado um elemento tecnológico, pois a escolha do plano de percussão é um sinônimo de domínio da técnica de lascamento e os ‘retoques’, que são as retiradas efetuadas no bordo (ibidem, p. 173-174).

### **5.3 A coleção lítica**

Na área atingida pelas cotas de desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório, foram localizados 133 sítios arqueológicos, que apresentaram material lítico. A análise de Marilandi Goulart e equipe (Vol III, 1997, p. 08), a ênfase está em 2.067 peças líticas, compreendidas a partir da abordagem tecno-tipológica, sem perder de vista a criatividade humana necessária para sua sobrevivência, como parte da relação entre o homem e o meio ambiente.

Em nossa amostragem dos 133 assentamentos, selecionamos no capítulo três 70 sítios, pois foram registrados como “lito-cerâmicos ou cerâmicos”. Destes, 57 apresentaram objetos líticos associados a material cerâmico. Para estes 57 sítios, tem-se 1.290 objetos, dos quais apenas 171 foram classificados como artefatos. Dos 57 sítios considerados, uma parcela de 8 sítios, são quantitativamente mais expressivos e/ou com mais artefatos, cobrindo mais de 50% (763) da coleção (total de 1.290 peças). Foi a partir desses 8 sítios, 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108, 111 (Mapa Apêndice 06), que fazemos nossa análise, correlacionando-os com os dados tecno-tipológicos elaborados por Marilandi Goulart e equipe (Vol III, 1997). A seguir os Gráficos 21 e 22, exemplificam a situação:

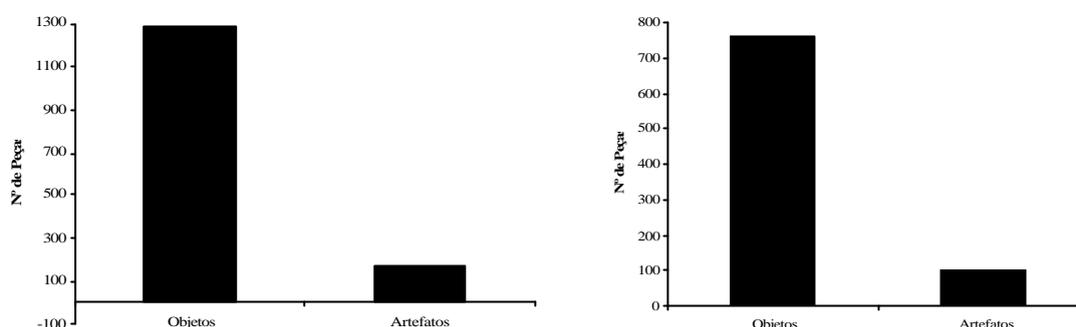


Figura 72: Frequência total de objetos e Figura 73: Frequência total de objetos e percentual de artefatos líticos de 57 sítios. percentual de artefatos líticos de 08 sítios.

Como mencionamos no início deste capítulo, foram registrados na área da UHE Itá (margem direita do rio), dez sítios arqueológicos onde encontrou-se apenas material lítico. Estes apresentaram no conjunto da indústria lítica, um total de 44 objetos, em média 4 objetos por sítio. Devido à baixa frequência de material e por encontrarem-se numa área com muitos sítios da tradição Tupiguarani, estes podem ser considerados extensões de áreas de atividades de grupos ceramistas, não representando sítios de grupos de caçadores-coletores, como tradicionalmente são classificados os sítios que só apresentam material lítico. Na tabela 11 a seguir, relação dos sítios líticos:

Tabela 11: Relação de sítios líticos na margem direita do rio Uruguai atingidos pela UHE Itá.

Número do Sítio	Proprietário	Localidade	Município	Quantidade de material lítico
015	Constante Bustolin	-	Itá	01
050	Edgar Fraes	Barra do rio Rancho Grande	Concórdia	03
056	Navilho Zucchi	Linha Meneguetti	Concórdia	04
057	Pedro Baroni	Linha Meneguetti	Concórdia	01
061	José del Posso	Linha Poço Rico	Concórdia	07
063	Liro Hotelfer	Linha dos Kopes	Concórdia	02

066	Castilho Pasin	Linha Barra do rio Queimado	Concórdia	3
074	Arnaldo Finger	Linha Barra do rio Rancho Grande	Concórdia	12
082	Osmar Guedes	Linha São Luiz	Concórdia	07
101	José Casakevicius	Linha Vila Rica	Concórdia	04

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Goulart (1997, Vol III).

Na área do canteiro de obras da UHE Itá, dos 24 sítios arqueológicos selecionados no capítulo anterior, 21 foram classificados como “lito-cerâmicos”, enquanto 3 são “cerâmicos”. Desses 21, os sítios 011, 013 e 229<sup>69</sup>, somam juntos 43.343, representando 97,35% do total de material; os demais 18 sítios somam 1.177 objetos líticos, correspondendo a 2,65%. Contudo, como já frisamos nos demais capítulos, para este conjunto de sítios não encontramos todos os relatórios publicados, por isso, os dados estão incompletos. Com o material de que dispusemos, apresentaremos as parcialidades dos conjuntos da indústria lítica dos sítios 009, 010, 011 e 013, que somam juntos 41.409 objetos.

### 5.3.1 A indústria lítica dos sítios: 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108 e 111

Os sítios 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108 e 111, estavam localizados nas áreas de desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório da UHE Itá, conforme mapa Apêndice 06. Estes apresentaram maior número de peças líticas e foram descritos especialmente em termos da análise tecno-tipológica. A seguir trazemos a análise tecno-tipológica desenvolvida por Marilandi Goulart e equipe, como forma de mostrar o trabalho desenvolvido por eles. Os resultados obtidos com a análise foram utilizados por nós, a partir do cruzamento das informações para melhor entendimento da produção lítica, como veremos em textos a seguir (GOULART, Vol III, 1997, p. 73).

---

<sup>69</sup> Sítio 229, denominado Paulino Kolbow, localizado na Linha Borboleta Baixa, Itá. Apresentou 2.058 objetos líticos. Mas, este não fará parte de nossa amostragem, pois não encontramos os dados referentes a análise.

O material lítico do Sítio 001, é composto por 48 peças, predominantemente lascas, seixos e blocos. As lascas classificam-se na categoria peças brutas e os seixos, em 70% dos casos, sofreram talhes originando artefatos. A matéria-prima mais freqüente é o basalto (52,08%), seguido do grupo das rochas sedimentares (37,50%), que se destacam nas lascas, enquanto que os artefatos são, na maioria, de basalto. A cobertura cortical é maior que 50% da superfície nas peças de basalto, e menor que 50% nas peças de rochas sedimentares.

Do total de produtos de talhe e debitagem a classe mais freqüente é a de direção de debitagem, talão e ponto de impacto conhecidos (52%). As lascas completas e medidas, enquadram-se na classe de muito largas ou quase longas (relação comprimento/largura) e possuem talões lisos, com ângulos internos de 110° e 120° e externos de 80°. Os artefatos são principalmente talhados (choppers e chopping-tools), com apenas 2 lascas retocadas, continuamente, de forma direta, nas porções laterais, gerando bordos semi-abruptos, de delineamento retilíneo, côncavo ou convexo irregular. Quanto às medidas lineares, os produtos de talhe e debitagem completos variam de 30 a 125mm de comprimento, 30 a 124mm de largura e 6 a 53mm de espessura; e os artefatos variam de 55 a 139mm de comprimento, 42 a 113mm de largura e 15 a 74mm de espessura (ibidem, p. 73).

O material lítico do Sítio 002, é composto por 214 peças, classificadas, principalmente, como lascas (63,08%) e alguns blocos, cristais e seixos (11,21%, 12,62% e 4,67%, respectivamente). As lascas são predominantemente brutas, além de 24 com sinais de utilização e 3 retocadas; os blocos e seixos são brutos, com 2 exemplares de cada tipo de peças talhadas; os cristais são, também, brutos e, em 8 peças, apresentam sinais de utilização. As matérias-primas mais freqüentes são o quartzo e o basalto, seguido do grupo dos silicatos e, em menor quantidade, do grupo das sedimentares. Cruzando-se estas informações, verifica-se que as lascas dividem-se proporcionalmente entre as matérias primas, enquanto que os blocos e seixos são de basalto e os cristais de quartzo.

Quanto aos grupos da indústria lítica, o de peças utilizadas é predominantemente de quartzo, enquanto que 5/8 dos artefatos são de basalto e as peças acidentais (em maior proporção) são de quartzo, basalto e silicatos. Devido à alta freqüência de quartzo, a cobertura cortical está ausente em 64% das peças, sendo que cobre menos de 50% das peças de basalto, sedimentares e silicatos. O basalto é, também, a matéria-prima mais freqüente nas peças com cobertura cortical total ou maior que 50%.

Os produtos de lascamento são representados, principalmente, por fragmentos de lascas e lascas com talão parcialmente fragmentado. As 20 peças completas medem de 22 a 137mm de comprimento, 17 a 31mm de largura e 7 a 38mm de espessura. Estas peças em relação às medidas de comprimento e largura foram classificadas como muito largas com talões lisos planos e côncavos, ângulos internos variando de 100° a 120° e externos de 60° a 80°. Os artefatos são representados por blocos talhados e cristal talhado, além de três lascas que apresentam retoques diretos nos bordos proximais, aplicados continuamente na forma de escamas curtas que delinearão gumes côncavos irregulares (ibidem, p. 74-75).

O material lítico do Sítio 003, é composto por 64 peças classificadas, principalmente, como lascas, blocos e seixos, na sua maioria utilizados ou transformados por talhe e/ou retoques em artefatos. A matéria-prima mais freqüente é o basalto, seguido do grupo das rochas sedimentares, distribuídas de maneira quase uniforme nas classes da primeira triagem, sendo que na segunda triagem as sedimentares predominam nas peças talhadas e/ou retocadas. Essa mesma divisão ocorre entre os grupos da indústria lítica e freqüência da cobertura cortical.

Os produtos de talhe e debitage são classificados como tendo a direção de debitage, talão e ponto de impacto conhecidos, sendo os talões lisos planos, côncavos e convexos ou facetados diedros, com ângulos internos concentrados em torno de 110° e 120° e externos entre 50° e 100°. Nos produtos de talhe e debitage completos as medidas de comprimento variam de 55 a 162mm, largura de 72 a 154mm e espessura de 15 a 50mm. Os artefatos constituem-se, principalmente, de lascas retocadas e massas primordiais talhadas, sendo que 4 blocos apresentam talhes e retoques, além de artefatos polidos, cujas medidas de comprimento variam de 42 a 259mm, largura de 25 a 156mm, concentrados na faixa de 60 a 80mm e a espessura de 15 a 76mm. Os retoques foram diretos, contínuos nos bordos das peças, aplicados na forma de escamas longas que delinearão gumes semi-abruptos retilíneos, côncavos e convexos irregulares (ibidem, p. 75-76).

O material lítico do Sítio 086, é composto por 98 peças classificadas, principalmente, como lascas e blocos brutos, com alguns exemplares talhados e/ou retocados e 1/6 das lascas com sinais de utilização. A matéria-prima mais freqüente é o basalto (67,35%), que abrange todos os blocos e mais de 50% das lascas, seguido do grupo das rochas sedimentares e alguns exemplares de silicatos. Nos grupos da indústria lítica o basalto predomina nas peças preparatórias e acidentais; as sedimentares são mais freqüentes no grupo das peças utilizadas; e nos artefatos o

basalto e as sedimentares ocorrem igualmente. Quanto à cobertura cortical, metade das peças possuem menos de 50% da sua superfície coberta por córtex e as peças com cobertura ausente ou maior que 50%, têm frequências próximas (23%).

Dos 61 produtos de talhe e debitage, 21 apresentam-se com todas as características intactas; 29 apenas parte do talão e 10 são fragmentadas. Ocorrem ainda, 7 núcleos, cujas medidas lineares distribuem-se entre 59 e 175mm de comprimento, 49 e 109mm de largura e 23 e 75mm de espessura. As medidas das 6 lascas completas variam de 37 a 151mm de comprimento, com maior frequência na faixa de 80 a 100mm; 42 a 121 mm de largura e 12 a 50mm de espessura. Quanto às relações comprimento/largura são classificadas como peças muito largas ou quase longas, com talões lisos planos, côncavos ou convexos, ângulos internos de 120° e externos variando de 50° a 120°.

Os artefatos constituem-se, principalmente, de lascas retocadas e blocos talhados, cujas medidas variam de 50 a 166mm de comprimento, 45 a 170mm de largura e 15 a 70mm de espessura. Os retoques são diretos, aplicados continuamente em vários bordos das peças, na forma de escamas curtas, delineando gumes semi-abruptos, retilíneos ou convexos irregulares. Aparecem também retoques inversos, alternos e alternantes. O número de fraturas “siret” e transversais, reflexos e ultrapassagens também é significativo (ibidem, p. 76-77).

O material lítico do Sítio 103, é composto por 49 peças classificadas, principalmente, como lascas e seixos brutos, lascas e seixos utilizados e 5 lascas retocadas. A matéria-prima mais frequente é o basalto, predominante nos seixos, e as rochas sedimentares nas lascas. Quanto aos grupos da indústria lítica, o das peças acidentais é o mais frequente, seguido das peças utilizadas de rochas sedimentares e artefatos de basalto.

A cobertura cortical está ausente ou é menor que 50% da superfície na maioria das peças, sendo maior que 50% ou total apenas em peças de basalto. Os produtos de talhe e debitage apresentam-se fragmentados ou com o talão parcialmente ausente, exceto em 3 peças com talão facetado diedro e liso convexo, ângulo interno de 120° e externo variando de 60° a 90°. Os artefatos compreendem pontas de projétil, lâminas de machado polidas inteiras e fragmentadas, 1 artefato bifacial e 1 artefato polido. As medidas variam de 30 a 105mm de comprimento, 16 a 83mm de largura e 6 a 32mm de espessura. Os retoques são, principalmente, alternantes, aplicados em todos os bordos das peças na forma de escamas curtas. O delineamento é de aletas e

pedúnculos, graças a grande proporção de pontas de projétil. A coleção apresenta, ainda, 4 lascas “siret” e duas lascas com fratura transversal (ibidem, p. 77-78).

O material lítico do Sítio 104, é composto por 167 peças classificadas, principalmente, como lascas (41,92%), alguns blocos, plaquetas e seixos (6,59%, 4,79% e 3,59%, respectivamente), além de uma grande quantidade de resíduos (40,12%). Devido a essa quantidade de resíduos as peças brutas representam a quase totalidade da coleção (85,03%), apresentando, ainda, 16 lascas, 2 seixos e 1 cristal com sinais de utilização (9,58%, 1,20% e 0,60%, respectivamente). A matéria-prima mais freqüente é o basalto, presente em 1/3 das lascas e 2/3 dos resíduos; as rochas sedimentares estão presentes em 2/3 das lascas e 1/3 dos resíduos. As rochas sedimentares são, proporcionalmente, as que mais apresentam sinais de utilização e suas lascas serviram como suporte para a confecção de artefatos, enquanto que os artefatos de massa primordial foram confeccionados em basalto.

A cobertura cortical aparece, na maioria das vezes, cobrindo menos da metade da superfície das peças, principalmente nas rochas sedimentares, e cobrindo mais de 50% na maior parte das peças de basalto. Os produtos de talhe e debitage apresentam-se, em grande parte, fragmentados, com perda total da porção proximal ou parcial do talão. Das peças com direção de debitage, talão e ponto de impacto conhecidos, 14 apresentam-se completos, com comprimento variando entre 20 e 95mm, com maior concentração na faixa de 40 a 60mm; a largura varia de 20 a 94mm, concentrada, também, na faixa de 40 a 60mm e a espessura entre 22 e 28mm, concentrada na faixa de 0 a 20mm. Por meio das medidas de comprimento e largura, as lascas são classificadas como muito largas ou quase longas e, raramente, peças longas.

Os talões são, principalmente, lisos planos e convexos, com ângulos internos variando de 100° a 130° e externos de 70° a 80°, existindo, ainda, uma grande quantidade de talões esmagados ou parcialmente ausentes. Os artefatos são compostos por lascas retocadas, seixos talhados e 1 lâmina de machado polida, que medem entre 55 e 171mm de comprimento, 28 e 88mm de largura e 16 e 61 mm de espessura; seus retoques são diretos ou inversos, distribuídos continuamente em todos os bordos das peças, na forma de escamas curtas que delinearão gumes semi-abruptos, convexos irregulares. Ocorre, ainda, grande quantidade de faturas transversais, reflexos e lascamentos “siret” (ibidem, p. 78-79).

O material lítico do Sítio 108, é composto por 31 peças, classificadas, principalmente, como seixos (54,84%) e lascas (25,81%), geralmente brutas ou utilizadas na forma natural, e 4

exemplares (3 seixos e 1 lasca) com talhes e/ou retoques. As matérias-primas são representadas pelas rochas sedimentares, destacando-se o siltito silicificado presente na maioria das lascas, e o basalto na totalidade dos seixos, principal suporte dos artefatos talhados e polidos. Os artefatos são, principalmente, seixos com polimento, formando lâminas de machado, ou talhados formando chopping-tools, além de uma lasca retocada direta e continuamente no bordo mesial esquerdo, na forma de escamas curtas originando um gume semi-abrupto de delineamento convexo irregular (ibidem, p. 80).

O material lítico do Sítio 111, é composto por 92 peças, classificadas como lascas, blocos e seixos, com grande quantidade de resíduos. As lascas, em 50% dos casos, foram utilizadas em seu estado natural e duas serviram de base à confecção de artefatos retocados. Os blocos são principalmente brutos e metade dos seixos são talhados ou polidos. As matérias primas predominantes são o basalto e as rochas sedimentares, distribuídas quase que homogeneamente entre as classes da primeira e segunda triagens, os grupos da indústria lítica e as faixas de cobertura.

As lascas, através da análise dos produtos de talhe e debitagem, permitem, na maioria dos casos, identificar a direção de debitagem, o talão e o ponto de impacto, embora apenas uma parcela possa ser medida. O comprimento das lascas varia de 23 a 127mm, a largura de 26 a 122mm, e a espessura entre 6 e 43mm, inserindo-as nas classes muito larga e quase longa, quando é relacionado comprimento e largura. Os talões presentes são lisos côncavos, lisos convexos e facetados diedro, com ângulos internos próximos a 120° e externos de 80°. Os artefatos de massa primordial são compostos por blocos e seixos, com talhes ou polimento, formando choppers e lâminas de machado polida; e, os artefatos com suporte em lascas, foram retocados de forma direta ou alternante nos bordos distal ou proximal, contínuos, em escamas curtas, delineando gumes semi-abruptos, retilíneos irregulares ou denticulados. O comprimento desses artefatos varia de 37 a 120mm, a largura de 21 a 113mm e a espessura de 14 a 53mm (ibidem, p. 80-81).

### 5.3.2 O aproveitamento dos afloramentos de rocha

A seguir listamos os onze pontos de exposição de afloramentos de rocha e cascalheiras, mapeados próximos aos sítios 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108 e 111.

O ponto de exposição - PEx 39 - próximo aos sítios 001 e 002, consiste em uma cascalheira junto à margem direita do rio Uruguai, próximo à Volta do Uvá, formada por seixos, grânulos e blocos arredondados dos tipos litológicos existentes nas proximidades, como basalto vesicular-amigdaloidal, basalto maciço, brecha basáltica, siltito-argilito, fragmentos de geodo, ágata, sílex e calcedônia (GOULART, Vol III, 1997, p. 84).

O ponto de exposição - PEx 40 - próximo ao sítio 003, consiste em uma cascalheira junto à margem esquerda do rio Uruguai (Praia de Aratiba), apresentando características litológicas e deposicionais, inclusive as dimensões, com grande quantidade de seixos, grânulos, blocos e pequenos matacões bem arredondados de vários tipos litológicos como basalto, ágata, calcedônia, sílex, fragmentos de geodo e brecha basáltica (ibidem).

O ponto de exposição - PEx 51 - próximo aos sítios 001 e 002, localizado em drenagem de 1ª ordem, formado por lajeados, blocos e matacões subarredondados, com diâmetro médio de 1.5m. Basalto cinza esverdeado, textura fina e aspecto maciço, apresentando capa de alteração acastanhada (ibidem).

O ponto de exposição - PEx 116 - próximo ao sítio 003, localizado em drenagem de 3ª ordem (lajeado Tamanduá), formado por lajeados de basalto amigdalóide avermelhado e blocos subarredondados, apresentando pequena estratificação entre os níveis de textura fina a grossa (ibidem).

O ponto de exposição - PEx 378 - próximo ao sítio 086, localizado em drenagem de 2ª ordem, afluente do rio Rancho Grande, formado por blocos e matacões subarredondados, com diâmetro médio de 0.9m. Basalto cinza esverdeado, cinza azulado a levemente avermelhado, textura afanítica e aspecto maciço. Basalto vesicular-amigdaloidal de igual coloração e textura, amígdalas e vesículas com diâmetro médio de 1.5cm, preenchidas por calcita, calcedônia, quartzo e, algumas vezes, zeolita. Junto ao afloramento ocorre grande quantidade de fragmentos de quartzo hialino, calcedônia, geodo, siltito e brecha basáltica (ibidem, p. 85).

O ponto de exposição - PEx 634 - próximo ao sítio 104, localizado em drenagem de 3ª ordem (lajeado Trinta e Sete Passos), formado por lajeados e matacões subarredondados, com diâmetro médio de 1.5m. Basalto cinza azulado, textura afanítica, amígdalas e vesículas com diâmetro de 1.0 a 2.0cm, preenchidas por calcedônia, quartzo hialino, calcita e zeolita. Alguns matacões maciços apresentavam capa de alteração cinza escura, amarela e preta, com espessura média de 1.0cm. Os lajeados encontravam-se extremamente fraturados, com milimétricos grãos de quartzo, onde ocorre acúmulo de seixos de basalto vesicular-amigdaloidal, basalto maciço, brecha basáltica, siltito-argilito, calcedônia e geodo, com diâmetro médio de 0.7m, de forma arredondada e elipsoidal, bem polidos, que foram depositados pelo lajeado Trinta e Sete Passos (ibidem).

O ponto de exposição - PEx 646 - próximo ao sítio 103: localizado junto à margem direita do rio do Peixe, formado por lajeados e matacões com diâmetro médio de 1.0m. Basalto vesicular-amigdaloidal cinza esverdeado e amígdalas com diâmetro de 0.5 a 2.5cm, preenchidas por calcedônia, calcita, zeolita e geodo. As vesículas de igual diâmetro, possuíam uma película de celadonita, sobre as cavidades. Os lajeados extremamente fraturados apresentavam capa de alteração castanha escura, preta e amarela, preenchidos por pequenos veios de quartzo (ibidem, p. 86).

O ponto de exposição - PEx 647 - próximo ao sítio 103, localizado na margem direita do rio do Peixe, formado por campo de matacões subarredondados, com diâmetro médio de 1.0m. Basalto cinza azulado a cinza esverdeado, textura afanítica, aspecto maciço ou vesicular-amigdaloidal, semelhante ao PEx 646, apresentando capa de alteração castanha ou cinza escura, com espessura média de 1.0cm. Matacões avermelhados, textura afanítica e microamígdalas, com diâmetro médio de 2.0mm. Junto ao afloramento ocorrem fragmentos de brecha basáltica, geodo, diabásio, calcedônia e quartzo hialino (ibidem).

O ponto de exposição - PEx 648 - próximo ao sítio 111, localizado na margem direita do rio do Peixe, formado por campo de matacões e blocos de basalto vesicular-amigdaloidal cinza claro, textura afanítica e amígdalas com diâmetro médio de 7.0mm, algumas delas com diâmetro de 2.0cm, preenchidas por calcedônia. As vesículas, de igual diâmetro e em menor quantidade, apresentam uma película de celadonita, sobre as cavidades. Junto ao afloramento ocorrem matacões de basalto maciço cinza escuro, textura afanítica, apresentando capa de alteração preta-castanha, amarela ou cinza escura, com avançado processo de esfoliação esferoidal e grande

quantidade de fragmentos de brecha basáltica, geodo, drusa, calcedônia, quartzo hialino, ametista, ágata, zeolita, basalto vermelho e silito-argilito (ibidem).

O ponto de exposição - PEx 663 - próximo ao sítio 108, consiste em cascalheira junto à margem esquerda do rio do Peixe, com 150m de comprimento por 20m de largura, parcialmente coberta pelas águas e pela vegetação nativa. Formada por grande quantidade e variedade de tipos litológicos, como basalto maciço, basalto vesicular-amigdaloidal, brecha basáltica, calcedônia, geodo, sílex, silito-argilito, quartzo hialino, diabásio, ágata e ametista, ocorrendo principalmente na forma de seixos bem arredondados, que foram transportados e depositados pela corrente fluvial, com diâmetro médio de 10cm e variação granulométrica de 2.0mm a 40cm (ibidem).

O ponto de exposição - PEx 669 - próximo ao sítio 108, consiste em uma cascalheira junto a um desvio das águas do rio do Peixe, cortado por um segmento do terraço, formada por seixos bem arredondados, com diâmetro médio de 6.0cm (ibidem, p. 87).

### *5.3.3 A indústria lítica dos sítios 009, 010, 011 e 013*

Vimos no capítulo anterior, que os sítios 009, 010, 011 e 013, apresentaram material cerâmico com características de duas tradições distintas, a Tupiguarani e a Taquara. Neste texto, apresentamos a análise do material lítico desses sítios, com destaque para os sítios 011 e 013, pois demonstraram-se mais numerosos. Para o conjunto desses quatro sítios, observamos desencontros de informações, quanto à quantidade total de objetos coletados nestes sítios. Conforme o Inventário do material lítico (GOULART, Vol II, 1995), o sítio 009, apresentou 66 objetos líticos; o sítio 010, apresentou 65 objetos líticos; o sítio 011, apresentou 8.030 objetos líticos e o sítio 013, apresentou 33.248 objetos líticos, nas figuras 91 a 102, podemos visualizar alguns exemplos.

Por se tratar de relatórios parciais (GOULART, 1987a, 1987b, 1988a, 1988b), tem-se a análise completa apenas dos sítios 009 e 010, por serem sítios relativamente pequenos em termos de quantidade de material, e porque já tinham sido escavados em sua totalidade. Já os sítios 011 e 013, apresentaram ao final das escavações alta frequência de material, contudo, utilizamos apenas

uma amostragem, que no caso do sítio 011, corresponde a 13,62% do total de material, e 5,83% do total de material lítico referente ao sítio 013 (GOULART, 1987b).

No sítio 009, é possível perceber um desencontro de informações. O Inventário (GOULART, Vol II, 1995) trás que a quantidade de material lítico corresponde a 66 objetos, já em Goulart (1987a, p. 169), observa-se que foram analisados 72 objetos. Observa-se que os dois maiores grupos da indústria lítica, são constituídos pelas lascas e lascas fragmentadas que, somam juntas 56,90 %; os resíduos perfazem 22,22%, enquanto que, os núcleos e os artefatos representam 20,88%, sendo assim classificados: 30 lascas, 11 lascas fragmentadas, 3 núcleos, 3 cristais de quartzo, 2 fragmentos de cristal, 2 raspadores, 2 seixos, 1 chopping-tool, 1 fragmento de ponta de projétil, 1 fragmento de lâmina de machado polida, 16 resíduos. Ocorre predomínio das lascas sobre as matrizes e artefatos, enquanto que o grande número de resíduos sobre o baixo índice de núcleos, mostra o trabalho ativo dos artesãos pré-históricos no sentido de obterem implementos utilizáveis na vida cotidiana (MORAIS apud GOULART, 1987a, p. 174). Para estes 72 objetos, foram identificadas as seguintes matérias-primas: ágata (26); quartzo (16); basalto (11); argilito (7), argilito silicificado (6); siltito (5) e lamito silicificado (1) (GOULART, 1987a, p. 169).

No sítio 010, também nota-se um problema com a quantidade das peças, no Inventário (GOULART, Vol II, 1995), os objetos líticos somam 65, contudo observamos que a análise do lítico compreende apenas 53 objetos. Observa-se no conjunto da indústria lítica do sítio 010, a mesma situação que ocorre no sítio 009, o grupo de lascas é o maior, totalizando 79,25%; núcleos e artefatos, somam 15,09%, enquanto que, os resíduos são apenas 5,66%. Conforme a classificação: 29 são lascas, 13 lascas fragmentadas, 3 núcleos, 1 seixo fragmentado, 1 cristal de quartzo, 1 mão de pilão fragmentada, 1 lâmina de machado polida, 1 plaqueta retocada e 3 resíduos.

As matérias-primas utilizadas na confecção destes objetos, foram as seguintes: basalto (16), ágata (11), argilito silicificado (6), lamito silicificado (5), quartzo (4), siltito silicificado (3), siltito (2), quartzo/ágata (1) e arenito silicificado (1) (GOULART, 1987a, p. 174-179). As principais fontes de matérias-primas para a indústria lítica, foram encontradas em afloramentos de rocha relacionados a sedimentos inconsolidados e depósitos de cascalhos, situados na porção central do rio Uvá, o ponto de exposição 43, localizado a uma distância de 50m do sítio. Na porção lateral do rio Uruguai, o ponto de exposição 32, junto à foz do primeiro, distante 500m do

sítio, composto por seixos e calhaus arredondados de basalto cinza esverdeado. Outro afloramento, o ponto de exposição 09, constituído por matacões de basalto alterado, encontrava-se distante 400m do sítio (GOULART, 1988a, p. 21).

Para o sítio 011, temos a análise de 1088 objetos que, representam apenas 13,54% do valor total de 8030 objetos. A análise tecno-tipológica da indústria lítica apresentou que, os resíduos são o grupo mais representativo, compreendendo 46,23%; em segundo lugar, aparecem as lascas e os fragmentos de lascas, perfazendo 44,57%; já matrizes e artefatos, somam apenas 9,20%. Estes foram assim classificados: 288 lascas, 197 fragmentos de lascas/lascas fragmentadas, 44 cristais fragmentados, 14 cristais, 7 núcleos, 6 seixos brutos, 6 blocos, 5 seixos fragmentados, 4 raspadores, 3 chopping-tool, 2 seixos, 2 lâminas de machado polidas, 2 fragmentos de lâminas de machado polidas, 1 plaqueta retocada, 1 fragmento de percutor polido, 1 fragmento de cunha polida, 1 artefato cônico, 1 fragmento de ponta-de-projétil, e 503 resíduos (GOULART, 1987a, p. 179).

A análise do material lítico apresentou alta quantidade de objetos de quartzo, somando 71,40% do valor total, enquanto que, as outras matérias-primas utilizadas representaram 28,60%. Conforme a distribuição a seguir: quartzo (780), basalto (73), argilito silicificado (70), lamito silicificado (44), silito silicificado (42), ágata (31), argilito (18), silito (8), arenito silicificado (7), lamito (6), ágata e quartzo (4), sílex (3), calcedônia (2) e diabásio (1) (ibidem, p. 183).

As matérias-primas para à indústria lítica, podiam ser encontradas em afloramentos de rocha, constituídos por matacões de basalto cinza esverdeado, apresentando amígdalas preenchidas de quartzo e sílex, estando a uma distância aproximada de 500m do sítio (Pex 20). Também foram localizadas duas cascalheiras, uma distante 40m, do rio Uvá e outra distante 10m, do rio Uruguai, constituídas por pequenas ilhas de sedimentos inconsolidados clásticos de basalto depositados a partir da carga do leito do rio (Pex 43 e 32). Por fim, a uma distância de 1200m ocorre um depósito de cascalhos (Pex 14), constituídos por seixos e calhaus arredondados de basalto, ágata, calcedônia, sílex, vidro vulcânico e fragmentos de geodo (GOULART, 1988a, p. 28).

Para o sítio 013, também tem-se apenas parte da análise, totalizando 1.951 objetos líticos, que representam apenas 5,86%, do total de 33.248 objetos. A análise tecno-tipológica do conjunto da indústria lítica mostrou que, as lascas ocorrem com maior frequência, chegando a 52,12%; em seguida, estão os resíduos, com 37,10%, e por último as matrizes e artefatos com

10,78%. Conforme a classificação a seguir: 780 lascas, 237 lascas fragmentadas/fragmentos de lascas, 132 cristais, 42 cristais fragmentados, 14 núcleos, 8 seixos, 3 pontas de projétil, 2 artefatos sobre blocos, 2 plaquetas retocadas, 2 chopping-tool, 1 raspador, 1 machado bumerangóide, 1 adorno, 1 fragmento de seixo, 1 plaqueta e 724 resíduos.

Quanto aos tipos de matérias-primas empregadas, observa-se que o quartzo aparece com alta frequência, somando 59,48% do valor total, enquanto que as demais matérias-primas compreendem juntas 40,52%. Conforme a distribuição: quartzo (1.121), basalto (186), siltito silicificado (183), argilito silicificado (183), ágata (100), lamito silicificado (69), arenito silicificado (25), sílex (18), ágata e quartzo (8), diabásio (7), siltito (6), calcedônia (6), arenito(4), ágata e basalto (2), desiltito (1) (GOULART, 1987a, p. 190, 194).

#### **5.4 Variabilidade lítica a partir da análise tecno-tipológica dos sítios, 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108 e 111**

A variabilidade da indústria lítica será feita, a partir dos sítios arqueológicos, 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108 e 111 (Mapa Apêndice 06), assentamentos localizados nas áreas de desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório da UHE Itá, que apresentaram-se mais expressivos em número de material, um total de 763 objetos. Também porque, para esse conjunto encontramos uma análise completa, realizada por Marilandi Goulart e equipe, sendo possível caracterizar três etapas fundamentais da cadeia operatória como: o tipo de matéria-prima utilizada, as técnicas de produção aplicadas, a variedade e o uso desta produção.

Assim, de acordo com a metodologia empregada por Morais (1987), através da primeira triagem, agrupa-se o material em grandes categorias. Percebe-se então, que das 763 peças: 383 são lascas, correspondentes aos produtos de talhe, lascamento e retoque; em seguida, com 113, estão os resíduos; as matérias-primas em estado natural aptas ao lascamento, compreendem: 97 blocos, 77 seixos, 39 cristais, 26 plaquetas e 6 nódulos; outro número considerável engloba os núcleos, 17 no total; os demais, lâminas, geodos e lamelas são pouco representativos variando entre 1 e 2 objetos, conforme figura 74 a seguir:

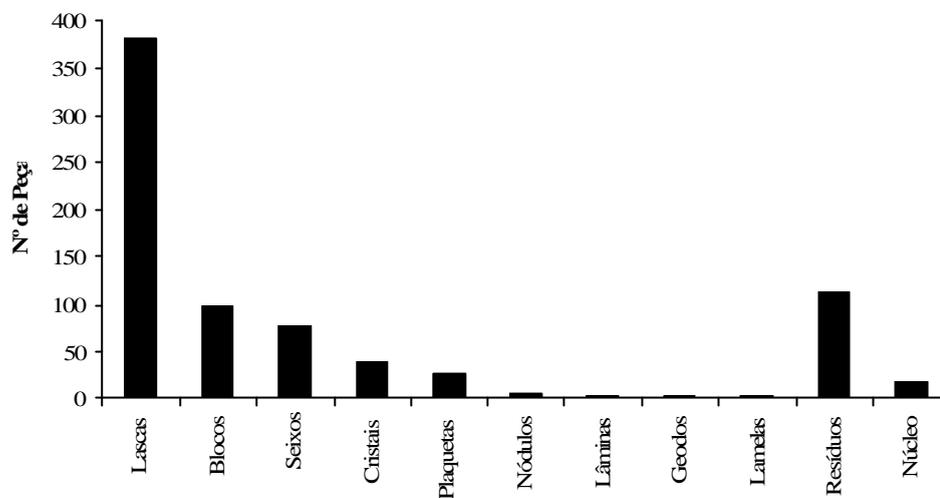


Figura 74: Frequência da categoria da primeira triagem.

Na segunda etapa, o material é novamente reagrupado, para quantificação das peças brutas, das utilizadas e de quais foram talhadas. Nesta categoria observamos que ocorrem com maior frequência as peças brutas, com 545 objetos, as quais não apresentaram marcas de utilização, sendo principalmente: lascas, núcleos e resíduos; em seguida com 134, estão as peças utilizadas e, com 84 peças, estão os produtos de talhe e retoque. A figura 75 a seguir representa as três categorias:

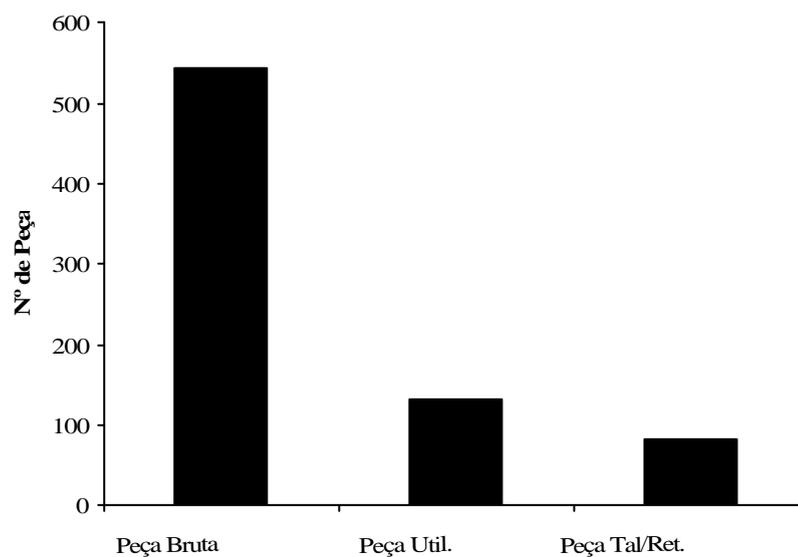


Figura 75: Frequência da categoria da segunda triagem.

Outra categoria de análise apresenta a distribuição dos elementos da primeira triagem pelos grupos da segunda triagem. Destacam-se com maior frequência, 259 lascas brutas; em seguida, com 114, os resíduos; as lascas utilizadas compreendem 86 artefatos; os blocos brutos somam 68; as lascas talhadas somam 38, e 37 os seixos brutos. Também são significativos, com números que variam entre 10 e 25, os cristais brutos, os blocos talhados retocados, os seixos talhados retocados, as plaquetas brutas, os núcleos, os cristais utilizados. Por fim, com baixa frequência, menos de 10 objetos, estão os blocos utilizados, as plaquetas utilizadas, os nódulos brutos, os cristais talhados/retocados, os geodos brutos, as plaquetas talhadas/retocadas, os nódulos utilizados, as lâminas brutas e as lamelas brutas, as lamelas utilizadas. Na figura 76 abaixo é possível visualizar tal distribuição:

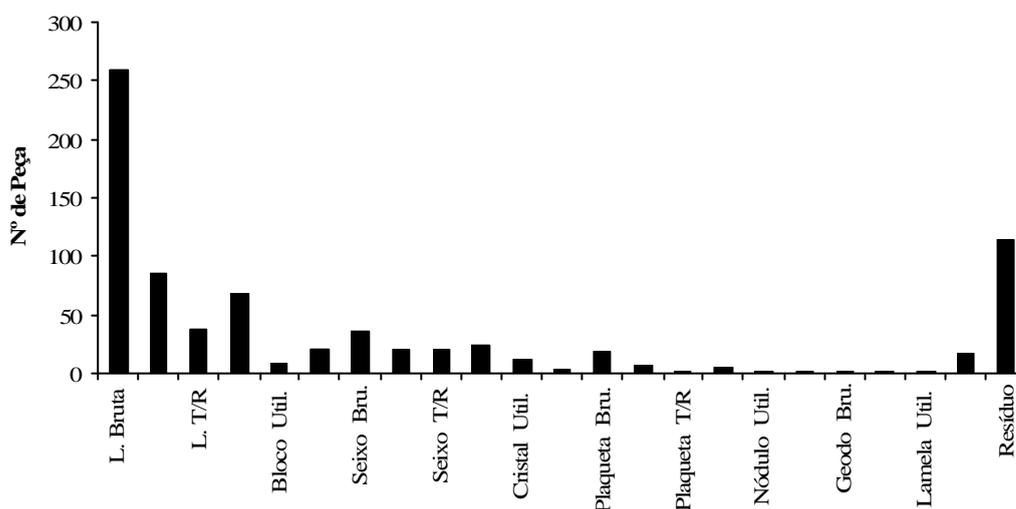


Figura 76: Distribuição das categorias da primeira pela segunda triagem.

No quarto grupo de análise, nota-se a frequência das classes de matérias-primas, demonstrando quais tipos de rochas são mais recorrentes. Evidencia-se para os 08 sítios analisados, que a rocha mais empregada, com 364 peças, é o basalto; em seguida, estão as rochas sedimentares, com 224 peças; o quartzo, com 96; os silicatos com 79, como mostra a figura 77 a seguir:

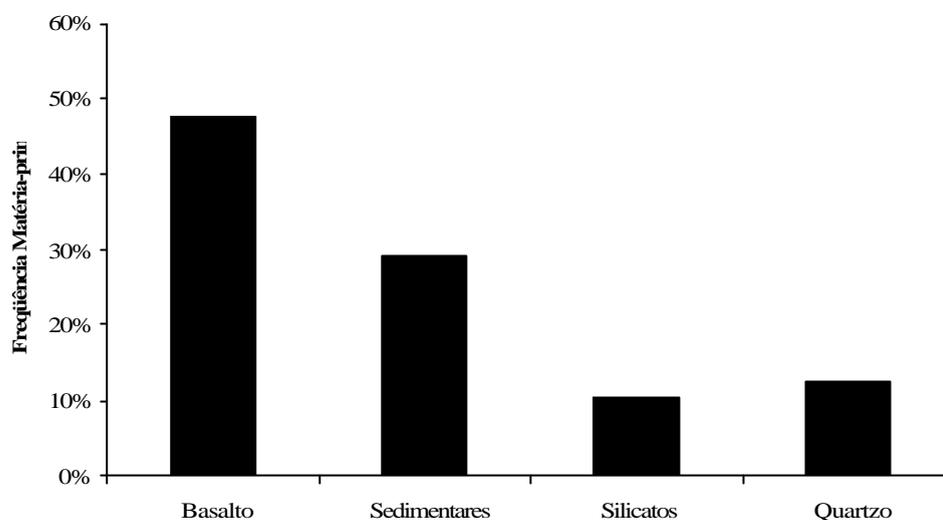


Figura 77: Frequência das classes da matéria -prima.

Também se podem cruzar os elementos da primeira triagem com as matérias-primas, que resultou na figura 78 apresentada a seguir. Os grupos que apresentaram alta frequência de peças; foram: com 142 peças, as lascas de basalto e com 141 peças, as lascas sedimentares; em seguida aparecem, com 73 peças, os blocos de basalto; com 66 peças, os seixos de basalto; com 54, os resíduos de basalto; com 53, as lascas de silicato e, com 47, as lascas de quartzo; com 39 peças estão os cristais de quartzo e os resíduos sedimentares; 24 plaquetas de basalto e 23 blocos sedimentares; em menor número estão os resíduos de silicatos, com 16 peças e mais 11 núcleos sedimentares. Os grupos que apresentaram baixa frequência (entre 1 e 10), são: seixos sedimentares (8), nódulos de silicatos (6), resíduos de quartzo (5), núcleos de basalto (4), seixos de silicatos (2), plaquetas sedimentares (2), geodo de quartzo (2), lamela de quartzo (2), núcleo de silicatos (2), bloco de quartzo (2) e lâmina de basalto (1). Na figura 78 abaixo, a distribuição da primeira triagem com as matérias-primas encontradas:

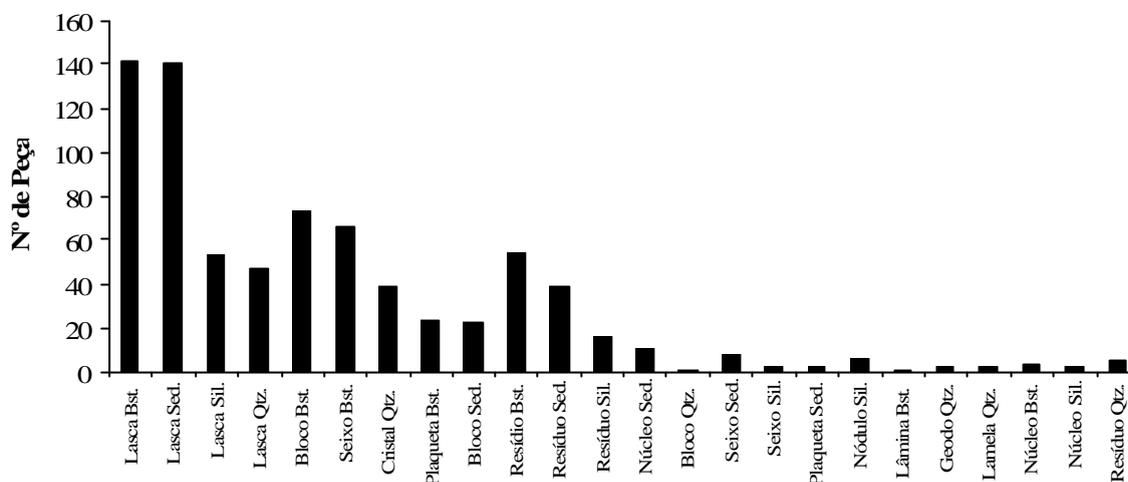


Figura 78: Distribuição das matérias-primas pela primeira triagem.

Os elementos identificados na segunda triagem, foram distribuídos com as matérias-primas identificadas. Das 763 peças, 545 foram classificadas como brutas e em seguida, divididas pelos quatro tipos de matérias-primas, obteve-se: 281 peças brutas de basalto; 136 peças brutas sedimentares; 60 peças brutas de silicato e 68 peças brutas de quartzo. As peças utilizadas, somaram 134, de acordo com a distribuição pelas matérias primas, nota-se a seguinte divisão: 49 peças utilizadas de basalto; 44 peças utilizadas sedimentares; 24 peças utilizadas de quartzo e 17 peças utilizadas de silicato. Por último, com menor frequência, estão 84 peças talhadas/retocadas, assim distribuídas: 44 peças talhadas/retocadas sedimentares; 34 peças talhadas/retocadas de basalto; para as peças talhadas/retocadas, identificaram-se 3 quartzo e 3 de silicato. Essa distribuição pode ser visualizada figura 79 a seguir:

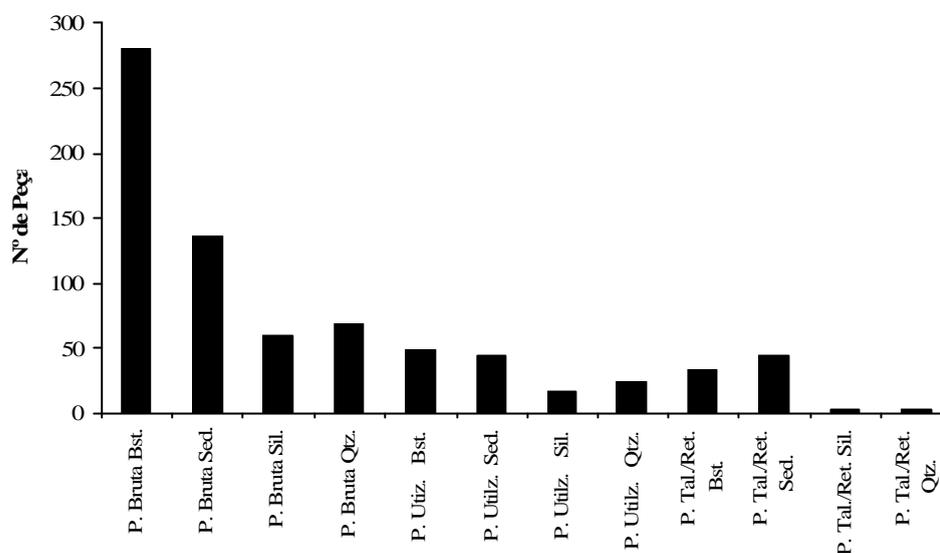


Figura 79: Distribuição das matérias-primas pela segunda triagem.

A análise da cobertura cortical foi feita a partir de quatro categorias: ausência completa ou menos de 50%, mais de 50% e totalidade da superfície cortical. As quatro categorias de córtex, foram comparadas às quatro matérias-primas observadas nos 8 sítios analisados. O grupo mais expressivo, com 268 peças, apresentou menos de 50% de córtex: 125 peças de basalto, 113 sedimentares, 28 de silicato e 2 de quartzo. Em seguida, também com grande frequência, nota-se a ausência completa de córtex, em 258 peças, sendo assim distribuídas: 92 de quartzo, 68 sedimentares, 55 de basalto e 43 de silicato. Com mais de 50% de córtex, aparecem 203 peças, distribuídas entre as seguintes matérias-primas: 155 de basalto, 40 sedimentares, 6 de silicato e 2 de quartzo. Com pouca frequência, somando apenas 34 peças, estão as que apresentaram córtex em toda a sua superfície: 29 de basalto, 3 sedimentares e 2 de silicato.

As duas categorias mais próximas são as peças que apresentam ausência completa de cobertura cortical e menos de 50%, juntas representam 68,94%. No outro lado, estão as peças com mais de 50% e com cobertura cortical em toda a superfície, elas compreendem apenas 31,06%. Se compararmos o basalto com as rochas sedimentares, o primeiro apresentou maior expressividade em peças com cobertura cortical; as últimas apresentaram um número maior de peças com ausência completa ou menos de 50% de córtex, conforme figura 80 abaixo:

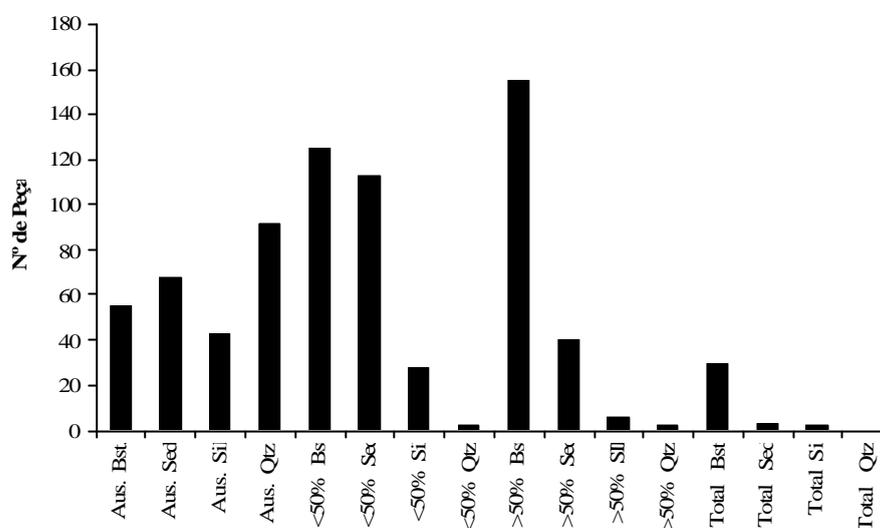


Figura 80: Distribuição da matéria-prima conforme a frequência do córtex.

Outra categoria de análise foi estabelecida, procurando demonstrar, quais/quantas peças foram produzidas acidentalmente; quais seriam a base para preparação dos instrumentos, quais foram utilizadas e quais tornaram-se artefatos. Dentre as 763 peças analisadas, tem-se a seguinte distribuição: 334 peças são acidentais, englobando núcleos e lascas; 210 peças preparatórias, compreendendo basicamente as massas primordiais e as matrizes; 117 peças são utilizadas, como os percutores e os produtos de talhe e debitagem e 102 são artefatos, objetos talhados a partir de uma forma pré-concebida, como: choppers, artefatos bifaciais, entre outros. A grande maioria dos objetos líticos, 71,30% são formados por peças preparatórias e acidentais, sendo que as peças utilizadas e os artefatos, somam apenas 28,70%. Na figura 81 abaixo está a representação dos grupos:

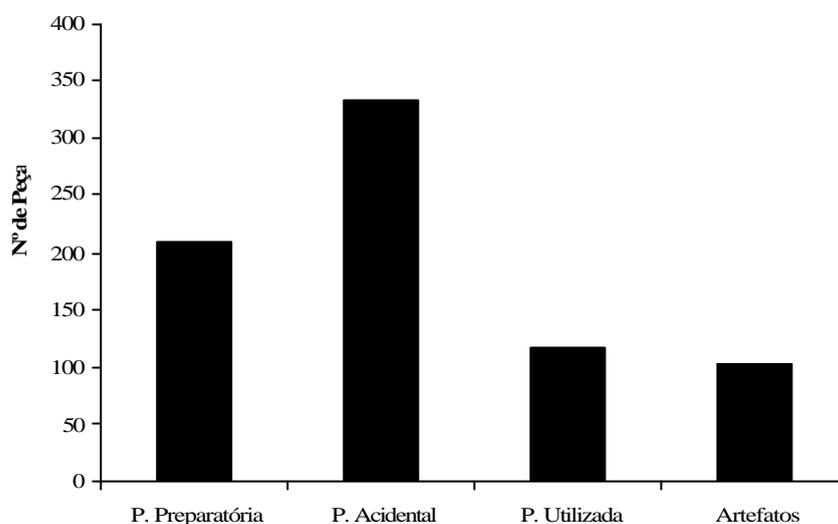


Figura 81: Grupos da indústria lítica.

Foi possível realizar também a comparação entre as quatro matérias-primas mais frequentes, com os quatro grupos da indústria lítica. Através dessa analogia, foi possível perceber que, peças preparatórias e acidentais, bem como peças utilizadas e artefatos apresentaram como matérias-primas principais o basalto e as rochas sedimentares; porém as peças utilizadas e artefatos, por serem o produto final da seqüência de operações, apareceram em números bem menores. Das peças preparatórias (263), observou-se as seguintes matérias-primas: 133 de basalto, 52 de rochas sedimentares, 15 de quartzo e 10 de silicato. Para as peças acidentais (334), as matérias-primas identificadas foram: 147 de basalto, 84 sedimentares, 53 de quartzo e 50 de silicato. Para as peças utilizadas (117) tem-se as seguintes matérias-primas: 43 sedimentares, 33 basalto, 24 de quartzo e 17 de silicato. O menor grupo é o de artefatos (102), estes foram confeccionados com as seguintes matérias-primas: 51 de basalto, 45 sedimentares, 4 de quartzo e 2 de silicato. Na figura 82 abaixo, percebe-se essa distribuição:

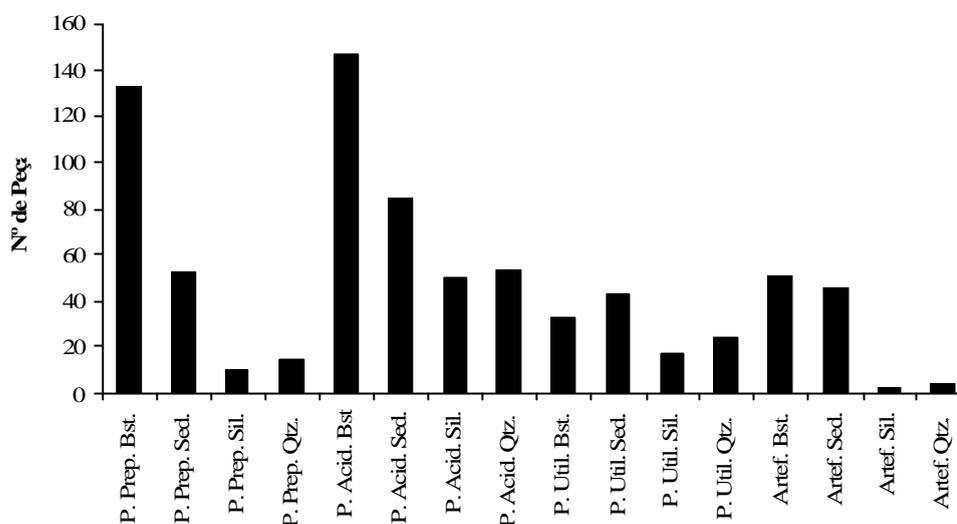


Figura 82: Distribuição da matéria-prima pelos grupos da indústria lítica.

Comparando os quatro grupos da indústria lítica, com as quatro categorias de frequência de córtex, temos o seguinte quadro: a ausência de cobertura cortical, em 124 peças acidentais; 56 peças preparatórias; 53 peças utilizadas e 25 artefatos. Peças com menos de 50% de córtex: 137 peças acidentais; 63 peças preparatórias; 36 artefatos e 32 peças utilizadas. Peças com mais de 50% de córtex: 69 peças acidentais; 64 peças preparatórias; 41 artefatos e 29 peças utilizadas. Peças com córtex em toda sua superfície são: 27 peças preparatórias; 4 peças acidentais e 3 peças utilizadas. Peças preparatórias e acidentais apresentaram menos córtex; artefatos e peças utilizadas, demonstraram superfícies com córtex reduzido ou ausente, uma vez que são mais trabalhadas, a fim de obter-se uma determinada forma e/ou função. Na figura 83 abaixo, nota-se essa distribuição:

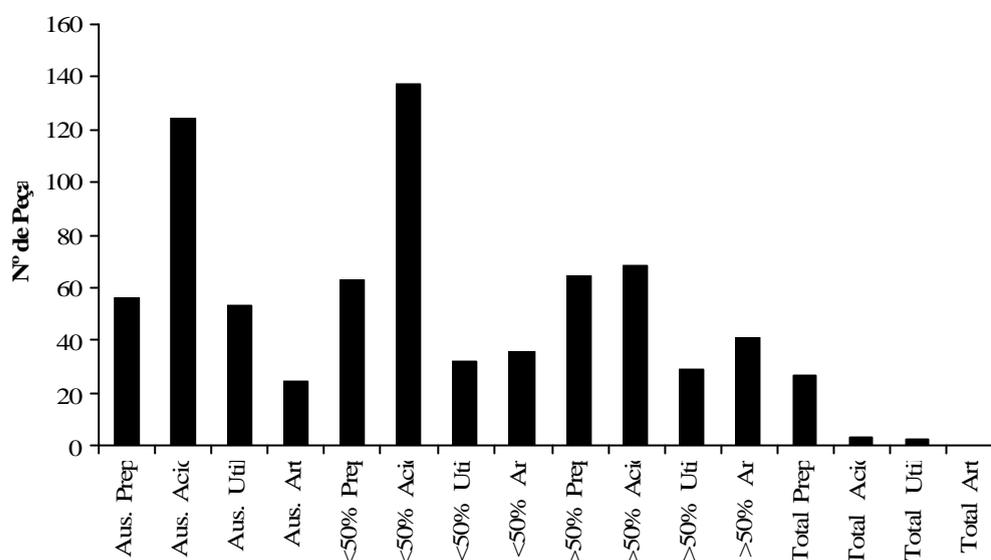


Figura 83: Distribuição dos grupos da indústria lítica conforme a frequência de córtex.

Dos 763 objetos líticos analisados, apenas 102 foram classificados como artefatos. Destes, 28 são lascas retocadas; 12 blocos talhados; 8 choppers e 8 lâminas de machado polido; 7 chopping-tools; 6 seixos talhados; 5 blocos talhados retocados e 5 fragmentos de lascas retocadas; 4 artefatos bifaciais; 3 cristais talhados, 3 fragmentos de percutor polido, 3 fragmentos de lâmina de machado polido, 3 pontas de projétil; 2 cunhas polidas; 1 artefato polido, 1 fragmento de seixo polido, 1 percutor polido, 1 plaqueta retocada, 1 seixo polido; como se nota na figura 84 a seguir:

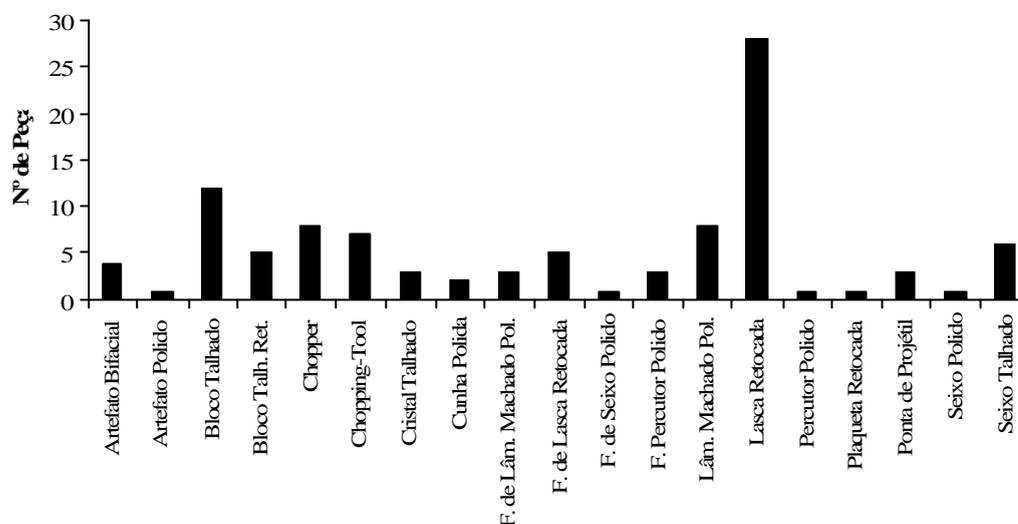


Figura 84: Artefatos da indústria lítica.

A análise do material lítico do PSAU-UHE Itá, deve ser vista no cenário da década de 1980, com base nos estudos de tecno-tipologia com forte inspiração francesa. Estes buscavam compreender a cadeia operatória da produção de artefatos líticos. A proposta de análise tecno-tipológica busca compreender a relação entre o homem pré-colonial e o meio ambiente, através de uma seqüência de atividades, que vai da busca pela matéria-prima litológica, a técnica de produção, normalmente redutiva, a utilização para satisfação das necessidades diárias e por fim o descarte.

### 5.5 Proposta interpretativa para a indústria lítica

A indústria lítica foi analisada de forma a comparar dois conjuntos, um proveniente de sítios superficiais encontrados na área de desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório e outro proveniente dos sítios escavados no canteiro de obras da UHE Itá. Essa comparação é uma tentativa de compreender a dinâmica de organização do espaço, levando em conta as estratégias de escolha e obtenção das matérias-primas, as técnicas aplicadas na confecção dos objetos e os tipos de artefatos resultantes.

Os conjuntos da indústria lítica foram analisados, principalmente a partir de doze sítios arqueológicos, selecionamos alguns objetos líticos que podem ser visualizados nas figuras 85 a 107 no final deste capítulo. Destes nota-se que, os acampamentos 001 e 003 ocupavam a meia encosta enquanto que, os demais sítios 002, 009, 010, 011, 013, 086, 103, 104, 108 e 111 estavam implantados na feição geomorfológica do segundo terraço, não havendo grandes variações quanto às distâncias dos locais de extração de matérias-primas. Os afloramentos rochosos e cascalheiras foram mapeados como pontos de exposição, revelando a disponibilidade e a proximidade em relação aos doze sítios em questão.

Para os conjuntos líticos dos sítios encontrados nas áreas de desvio do rio e enchimento do reservatório da UHE Itá, selecionamos 763 objetos, provenientes dos sítios 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108 e 111 (figuras 85 a 90 e 105 a 107), através deles observamos que, devido à facilidade em se obter matérias-primas, ocorre maior incidência de peças acidentais e preparatórias e também a preferência, em primeiro lugar pelo basalto e em seguida, pelas rochas sedimentares. Apenas uma pequena parcela das peças de basalto, apresentaram-se talhadas e/ou retocadas; o grande número de peças acidentais e preparatórias demonstra que, esta rocha não se adequava à confecção de artefatos lascados elaborados, ou também a alta frequência deve-se à abundância dessa matéria-prima na região. O número de rochas sedimentares é menor, se comparado às de basalto, porém a quantidade de peças utilizadas e de peças talhadas e/ou retocadas é levemente superior às de basalto, ao passo que diminuem as peças brutas. Entre os silicatos e o quartzo, não há grandes desproporções; o número de peças produzidas, a partir dessas duas matérias-primas são bem próximos, bem como o número de peças talhadas/retocadas e peças brutas, não apresentam grandes disparidades.

A análise do córtex indica, em primeiro lugar que, grande parte das matérias-primas foram recolhidas em cascalheiras próximas às denagens maiores. Nesses locais os recursos litológicos já se apresentavam em tamanhos adequados ao trabalho de lascamento e de produção de peças. A cobertura cortical também pode indicar o nível de aproveitamento da rocha ou a intensidade do lascamento, assim quando se tem uma peça com mais de 50% ou com córtex em toda a superfície, como ocorreu em maior número de vezes com o basalto, evidencia-se que houve menor quantidade de lascamentos. Já as rochas sedimentares, os silicatos e o quartzo, apresentaram frequência reduzida de artefatos, mas nestas observa-se a ausência ou menos de 50% da cobertura cortical, demonstrando que foram mais trabalhadas/talhadas.

Além dos 763 objetos provenientes dos oito sítios lito-cerâmicos, também consideramos o material de outros dez sítios classificados como “líticos”: 015, 050, 056, 057, 061, 063, 066, 074, 082, 101, o primeiro localizado em Itá e os demais em Concórdia/SC. O material foi coletado em superfície, totalizando 44 objetos. Estes foram reunidos e analisados a partir da primeira triagem, onde observou-se: 19 lascas, 10 resíduos, 8 blocos, 5 seixos e 2 cristais. Na segunda triagem, foram identificadas: 35 peças brutas, 6 peças utilizadas e 3 peças talhadas/retocadas. Quanto aos tipos de matérias-primas notamos que, o basalto apareceu com maior frequência, com 25 peças; as demais variam entre 1 e 5, são elas: siltitos, argilitos, sílex, quartzo e ágata. Dos 44 objetos nota-se que 22 peças são acidentais, 13 peças são preparatórias, 5 artefatos e 4 peças utilizadas. Entre os classificados como artefatos tem-se: 2 lâminas de machado, 2 blocos talhados e 1 lasca retocada; as peças utilizadas estão representadas, por 3 lascas e 1 cristal utilizado. Devido ao pequeno número de material encontrado e por apresentarem material lítico bem semelhante aos demais sítios analisados, podemos caracterizar estes sítios como acampamentos temporários, com grande possibilidade de serem áreas de atividades de grupos ceramistas e não fruto de atividades de caçadores-coletores.

No caso das indústrias líticas dos sítios 009, 010, 011 e 013 localizados no canteiro de obras da UHE Itá, observamos um total de 41.409 objetos líticos inventariados (GOULART, Vol III, 1995); desse número, encontramos a análise de apenas 3.164 objetos, que representam apenas 7,64% (GOULART, 1987a). Os sítios 009 e 010 se comparados aos sítios 011 e 013, são menores em termos de objetos líticos recuperados; do total de 3.164 objetos analisados, os sítios 009 e 010, compreendem apenas 3,95%. Os dois sítios apresentaram maior incidência de lascas, sobre o número de núcleos, artefatos e resíduos; quanto ao tipo de matérias-primas empregadas, observa-se que no sítio 009, a ágata foi a mais utilizada, enquanto que, no sítio 010, foi o basalto.

Do total de peças analisadas (3.164) os sítios 011 e 013, compreendem 96,05%. Nos dois sítios, observou-se a alta incidência do quartzo (figuras 91 e 102) que, indica não só a utilização de cascalheiras do rio Uruguai como fonte de matérias-primas, mas também o uso de litologias que aparecem disseminadas no solo, como produto da fragmentação dos geodos. O uso do quartzo representa também, alta frequência de resíduos e estilhas, uma vez que, essa matéria-prima é de difícil lascamento, observamos na figura 103 concentração de quartzo encontrada durante a escavação (GOULART, 1987a, p. 208). De Masi e Artusi, ao analisarem o material lítico de sítios Taquara, de Itapiranga/SC, apontaram que das 3.338 peças, 1859 eram de quartzo

hialino e suas variedades, com grande produção de lascas (DE MASI; ARTUSI, 1985, p. 101-105). Como o quartzo foi a matéria-prima mais identificada nos sítios híbridos 011 e 013, teríamos outra indicação do contato com a tradição Taquara, além do material cerâmico. Para o sítio 011, percebe-se maior número de resíduos e lascas, compreendendo 90,80%, sobre o número de matrizes e artefatos, representando 9,20%. No sítio 013, a maior parte das lascas é de quartzo, enquanto que, o basalto predomina entre as matrizes e artefatos. Neste sítio também ocorre o predomínio de lascas e resíduos, chegando a 89,22%, sobre o número de artefatos e matrizes, igual a 10,78%.

Se compararmos os conjuntos líticos dos sítios 009, 010, 011 e 013 (canteiro de obras) com os sítios 001, 002, 003, 086, 103, 104, 108 e 111 (desvio do rio e enchimento do reservatório), a primeira diferença observada refere-se à quantidade de objetos recuperados. Os doze sítios somam juntos, um total de 42.172 objetos líticos, sendo que, os primeiros quatro sítios representam 98,20%, enquanto que os demais oito sítios, somam apenas 1,80% do material lítico. Outra diferença refere-se à escolha das matérias-primas selecionadas, para os quatro sítios localizados no canteiro de obras, observamos o predomínio do quartzo e por outro lado, nos demais oito sítios, o basalto foi o mais utilizado. Outra diferença que fica evidente, refere-se ao estado de conservação e ao tipo de sítio, enquanto os sítios 009, 010, 011, 013 apresentaram-se mais preservados, com manchas de terra preta, material arqueológico em superfície e em profundidade, as vezes de mais de 1m, os demais oito sítios apresentaram-se destruídos, onde possivelmente só foram realizadas coletas de superfície e não foram identificadas manchas de terra preta.

Por outro lado, também é possível verificar semelhanças entre os conjuntos líticos dos doze sítios, no grande número de resíduos de lascamento (peças acidentais); na alta frequência de lascas, normalmente resultantes das atividades de talhe e retoque, embora as lascas brutas foram identificadas em maior número que as utilizadas. Nos doze sítios os artefatos ocorreram em número reduzido, representados principalmente por machados polidos (figuras 90, 106, 107), choppers e chopping-tools (figura 85), boleadeiras (figura 97), adorno (figura 105) artefatos retocados, pontas de projétil (105), entre outros. As pontas de projétil foram encontradas, nos sítios 009, 011, 013 e 103.

Pensando na forma de assentamento e na variabilidade da indústria lítica dos oito sítios, 001, 002, 003, ao longo do rio Uruguai, 086 próximo ao rio Rancho Grande, os sítios 103, 104,

108 e 111, estavam localizados ao longo do rio do Peixe. Todos são sítios superficiais, onde não foram percebidas manchas de “terra preta”. As matérias-primas utilizadas apresentavam-se abundantemente em afloramentos rochosos e cascalheiras, o que revela a percepção do território a ser explorado. O grande número de peças acidentais e preparatórias pode indicar atividades de preparação de artefatos, identificados como machados, artefatos bifaciais, choppers, chopping-tools e blocos talhados. Esses podiam ser usados tanto em áreas de cultivo, quanto na extração de matérias-primas vegetais e minerais. O grande número de lascas e percutores podem representar parte do processo de confecção, bem como poderiam ser utilizadas para corte, perfuração, percussão, entre outras.

A grande quantidade de material lítico dos sítios “híbridos” 009, 010, 011 e 013, juntamente com a presença de “manchas de terra”, poderiam ser indicadores de áreas de assentamentos mais prolongados, como no caso das aldeias. Nesses locais, eram desenvolvidas atividades domésticas, uma vez que, apresentaram-se em espaços delimitados, concentrações de fogueiras e grandes quantidades de fragmentos cerâmicos e objetos líticos, além de material ósseo (no caso do sítio 011). Nestes sítios foram encontrados, em maiores proporções as lascas e os resíduos de lascamento e em menor número núcleos e artefatos. No contexto doméstico os objetos líticos, podem indicar a sua utilidade nas mais variadas atividades de corte, abrasão, perfuração, percussão, preparação de alimentos, na fabricação da cerâmica, entre outras.

Schmitz (1990) identificou na escavação do sítio Candelária I, no Vale do Rio Pardo, um total de 4.099 peças líticas que, segundo o autor, estariam ligadas às atividades de 3 unidades domésticas, porque se encontram dentro das habitações. São principalmente alisadores em canaleta, polidores, percutores e lascas, não sendo encontradas lâminas de machados<sup>70</sup>. A escavação só atingiu o perímetro da habitação, não a parte exterior.

Em resumo o material lítico dos sítios analisados neste trabalho deixa muitas dúvidas no entendimento da dinâmica de assentamento, o aparecimento de algumas pontas de projétil, sítios 011, 013 e 103 (figura 105) e duas bolas de boleadeiras, sítio 011 (figura 97), sugere que os contatos entre populações poderia ser maior do que a presença dos estilos de cerâmica, Taquara e Tupiguarani. Como sugere Dias (2003), a análise mais aprofundada do estilo tecnológico das

---

<sup>70</sup> O fato de não se encontrarem machados pode ser explicado de várias maneiras, uma delas é que já haviam sido recolhidos por agricultores, a medida que o cultivo os colocava na superfície (SCHMITZ, 1990, p. 26).

indústrias líticas dos sítios de uma região poderia ser uma possibilidade de distinguir identidades sociais ou culturais.



Figura 85: Chopping-tool, sítio 001.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 86: Núcleo e lascas, sítio 001.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 87: Artefato bifacial, sítio 003.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 88: Cristal talhado, sítio 003.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 89: Lascas retocadas, sítio 003.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 90: Machado polido fragmentado, sítio 003.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 91: Lascas de ágata, sítio 009.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 92: Lascas de basalto, sítio 009.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 93: Lascas de basalto, sítio 010.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 94: Mão de pilão, sítio 010.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 95: Lascas de quartzo, sítio 011.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi



Figura 96: Lascas de basalto, sítio 011.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi



Figura 97: Bolas de boleadeira, sítio 011.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 98: Lascas de calcedônia, sítio 013.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 99: Lascas de arenito, sítio 013.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 100: Lascas de basalto, sítio 013.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 101: Lascas de siltito, sítio 013.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 102: Lascas de quartzo, sítio 013.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 103: Concentração de quartzo, sítio 013.  
Foto: Marilandi Goulart (1995, p. 27).



Figura 104: Adorno, sítio 103.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 105: Pré-formas de ponta de projétil, sítio 103.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 106: Machados polidos fragmentados, sítio 103.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.



Figura 107: Machados polidos fragmentados, sítio 111.  
Foto: Mirian Carbonera/Lucas Franceschi.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas arqueológicas no alto Uruguai iniciaram a mais de 50 anos, mas ainda sabemos pouco sobre as sociedades pré-coloniais que aqui viveram. Um dos maiores problemas é a escassa produção científica, pois o forte são os relatórios técnicos produzidos em decorrência de obras de engenharia. Faltam novas datações absolutas para o estabelecimento de uma cronologia, o que deixa muitas dúvidas sobre os processos de ocupação ocorridos antes da chegada do colonizador europeu.

O maior número de informações de que dispusemos sobre essa região, abrange o século XIX em diante, quando o contato entre as sociedades nativas e os colonizadores europeus passou a ser mais constante. Sobre as sociedades indígenas desse período, através da bibliografia, percebemos que os grupos Kaingang eram maiores e ocupavam extensas áreas e muito provavelmente por esse motivo, aparecem mais na literatura, enquanto que, para os grupos Guarani, as informações históricas são escassas.

Verificamos a presença de topônimos Guarani ou Tupi em alguns nomes de municípios do Oeste de Santa Catarina, situados às margens do Uruguai, como é o caso de Itapiranga (itá: pedra; piranga: vermelha), Mondaí (Monday: rio dos ladrões), Itá (pedra), Ipira (rio do Peixe) e Piratuba (pirá: peixe; tuba: abundância), mas eles, não necessariamente, são de origem antiga. Também não temos notícias de fontes documentais sobre possíveis contatos dos jesuítas das reduções com os índios Guarani dessa região.

As informações sobre a tradição Tupiguarani no alto Uruguai, foram extraídas do PSAU e do PSAU-UHE Itá, projetos de arqueologia desenvolvidos fortemente pelo viés patrimonial, uma vez que buscaram recuperar a herança cultural das sociedades do passado antes de serem destruídas por obras de engenharia do presente. Foi possível perceber, através da análise dos relatórios, que os projetos foram desenvolvidos com forte influência da Escola Francesa, em especial: a) na descrição do ambiente que visava à obtenção de elementos para compreender os padrões de assentamento, principalmente dos 167 sítios localizados ao longo da área atingida pelo desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório da UHE Itá; b) na escavação dos sítios, na qual se utilizou a metodologia das superfícies amplas, que possibilitou a evidência das estruturas de fogueiras, como ocorreu nos sítios 011 e 013; c) na análise das indústrias líticas, a

partir da cadeia operatória, que permite a percepção de três estratégias complementares e interativas: a exploração das matérias-primas e as estratégias de produção e de uso dos artefatos. A análise do material cerâmico possibilitou a aplicação de um modelo etnoarqueológico, que estava sendo desenvolvido na década de 1980 por José J. P. Brochado, que foi também consultor do projeto, sendo responsável pela análise do material cerâmico. Tivemos dificuldade em sintetizar e reunir as informações produzidas ao longo de quase duas décadas, devido à falta de boa parte da documentação produzida e à forma como o acervo arqueológico foi catalogado e acondicionado. A soma de todos esses fatores tornaram mais frágil e parcial a base de dados.

No início da pesquisa, nosso estudo procurou levantar hipóteses para o entendimento de como poderia ter acontecido o povoamento do alto Uruguai, especificamente na área atingida pela UHE Itá, a partir da análise da tradição tecnológica Tupiguarani, utilizando os dados fornecidos pelo “Acervo Marilandi Goulart”. A análise das fontes, durante quase dois anos, foi basicamente a partir do Inventário do material arqueológico (GOULART, 1995) e do Relatório Final do PSAU-UHE Itá (GOULART, 1997). Somente em meados do ano de 2007, conseguimos localizar alguns relatórios parciais (GOULART, 1987, 1988), que confirmaram o que já vínhamos percebendo com a análise da cultura material: a existência de um conjunto de sítios “híbridos”, apresentando a associação dos estilos cerâmicos Tupiguarani e Taquara, na área do canteiro de obras da UHE Itá. Os relatórios também proporcionaram um melhor entendimento da metodologia aplicada em campo, como por exemplo, quais e porque foram escavados determinados sítios. Dessa forma, ampliamos nossa análise a fim de incorporar a problemática dos sítios híbridos. Para entender a dinâmica de organização do espaço utilizamos o modelo etnoarqueológico de aldeia Guarani e sua área de domínio, proposto por Noelli (1993), porém com parcimônia, uma vez que os assentamentos nessa área traziam elementos de tradições distintas.

Considerando principalmente os fatores de ordem ecológica, com as informações levantadas pelo PSAU-UHE Itá, percebemos que as condições ambientais encontradas nessa região, apesar de aparentemente favoráveis para o estabelecimento e desenvolvimento da tradição Tupiguarani, apresentavam limitações: quanto mais a montante do rio Uruguai, menor a área ocupada pela floresta estacional decidual preferida pelos grupos portadores desta tradição cerâmica e maior a proximidade com áreas de floresta ombrófila mista, ocupada por grupos

portadores da tradição Taquara, o que favorecia o contato cultural entre a população das duas tradições.

Pensando na intrínseca relação entre espaço, homem e meio, através do estudo comparativo dos diversos sítios arqueológicos distribuídos pelas várzeas próximas ao rio Uruguai e seus afluentes, percebemos que a escolha destes locais foi influenciada pelas condições que estes ofereciam, como: campo de visão, proteção contra ataques de animais ou humanos, proximidade de drenagens, de mata, de fontes rochosas e depósitos de material argiloso, de suprimento de água, caça, frutos e matéria-prima para desenvolvimento do artesanato para cestaria e artefatos líticos e cerâmicos. (GOULART, Vol I, 1997). De maneira geral, observa-se que os 93 assentamentos analisados no capítulo três ocuparam preferencialmente a feição geomorfológica do segundo terraço e a meia encosta, com maior concentração de sítios na altitude de 280 a 400 m. Também se observa que 76,34% dos sítios estavam localizados entre 10 e 190m da maior drenagem da área, o rio Uruguai, que oferecia água, peixes, matérias-primas, além de terras férteis para a prática da agricultura.

Após analisarmos de forma mais ampla as preferências de assentamento, selecionamos uma parte deles, procurando comparar as informações resultantes dos sítios escavados que se concentravam no canteiro de obras, 009, 010, 011 e 013, com a cultura material dos sítios 103, 104, 108 e 111, localizados ao longo do afluente do Uruguai, o rio do Peixe, área atingida pelo enchimento do reservatório da UHE Itá. Através dos conjuntos da indústria cerâmica e lítica desses dois grupos de sítios, foi possível demonstrar a dinâmica de organização do espaço, levando em conta as estratégias de escolha e obtenção das matérias-primas, as técnicas aplicadas e os tipos de artefatos resultantes. Noelli (1993) e Dias (2005) apontam essa possibilidade a partir da distinção dos conjuntos líticos associados às atividades domésticas daquelas realizadas fora da aldeia ou da casa. Áreas de fogueiras, associadas à produção das indústrias líticas e cerâmicas, revelam as diferentes atividades desenvolvidas dentro da área de domínio.

Os sítios considerados como “híbridos”, 009, 010, 011 e 013, localizavam-se na Volta do Uvã, onde desemboca o rio do Engano (ou Uvã) no rio Uruguai estando relativamente próximos um do outro. As escavações realizadas evidenciaram áreas de fogueiras, encontradas principalmente nos sítios 011 e 013, fato que contribuiu para que considerássemos que esses assentamentos poderiam ser áreas de aldeia.

Para o sítio 011 encontramos mais detalhes a respeito das camadas arqueológicas. No nível de 0,15 a 0,45m foram encontradas duas fogueiras e concentrações de material lítico e cerâmico. Mais abaixo, na camada de 0,45 a 0,65m, foram delimitadas estruturas predominantemente de fogueiras, oito no total, além de grande quantidade de blocos de basalto para os fogões; neles foi coletada significativa quantidade de material ósseo, que não foi analisado por Marilandi Goulart e equipe; na cerâmica encontrada predominou a da tradição Taquara sobre a Tupiguarani; foram também identificadas áreas de lascamento. O aparecimento de algumas pontas de projétil nesses níveis, como também em dois outros sítios, e mais a presença de ao menos duas bolas de boleadeira, sugere que os contatos entre populações era maior que a indicada pela mera presença de dois estilos de cerâmica. Marilandi Goulart (1988a) indica que esse assentamento demonstrava ser de longa duração e que seria mais bem analisado com a continuidade das escavações, que foram contempladas em outros relatórios, não encontrados por nós.

O sítio 013 era composto por duas áreas, mas sua descrição é mais limitada. Na primeira área, de 0,30 a 0,45m foi identificado o nível de ocupação, representado por uma camada de terra preta, além de abundância de material lítico e cerâmico (Taquara e Tupiguarani). Na segunda área, além da mancha preta e do material lítico e cerâmico, ganha destaque uma fogueira, que começa na profundidade de 0,06m até 0,50m.

O sítio 010, apresentou de 0,5m até 0,47m mancha de terra preta, na qual foram delimitadas três fogueiras, com blocos de basalto, lascas e vestígios de carvão. O sítio 009, estava praticamente destruído, sendo encontrados vestígios apenas entre 0,15 a 0,20m, especialmente cerâmica Tupiguarani e pouco material lítico.

Os assentamentos 103, 104, 108 e 111, localizados nas várzeas ao longo do rio do Peixe, foram descritos como destruídos e muito provavelmente por esse motivo não tenha sido possível identificar manchas de terra preta.

O contato cultural foi evidenciado principalmente nos sítios “híbridos”, com destaque para os assentamentos 011 e 013, nos quais ficou evidente que os fragmentos de cerâmica Taquara prevaleceram sobre os fragmentos de cerâmica Tupiguarani. Os sítios 009 e 010 apresentaram cerâmica com traços tipicamente Tupiguarani, mas ainda assim, foram observados alguns fragmentos com características Taquara, no caso o sítio 010. Nos sítios 103, 104, 108 e

111 prevaleceu a cerâmica Tupiguarani sobre a Taquara; a última foi observada apenas nos sítios 103 e 111, com uma frequência relativamente baixa, ocorrendo só em alguns fragmentos.

A reconstituição gráfica dos vasilhames através dos fragmentos de bordas possibilitou, para os oito sítios, a identificação por Marilandi e equipe, dos sete tipos de vasilhas relacionados por Montoya (1876) como yapepó, cambuchí caaguâba, ñaëmbé, cambuchí, ñaëtá e ñamôpyü. Ainda nos sítios 011 e 013, foram identificadas as formas Taquara, descritas por Miller (1978) como, kokrô, pèt kyx, pètóró e copos taquara. A funcionalidade dos vasilhames na aldeia ou na unidade habitacional, estava ligada a diferentes atividades de cozimento, guarda de bebidas e alimentos; também eram utilizados como pratos para comer, jarras ou tigelas para beber, para sepultar mortos, cerimônias religiosas, entre outros.

Nos sítios 103, 104, 108 e 111, a cerâmica Tupiguarani apresentou um aumento progressivo do tratamento de superfície denominado “escovado”. Embora o alisado tenha ocupado o primeiro lugar, o corrugado o segundo, o escovado o terceiro; em quantidades menores ainda aparece o pintado, o ponteadado, o inciso, o ungulado, o acanalado, entre outros. Ao compararmos a quantidade de escovado desses quatro sítios, com outras áreas do alto Uruguai, esse aumento fica mais visível. No sítio-tipo 144, localizado em Palmitos-SC, o escovado representou menos de 1%. Também nos sítios 009, 010, 011 e 013, o escovado praticamente não aparece. Dessa forma, ser o terceiro mais freqüente nos sítios 103, 104, 108 e 111, sugere uma variação da tradição Tupiguarani; o escovado é descrito na literatura arqueológica, como um tratamento de superfície produzido a partir do contato das sociedades indígenas com o europeu. Nessa região do alto Uruguai, nas proximidades do rio do Peixe, poderíamos estar, então, diante de momentos finais da ocupação Guarani, já instalada em áreas periféricas, como uma tentativa de resistência ao avanço dos europeus.

A variabilidade da indústria lítica também contribuiu para o entendimento da forma de assentamento. Nos sítios híbridos 009, 010, 011 e 013, foram encontrados em menor número núcleos e artefatos e em proporções maiores, as lascas e resíduos de lascamento, provenientes do processamento das matérias-primas. Do total de 3.164 peças analisadas, a matéria-prima mais empregada nesses sítios foi o quartzo, que representa 60,71%, enquanto que as rochas basálticas, sedimentares, entre outras, representaram juntas 39,29%. Já os assentamentos 103, 104, 108 e 111, apresentaram-se pouco densos em termos de material lítico, totalizando juntos, 339 objetos,

razão por que foram analisados com outros quatro sítios lito-cerâmicos, 001, 002, 003, 086<sup>71</sup>, todos localizados nas áreas de desvio do rio Uruguai e enchimento do reservatório. Desses oito sítios analisados, resultou um conjunto lítico de 763 objetos; o grupo de peças preparatórias e acidentais compreende 71,30%, enquanto as peças utilizadas e artefatos somam apenas 28,70%. A matéria-prima predominante foi o basalto (47,70%), que ocorre abundantemente na região; com menor frequência foram empregadas as rochas sedimentares, compreendendo 29,35%, o quartzo, com 12,60% e os silicatos, com 10,35%.

Com estes dados havíamos pensado em aplicar o modelo elaborado por Noelli (1993) para áreas de povoamento Tupiguarani, mas como na região estudada ao menos os sítios mais representativos estão fortemente mesclados com elementos de outras culturas, provavelmente as respostas seriam pouco seguras e representativas sem um exame mais minucioso dos sítios e do material. Também faltam datas para podermos separar eventuais períodos na ocupação desse espaço. Falar, então, em tekohá (território), em teii (habitação), em teii ogas (unidades domésticas), em ocupações periféricas às casas e acampamentos unifuncionais, seria algo fictício.

De maneira geral, podemos salientar que os grupos portadores da tradição Tupiguarani, com ou sem maior presença de “elementos estranhos”, ocuparam as várzeas próximas ao rio Uruguai, atingidas pela UHE Itá. A necessidade de expandir sua área de domínio ou mesmo na tentativa de manutenção dos locais já ocupados, fazia com que os Tupiguarani deixassem para trás áreas já colonizadas para manejar outras, em direção às nascentes do rio Uruguai ou seguindo as várzeas de rios menores, como as do Peixe, regiões periféricas, em que a floresta estacional já não era tão densa, como por exemplo, na região de Itapiranga, rio abaixo.

Na Volta do Uvá os vestígios indicaram que a expansão das fronteiras, significava para o Tupiguarani também maior encontro com grupos portadores de outras tradições, como a Taquara e caçadores da tradição Umbu. Porém, não temos condições de dizer o que significou esse encontro, se foi uma convivência pacífica ou uma disputa pela ocupação do território que estava cada vez mais reduzido e menos favorável, tanto pelas condições ambientais, como pelo avanço da sociedade colonial; provavelmente ambas. Dessa forma, podemos dizer que o povoamento do

---

<sup>71</sup> Poderia-se acrescentar os sítios: 015, 050, 056, 057, 061, 063, 066, 074, 082, 101, classificados como líticos que, pela baixa frequência de material podem ser caracterizados como sítios de acampamentos temporários, e que através da análise tecno-tipológica demonstraram uma indústria lítica bem semelhante aos demais sítios que também apresentaram material cerâmico.

alto Uruguai, com grupos portadores da tradição cerâmica Tupiguarani, revelou-se bastante dinâmico, uma área de interfaces entre culturas, sem limites estabelecidos.

Sabemos que o estudo de sociedades humanas a partir de sua cultura material, recuperada muitas vezes de contextos arqueológicos já bastante descaracterizados, atinge apenas parcelas de complexos sistemas culturais, possibilitando inferir em uma pequena parte das atividades humanas de tempos remotos. Dessa forma este trabalho trás apenas fragmentos da história do período pré-colonial no alto Uruguai, mas esperamos que possa servir como estímulo para futuros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Márcia Angelina. Teorias, métodos, técnicas e avanços na Arqueologia Brasileira. In: **Canindé**, n.2. Sergipe: UFS, 2002. p. 9-52.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. **Estudos históricos**. v. 8, n. 15. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. p. 145-151.

BARRETO, Cristina. Arqueologia brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. **Revista de Arqueologia e Etnologia**. Suplemento 3. São Paulo: USP, 1999. p. 201-212.

BECKER, Ítala Irene Basile. Lideranças indígenas: no começo das reduções jesuíticas da província do Paraguay. **Pesquisas**, Antropologia, n. 47. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1992.

\_\_\_\_\_; SCHMITZ, Pedro Ignácio. Uma cerâmica de tipo Eldoradense: fase Itapiranga. **Estudos de Pré-história geral e brasileira**. São Paulo: IPH/USP, 1970. p. 499-510.

BELLANI, Eli Maria. O velho Chapecó: relações sócio-econômicas e acervos documentais. **Série Interdisciplinar**, n. 30. Grifos: Chapecó, 1997.

BESCHOREN, Maximiliano. Impressões de viagem na província do Rio Grande do Sul: Do original "Beiträge... (1875-1887) de Maximiliano Beschoren". Trad. Ernestine Marie Bergmann e Wiro Rauber. Porto Alegre: Martins Livraria, 1989.

BROCHADO, José J. P. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. **Relaciones**, Tomo VII, Nueva Série. Buenos Aires: [s.n], 1973. p.7-39.

\_\_\_\_\_. **Desarrollo de la tradición cerámica Tupiguarani (A.D. 500-1800)**. (Datilografado). Porto Alegre: Gabinete de Arqueologia/UFRGS, 1973.

\_\_\_\_\_. **Alimentação na Floresta Tropical** Porto Alegre: UFRGS, 1977.

\_\_\_\_\_. **An Ecological Model f the Spread of Pottery and Agriculture Into de Eastern South América**. Tese de Doutorado. Carbondale: University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984.

\_\_\_\_\_. A expansão dos Tupi e da cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica. **Dédalo**, n. 27. São Paulo: MAE/USP, 1989. p. 65-82.

\_\_\_\_\_; MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica de vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. **Estudos Ibero-Americanos**, v. XX. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 107-118.

BUCAILLE, Richard; PESES, Jean-Marie. Cultura Material. **Enciclopédia Einaudi: Homo-domesticação/cultura material**, v.16. [S.I.]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989. p.11-47.

CALDARELLI, Solange Bezzerá (Org.). **Projeto de Resgate arqueológico na área diretamente afetada da UHE Quebra-Queixo, SC** - Relatório Final. Florianópolis: Scientia Ambiental, 2001.

\_\_\_\_\_. **Resgate arqueológico na Faixa de Servidão da Linha de Transmissão de 138 KV Quebra-Queixo-Pinhalzinho, SC** - Relatório Final. Florianópolis: Scientia Ambiental, 2003.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia Preventiva na área de intervenção das PCHs Plano Alto e Alto Irani, SC** - Relatório Final: atividade de campo, de laboratório e educação patrimonial. Florianópolis: Scientia Consultoria Científica, 2007.

CALDARELLI, Solange Bezzerá; SANTOS, Maria do Carmo dos. Arqueologia de contrato no Brasil. **Revista USP**, n.44. São Paulo: USP, 1999-2000. p. 52-73.

CALDARELLI, Solange e HERBERTS, Ana Lúcia. A contribuição das pesquisas no AHE Quebra-Queixo à problemática dos assentamentos em casas subterrâneas no extremo-oeste catarinense e à arqueologia Kaingang. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (Org.). **Casas subterrâneas: Anais do I Colóquio sobre sítios construídos**. Santa Maria: Palotti, 2005. p. 85-128.

CHMYZ, Igor (Ed). **Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica**. Manuais de Arqueologia, n.1. Curitiba: UFPR, 1966.

\_\_\_\_\_. **Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica**. Manuais de Arqueologia, n.1, parte II. Curitiba: UFPR, 1969.

CNEC-Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores S.A.; ELETROSUL-Centrals elétricas do Sul do Brasil S.A. **Relatório de Impacto Ambiental**: Usina Hidrelétrica Itá. [S.I.]: CNEC/ELETROSUL, 1990.

COSTA, Arthur Ferreira. O Oeste Catharinense. Rio de Janeiro, 1929. **Série Documento**, n.5. A viagem de 1929: documentos e leituras. Chapecó: Ceom/Argos, 2005. p. 19-80.

COSTA, Cristiane Oliveira da. **Indústrias líticas no Alto Uruguai**: um exemplo de análise tecno-tipológica em arqueologia de salvamento. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Para uma História dos Índios do Oeste Catarinense. **Cadernos do CEOM**. Para uma história do oeste catarinense: 10 anos de CEOM. Chapecó: Grifos, 1995. p. 141-220.

DE MASI, Marco; ARTUSI, Lúcia. Fase Itapiranga: sítios da tradição planáltica. **Pesquisas, Antropologia**, n.40. São Leopoldo: IAP, 1985. p. 99-121.

DIAS, Adriana Schmidt. **Sistema de Assentamento e Estilo Tecnológico**: uma proposta interpretativa para a ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2003.

\_\_\_\_\_; HOELTZ, Sirlei. Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do Sul do Brasil. **Revista do CEPA**, vol.25. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1997. p. 21-62.

EBLE, Alroino. Considerações sobre Sítio Arqueológico. **Anais do Museu de Antropologia**, ano IV, n.4. Florianópolis: UFSC, 1971. p. 71-77.

ELETROSUL. **Usina Hidrelétrica Itá**. Informações sobre a região e os impactos da Usina Hidrelétrica Itá. Datilografado. [S.I.], ELETROSUL, [19--].

KERN, Arno Alvarez. Nas fronteiras do Brasil meridional: Jesuítas, Bandeirantes e Guaranis. In: **Revista Oceanos**, n. 40. Lisboa: C.N.C.D.P, [19--]. p. 113-126.

GOULART, Marilandi. **Novas perspectivas de análise cerâmica em pré-história brasileira**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1982.

\_\_\_\_\_. Levantamento de sítios arqueológicos nas Barragens de Itá e Machadinho. **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1980.

\_\_\_\_\_. Relatório do Levantamento e Escavação de sítios arqueológicos no município de Chapecó/SC. In: **Projeto Salvamento Arqueológico do Uruguai**. Florianópolis: UFSC, 1983.

\_\_\_\_\_. Projeto **Arqueológico Uruguai**: Barragens de Campos Novos; Itapiranga e Barra Grande – SC/RS. Projeto n. 364/83. Florianópolis: UFSC, [19--].

\_\_\_\_\_. **Levantamento de sítios arqueológicos na Barragem de Itapiranga/SC**. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1985a.

\_\_\_\_\_. **Usina Hidrelétrica Itapiranga**: estudo de viabilidade. Culturas Indígenas do Alto Vale do Rio Uruguai. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1985b.

\_\_\_\_\_. **Levantamento de sítios arqueológicos na Barragem de Itapiranga/RS**. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1985c.

\_\_\_\_\_. **A Pré-História da Volta do Uvá-SC/RS**: Barragem Itá. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1987a.

\_\_\_\_\_. **Culturas indígenas do alto vale do rio Uruguai-SC/RS**: Barragem Itá. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1987b.

\_\_\_\_\_. **Situação atual das pesquisas arqueológicas**: Barragem de Itá - SC/RS. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1988a.

\_\_\_\_\_. **Síntese da situação atual das pesquisas**: Barragem de Itá - SC/RS. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1988b.

\_\_\_\_\_. **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**: UHE Itá. Florianópolis: UNIVALI, 1994.

\_\_\_\_\_. Cadastro dos Sítios Arqueológicos e Inventário do Material Arqueológico: Introdução. In: **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**. Florianópolis: ELETROSUL, 1995.

\_\_\_\_\_. Cadastro dos Sítios Arqueológicos. In: **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**. Vol I, Tomos: I, II e III. Florianópolis: ELETROSUL, 1995.

\_\_\_\_\_. Inventário do Material Lítico. In: **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**. Vol II, Tomos: I, II, III, IV, V. Florianópolis: ELETROSUL, 1995.

\_\_\_\_\_. Inventário do Material Cerâmico. In: **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**. Vol III, Tomos: I, II, III, IV, V e VI. Florianópolis: ELETROSUL, 1995.

\_\_\_\_\_. Inventário do Material Sedimentológico, Ósseo e Conchífero. In: **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**. Vol IV. Florianópolis: ELETROSUL, 1995.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: **Projeto Salvamento Arqueológico do Uruguai**, Volume I. Itajaí: UNIVALI, 1997.

\_\_\_\_\_. Ambiente. In: **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**, Volume II, Tomos: I, II, III e IV. Itajaí: UNIVALI, 1997.

\_\_\_\_\_. Lítico. In: **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**, Volume III, Tomos: I, II e III. Itajaí: UNIVALI, 1997.

\_\_\_\_\_. Cerâmica. In: **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai** Volume IV, Tomos: I e II. Itajaí: UNIVALI, 1997.

\_\_\_\_\_. Cadastro dos Sítios. In: **Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai**, Volume V. Itajaí: UNIVALI, 1997.

GUERRA, Antônio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. **Novo dicionário Geológico-Geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Revista Mana**, vol.3, n.1. [S.I], [s.n.], 1997. p. 7-39.

HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueologia** : corrientes actuales. Barcelona: Crítica, 1994.

HOELTZ, Sirlei Elaine; BRÜGGEMANN, Adelson André. Análise das Indústrias Líticas. In: **Resgate arqueológico na Faixa de Servidão da Linha de Transmissão de 138 KV Quebra-Queixo-Pinhalzinho, SC** Relatório Final. Florianópolis: Scientia Ambiental, 2003. p. 101-180.

HILBERT, Klaus; HOELTZ, Sirlei; COSTA, Cristina. Resultado da análise tecno-tipológica das indústrias líticas dos sítios arqueológicos localizados na área da UHE Machadinho – fase III. In: **Salvamento arqueológico em áreas do futuro reservatório da UHE Machadinho**. Vol III. Porto Alegre: PUCRS, 2001. p. 4-34.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica indígena brasileira. In: **Suma Etnológica Brasileira: 2 Tecnologia Indígena**. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 173-229.

\_\_\_\_\_ (Org.). **A Arqueologia no Meio Empresarial**. Goiânia: UCG, 2000.

MACEDO, Antonio R. de. **A conquista pacífica de Gua rapuava**. 1951.

MANSUR, Maria Estela. Instrumentos líticos: aspectos de análise funcional. **Arquivos do Museu de História Natural da UFMG**, Vol 11. Belo Horizonte: UFMG, 1986/1990. p. 115-180.

MATTOS, Isabel Misagia de. **Civilização e revolta: os Botocudos e a catequese na Província de Minas**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MEGGER, Betty; EVANS, Clifford. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MILLER JR., Tom. Tecnologia Cerâmica dos Caingang paulistas. **Arquivos do Museu Paranaense**, Nova série etnologia. n.2. Curitiba, [s.n], 1978.

MONTEIRO, Jonh M. **Tupis, Tapuias e historiadores: Estudos de História Indígena e do Indigenismo**. Tese de Livre Docência. Campinas: IFCH-Unicamp, 2001.

MONTOYA, Antônio Ruíz de. **Vocabulário y tesoro de la lengua guarani ó mas bien tupi**. I: Vocabulário espanhol-guaraní (ó Tupi) espanhol. Nueva edición. ed. Viena, Faesy y Frick, Maisonneuve y Cia.1876 (1640). Edição organizada por F. A. Vernhagen, Visconde de Porto Seguro.

MORAIS, José Luiz de. **A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro**: análise do tratamento da matéria-prima. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 1980.

\_\_\_\_\_. A Propósito do Estudo das Indústrias Líticas. **Revista do Museu Paulista**. Vol. XXXII. Nova Série. São Paulo: USP, 1987. pp. 155-184.

\_\_\_\_\_. Estudo do Sítio Camargo 2 - Piraju, SP: Ensaio Tecnotipológico de sua Indústria Lítica. **Revista do Museu Paulista**. Vol XXXIII. Nova Série. São Paulo USP, 1988. p. 41-128.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas Geoambientais da arqueologia do Paranapanema Paulista**. Tese de Livre Docência. São Paulo: USP, 1999.

\_\_\_\_\_. A Arqueologia e o fator geo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n.9. São Paulo: USP/MAE, 1999. p. 3-22.

\_\_\_\_\_. Arqueologia da Região Sudeste. **Revista USP**. Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira II. N. 44. São Paulo: Gráfica CCS, 1999-2000. p. 194-217.

\_\_\_\_\_. **Resgate Arqueológico na área de influência da duplicação das rodovias sp342 e sp346**: Preservação do Patrimônio dos sítios Ypê e Mota Pais. (Texto digitado). São Paulo, [s.i.], 2002.

MILLER, Eurico. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas). **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**; resultados preliminares do quarto ano, 1968-69. (Publicações avulsas, 15). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971. p. 37-70

MONTICELLI, Gislene. **Arqueologia em obras de Engenharia no Brasil**: uma crítica aos contextos. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

NEVES, Eduardo Góes Neves. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da (Org.). **A temática indígena na escola**: novos subsídios para professores de 1 e 2 graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1993. p. 171-196.

NOELLI, Francisco. **Sem Tekohá não há Tekó** (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: IFCH-PUCRS, 1993.

\_\_\_\_\_. Debate: Hipótese sobre a origem e a expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, vol.39. São Paulo: USP, 1996. p.7-63.

\_\_\_\_\_. A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas (1872-2000). **Revista USP**. Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira II. n. 44. São Paulo: Gráfica CCS, 1999-2000. p. 218-269.

OLIVEIRA, Josiane Roza de; ORO, Pe. Ivo Pedro. Dom José e o movimento dos atingidos por barragens (MAB). In: UCZAI, Pedro. **Dom José Gomes**: mestre e aprendiz do povo. Chapecó: Argos, 2002. p. 252-261.

PALLESTRINI, Luciana. Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo. **Coleção do Museu Paulista**, v. I. Série de Arqueologia. São Paulo: USP 1975.

\_\_\_\_\_. Estratégias de ataque na evidenciação de testemunhos arqueológicos. **Revista do Museu Paulista**, v. XXIII. Nova Série. São Paulo: USP, 1976. p. 109-127.

PIAZZA, Walter. A Área Arqueológica dos Campos de Lages. In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**: resultados preliminares do terceiro ano, 1967-68. (Publicações avulsas, 13). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969a. p. 63-74.

\_\_\_\_\_. Notícia Arqueológica do Vale do Uruguai. In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**: resultados preliminares do segundo ano, 1966-67. Goeldi. (Publicações avulsas, 10). Belém: Museu Paraense Emílio, 1969b. p. 55-70.

\_\_\_\_\_. Dados Complementares à Arqueologia do Vale do Rio Uruguai. In: **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**: resultados preliminares do quarto ano, 1968-69. (Publicações avulsas, 15). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971. p. 71-86.

\_\_\_\_\_. **Santa Catarina**: sua história. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora da UNB, 1992.

\_\_\_\_\_. Arqueologia, Pré-história e História. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000. p. 19-32.

RADIN, José Carlos. **Ítalo-brasileiros em Joaçaba**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1995.

RAMBO, P. Balduino. **A Fisionomia do Alto Uruguay**: uma viagem de estudos. Separata do Relatório do Ginásio Anchieta, 1935.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Arqueología**: teorías, métodos y práctica. 2. ed. Madrid: Akal, 1998.

RENK, Arlene. **A luta da erva**: um ofício étnico no Oeste Catarinense. Chapecó: Grifos, 1997.

\_\_\_\_\_. **Dicionário nada convencional**: sobre a exclusão no Oeste Catarinense. 2 edição. Chapecó: Argos, 2005.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Os mais antigos caçadores-coletores do sul do Brasil. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000. p. 75-88.

RODRIGUES, Aryon D. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, (27/28). São Paulo: USP, 1984/85. p. 33-53.

ROGGE, Jairo Henrique. Adaptação na Floresta Subtropical: a Tradição Tupiguarani no Médio Rio Jacuí e no Rio Pardo. **Documentos 06**. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1996.

\_\_\_\_\_. Fenômenos de Fronteira: um estudos das situações de contato entre os portadores das Tradições Cerâmicas Pré-históricas no Rio Grande do Sul. **Pesquisas**, Antropologia, n. 62. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 2005.

ROHR, João Alfredo. Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina, os sítios arqueológicos do município de Itapiranga. **Pesquisas**. Antropologia, n.15. Porto Alegre: IAP/UNISINOS, 1966. p. 21-60.

\_\_\_\_\_. Achados arqueológicos em Itapiranga. **Pesquisas**. Antropologia, n. 18. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1968. p. 49-65.

\_\_\_\_\_. A pesquisa arqueológica no Estado de Santa Catarina. **Dédalo**, n.17/18. São Paulo: USP, 1973. p. 49-65.

SANTOS, Silvio Coelho. **Projeto Uruguai**: os barramentos e os índios. Florianópolis: UFSC/ELETROSUL, 1978.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Um paradeiro guarani no Alto Uruguai. **Pesquisas**, Antropologia n.1. Porto Alegre: IAP, 1957. p. 122-142.

\_\_\_\_\_. Trabalho de Salvamento Arqueológico nos locais das Represas do Alto Uruguai, RS/SC. In: **Bacia Hidrográfica do Rio Uruguai**: Estudo de Inventário Hidroenergético. Apêndice IV e V. Florianópolis: ELETROSUL, 1978.

\_\_\_\_\_. **Caçadores e coletores da pré-história do Brasil**. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1984.

\_\_\_\_\_. Território de Domínio em grupos Tupiguarani: Considerações sobre o médio e alto Jacuí, RS. **Boletim do Marsul**, n.3. Taquara: Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul, 1985. p. 45-60.

\_\_\_\_\_. Uma aldeia Guarani: Projeto Candelária, RS. **Documentos 04**. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1990.

\_\_\_\_\_. Migrantes da Amazônia: a tradição tupiguarani. **A pré-história do Rio Grande do Sul**. Documentos 05. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1991.

\_\_\_\_\_. A Questão do Paleoíndio. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000. p. 55-60.

\_\_\_\_\_. O Guarani: História e Pré-História. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-História da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000. p.285-292.

\_\_\_\_\_. Assim se fazia arqueologia: entrevista com o arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz. **Cadernos do CEOM**. Cultura Material, n.24. Chapecó: Argos, 2006. p. 369-394.

\_\_\_\_\_; BECKER, Ítala Basile. Uma indústria lítica do tipo alto-paranaense, Itapiranga, SC. In: **Pesquisas**, Antropologia n.18. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1968. p. 21-46.

SOUZA, José Otávio Catafesto. Desenvolvimento regional, hidrelétricas privatizadas e comunidades indígenas na bacia do rio Uruguai, RS. In: SANTOS, Silvio Coelho dos Santos e NACKE, Aneliese (Orgs.). **Hidrelétricas e povos indígenas**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003. p.135-158.

SOARES, André. **Contribuição à arqueologia Guarani**: estudo do sítio Röpke. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

THOMÉ, Nilson. **Os iluminados**: personagens e manifestações místicas e messiânicas no Contestado. Florianópolis: Insular, 1999.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VILHENA-VIALOU, Agueda. **Tecno-tipologia das indústrias líticas do sítio Almeida em seu quadro natural, arque-etnológico e regional**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1980.

\_\_\_\_\_. Noções e revisões em terminologia e tecno-tipologia lítica brasileira: problemas atuais. **Sociedades Ibero-Americanas**: reflexões e pesquisas recentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 345-362.

WERLANG, Alceu Antonio. **A Colonização do Oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2002.

UCZAI, Pedro Francisco. **Movimento dos Atingidos por Barragens**: O caso de Itá e Machadinho na Bacia do Rio Uruguai. Dissertação de Mestrado. 1992

## **APÊNCIDES**

**APÊNCIDE 1 – Dados dos Sítios selecionados para análise e localizados nas áreas de desvio do rio e enchimento do reservatório da UHE Itá**

Número dos sítios	Município	Área do sítio	Estado de Conservação	Fatores de Destruição	Tipo do sítio	Cerâmica	Lítico	Variação de cotas	Feição geomorf.	Tipo do Terraço	Grau de dificuldade	Afloramentos		Litologia	Nascente mais próxima (m)	Dist. Drenag, mais próxima	Dist. Uruguai
												Sigla (PEX)	Distância (M)				
001	Itá	140m2	Destruído	Trator/ Corte de estrada	Lito- cerâmico	1	48	340 (320- 340)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	37	500	Basalto/Brecha Cascalheira Cascalheira Basalto Basalto Basalto Basalto	180	1 a 50	220m
												39	450				
												40	2400				
												49	1150				
												50	550				
												51	150				
60	1400																
002	Itá	n/I *	Destruído	Erosão/ Enchente Rio Uruguai e Raízes Profundas	Lito- cerâmico	14	214	280 (280- 300)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	37	750	Basalto/Brecha Cascalheira Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto/Brecha	300	5 a 20 rio uruguai	20m
												39	200				
												50	1250				
												51	580				
												59	1780				
												60	1500				
291	2150																
003	Itá	n/i	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	162	64	300 (380- 400)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	40	1300	Cascalheira Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto	300	2 a 200	300m
												114	650				
												115	700				
												116	450				
												117	550				
												118	950				
119	1620																
125	700																
004	Itá	n/i	Destruído	Olaria/ Corte de Estrada	Cerâmico	4	0	280 (280- 300)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	40	1350	Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Cascalheira	150	5 a 40 rio uruguai	40m
												114	1100				
												115	1150				
												116	150				
												117	150				
												118	550				
119	1200																
125	1020																

005	Itá	n/i	Destruído	Olaria/ Corte de Estrada	Lito- cerâmico	5	5	280 (280- 300)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	40 114 115 116 117 118 119 125	1400 1200 1250 150 50 450 1100 1080	Cascalheira Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto	180	5 a 40 rio uruguai	40m
006	Itá	n/i	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	117	5	370 (360- 380)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	40 114 115 116 117 118 119 125	1350 750 780 350 500 900 1550 700	Cascalheira Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto	400	1 a 160	300m
016	Itá	n/i	Destruído	Arado e Corte de Estrada	Lito- cerâmico	402	5	310 (300- 320)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	105 106 120 121 130 148 311	550 850 1700 1050 500 1800 650	Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto Basalto Cascalheira Basalto/Brecha	400	5 a 80 rio uruguai	80m
017	Itá	195m <sup>2</sup>	Destruído	Arado/ Potreiro	Lito- cerâmico	208	21	280 (280- 300)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	105 106 129 130 148 246 311	1550 900 1780 680 950 1720 1500	Basalto Basalto Basalto Basalto Cascalheira Cascalheira Basalto/Brecha	n/i	5 a 50 rio uruguai	50m
024	Itá	50m <sup>2</sup>	Destruído	Arado e Corte de Estrada	Lito- cerâmico	255	36	320 (320- 340)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	107 108 122 123 126 184 246 413	500 450 650 780 680 750 3750 1250	Basalto Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto Cascalheira Basalto/Brecha	n/i	1 a 80	120m

026	Itá	n/i	Destruído	Arado e Corte de Estrada	Cerâmico	26	0	320 (320-340)	Encosta Inferior	Inclinada	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	107 109 110 197 246 413 414 414a	1850 1600 2100 3150 5750 1050 600 1000	Basalto Basalto Basalto Cascalheira Cascalheira Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto/Brecha	n/i	5 a 90 rio uruguai	90m
027	Itá	200m2	Destruído	Potreiro	Lito-cerâmico	356	15	320 (320-340)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	107 108 122 184 197 246 413 414	980 1400 1600 1400 3550 5050 250 450	Basalto Basalto Basalto Basalto Cascalheira Cascalheira Basalto/Brecha Basalto/Brecha	n/i	1 a 80	120m
028	Itá	140m2	Destruído	Arado/Potreiro	Lito-cerâmico	26	12	360 (360-380)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	109 110 197 234 235 236 237 414	500 1050 2250 1950 2050 2350 2600 1700	Basalto Basalto Cascalheira Cascalheira Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto/Brecha	300	5 a 150 rio uruguai	150m
029	Itá	30m2	Destruído	Erosão acentuada/Arado	Lito-cerâmico	3	2	370 (360-380)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	107 108 172 184 246 413 414 414a	480 900 1400 1200 4650 350 900 1700	Basalto Basalto Basalto Basalto Cascalheira Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto/Brecha	n/i	1 a 70	300m

030	Itá	n/i	Destruído	Arado	Cerâmico	139	0	310 (300-320)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	107 108 122 123 126 148 184 246	200 500 700 1100 1000 4750 800 4100	Basalto Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha Cascalheira Basalto Cascalheira	n/i	1 a 40	140m
032	Itá	n/i	Destruído	Arado	Lito-cerâmico	127	2	400 (380-400)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	135 136	400 420	Basalto Basalto	n/i	360 a 5 rio uruguai	360m
033	Itá	n/i	Destruído	Arado e Corte de Estrada	Lito-cerâmico	29	6	350 (340-360)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	135 136	150 200	Basalto Basalto	n/i	260 a 5 rio uruguai	260m
034	Itá	n/i	Destruído	Potreiro	Lito-cerâmico	35	5	350 (340-360)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	109 110 193 194 195 196 197 198	1000 400 600 550 450 780 980 300	Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Cascalheira Basalto	400	2 a 100	600m
035	Itá	n/i	Destruído	Arado/Trator	Lito-cerâmico	3	31	350 (340-360)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	109 110 195 196 197 198 235 236	680 400 750 1000 1200 650 1800 2250	Basalto Basalto Basalto Basalto Cascalheira Basalto Basalto Basalto/Brecha	350	2 a 50	450m
040	Itá	n/i	Destruído	Arado/Trator/Corte de Estrada	Lito-cerâmico	1.524	12	400 (380-400)	Encosta Superior	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	32 39 45 46 48	2300 2550 480 350 350	Cascalheira Cascalheira Basalto Basalto Basalto/Brecha	300	2 a 200	380m

044	Itá	n/i	Destruído	Erosão/ Arado	Lito- cerâmico	147	3	270 (260- 280)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	37 39 49 50 51 60 291	380 200 1400 800 150 1550 2300	Basalto/Brecha Cascalheira Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto/Brecha	400	5 a 25 rio uruguai	25m
046	Concórdia	n/i	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	3	12	385 (380- 400)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	200 201 201 203 350 352	850 1250 1620 1500 220 2180	Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto	n/i	290 a 5 rio uruguai	290m
047	Concórdia	n/i	Destruído	Arado/ Potreiro	Lito- cerâmico	17	0	290 (280- 300)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	200 201 202 203	350 750 1000 1050	Basalto Basalto Basalto Basalto	600	30 a 5 rio uruguai	30m
048	Concórdia	n/i	Destruído	Potreiro/ Corte de estrada	Lito- cerâmico	96	9	340 (320- 340)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	229 231 351 352 353	1250 720 400 1000 420	Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto	n/i	100 a 5 rio uruguai	100m
051	Concórdia	90m2	Destruído	Potreiro	Cerâmico	34	0	360 (360- 380)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	360 361 362	100 250 700	Basalto Basalto Basalto/Brecha	120	100 a 1	150m
052	Concórdia	30m2	Destruído	Casa do proprietário sobre o sítio	Cerâmico	106	0	400 (380- 400)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	371 372 373 374 375	700 350 800 1500 1050	Basalto Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha	150	80 a 1	220m
053	Concórdia	n/i	Destruído	Arado/ Potreiro	Lito- cerâmico	25	21	360 (340- 360)	Meia Encosta	Plano	Facilidade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	363 364	350 500	Basalto/Brecha Basalto	150	10 a 1	200m

054	Concórdia	n/i	Destruído	Arado	Lito-cerâmico	96	1	330 (320-340)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	218 219	300 550	Basalto/Brecha Basalto/Brecha	400	50 a 5 rio uruguai	50m
055	Concórdia	40m2	Destruído	Potreiro/ Corte de Estrada	Lito-cerâmico	282	43	330 (320-340)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	206 207	250 550	Basalto Basalto	250	20 a 5 rio uruguai	20m
058	Concórdia	20m2	Destruído	Arado/ Trator	Lito-cerâmico	122	11	300 (280-300)	Segundo Terraço	Plano	Facilidade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	166 167 242 243 244 245 303 304	550 500 300 350 600 400 450 600	Basalto Basalto Cascalheira Basalto/Brecha Basalto Basalto Basalto Basalto/Brecha	n/i	5-20 rio uruguai	20m
059	Concórdia	n/i	Destruído	Potreiro	Lito-cerâmico	33	9	300 (300-320)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	282 283 285 286	150 80 750 520	Basalto Cascalheira Basalto Basalto	400	80 a 1	120m
060	Concórdia	n/i	Destruído	Arado	Lito-cerâmico	10	3	420 (400-420)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	273 274 275 276 277 278 279 280 281	100 100 220 480 900 1120 400 950 420	Basalto Basalto/Brecha Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Cascalheira	n/i	20 a 1	500m
062	Concórdia	86m2	Destruído	Arado	Lito-cerâmico	14	61	365 (360-380)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	258 259 260 261 262 263 264	350 320 820 1250 1500 400 1200	Basalto Basalto Basalto Basalto Basalto Cascalheira Basalto	n/i	240 a 5 rio uruguai	260m

064	Concórdia	n/i	Destruido	Arado/ Potreiro	Cerâmico	88	0	340 (320- 340)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	269 270 271 272	350 600 1100 950	Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto	n/i	60 a 5 rio uruguai	60m
067	Concórdia	n/i	Destruido	Arado/ Potreiro	Lito- cerâmico	424	4	365 (360- 380)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	250 251 253	180 400 150	Basalto Basalto Cascalheira	n/i	150 a 5 rio uruguai	150m
068	Concórdia	300m2	Destruido	Arado/ Trator	Lito- cerâmico	947	6	340 (320- 340)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	254 255 256 257	250 550 780 1280	Basalto Basalto Basalto Basalto	n/i	180 a 5 rio uruguai	180m
069-I	Concórdia	n/i	Destruido	Arado	Cerâmico	8	0	370 (360- 370)	Encosta Superior	Plano	Facilidade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	204 205	400 200	Basalto Basalto	n/i	140 a 5 rio uruguai	140m
070	Concórdia	n/i	Destruido	Arado/ Trator	Lito- cerâmico	1	5	360 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	376 377	200 850	Basalto/Brecha Basalto/Brecha	n/i	20 a 4 rio rancho grande	2380m
072	Concórdia	60m2	Destruido	Arado	Cerâmico	9	4	420 (400- 420)	Meia Encosta	Pouco suavizada	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	390 391 392	250 180 450	Basalto Basalto Basalto/Brecha	n/i	50 a 1	300m
076	Concórdia	108m2	Destruido	Arado	Lito- cerâmico	205	8	400 (380- 400)	Meia Encosta	Leve inclinação	Facilidade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	407 408 411	300 400 750	Basalto Basalto/Brecha Basalto	n/i	200 a 1	280m
077	Concórdia	n/i	Destruido	Arado	Lito- cerâmico	136	15	350 (340- 360)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	415 416 417	100 200 300	Cascalheira Basalto Basalto	400	100 a 5 rio uruguai	100m
078	Concórdia	n/i	Destruido	Arado	Cerâmico	56	0	400 (400- 420)	Meia Encosta	Plano	Facilidade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	4150 418 419	1000 250 250	Cascalheira Basalto/Brecha Cascaheira	400	50 a 1	380m

079	Piratuba	****	Destruído	Arado/ Potreiro e Corte da Estrada	Lito- cerâmico	68	5	400 (380- 400)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	656 658 659 662	200 450 800 1200	Basalto Basalto/Brecha Basalto Basalto/Brecha	300	80 a 4 rio do peixe	80 rio do peixe
081	Concórdia	300m2	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	6	21	410 (400- 420)	Encosta Superior	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	208 209 210 211	400 620 300 150	Basalto Basalto Basalto Basalto	200	200 a 5 rio uruguai	200
083	Concórdia	30m2	Destruído	Arado/ Trator	Lito- cerâmico	136	6	340 (320- 340)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	381 382 383 384	600 200 450 550	Basalto Basalto Basalto Basalto	n/i	50 a 1	150m
084	Concórdia	n/i	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	41	5	330 (320- 340)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	400 401 402	500 800 400	Basalto Basalto/Brecha Basalto	n/i	50 a 1	70m
085	Concórdia	500m2	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	279	14	340 (320- 340)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	621 622 623 624	100 600 300 1000	Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto/Brecha	200	120 a 5 rio uruguai	120m
086	Concórdia	30m2	Destruído	Arado e Corte de Estrada	Lito- cerâmico	24	98	340 (320- 340)	Segundo Terraço	Plano	Facilidade de acesso ao topo da elevação e ao rio rancho grande	378 379-a 379-b 380	220 700 1400 600	Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto	380	20 a 1	1300m
087	Concórdia	n/i	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	13	3	340 (320- 340)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	381 382 383 384	150 500 250 1000	Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto	200	50 a 1	200m
088	Concórdia	n/i	Destruído	Arado/ Trator	Lito- cerâmico	74	4	340 (320- 340)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	385 386 387	850 200 450	Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha	350	50 a 1	100m

089	Concórdia	80m2	Destruído	Arado/ Trator	Lito- cerâmico	47	3	340 (320- 340)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	385 386 387	200 800 250	Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha	300	50 a 5 rio uruguai	50m
091	Concórdia	60m2	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	44	2	400 (380- 400)	Meia Encosta	Leve inclinaçã o	Facilidade de acesso ao topo da elevação e ao rio uruguai	407 408 411	400 300 400	Basalto Basalto/Brecha Basalto	n/i	300 a 5 rio uruguai	300m
092	Concórdia	n/i	Destruído	Potreiro	Lito- cerâmico	87	3	360 (360- 380)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	406-a 406-b 406-c 406-d	600 400 200 200	Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto	350	50 a 1	150m
094	Concórdia	400m2	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	626	10	390 (380- 400)	Encosta Inferior	Irregular	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	717 718 719 720 721	500 600 200 720 550	Basalto/Brecha Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha	450	180 a 5 rio uruguai	180m
095	Concórdia	300m2	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	118	2	340 (340- 360)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	717 718 719 720 721	800 800 450 950 500	Basalto/Brecha Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha	350	20 a 5 rio uruguai	20m
096	Concórdia	500m2	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	189	15	370 (360- 380)	Encosta Inferior	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	715 716 723 724	500 650 350 250	Cascalheira Basalto/Brecha Basalto/Brecha Cascalheira	600	250 a 5 rio uruguai	250m
097	Concórdia	32m2	Destruído	Arado	Lito- cerâmico	75	4	360 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	713 714 715 716 723	380 700 100 750 700	Cascalheira Basalto/Brecha Cascalheira Basalto/Brecha Basalto/Brecha	500	150 a 5 rio uruguai	150m
098	Concórdia	2000m2	Destruído	Arado/ Trator	Lito- cerâmico	167	11	360 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	713 714 715 716 724	100 500 400 650 950	Cascalheira Basalto/Brecha Cascalheira Basalto/Brecha Cascalheira	350	100 a 5 rio uruguai	100m

100	Concórdia	24000m2	Destruido	Arado/ Trator	Lito- cerâmico	414	11	360 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	629 630 632 633	550 250 850 1000	Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto/Brecha	210	80 a 4 rio do peixe	80m rio do peixe
103	Concórdia	154m2	Destruido	Arado/ Trator	Lito- cerâmico	848	49	370 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	646a 647a 648a	900 450 700	Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha	n/i	70 a 4 rio do peixe	70m rio do peixe
104	Ipira	150m2	Destruido	Arado/ Trator/ Corte de Estrada	Lito- cerâmico	2.004	167	370 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	634 635 636	100 750 450	Basalto/Brecha Basalto Basalto/Brecha	250	80 a 4 rio do peixe	80m rio do peixe
105	Ipira	32m2	Destruido	Arado e Corte de Estrada	Cerâmico	68	0	370 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	639 640 641 642	350 1100 150 650	Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto	480	30 a 1/30 a 4 rio do peixe	30m rio do peixe
106	Ipira	40m2	Destruido	Potreiro/ Corte de Estrada	Cerâmico	10	0	360 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	639 642 643 644 645	1050 900 1200 200 600	Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto	400	30 a 4 rio do peixe	30m rio do peixe
107	Ipira	300m2	Destruido	Potreiro/ Corte de Estrada	Lito- cerâmico	6	4	370 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade p/ chegar ao Rio do Peixe	653 654 655 657	200 100 150 450	Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto	400	30 a 3 corrego das lavadeir as	70m rio do peixe
108	Ipira	4000m2	Destruido	Arado/ Trator	Lito- cerâmico	489	31	370 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	663 664 669 670 671 672	150 480 350 250 950 850	Cascalheira Basalto Cascalheira Cascalheira Basalto/Brecha Basalto/Brecha	n/i	31 a 3 corrego das lavadeir as	71m rio do peixe
109	Concórdia	****	Destruido	Potreiro/ Trator	Lito- cerâmico	61	11	370 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	665 666 667 668	500 450 1000 1200	Basalto Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha	n/i	20 a 4 rio do peixe	20m rio do peixe

110	Ipira	1200m2	Destruído	Arado/ Potreiro	Lito- cerâmico	106	18	370 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	647 649 650 651 652	800 1450 1250 250 300	Basalto Basalto Basalto Cascalheira Basalto/Brecha	350	30 a 4 rio do peixe	30m rio do peixe
111	Ipira	****	Destruído	Arado/ Erosão	Lito- cerâmico	1.421	92	370 (360- 380)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	646 647 648 649 650	500 300 250 600 400	Basalto/Brecha Basalto Basalto/Brecha Basalto Basalto	n/i	30 a 4 rio do peixe	30m rio do peixe
226	Itá	6.000m2	Destruído	Arado/ Enchentes Rio Uruguai	Lito- cerâmico	144	3	280 (280- 300)	Segundo Terraço	Plano	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	32 39 48 49 50	3350 1650 750 180 620	Cascalheira Cascaheira Basalto/Brecha Basalto Basalto	250	5 a 20 rio uruguai	20m
232	Itá	n/i	Destruído	Arado	Cerâmico	6	0	380 (380- 400)	Meia Encosta	Plano	Dificuldade de acesso ao rio uruguai	122 123 126 127	1150 300 500 600	Basalto Basalto/Brecha Basalto/Brecha Basalto/Brecha	n/i	2 a 50	400m
238	Concórdia	200m2	Destruído	Arado	Cerâmico	195	0	410 (400- 420)	Meia Encosta	Pouco suavizada	Dificuldade de acesso ao topo da elevação	393 394 395	550 450 350	Basalto/Brecha Basalto Basalto/Brecha	400	100 a 1	200m

**APÊNDICE 2 - Sítios selecionados para análise e localizados no canteiro de obras da UHE Itá**

Número dos sítios	Município	Tipo do sítio	Área do sítio	Estado de conservação	Fatores de destruição	Cerâmica	Lítico	Tipo do terraço	Declividade	Nascente mais próxima (m)	Variação de cotas	Dist. Rio Uruguai	Feição geomorf.	Pontos de exposição de afloramentos	Dist. Drenag, mais próxima	Obs.
007	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Arado	363	32	Plano	8 graus	300	380	750	Meia Encosta	32, 43, 44, 45, 47, 48a, 78	300 - 2	
008	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Arado	306	16	Plano	n/i	n/i	270	50	Segundo Terraço	14, 32, 43, 44, 45, 47, 49a, 48b, 48c	50 - 5 Rio uruguai	
009	Itá	Lito-cerâmico	676m2	Parcialmente destruído	Agricultura	982	66	Aplanado	n/i	n/i	300	1100	Encosta Inferior	07, 08, 32, 43, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88,89, 90, 91	100 - 4 Rio Uvá	Escavado
010	Itá	Lito-cerâmico	168m2	Parcialment e destruído	Potreiro	120	65	Plano	n/i	n/i	280	500	Segundo Terraço	09, 32, 43	50 - 4 Rio Uvá	Escavado
011	Itá	Lito-cerâmico	128m2	Bom		2160	8030	Plano	n/i	450	270	15	Segundo Terraço	20, 42, 43	15 - 5 Rio Uruguai	Escavado
012	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Arado	4.637	36	Plano	n/i	n/i	295	100	Encosta Inferior	14,20,32,43,78,93,94,94a	100- 5 Rio uruguai	
013	Itá	Lito-cerâmico	300m2	Bom		1792	33248	n/i	n/i	n/i	280	25	Segundo Terraço	14, 26, 32, 94, 95, 96	25 - 5 Rio Uruguai	Escavado
014	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Arado	781	16	Plano	n/i	n/i	300	150	Meia Encosta	14, 23	150- 5 Rio uruguai	
018	Itá	Lito-cerâmico	200m2	Destruído	Arado	98	60	Plano	15 graus	400	450	1500	Encosta Superior	40,111,112,113,119,120,121,122	420 - 2	
020	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Arado	1	7	Plano	n/i	380	510	950	Platô	105,106,121,127,128,129,130,246	950- 5 Rio uruguai	

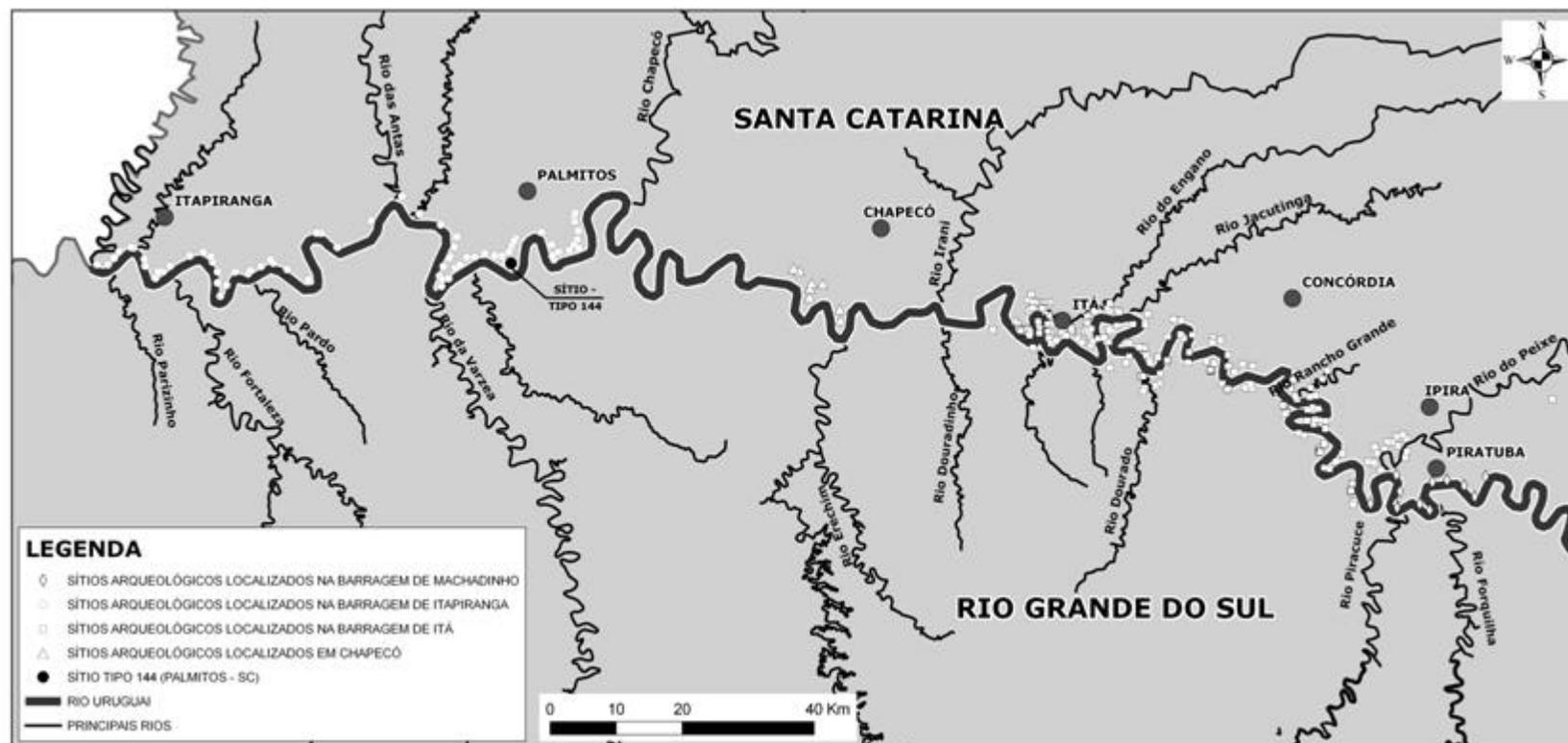
022	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Bom		24	14	Plano	n/i	n/i	425	440	Meia Encosta	106,123,126,127,128,129,148,246	440- 5 Rio uruguai	
036	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Arado	2	5	Elipsoidal	n/i	250	540	1750	Cume	137,196,197,233,234,235,236,237	720-4	
037	Itá	Lito-cerâmico	144m2	Bom	n/i	139	637	Plano	n/i	n/i	480	1000	Platô	14, 32, 54, 65, 66, 77, 96, 99, 100	1000 - 5 Rio Uruguai	Escavado
039	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Terraplange m	12	15	Plano	n/i	n/i	420	300	Meia Encosta	14,26,32,54,66,77,78,93,96	300 - 5 Rio uruguai	
041	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Erosão das águas do rio Uruguai	2.516	19	Subverticalizada	n/i	n/i	270	30	Primeiro Terraço	23,24,61,62,63,64,318,319c	30 - 5 Rio uruguai	
042	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Terraplange m	699	133	Plano	n/i	n/i	280	30	Segundo Terraço	23,24,25,61,62,63,64,318	30 - 5 Rio uruguai	
043	Itá	Cerâmico	n/i	Destruído	Construção	43	0	Plano	n/i	380	280	40	Segundo Terraço	3,23,24,61,62,63,318,319c	40 - 5 Rio uruguai	
045	Itá	Lito-cerâmico	114,08m2	Destruído	Arado	3	45	Plano	n/i	200	470	670	Platô	39,40,52,53,55,56,57,58,59,60,124,140	150 - 2	
227	Itá	Lito-cerâmico	n/i	Destruído	Arado	12	3	Plano	15 graus	n/i	400	420	Encosta Superior	5,6,7,8,9,14,20,32,41,43	100 - 3	
228	Itá	Lito-cerâmico	50m2	Destruído	Arado	7	8	Plano	n/i	n/i	400	1350	Meia Encosta	14,32,82,97,99,100,101,102,103,104	150 - 2	
229	Itá	Lito-cerâmico	1150m2	Bom		7.829	2.065	Plano	n/i	n/i	280	20	Segundo Terraço	08,14,32,42,43,44,47,78	20 - 5 Rio uruguai	Foi em partes escavado, estrutura de fogueria, carvão,

230	Itá	Cerâmico	65m2	Destruído	Abertura de estrada e inundação do Uruguai	9	n/i	Plano	n/i	n/i	280	30	Segundo Terraço	23,67,68,69,70,71,72,73,74,75,318	30 - 5 Rio uruguai	
231	Itá	Cerâmico	300,5m2	Parcialmente destruído	Arado	37	n/i	n/i	10 graus	n/i	280	30	Segundo Terraço	23,63,64,67,68,76,92,318	30 - 5 Rio uruguai	

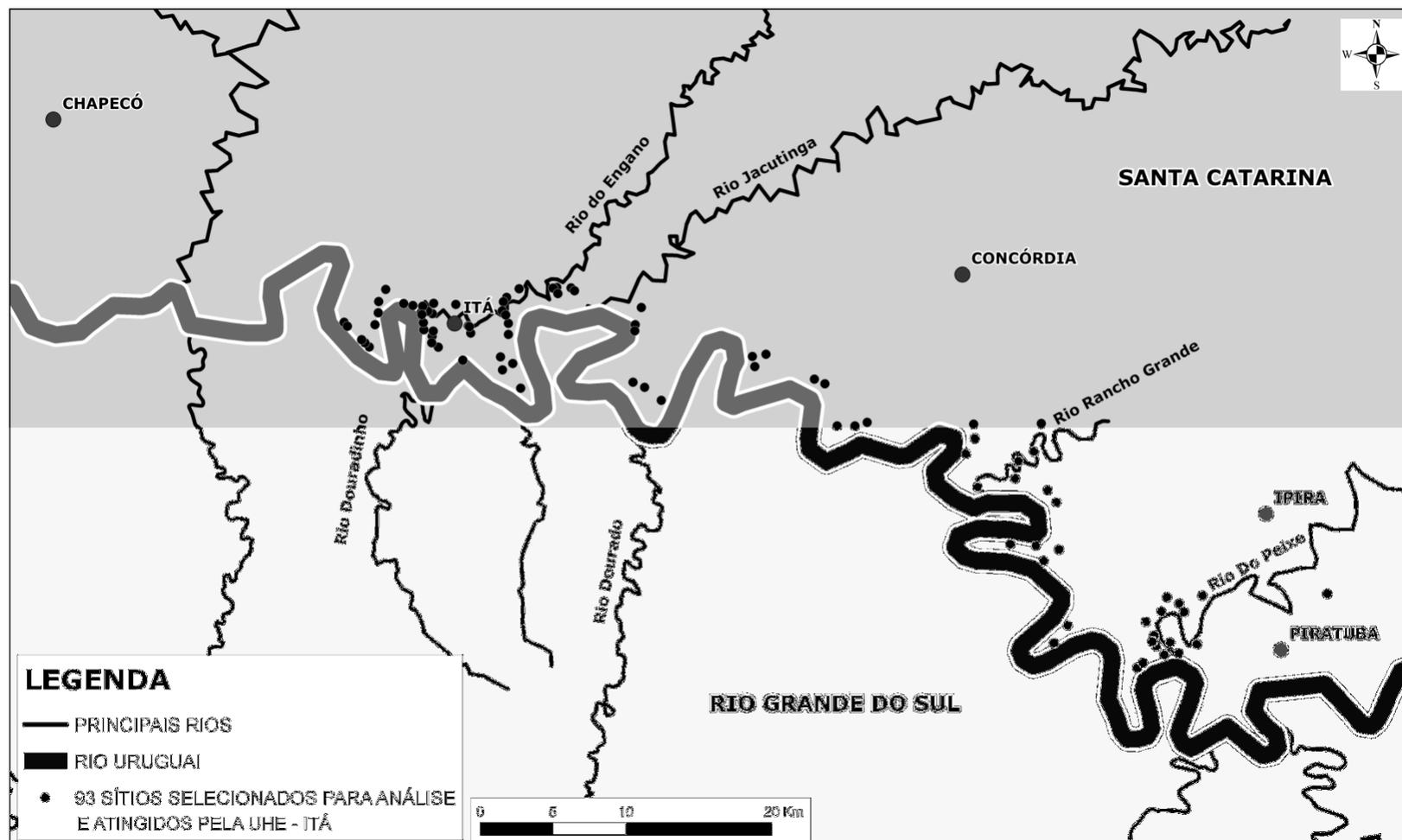
### APÊNDICE 3 - Localização da área de estudo

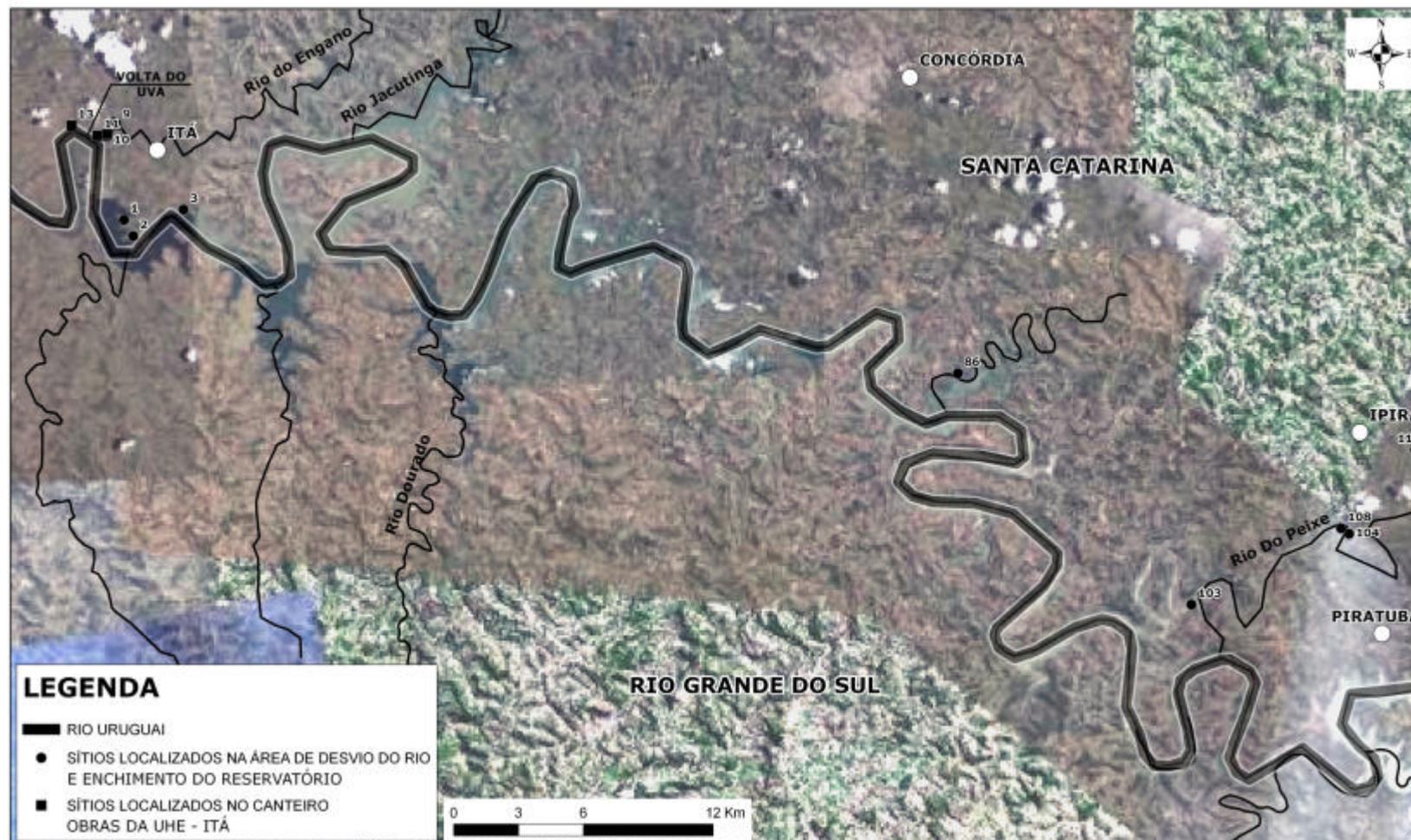


#### APÊNDICE 4 - Sítios registrados no PSAU e PSAU-UHE Itá



## APÊNDICE 5 - Localização dos 93 sítios selecionados para análise



**APÊNDICE 6 - Localização dos 12 sítios analisados**

## **ANEXOS**

### ANEXO 1 - Relação de Sítios registrados na área da UHE Itá

Número dos sítios	Coordenadas Planas		Nome do Sítio	Localidade	Município	Estado	Reservatório	Tipo de Sítio	Área	Cota
	N-S	E-W								
001	363825	6979975	Aldo Ivo Stumpf	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
002	364250	6979225	Adair Lauxen	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
003	367250	6981175	Bertholdo Luis Simon	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
004	367400	6980725	Ivo Pierozan	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Cerâmico	I	Desvio
005	367415	6980700	Ivo Pierozan	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
006	367325	6981137	Elza Olga Simon	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
007	364100	6983150	Paulo Stenssler	Linha Fátima	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Canteiro
008	363425	6983725	Paulo Stenssler	Linha Fátima	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Canteiro
009	364125	6985050	Valdemar Stenssler	Linha Borboleta Baixa	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Canteiro
010	363725	6984500	Silvino Prediger	Linha Borboleta Baixa	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Canteiro
011	363275	6984425	Armandio Vortmann	Linha Borboleta Baixa	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
012	362700	6984900	Martin Aigner	Linha Borboleta Baixa	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
013-I	362075	6985028	Otto Aigner	Linha Borboleta Baixa	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
013-II	361985	6985025	Otto Aigner	Linha Borboleta Baixa	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
014	361100	6983825	Edgar Backs	Linha Volta Redonda	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
015	368300	6979625	Constante Bustolin	-	Itá	SC	Itá	Lítico	I	Desvio

016	370300	6978625	Amir Zandonai	Linha Bonita	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
017-I	370900	6977800	Artur Golo	Linha Bonita	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
017-II	371000	6977725	Artur Golo	Linha Bonita	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
018	369325	6980750	João Rossi	Sede do Município	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	_
019	369875	6980325	Maurício Roy	Sede do Município	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
020	370575	6979500	João Mocelin	Linha Bonita	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	_
021-I	371300	6977725	José Guzato	Linha Bonita	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
021-II	371350	6977700	José Guzato	Linha Bonita	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
022	371325	6979875	Guerino Mocelin	Linha Bonita	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	_
023	370575	6982020	Olívio Canal	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Cerâmico	I	Enchimento
024-I	370800	6981625	Ari Henzer	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
024-II	370725	6981500	Ari Henzer	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
024-III	370425	6981375	Ari Henzer	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
025	370625	6983770	Wladislau Krefta	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
026	370750	6984100	Valdir Sita	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Cerâmico	I	Desvio
027	370450	6983100	Anísio Schonor	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
028-I	371600	6984675	Domingos Delle Lastre	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
028-II	371775	6984625	Domingos Delle Lastre	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
029	370375	6982475	Tranquilino Delle Lastre	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
030-I	370625	6982200	Wladislau Krefta	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Cerâmico	I	Desvio
030-II	370525	6982250	Wladislau Krefta	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Cerâmico	I	Desvio
031	_	_	Pedro José Canal	Linha São Francisco	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	_

032	374320	6984740	Silvino Wathier	Linha São Francisco	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento
033	374570	6984550	Osmar Bresiani	Linha São Francisco	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento
034	373350	6984775	Jacinto Lorenzini	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
035-I	373100	6984725	Nelson Haraldi	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
035-II	372775	6985125	Nelson Haraldi	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
036	373125	6985950	Luis Ramires Martines	Linha São Francisco	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	_
037	360850	6985400	José da Rocha	Linha Santa Cruz	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	_
038	361625	6985100	José da Rocha	Linha Santa Cruz	Itá	SC	Itá	Lítico	I	_
039	360850	6980775	Eric Guisel	Linha Volta Redonda	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	_	_
040-I	363775	6981940	Danilo Riuchert	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
040-II	363175	6981950	Danilo Riuchert	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
041	360650	6980850	Eric Guisel	Linha Volta Redonda	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	_	_
042	361050	6980675	Eric Guisel	Linha Volta Redonda	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	_	_
043	361675	6980575	Eric Guisel	Linha Volta Redonda	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Cerâmico	_	_
044	363800	6979525	Otfliá Pull	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
045	355380	6981200	Ernesto Paulino Kolbow	Linha Fátima	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	_
046	378200	6983750	Darci Fernandes da Silva	Barra do Jacutinga	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento
047	377780	6982580	Edvino Thomé	Linha Meneguetti	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	II	Desvio
048	377750	6982160	Ademir Pereira	Linha Meneguetti	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
049	_	_	Roberto Schreiner	Linha Engenho Velho	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
050	401440	6971450	Edgar Fraes	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lítico	III	Desvio

051	401280	6971540	Alfredo Ritter	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	III	Enchimento
052	401060	6972000	Leopoldo Hlohn	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	III	Enchimento
053-I	399270	6973790	Arlindo Schneider	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
053-II	399190	6973690	Arlindo Schneider	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
053-III	399190	6973630	Arlindo Schneider	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
053-IV	399850	6973460	Arlindo Schneider	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
053-V	399820	6973350	Arlindo Schneider	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
054	400550	6975670	Armelindo Alleprandt	Barra do Lajeado Paulino	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
055	391970	6974870	Pedro Talkosky	Três Ilhas	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
056	376640	6982050	Navilho Zucchi	Linha Meneguetti	Concórdia	SC	Itá	Lítico	II	Desvio
057	374270	6980870	Pedro Baroni	Linha Meneguetti	Concórdia	SC	Itá	Lítico	II	Desvio
058	373650	6980030	Edgar Reichert	Linha Meneguetti	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
059-I	378270	6978230	Eurides Xavier de Oliveira	Linha Terra Vermelha	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
059-II	378250	6978280	Eurides Xavier de Oliveira	Linha Terra Vermelha	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
060	379780	6976750	Santo Alberti	Linha Bom Retiro	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento
061	381900	6980200	José Del Posso	Linha Poço Rico	Concórdia	SC	Itá	Lítico	II	Desvio
062	383000	6982630	Bernardino Resmini	Linha Poço Rico	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento
062-II	383980	6982600	Bernardino Resmini	Linha Poço Rico	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento

062-III	382750	6982770	Bernardino Resmini	Linha Poço Rico	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento
063	403500	6972110	Liro Hotelfer	Linha do s Kopes	Concórdia	SC	Itá	Lítico	III	Enchimento
064	385600	6980430	Adolfo Franciskoll	Linha Laudelino	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	II	Desvio
065	334800	6964910	Maria Martinasso Rosa	Linha Teixeira Soares	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
066	388700	6979950	Castilho Pasin	Barra do Rio Queimado	Concórdia	SC	Itá	Lítico	II	Enchimento
067	389850	6979640	João Del Vesco	Linha Porto Brum	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento
068	390950	6977380	Américo Romany	Linha Porto Brum	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
069-I	390580	6975790	Ivo Romany	Três Ilhas	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	II	Enchimento
069-II	390370	6975740	Ivo Romany	Três Ilhas	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	II	Desvio
070	404770	6974710	Benno Pott	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
071	404070	6988360	Hari Nilson	Linha Floresta	Concórdia	SC	Itá	Lítico	III	_
072-I	405800	6967640	Adalício Fischer	Volta do Estreito	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	_
072-II	404070	6968360	Adalício Fischer	Volta do Estreito	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	_
073	_	_	Francisco Duarte	Linha Vicente	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	III	_
074-I	400060	6974570	Arnaldo Finger	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lítico	III	Desvio
074-II	400190	6974730	Arnaldo Finger	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lítico	III	Desvio
075	_	_	Homero Gettert	Linha Vicente	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	_	_
076	406810	6962880	Gaudencio Machado	Linha Vicente	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
077	404990	6961910	Beno Hubner	Linha Vicente	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
078	405680	6960940	Olímpio Lohmann	Linha Vicente	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	III	Enchimento

079	368210	6965010	Vilmar Luis da Silva	Linha Maratã	Piratuba	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
080	-	-	Sireno M. Pech	Três Ilhas	Concórdia	SC	Itá	Lítico	III	-
081	393240	6976030	José Falkoski	Três Ilhas	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	-
082	369960	6974980	Osmar Guedes	Linha São Luiz	Concórdia	SC	Itá	Lítico	III	Desvio
083	405200	6969430	Edmundo Apel	Linha Floresta	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
084	440200	6972100	Verno Schenneider	Linha Araraquara	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
085	403780	6972130	Délio Baltz	Linha dos Kopes	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
086	403020	6973320	Bruno Cristoff	Barra do Rio Rancho Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
087	405930	6969450	Ervino Frank	Linha Floresta	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
088	404910	6969560	Adolfo Schiwingel	Linha Floresta	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
089	404310	6969680	Norberto Walter Schiwingel	Linha Floresta	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
090	403160	6969530	Armindo Pohmann	Linha Floresta	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	III	-
091	406560	5962660	Anibal de Brito	Linha Vicente	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
092	407750	6964080	Rui Sargafredo	Linha Vicente	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
094-I	368400	6956100	Victor Paulino Rech	Linha São Francisco	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
094-II	368430	6965160	Victor Paulino Rech	Linha São Francisco	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
094-III	368440	6965200	Victor Paulino Rech	Linha São Francisco	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
095-I	368310	6965010	Reinaldo Koller	Linha São Francisco	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
095-II	368325	6965080	Reinaldo Koller	Linha São Francisco	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
096	368350	6965235	Paulino Merib	Linha São Francisco	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
097	368390	6965275	Ronildo Alexandri	Linha São Francisco	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento

098	368398	6965380	Bento Deveras	Linha São Francisco	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
100	368460	6965610	Laurentina Santos	Linha Vila Rica	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
101	368420	6965520	José Casakevicius	Linha Vila Rica	Concórdia	SC	Itá	Lítico	IV	Enchimento
102	_	_	Aldino Veiber	Linha Vila Rica	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	_
103	368500	6965190	Ervino Roberto Koller	Linha Alto Bela Vista	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
104	368550	6965140	Levino Minks	Linha Trinta e Sete	Ipira	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
105	368520	6965110	João Salaminka	Linha Marcola	Ipira	SC	Itá	Cerâmico	IV	Enchimento
106	368510	6965090	Pedro Lopes Vargas	Linha Marcola	Ipira	SC	Itá	Cerâmico	IV	Enchimento
107	368515	6965050	Francisco Wisewski	Linha Marcola	Ipira	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
108-I	368510	6966100	André Davidsk Kierick	Linha Volta Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
108-II	368540	6966120	André Davidsk Kierick	Linha Volta Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
109	368515	6965050	Carlos Ervino Kaiber	Linha Volta Grande	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
110	368510	6965110	Severino Schiachet	Linha da Granja	Ipira	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
111	368600	6965180	Velocíndio Pereira Duarte	Linha da Granja	Ipira	SC	Itá	Lito-Cerâmico	IV	Enchimento
184	334180	6964700	Dario Momo	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	IV	Enchimento
185-I	334150	6965150	Claudio e Eduardo	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
185-II	334110	6965100	Claudio e Eduardo	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
185-III	334125	6965050	Claudio e Eduardo	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
186	362340	6964120	Adolfina Strasburger	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento

191	-	-	Hilda Alleprandt	Linha São Luis	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	-
217	346690	6965600	Germano Regna	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
219	346600	6965410	Inácio Carminatti	Linha Teixeira Soares	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
226	363200	6980850	Estanislau Kallinoski	Linha Simon	Itá	SC	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
227	363375	6984850	Silvino Prediger	Linha Borboleta Baixa	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
228	361325	6986225	Américo Da Silva Lopes	Linha Santa Cruz	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
229-I	363325	6984275	Paulino Kolbow	Linha Borboleta Baixa	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
229-II	363325	6984225	Paulino Kolbow	Linha Borboleta Baixa	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
230	358700	6982475	Alcides Moraes	Linha Volta Redonda	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Cerâmico	-	-
231	359100	6982100	Adolfo Scheibler	Linha Volta Redonda	Itá	SC	For a da área da Barragem Itá	Cerâmico	-	-
232	370800	6980875	Luis Fantinelli	Linha São Roque	Itá	SC	Itá	Cerâmico	I	Enchimento
233-I	327280	6964250	Antonio Wasonski	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
233-II	327380	6964300	Antonio Wasonski	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
234-I	394620	6975770	Oswaldo Willsmann	Linha São Luis	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
234-II	394700	6975770	Oswaldo Willsmann	Linha São Luis	Concórdia	SC	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
235	334010	6965010	Artur Gernhardt	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
236-I	327180	6964100	Almiro Franzei	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
236-II	327250	6964150	Almiro Franzei	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento

237-I	334410	6963400	Escola do Estreito	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
237-II	334500	6963980	Escola do Estreito	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
237-III	334540	6963930	Escola do Estreito	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lito-Cerâmico	III	Enchimento
238	406180	6976380	Prosdócimo Dalzot	Volta do Estreito	Concórdia	SC	Itá	Cerâmico	III	_
239	346400	6965000	Clemente Dal Zotto	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	_
240-I	346310	6964100	Américo Dal Zotto	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	_
240-II	346380	6964180	Américo Dal Zotto	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	_
241-I	346110	6963010	Luis Albino Calegari	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
241-II	346155	6963100	Luis Albino Calegari	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
241-III	346200	6963190	Luis Albino Calegari	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
242	334270	6963750	Amandio Hollas	Volta do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
243	362110	6961800	Silvino Ritter	Volta do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	_
244	362290	6962100	Hugo Militz	Linha do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
245	362200	6963320	Adolfo Germano Dick	Volta do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Desvio
246-I	362380	6963020	Vivaldino Regolin	Volta do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento

246-II	362400	6963100	Vivaldino Regolin	Volta do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
247-I	362280	6962710	Rodolfo Painoff	Volta do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
247-II	362260	6962790	Rodolfo Painoff	Volta do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
248	359275	6981400	Valdemar Ritzel	Linha Remanso do Tigre	Aratiba	RS	For a da área da Barragem Itá	Cerâmico	-	-
249-I	359525	6981250	Geraldo Emílio Dudek	Linha Remanso do Tigre	Aratiba	RS	For a da área da Barragem Itá	Cerâmico	-	-
249-II	359562	6981175	Geraldo Emílio Dudek	Linha Remanso do Tigre	Aratiba	RS	For a da área da Barragem Itá	Cerâmico	-	-
249-III	359587	6981050	Geraldo Emílio Dudek	Linha Remanso do Tigre	Aratiba	RS	For a da área da Barragem Itá	Cerâmico	-	-
250	359575	6981075	Geraldo Emílio Dudek	Linha Remanso do Tigre	Aratiba	RS	For a da área da Barragem Itá	-	-	-
251	362325	6981575	Carlos Minella	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lítico	I	-
252	362475	6981025	Carlos Minella	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	-
253	361950	6982275	Sabino Minella	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Fora da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
254-I	362537	6980450	Ambrósio Malinski	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	-
254-II	362500	6980375	Ambrósio Malinski	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	-
255	363350	6979525	Vicente Maliski	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	-
256	363325	6979425	José Zuleski	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	-
257	363437	6979350	José Zuleski	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	-
258	363025	6984150	Erno Ritzel	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	-
259	363000	6984200	Erno Ritzel	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	-
260	361525	6984175	Castílio Hendes	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Fora da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-
261	361500	6984150	Castílio Hendes	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Fora da área da Barragem Itá	Lito-Cerâmico	-	-

262	365950	6980600	Paulo Simon	Praia Bonita	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
263	-	-	Artur Schamble	Volta do Uvá	Aratiba	RS	Itá	Lítico	I	-
264	370900	6976250	Alcir Filipini	Barra do Rio Novo	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
265	372675	6978450	João Piekas	Barra do Rio Novo	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
266	373075	6978400	João Piekas	Barra do Rio Novo	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
267	371175	6981375	Anacleto Paris	Volta Fechada	Aratiba	RS	Itá	Cerâmico	I	Desvio
268	373150	6979975	Danilo Marcazoni	Volta Fechada	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
269	375710	6979200	Maurilio Carniel	Três Barras	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
270	375320	6977730	Amélio Alberti	Três Barras	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	-
271	362350	6963750	Hugo Painoff	Volta do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	-
272	361075	6979850	Clemente Barninski	Linha a Campo Alegre	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	-
273	363715	6978625	Ana Studulski	Linha Bem-T-e-Vi	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
274	364575	6979025	Jandir Tamanho	Linha Praia Bonita	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
275	366150	6979200	Ivaldir Baioco	Linha Tamanduazinho	Aratiba	RS	Itá	Cerâmico	I	-
276	368925	6979050	Julio de Oliveira	Linha Navegantes	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
277	371675	6975150	Cezárius Humberto Müller	Lajeado do Ouro	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Desvio
278	362170	6963750	Alexandre Kufner	Volta do Estreito	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Desvio
279	371875	6977050	Fermino Gaida	Barra do Rio Novo	Aratiba	RS	Itá	Cerâmico	I	Desvio
280	372362	6979025	José Kenegoski	Volta Fechada	Aratiba	RS	Itá	Cerâmico	I	Desvio
281	373175	6980250	Delvo Grole	Volta Fechada	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	I	Enchimento
282-I	362118	6963450	Antonio Mazuti	Linha São Sebastião	Marcelino	RS	Itá	Lítico	III	Desvio

					Ramos					
282-II	362121	6963500	Antonio Mazuti	Linha São Sebastião	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	-	-
283	375560	6978870	Camilo Andreoli	Três Barras	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento
284	376000	6977680	Élio José Mohler	Três Barras	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	-
285-I	378240	6976780	Carlito Shcuk	Três Barras	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
285-II	378250	6976880	Carlito Shcuk	Três Barras	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
286	346010	6895050	Levino Patzlaff	Volta Grande II	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	IV	Enchimento
287	378750	6976270	Severino Dalarissada	Três Barras	Aratiba	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
288	378750	6975800	Osmar Vendrusculo	Linha Bigarela	Mariano Moro	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
289	381450	6976610	Renaldo de Marchi	Linha São Valentim	Mariano Moro	RS	Itá	Cerâmico	II	Desvio
290-I	381500	6976770	Luiz Alberti	Linha São Valentim	Mariano Moro	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	-
290-II	381580	6976770	Luiz Alberti	Linha São Valentim	Mariano Moro	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	-
290-III	381550	6976830	Luiz Alberti	Linha São Valentim	Mariano Moro	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	-
291	362610	6924750	Igreja de São Sebastião	São Sebastião	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Desvio
292	369350	6974635	Valdomiro Sautier	Linha Volta Fechada I	Marcelino Ramos	RS	Itá	Lítico	III	Desvio
293	358000	6962080	José Santana	Linha Doze	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lítico	III	Desvio
294-I	384750	6980210	Alcindo Chiapette	Praia Bonita	Mariano Moro	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
294-II	384220	6980820	Alcindo Chiapette	Praia Bonita	Mariano Moro	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
295	385110	6977770	Pedro Bisani	Porto Brum	Mariano Moro	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento

296	385130	6977880	Pedro Bisani	Porto Brum	Mariano Moro	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Enchimento
297	388410	6979350	Henrique Cavalesiki	Porto Brum	Mariano Moro	RS	Itá	Lítico	II	Desvio
298	388700	6979190	Alcides Pazim	Porto Brum	Mariano Moro	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
299	340415	6974960	Mauri Barnazeski	Linha Sanga Funda	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
300	361525	6978950	Décio Agostine	Linha Campo Alegre	Aratiba	RS	Itá	-	I	Desvio
301	376090	6978970	Otério Andredi	Três Barras	Aratiba	RS	Itá	Cerâmico	II	Enchimento
302	377510	6978340	Leonardo da Costa	Três Barras	Aratiba	RS	Itá	Cerâmico	II	Enchimento
303	356040	6962100	Gercy Tubin	Linha Sanga Funda	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
304	356800	6962400	Hermínio Tubin	Linha Sanga Funda	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lito-Cerâmico	II	Desvio
305	355020	6962180	Ari de Conto	Linha Sanga Funda	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lito-Cerâmico	III	-
306	355800	6962740	Reinaldo de Conto	Linha Sanga Funda	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lito-Cerâmico	III	Desvio
307-I	357500	6961000	Jacob Biezus	Linha Doze	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lítico	III	Desvio
307-II	357450	6960970	Jacob Biezus	Linha Doze	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lítico	III	Desvio
307-III	357430	6960950	Jacob Biezus	Linha Doze	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
307-IV	357460	6961020	Jacob Biezus	Linha Doze	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
308-I	357490	6961040	Orides Sutiél	Linha Doze	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento
308-II	357470	6961060	Orides Sutiél	Linha Doze	Severiano de	RS	Itá	Lítico	III	Enchimento

					Almeida					
309	357480	6961075	Bernardo Klumb	Linha Doze	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lítico	III	-
310	357490	6961090	José Missel	Linha Doze	Severiano de Almeida	RS	Itá	Lito-Cerâmico	III	-

**ANEXO 2 - Relação de sítios registrados nas Barragens Machadinho, Itapiranga e município de Chapecó**

Número do sítio	Coordenadas Planas		Nome do Sítio	Localidade	Município	Estado	Reservatório	Tipo de Sítio
	N-S	E-W						
093	-	-	Severino Francisco Vieira	Linha da Granja	Ipira	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
099-I	368400	6965410	Gaudêncio Machado	Linha São José	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
099-II	368430	6965450	Gaudêncio Machado	Linha São José	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
112	-	-	Nicolau Backes	Linha São Paulo	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
113	-	-	Dorvalino Vieira	Linha Santa Catarina	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
114	-	-	Anelino Borges do Nascimento	Linha São Paulo	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
115	-	-	Otacílio de Moura	Linha Granja	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
116	-	-	Jureci Backes	Linha São Paulo	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
117	-	-	Orlando Pereira de Lima	Linha Navegantes	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
118	-	-	Afonso Peres	Linha Navegantes	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
119	-	-	Adroaldo Luiz da Silva	Linha Navegantes	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
120	-	-	Osvaldo Bruno Azevedo	Linha Concórdia	Piratuba	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
121	-	-	Waldomiro Salmoira	Linha Santa Anna	Anita Garibaldi	SC	Machadinho	Lito-cerâmica
122	-	-	Gonçalves da Silva	-	Piratuba	SC	Machadinho	Lítico
123	-	-	Afonso de Matias	Linha da Pedra	Anita Garibaldi	SC	Machadinho	Lítico
124	-	-	Carlos Pinto	Vargem Quente	Anita Garibaldi	SC	Machadinho	Lítico
125	-	-	Gert Raüber	Ilha Redonda	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica

126	-	-	Antônio Celeste André	Ilha Redonda	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
127	-	-	Claus R. Papke e Curt F. Geib	Linha Estreito	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
128	-	-	Armando Germano Bück	Linha Estreito	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
129	-	-	Frederico Wentz	Linha Estreito	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
130	-	-	Wellibaldo Geib	Linha Estreito	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
131	-	-	Arno Quinot	Ilha Redonda	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
132	-	-	Nildo Schmidt	Ilha Redonda	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
133	-	-	Bruno José Hippler	Ilha Redonda	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
134	-	-	Edo Bonh	Barra de Palmitos	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
135	-	-	Emílio Gramos	Praia Verde	Palmitos	SC	Itapiranga	Lítico
136	-	-	Arnoldo Röehne	Praia Verde	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
137	-	-	Orlando Knoll	Barra de Palmitos	Palmitos	SC	Itapiranga	Cerâmico
138	-	-	Enio Vilmar Branen	Linha Estreito	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
139	-	-	Lourival Hoffmann	Linha Estreito	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
140	-	-	Carlos Edgar Piangers	Linha Pocolati	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
141	-	-	Natalino e Célio Felkiker	Linha Nova Brasília	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
142	-	-	Romano Pessatto	Linha Pocolati	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
143	-	-	João Rodrigues	Linha Nova Brasília	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
144	-	-	Adelar Sana	Linha Nova Brasília		SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
145	-	-	Baldu Darci Guze	Linha Nova Brasília	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
146	-	-	Albino Pessatto	Linha Pocolati	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
147	-	-	Valdemar Picolli	Linha Nova Brasília	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica

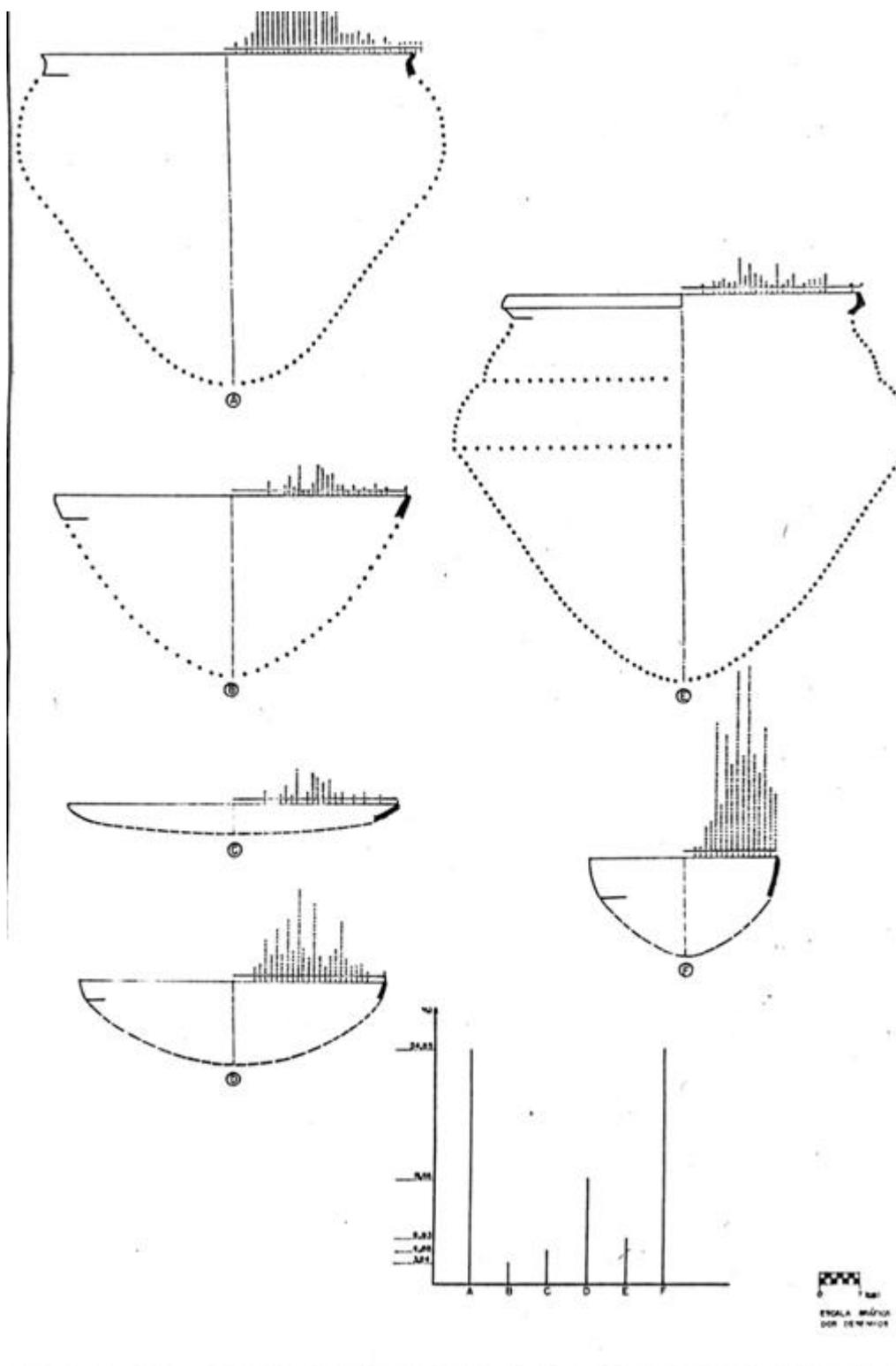
148	-	-	João Felkiker	Linha Nova Brasília	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
149	-	-	Almerinda Antunes Quadras	Linha Passarinhos	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
150	-	-	Gastão Silveira dos Santos	Linha Pinherios	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
151	-	-	João Rodrigues	Linha Nova Brasília	Palmitos	SC	Itapiranga	Lítico
152	-	-	Ernani Lenz	Barra de Palmitos	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
153	-	-	João Batista Landim dos Santos	Linha Beira-rio	Caibi	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
154	-	-	Anselmo Menegas	Linha Fátima	Mondaí	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
155	-	-	Werno Kühn	Linha Fátima	Mondaí	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
156	-	-	Cildo Yappe	Linha Antas	Mondaí	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
157	-	-	Bertholino Manoel Ferreira	Linha Antas	Mondaí	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
158	-	-	Olbio Saldanha	São Domingos	Caibi	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
159	-	-	Raul F. Ramminger	Linha Barra Escondida	Mondaí	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
160	-	-	Bonfiglio Scollari Linha Uruguai		Mondaí	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
161	-	-	Esídio Capellarri	Linha Cascalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
162	-	-	Ricardo Bertoli	Linha Taquarussu	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
163	-	-	Aldérico Pedersini	Linha Cascalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
164	-	-	Hélio Rodrigues da Silva	Linha Cascalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
165	-	-	Ernesto Biedermann	Linha Cascalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
166	-	-	Dorival dos Santos	Linha Cascalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
167	-	-	Edelvira da Silva	Linha Cascalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
168	-	-	Lauro dos Santos	Linha Cascalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
169	-	-	André Ilustre de Souza	Linha Cascalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica

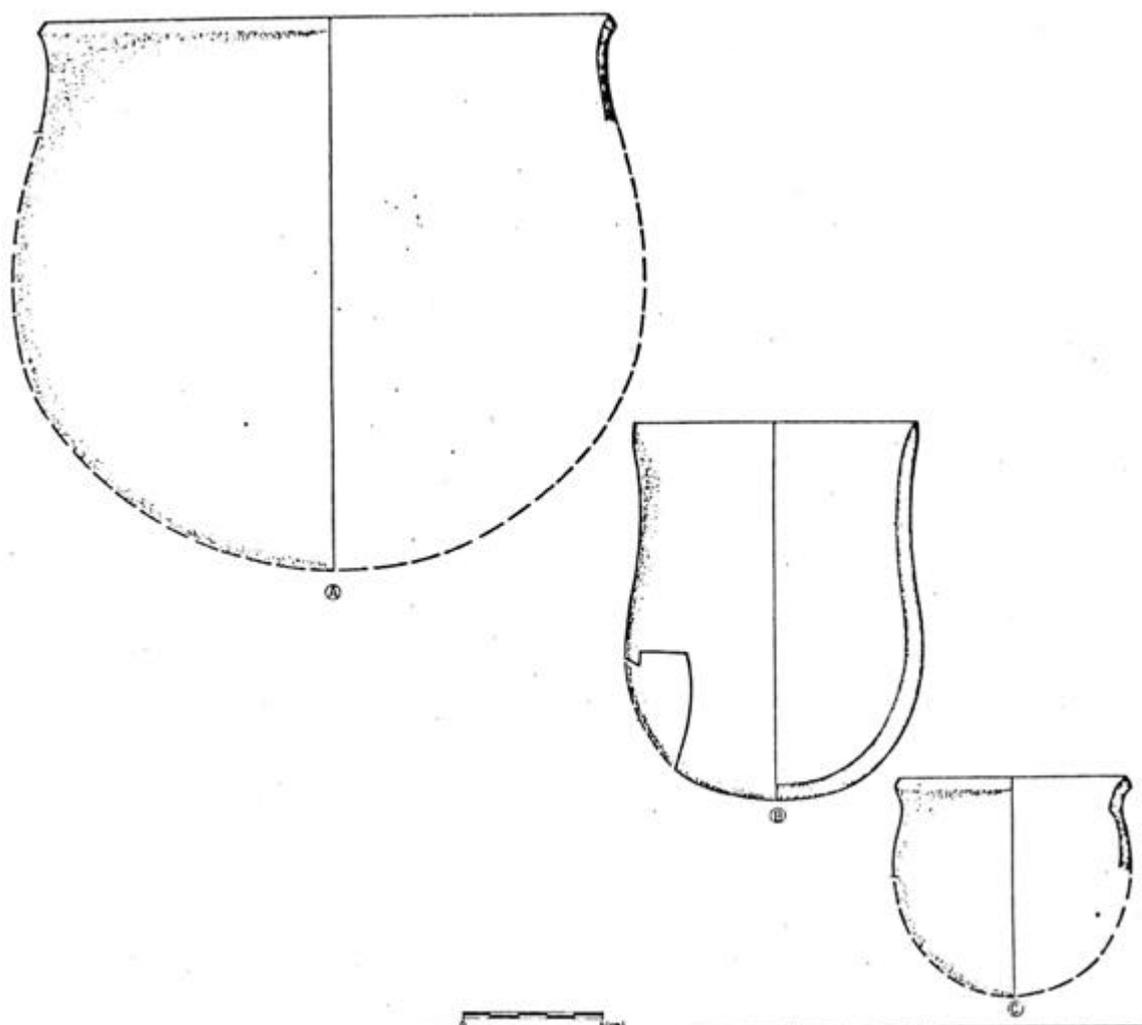
170	-	-	Alcides Isidoro da Silva	Linha Carvalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
171	-	-	Enio e Ermes Kaiper	Linha Cascalho	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
172	-	-	Júlio Barbosa	Linha Taquarussu	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
173	-	-	Lindolfo Schimidt	Linha Taquarussu	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
174	-	-	Irio Grando	Linha Taquarussu	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
175	-	-	Alcindo Pretto	Linha Taquarussu	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
176	-	-	Alcindo Pretto	Linha Tecchio	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
177	-	-	Devaldino Gonçalves	Linha Taquarussu	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
178	-	-	João Gomes	Linha Taquarussu	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
179	-	-	Antônio Manoel da Silva	Linha Taquarussu	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
180	-	-	Daniel Rodrigues dos Santos	Linha Taquarussu	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
181	-	-	Vilson Locatelli	Linha Passarinhos	Palmitos	SC	Itapiranga	Cerâmico
182	-	-	Paulo Zezack	Linha Passarinhos	Palmitos	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
183	-	-	Terra Nova	Linha Pirapocú	Mondaí	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
187	-	-	Colégio Agrícola São José	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
188	-	-	Edgar Schöeler	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
189	-	-	Edgar Schöeler	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
190	-	-	Adalberto Ritter e Edgar Schöeller	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
192	-	-	Urbano Vier	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
193	-	-	Vinivaldo Arnold	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
194	-	-	Bernardo Arnold	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
195	-	-	Bernardo Arnold	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica

196	-	-	Ervino Schönhals	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
197	-	-	Ervino Schönhals	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
198	-	-	Audt	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
199	-	-	Zeno Telavid	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
200	-	-	Aloísio Deves	Linha Chapéu	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
201	-	-	Aloísio Deves	Linha Chapéu	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
202	-	-	Beno Barth e Follman	Linha Chapéu	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lítico
203	-	-	Albano Hahn	Linha Chapéu	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
204	-	-	Neis	Linha Chapéu	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
205	-	-	Oscar Persch	Linha Chapéu	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
206	-	-	Colégio Agrícola São José	Sede Capela	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
207	-	-	Vitor Reis	Santa Fé	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
208	-	-	Colégio Agrícola São José	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
209	-	-	Pedro Adolfo Friedrich	Santa Fé	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
210	-	-	Afonso Schmitz	Santa Fé	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
211	-	-	Edvino Reichert	Sede Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
212	-	-	Bertoldo Wolfart	Santa Fé	Itapiranga	SC	Itapiranga	Cerâmico
213	-	-	Hélio Klein	Santa Fé	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
214	-	-	Anselmo Maldaner	Linha Chapéu	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
215	-	-	Bernardo Arnold	Linha Capela, Volta do rio	Itapiranga	SC	Itapiranga	Lito-cerâmica
216	-	-	Nélcio Del Pizza	Porto Chalana	Chapecó	SC	-	Lito-cerâmica
218	-	-	José Fiori	Linha Espuma	Chapecó	SC	-	Lito-cerâmica

220	-	-	Francisco Vailanes	Cachoeira - Beira Rio	Chapecó	SC	-	Cerâmico
221	-	-	Sebastião Bonner	Cachoeira - Beira Rio	Chapecó	SC	-	Cerâmico
222	-	-	Arami Daneli	Cachoeira - Beira Rio	Chapecó	SC	-	Cerâmico
223	-	-	Alcides Moratelli	Linha Espuma	Chapecó	SC	-	Cerâmico
224	-	-	José Costenaro	Linha Espuma	Chapecó	SC	-	Cerâmico
225	-	-	Francisco Vailanes	Linha Cachoeira - Beira Rio	Chapecó	SC	-	Lito-cerâmica

### ANEXO 3 - Reconstituição vasilhas Tupiguarani



**ANEXO 4 - Reconstituição Vasilhas Taquara 1**

A – Kokrõ Mok

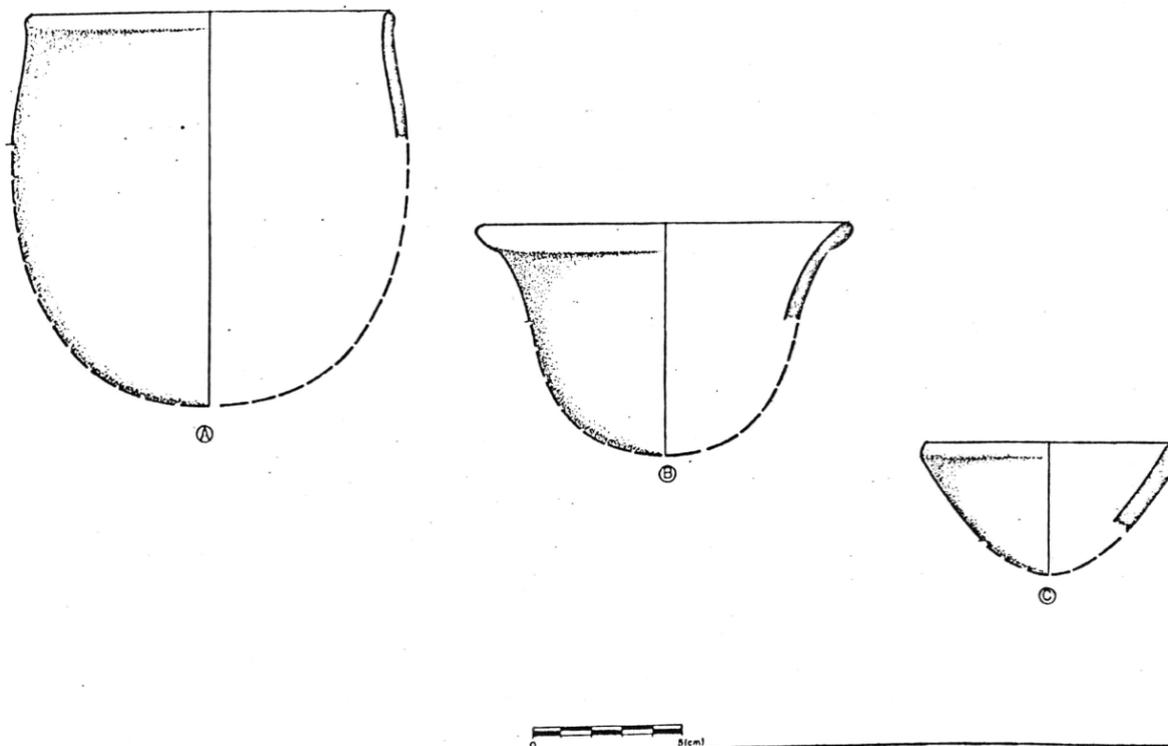
B – Kokrõ

C – Kokrõ T<sup>s</sup>i

Análise: Joaquim J. P. Brochado

Carmem Vera G. Vieira

Desenho: Mauricio J. da Silva / 1987

**ANEXO 5 - Reconstituição das Vasilhas Taquara 2**

A – Pèt Kyx Mok

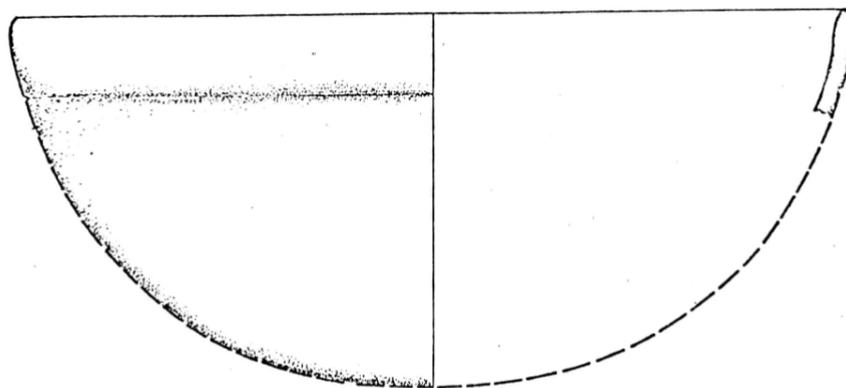
B – Pèt Kyx

C – Pèt Kyx T<sup>si</sup>

Análise: Joaquim J. P. Brochado

Carmem Vera G. Vieira

Desenho: Mauricio J. da Silva / 1987

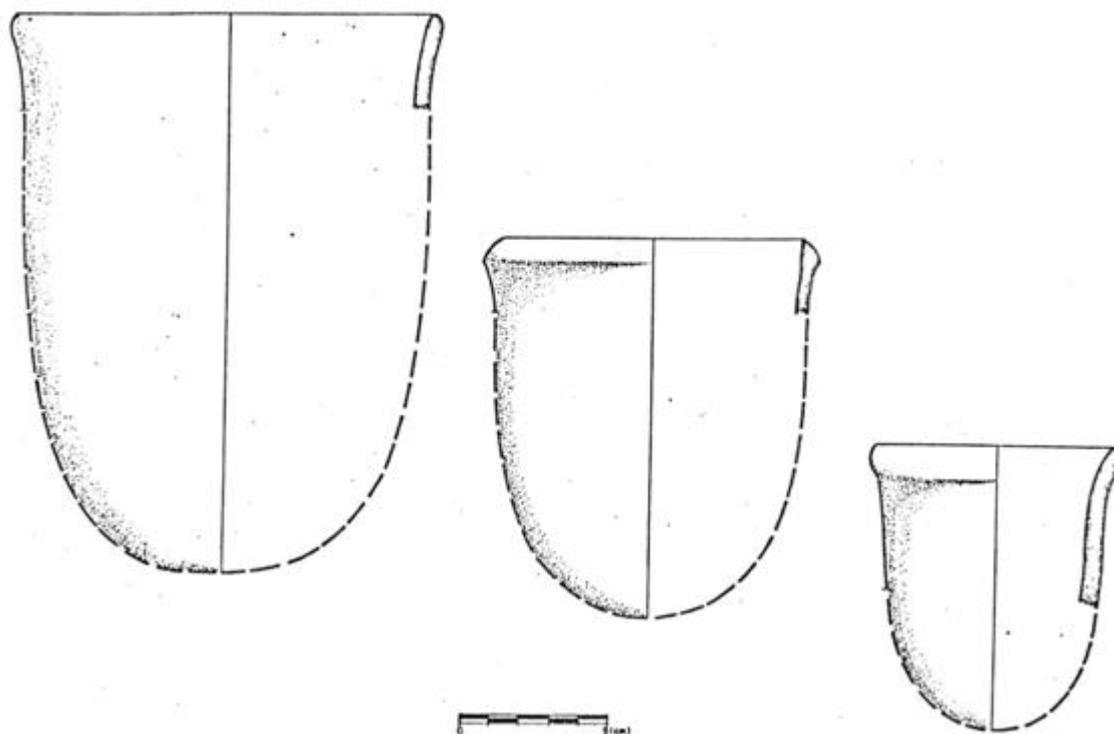
**ANEXO 6 - Reconstituição das Vasilhas Taquara 3**

A – Pètoró

Análise: Joaquim J. P. Brochado

Carmem Vera G. Vieira

Desenho: Mauricio J. da Silva / 1987

**ANEXO 7 - Reconstituição das Vasilhas Taquara 4**

Copos estilo Taquara

Análise: Joaquim J. P. Brochado

Carmem Vera G. Vieira

Desenho: Mauricio J. da Silva